

COMMUNICANTES NOVA SERIES
Memórias litúrgicas OSM - Estudo e comentário

4

*Communicantes divinis mysteriis
ita concordēs inveniamur in singulis
ut mensa una cunctorum sit.*

Comissão Litúrgica Internacional OSM
Responsável pela coleção: Rosella Barnieri

SANTO ANTÔNIO MARIA PUCCI

Organizado por Ignacio M. Calabuig

Edições Marianum – Roma
2004

Colaboradores

Copyright © CURIA GENERALIZIA OSM, Piazza San Marcello, 5 – Roma

Rosella Barbieri
Gerard M. Biron (+ em 22 de novembro de 1995)
Corina Bressan
Ignacio M. Calabuig
Silvano M. Danieli
Alejandro M. Frausto Medina
Àtrizia Gianola
Moacyr M. Grechi
Camille M. Jacques
Alberto M. Maggi
Davide M. Montagna (+ em 18 de maio de 2000)
Paolo M. Orlandini
Ermes M. Ronchi

Apresentação

“A Igreja não só age, mas também se exprime na liturgia, vive da liturgia e tira da liturgia as forças para a vida”¹. Desde suas origens, a Igreja teve consciência do valor e da eficácia da liturgia para sua própria existência (cf. *At* 2,42). Essa é uma convicção que nossa Ordem compartilha, quando reconhece que a oração é “fonte e expressão essencial da nossa vida comunitária e pessoal” (*Const. OSM*, 24), e quando afirma que a participação viva na liturgia é “o meio mais eficaz para uma formação religiosa integral” (*Const. OSM*, 114). Isso levou os agentes de liturgia da Ordem a fazerem a seguinte afirmação no final do seu primeiro encontro: “Da mesma forma que ‘a Igreja faz a liturgia e a liturgia faz a Igreja’ – como diz a patrística – assim também as comunidades dos Servos de Maria, ao celebrarem a liturgia, constroem a si mesmas e se habilitam para o desempenho de suas funções”².

Nossa Ordem, que celebra neste ano o sétimo centenário de sua aprovação definitiva pelo papa Bento XI (11 de fevereiro/1304-2004), ao longo dos séculos, foi modelada pela liturgia, ou melhor, pelo Senhor Deus presente e operante na liturgia sob várias formas³. A igreja ou a capela, a sala capitular e a mesa comum sempre foram, ontem como hoje, lugares privilegiados para alimentar a vida pessoal e comunitária dos Servos de Maria (cf. *Const. OSM*, 64).

Os frades Servos de Santa Maria, quando celebram a memória dos santos e bem-aventurados da Ordem, deparam-se com elementos característicos do seu carisma evangélico: a humildade e o serviço em São Filipe Benizi; a paciência e o espírito de penitência em São Peregrino Laziosi; o zelo pastoral em Santo Antônio Maria Pucci; o amor à Eucaristia e o espírito fraternal e maternal em Santa Juliana de Florença; a sabedoria e o dom do conselho no bem-aventurado Jerônimo de Sant’Angelo in Vado; o amor à Ordem e a fidelidade heróica aos princípios da vida monástica na mártir Maria Guadalupe Ricart Olmos. Mas, para conhecer mais a fundo a mensagem da memória ou da festa, é necessário aprofundar o estudo dos textos litúrgicos. Foi isso que se quis fazer no primeiro volume da coleção *Communicantes. Nova Serie*.

A Comissão Litúrgica da Ordem (CLIOS) procurou colher os valores espirituais e os trechos evangélicos que caracterizaram a vida do bem-aventurado Jerônimo de Sant’Angelo in Vado, cuja memória recorre em 10 de dezembro⁴. Da liturgia emerge o perfil de um frade observante e de um homem sábio que busca a Deus, e de um guia espiritual iluminado pela Palavra e sustentado pelos dons do Espírito.

Na presente obra, a CLIOS propôs-se realizar um estudo semelhante, vale dizer, enfatizar nos textos litúrgicos os valores espirituais vividos por Santo Antônio Maria Pucci e os trechos evangélicos que marcaram o seu perfil.

O aporte dos vários autores estão distribuídos em quatro partes: a primeira de caráter prevalentemente informativo, contém a bibliografia e alguns dados biográficos referentes a Santo Antônio Maria Pucci; a segunda traz os textos da celebração eucarística; a terceira, os

¹ JOÃO PAULO II, Carta *Dominicae ceneae* a todos os bispos sobre o mistério e o culto da Eucaristia (24 de fevereiro de 1980), nº 13.

² Conclusões do 1º encontro internacional de agentes de liturgia OSM, nº 29, em BARBIERI ROSELLA, ed., *Primo Convegno internazionale operatori di liturgia OSM*, Roma 15-24 dicembre 1987 I. = *Communicantes, Nova Series*. Memorie liturgiche OSM – Studi e commenti 3 (Edizioni “Marianum”, Roma, 1989), p. 181.

³ Sobre as várias formas da presença de Cristo na liturgia, cf. CONCÍLIO VATICANO II, Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a sagrada liturgia (4 de fevereiro de 1963), nº 7.

⁴ Cf. a obra *Il beato Girolamo di Sant’Angelo in Vado*. Edizioni “Marianum”, Roma 1982, 132 pp.

textos da Liturgia das Horas; e a quarta, a produção iconográfica e uma reflexão sobre a validade e a atualidade da mensagem que este santo pároco nos deixou com sua vida e obras.

Fazemos votos que este quarto volume da coleção *Communicantes. Nova Series*, ajudando-nos a conhecer melhor este santo irmão, aumente também nossa alegria de pertencer à Família dos Servos de Maria e seja útil para uma frutuosa celebração da festa de 12 de janeiro.

frei Camille M. Jacques, OSM
presidente da CLIOS

Ottawa, 28 de agosto de 2004
Festa de Santo Agostinho,
bispo, doutor da igreja e legislador da Ordem

SANTO ANTÔNIO MARIA PUCCI NA BIBLIOGRAFIA SERVITA

A presente bibliografia sobre Santo Antônio Maria Pucci continua e complementa a que já foi publicada em *Studi Storici OSM* 41 (1991), p. 137-154, por frei Davide M. Montagna. De fato, a bibliografia de frei Davide, inclusive as breves notas introdutórias, são aqui reapresentadas e transcritas integralmente (sem qualquer mudança de ordem ou de redação). Meu aporte limita-se a completar a documentação referente ao santo de 1991 a 2001 (*d. 1991-2001*) com a última e importante publicação que contém a coleção das cartas de Santo Antônio Maria Pucci, intitulada: “*Epistolario di S. Antonio M. Pucci*”, vol. 1 (1847-1891).

A única diferença em relação à bibliografia do frei Montagna, que pode ser considerada completa para o período de 1920 a 1990, é que na terceira parte me limitei aos títulos das obras mais importantes, deixando de lado todas as publicações menores, embora não menos importantes, como artigos de jornais, textos mimeografados, panfletos e outros, que foram produzidos por ocasião das comemorações do 1º centenário da morte do santo pároco (1892-1992). Quanto ao mais, dando continuidade à obra de frei Davide, procurei respeitar a ordem cronológica das publicações e os mesmos critérios de redação.

A figura de frei Antônio Maria Pucci começa a aparecer na bibliografia dos Servos de Maria a partir de 1920, quase quarenta anos depois de sua morte ocorrida em 12 de janeiro de 1892. Em 18 de abril de 1920, seus restos mortais foram solenemente trasladados do cemitério de Viareggio para a igreja de Santo André apóstolo. Em 1911, seu nome sequer constava da lista dos frades de vida santa publicada no volume XII de *Monumenta Ordinis Servorum sanctae Mariae*, organizados por frei Peregrino M. Soulier⁵.

Registre-se, porém, que no “trigésimo dia de sua morte” (12 de fevereiro de 1892) foram publicados em Viareggio alguns dados necrológicos, escritos por frei Rafael Maria Sarri, sob o título ‘profético’: “*A morte de um santo*” (16 p.)⁶. Tudo, porém, podia ter terminado aí, como sói acontecer. As pessoas de vida exemplar, para os quais se pretende abrir o processo de beatificação ou pelo menos atrair a atenção devocional dos fiéis, são muitas vezes escolhidas por motivos contingentes. Tal escolha é “condicionada” por uma comunidade e/ou por discípulos particularmente convencidos e persistentes. Assim, por exemplo, na região da Toscana, no início do século XX, não foi valorizada a figura de frei Sóstenes Maria Biagiotti, ele também zeloso pároco em Sena e colaborador de frei Antônio Maria Pucci, prior provincial⁷, mas sim a do pároco de Viareggio.

Apresentamos aqui uma resenha bibliográfica sobre o santo de 1920 a 1990, a mais completa possível, na esperança de atualizá-la futuramente com as publicações feitas em 1991/1993 e com a indicação de obras importantes do passado eventualmente omitidas⁸. Toda a bibliografia aqui inventariada, inclusive os volumes impressos dos processos de beatificação e canonização, encontra-se em Roma, na biblioteca da Pontifícia Faculdade Teológica

⁵ Esta constatação já se encontra no *Manuale di Storia O.S.M.* de frei Aleixo Maria Rossi (Roma, 1956), à p. 187.

⁶ O texto integral dessa primeira memória – retomada amiúde nas publicações dos Servos de Maria – foi reeditado agora nessa mesma revista (*mais acima*, p. 120-124) (???). Frei Sarri morreu em 1921.

⁷ Sobre este frade natural de Pistóia, ainda hoje muito lembrado, não existe uma monografia. Seu nome não consta na *lista* de frei Aleixo Maria Rossi. Algum aceno se encontra neste volume da revista.

⁸ Deixamos de lado propositalmente as notas e informações de caráter divulgativo publicadas na imprensa menor dos Servos de Maria e em jornais diocesanos da Toscana, principalmente em 1952 (ano em que foi beatificado) e em 1962 (ano em que foi canonizado).

“Marianum” e no Arquivo Geral da Ordem (seção: *Postulatio causarum Beatorum et Sanctorum*).

.....

BIBLIOGRAFIA

a) 1920-1953 (até á beatificação)

Eugenio Maria POLETTI, O.S.M., *Viareggio e il suo santuario...* Viareggio, [Cooperativa tipografica Versiliese], 1920. 140, [2] pp. 18 cm. III.
Sobre o ambiente onde viveu Santo Antônio Maria Pucci.

[Sostegno Maria BENEDETTI, O.S.M.]. *Un apostolo della carità. Cenni biografici del servo di Dio padre Antonio Maria Pucci, dei Servi di Maria, detto il «Curatino», parroco di sant'Andrea in Viareggio.* Viareggio, [Arti grafiche G. Pezzini], 1920. 204, [4] pp. 17 cm.
Cfr. *Studi O.S.M.*, 15, 1965, p. 26 («a primeira biografia propriamente dita»).

[Lottaringo Maria RAFFAELLI, O.S.M.]. *Lucana. Beatificationis et canonizationis servi Dei patris Antonii M. Pucci, Ordinis Servorum beatae Mariae virginis. Articuli ad docendum de fama sanctitatis vitae, virtutum et miraculorum.* Romae, Typis polyglottis vaticanis, 1922. 38 pp. 23 cm.

Il venerabile servo di Dio padre Antonio M. Pucci, dei Servi di Maria. In *Il Servo di Maria* (Bologna), 41, 1928, pp. 15-16, 31-32, 62-63, 80, 90, 112, 144, 159-160.
Esta revista voltou a falar de Santo Antônio Maria Pucci em 1948, 1932 e 1962. Cfr. *Studi Storici O.S.M.*, 13, 1963, p. 287 (resenha de bibliografia histórica, organizada por P.M. Suárez).

Anselm Maria WIMMER, O.S.M. *Ein Seelsorger nach dem Herzen des Schmerzensmutter. Das Lebensbild des im Rufe der Heiligkeit verstorbenen Servitenpaters Anton Mariae Pucci, Pfarreis in Viareggio.* Innsbruck, F. Rauch, 1931. IV, 78 pp. 23,5 cm.

SACRA RITUUM CONGREGATIO. *Lucensis. Beatificationis et canonizationis servi Dei Antonii Mariae Pucci, parochi Viaregii, sacerdotis professi Ordinis Servorum beatae Mariae virginis.* [Roma, Guerra, 1930]. 66 pp. 30 cm.

- *Positio super introductione causae* (card. Alexio Henrico Maria Lépicier [O.S.M.] relatore). Romae, [Tip. Guerra & Mirri], 1932.

Informatio (15.I.1930; Aloysius Toeschi adv., Adulphus Guidi), 66 pp. *Summarium* (10.II.1929; A. Toeschi adv., A. Guidi), 280 pp. *Litterae postulatoriae*, 44 pp. *Summarium ex officio*, 6 pp. *Animadversiones Promotoris fidei* (28.VIII.1931; Salvator Natucci), 22 pp. *Responsio ad animadversiones* (1.I.1932; A. Toeschi adv., A. Adulphus Guidi), 34 pp.

- *Decretum [...] beatificationis et canonizationis servi Dei Antonii Mariae Pucci [...] Super dubio: an sit signanda commissio introductionis causae in casu et ad effectum de quo agitur.* 13 aprilis 1932. [Città del Vaticano], Typis polyglottis vaticanis, 1932. [4] pp. 56 cm.

- *Decretum introductionis causae beatificationis et canonizationis servi Dei Antonii Mariae Pucci, sacerdotis professi Ordinis Servorum beatae Mariae virginis* (13 aprilis 1932). In *Acta Apostolicae Sedis*, 24, 1932, pp. 245-247 (è il testo della scheda precedente).

Ambrogio Maria BALDI, O.S.M. *Il servo di Dio padre Antonio M. Pucci, dell'Ordine dei Servi di Maria, parroco di sant'Andrea a Viareggio*. Lucca, [Edizioni «Eco di S. Marco / La Tipografica »], 1934. 62, [2] pp. 19 cm. (Luci di vita, 1934, II/5).

Il Baldi, nato nel 1876, morì nel 1936.

Articoli di prova testimoniale proposti dal postulatore della causa padre Filippo Maria Ferrini, O.S.M., nel Processo apostolico sulle virtù e miracoli in specie del servo di Dio, padre Antonio Maria Pucci, dei Servi di Maria, parroco di sant'Andrea in Viareggio. Pisa, Scuola tipografica «beato Giordano», 1935. 40 pp. 23 cm.

SACRA RITUUM CONGREGATIO. *Lucensis*. [...]. *Positio super «non-cultu»* (card. Alexio Henrico Maria Lépicier [O.S.M.] relatore). Romae, [Typis Guerra et Belli], 1936.

Informatio (23.XII.1935; Adulphus Guidi), 6 pp. *Decretum* (13.IV.1932; card. C. Laurentini), 6 pp. *Summarium* (21.I.1936; A. Guidi), 38 pp. *Summarium additioale*, 4 pp. *Animadversiones Promotoris fidei* (28.II.1936; Salvator Natucci), 8 pp. *Responsio ad animadversiones* (28.III.1936; A. Guidi), 10 pp.

Pietro PANICHELLI. *Il Curatino di Viareggio*. Pisa, Nistri-Lischi editori, [1939]. XII, 792 pp. ill. 19 cm.

Filippo Maria FERRINI, O.S.M. *Un parroco religioso, modello dei nostri tempi. Servo di Dio padre Antonio M. Pucci ...* [Milano, Pezzini, 1939]. 16, [2] pp. ill. 16 cm. (Nella vite mistica di Monte Senario, 10).

SACRA RITUUM CONGREGATIO. *Lucensis*. [...] *Positio super validitate processus* (card. Hermenegildo Pellegrinetti relatore). Roma, [Tipografia Guerra & Belli], 1941.

Informatio (25.IV.1940; Joannes Baptista Ferrata *adv.*, Adulphus Guidi), 10 pp. *Summarium* (25.IV.1940; J.B.Ferrata *adv.*, A. Guidi), 96 pp. *Animadversiones Promotoris fidei* (6.II.1941; Salvator Natucci), 4 pp. *Responsio ad animadversiones* (18.II.1941; J.B.Ferrata *adv.*, A. Guidi), 12 pp.

- *Positio super virtutibus* (card. Carolo Salotti praefecto-relatore). Roma, [Tipografia Guerra & Belli], 1944.

Informatio (1.III.1941; Joannes Baptista Ferrata *adv.*, A. Sterbini), 124 pp. *Tabella et index testium Summarii*, 26 pp. *Summarium* (1.IX.1943; J. B. Ferrata *adv.*, A. Sterbini), 660 pp. *Animadversiones Promotoris Fidei* (30.VI.1944; S. Natucci), 36 pp. *Responsio ad animadversiones* (1.X.1944; J. B. Ferrata *adv.*, A. Sterbini), 138 pp.

- *Nova positio super virtutibus* (card. Carolo Salotti praefecto-relatore). Romae, [Typis Guerra et Belli], 1945.

Novae animadversiones Promotoris fidei (15.XII.1944; Salvator Natucci), 16 pp. *Responsio ad novas animadversiones* (8.VII.1945; Joannes Baptista Ferrata *adv.*, A. Sterbini), 60 pp.

- *Novissima positio super virtutibus* (card. Carolo Salotti praefecto-relatore). Romae, [Typis Guerra et Belli], 1947.

Factum concordatum (18.I.1947; card. Carolus Salotti relator), 4 pp. *Novissimae animadversiones Promotoris fidei* (18.II.1946; Salvator Natucci), 16 pp. *Responsio ad animadversiones* (18.XI.1946; Joannes Baptista Ferrata *adv.*, A. Sterbini), 50 pp.

- *Decretum [...] beatificationis et canonizationis venerabilis servi Dei Antonii Mariae Pucci [...]. Super dubio an constet de virtutibus theologalibus...* 18 ianuarii 1948. [Città del Vaticano, Tipografia poliglotta, 1948]. 8 pp. 28,5 cm. (Original latino e versão italiana).

- *Decretum de virtutibus pro beatificatione venerabilis servi Dei Antonii Mariae Pucci, sacerdotis professi Ordinis Servorum Mariae, parochi sancti Andreae in civitate «Viareggio»* (18 ianuarii 1948). In *Acta Apostolicae Sedis*, 40, 1948, pp. 153-156 (trata-se do texto da ficha anterior).

- [*Positio super validitate processus in Curia lucensi constructi*]. [s.n.]. *Informatio* (18.VI. 1950; M. D'Alfonso, *proc.*), 8 pp. *Summarium* (7.VI.1950; M. D'Alfonso, *proc.*), 24 pp.

- *Positio super miraculis* (card. Alexandro Verde relatore). Roma, [Tipografia Guerra e Belli], 1951.

Informatio (30.IX.1950; Joannes Baptista Ferrata *adv.*, M.D'Alfonso *proc.*), 24 pp. *Tabella: index testium et summarii*, 4 pp. *Decretum super validitate processus* (12.IX.1950; A. Carinci), 2 pp. *Summarium: miraculum primum: de sanatione Elvirae Mallegni in De Angelis; miraculum alterum: de sanatione Mariae Zappelli vid. Lippi* (28.XII.1949; J.B.Ferrata *adv.*), 66 pp. *Summarium additionalis: transumptum processuli constructi die 19 maii 1950* (29.V.1950; J.B.Ferrata *adv.*, M. D'Alfonso *proc.*), 12 pp. *Judicium medico-legale ex officio prolatum a doctore Nicolao Gentile super miraculo primo*, 22 pp. *Judicium medico-legale ex officio prolatum a doctore Osvaldo Zacchi super miraculo primo*, 18 pp. *Judicium medico-legale ex officio prolatum a doctore Mario Faberi super miraculo altero*, 16 pp. *Judicium medico-legale ex officio prolatum a doctore Olimpio Ferrara super miraculo altero*, 12 pp. *Relatio iudicii medico-legalis a Collegio medicorum Sacrae Rituum Congregationis prolata una cum consiliariis quibusdam* (Riccardo Galeazzi-Lisi, Lorenzo Sympa), 20 pp. *Animadversiones: Promotoris fidei* (18.XII.1950; Salvator Natucci), 18 pp. *Responsio ad animadversiones Promotoris fidei*. (10.I.1951; J. B. Ferrata *adv.*, M. D'Alfonso *proc.*), 24 pp.

- *Nova positio super miraculis* (card. Alexandro Verde relatore). Roma, Tipografia Guerra & Belli, [1951].

Novae animadversiones Promotoris fidei (3.VI. 1951; Salvator Natucci), 38 pp. *Nova documenta* (19.VI.1951), 4 pp. *Additamentum relationi medico-legali e Commissionis medicae tabulis depromptum* (R. Galeazzi-Lisi, L. Sympa), 24 pp. *Responsio ad novas animadversiones* (20.IX.1951; Joannes Baptista Ferrata *adv.*, M. D'Alfonso *proc.*), 28 pp.

- *Novissima positio super miraculis* (card. Alexandro Verde relatore). Roma, Typis Guerra et Belli, 1951.

Novissimae animadversiones: Promotoris fidei (24.XI.1951; Salvator Natucci), 16 pp. *Responsio ad novissimas animadversiones* (19.XII.1951; Joannes Baptista Ferrata *adv.*, M. D'Alfonso *proc.*), 12 pp. *Factum concordatum* (28. XII.1951; card. A. Verde relatore).

- *Feria III, die 29 mensis ianuarii 1952 [...] in Palatio apostolico vaticano habita fuit Congregatio sacrorum Rituum generalis, coram Sanctissimo, in causa [...] Antonii Mariae Pucci...* [Città del Vaticano, s.e., 1952]. 10 pp. 27,5 cm.

- *Decretum de miraculis pro beatificatione venerabilis servi Dei Antonii Mariae Pucci, sacerdotis professi Ordinis Servorum Mariae, parochi sancti Andreae in civitate «Viareggio»* (2 martii 1952). In *Acta Apostolicae Sedis*, 44, 1952, pp. 293-294.

- *Positio super «tuto»* (card. Alexandro Verde relatore). Roma, Tipografia Guerra e Belli, 1952.

Supplex libellus (4.III.1952; Joannes Baptista Ferrata *adv.*, M. D'Alfonso), 6 pp. *Summarium*, 10 pp. *Sententia Promotoris fidei* (6.III.1952; Salvator Natucci), 4 pp.

- *Decretum de «tuto» pro beatificatione venerabilis Antonii Mariae Pucci, sacerdotis professi Ordinis Servorum Mariae, parochi sancti Andreae in civitate « Viareggio »* (6 aprilis 1952). In *Acta Apostolicae Sedis*, 44, 1952, pp. 488-489.

PIUS XII, papa. [...]. *Litterae apostolicae, quibus venerabilis Dei famulus Antonius Maria Pucci, sacerdos ex Ordine Servorum Mariae, beatus renunciatur*. [Città del Vaticano], Typis polyglottis vaticanis, 1952. 8 pp. 27 cm.

□ Lo stesso testo è ripreso in *Acta Apostolicae Sedis*, 44, 1952, pp. 573-578; e in *Acta O.S.M.*, 13, 1952-1954, pp. 53-57.

PIUS XII, papa. *Allocutio ad christifideles qui Romae convenerant ad beatificationem venerabilis servi Dei Antonii Mariae Pucci (23 iunii 1952)*. In *Acta Apostolicae Sedis*, 44, 1952, pp. 587-589.

Inno al beato Antonio M. Pucci, O.S.M. Versi di Giulio Celli; musica di Dino Menichetti. [Firenze, Stamperia Musicale Fedini], 1952. [4] pp. 25 cm.

Domenica 22 giugno 1952. Solenne beatificazione in san Pietro del venerabile Antonio Maria Pucci [...]. Triduo solenne in onore del beato nella chiesa di san Marcello al Corso nei giorni 24, 25, 26 giugno 1952. [Roma, s.e., 1952]. [6] pp. ill. 17,5 cm.

Programa detalhado das celebrações feitas na igreja de São Marcelo em Roma em ação de graças pela canonização de Santo Antônio Maria Pucci

Guido BISORI. *Il beato Antonio Maria Pucci. Conferenza tenuta il 14 giugno 1952 nel Salone vescovile di Prato*. Prato, Stabilimento tipografico G. Rindi, 1952. 38 pp. 24 cm.

Icilio FELICI. *Il Curatino santo: beato Antonio M. Pucci, dei Servi di Maria*. [Firenze], Edizioni Libreria Fiorentina, 1952. 204, [2] pp. ill. 20 cm.

Filippo Maria FERRINI, O.S.M. *Un parroco santo dei nostri tempi: il beato Antonio M. Pucci, dei Servi di Maria, detto «il Curatino»*. Roma, Postulazione generale dei Servi di Maria, [1952]. 38 pp. ill. 16,5 cm.

IDEM. *«Il Curatino» beato Antonio Maria Pucci, dei Servi di Maria, parroco di sant'Andrea in Viareggio*. Con prefazione di sua eminenza il cardinale Elia Dalla Costa, arcivescovo di Firenze. Roma, Postulazione generale dei Servi di Maria, [1952]. 270 pp. ill. 21 cm.

Cfr. *Studi Storici O.S.M.*, 5, 1953, pp. 144-146 (recensão assinada por frei Vicente M. Buffon).

□ A essa obra - do postulador da causa do santo - em 1962 foi acrescentado um encarte de 16 páginas, entre as páginas 266 e 267 de 1952, sob o título: «Dalla beatificazione alla canonizzazione» (não era uma nova publicação: provavelmente haviam sobrado muitas cópias não encadernadas referente a 1952; em 1962, foram encadernadas com a troca do frontespício e o novo encarte).

Pietro Maria PENNONI, O.S.M. *Il beato Curatino di Viareggio. Profilo del beato Antonio M. Pucci, dei Servi di Maria, parroco per 45 anni in sant'Andrea a Viareggio*. Roma, [Edizioni de «Le Missioni dei Servi di Maria»], 1952. 50 pp. ill. 24 cm.

Il beato Antonio M. Pucci dei Servi di Maria, parroco di sant'Andrea in Viareggio per 45 anni, da Pio XII elevato all'onore degli altari. [Milano, Pezzini, 1952]. [8] pp. ill. 15 cm.

Folheto devocional, que traz breves dados biográficos ilustrados com pequenas fotografias e a oração do santo.

Pietro Maria PENNONI, O.S.M. *Il beato Curatino di Viareggio: il beato Antonio Maria Pucci, dei Servi di Maria*. Roma, Postulazione generale dei Servi di Maria, [1953]. 192 pp. ill. 21 cm.

Cfr. *Studi Storici O.S.M.*, 6, 1954, pp. 230-233 (recensão assinada por Mario Di Fava); 15, 1965, p. 27 (a biografia foi definida por Andrea M. Dal Pino como «a mais notável [e continua tal nos dias de hoje], por ter sido montada quase exclusivamente em base a testemunhos diretos»).

Alessio Maria ROSSI, O.S.M. *Il Curatino di Viareggio*. In *Ecclesia* (Roma), 11, 1932, pp. 305-306.

Lebensbild des Seligen Anton Maria Pucci aus dem Servitenorden. Von einem Servitenpater. Altenstadt, G. Lins, [1932]. 48 pp. 14,5 cm.

Missa beati Antonii Mariae Pucci. Die 15 januarii: beati Antonii Mariae Pucci, confessoris, Ordinis Servorum Mariae. Duplex majus. [Roma, Typis polyglottis vaticanis, 1953]. 2 pp. 27cm.

Officium beati Antonii Mariae Pucci. Die 15 januarii: beati Antonii Mariae Pucci, confessoris, Ordinis Servorum Mariae. Duplex majus. [Roma, Typis polyglottis vaticanis, 1953]. 8 pp. 16,5cm.

Cfr. *Acta O.S.M.*, 13, 1952-1954, pp. 203-204 (decreto de aprovação dos textos litúrgicos do santo, dos quais “é importante ressaltar seu estilo clássico e a seriedade com que foram redigidos»: D. M. SARTOR, *Incidenze della riforma liturgica preconciare nella vita dell’Ordine dei Servi di Maria: 1903-1965*, in *Studi Storici O.S.M.*, 23, 1973, p. 65).

O Missal próprio dos Servos de Maria foi publicado no primeiro semestre de 1953 (*ibidem*, pp. 65-66).

A festa do santo foi recolocada no seu *dies natalis* na reforma feita em 1964 (*ibidem*, p. 89).

Pregiere al beato Antonio Maria Pucci, curatino di Viareggio, per impetrare grazie e per ringraziare di quelle ricevute. [Roma, Postulazione generale O.S.M., 1952(?)]. 8 pp. ill. 12cm.

b) 1953 - 1963 (entre a beatificação e a canonização)

Gabriele Maria ROSCHINI, O.S.M. *Un capitolo inedito nella vita del beato Antonio M. Pucci, O.S.M., ricavato dal suo epistolario*. In *Studi Storici O.S.M.*, 5, 1953, pp. 95-112.

Pietro Maria PENNONI, O.S.M. *La prima colonia marina d’Italia e il beato Antonio Maria Pucci, dei Servi di Maria*. Roma, Postulazione generale dei Servi di Maria, [1953]. 98 pp. ill. 24 cm.

Cfr. *Studi Storici O.S.M.*, 8, 1957-1958, pp. 237-238 (recensão assinada por Mario Di Fava).

IDEM. *Il regolamento della prima colonia marina d’Italia*. Roma, [s.e.], 1953. 8 pp. 24,5 cm.

SACRA RITUUM CONGREGATIO. *Lucensis. Canonizationis beati Antonii Mariae Pucci, sacerdotis Ordinis Servorum beatæ Mariae virginis. Positio super reassumptione causæ* (card. Alexandro Verde relatore). Roma, Tipografia Guerra e Belli, 1953.

Supplex libellus (4.XI.1953; Joannes Baptista Ferrata *adv.*, M. D’Alfonso), 2 pp. *Litteræ apostolicæ Pii papæ XII* (22.VI.1952), 8 pp. *Litteræ postulatoriæ*, [9], 27 pp.

- *Decretum reassumptionis causæ pro canonizatione beati Antonii Mariae Pucci, confessoris, sacerdotis Ordinis Servorum beatæ Mariae virginis (12 januarii 1954)*. In *Acta Apostolicæ Sedis*, 46, 1954, pp. 509-510.

Existe também um extrato (fascículo de duas páginas).

- *Positio super validitate processuum*. [s.n.].

Informatio (18.VI.1955; J. B. Ferrata *adv.*, M. D'Alfonso *proc.*), 4 pp. *Summarium* (15.VI.1955; J. B. Ferrata *adv.*, M. D'Alfonso *proc.*), 32 pp.

Alessio Maria ROSSI, O.S.M. [*Il beato Antonio Maria Pucci*]. In *Manuale di storia O.S.M.*, Roma 1956, pp. 183, 430, 817 e passim (vedi: *Indice dei nomi di persona*, a p. 874).

SACRA RITUUM CONGREGATIO, *Lucensis*. [...]. *Positio super miraculis* (card. Benedicto Aloisi-Masella relatore). Romae, Typis Guerra et Belli, 1960.

Informatio (16.III.1959; Joannes Baptista Ferrata *adv.*, M. D'Alfonso *proc.*), 38 pp. *Decreta super validitate processuum* (22.VI.1956; card. C. Cicognani), 4 pp. *Tabella: index testium et Summarii de miraculo primo: sanationis dominae Carolae Pucci in Cupisti*, 2 pp. *Summarium: miraculum primum* (28.VII.1936; J. B. Ferrata *adv.*, M. D'Alfonso *proc.*), 52 pp. *Praenotamina ad Summarium de miraculo altero*, 10 pp. *Tabella: index testium et Summarii de miraculo altero: sanationis domini Josephi Altidori Barrientos Gómez*, 2 pp. *Summarium: miraculum alterum* (J. B. Ferrata *adv.*, M. D'Alfonso *proc.*), 32 pp. *Judicium medicum legale ex officio prolatum a doctore professore Hectore Tranquilli-Leali de miraculo primo*, 8 pp. *Judicium medicum legale ex officio prolatum a doctore professore Leonardo Valletti de miraculo primo*, 10 pp. *Judicium medicum legale ex officio prolatum a doctore professore Alceste De Lollis de miraculo altero*, 8 pp. *Judicium medicum legale ex officio prolatum a doctore Julio Scarafoni*, 12 pp. *Animadversiones Promotoris fidei* (9.XI.1959; Sylvius Romani), 24 pp. *Responsio ad animadversiones Promotoris fidei* (9.XI.1960; J. B. Ferrata *adv.*, M. D'Alfonso *proc.*), 22 pp. *Additamentum responsioni ad animadversiones Promotoris fidei cum documentis adnexis* (24.XI.1960; J. B. Ferrata *adv.*, M. D'Alfonso *proc.*), 12 pp.

Filippo Maria FERRINI, O.S.M. *Un parroco esemplare dei nostri tempi: beato Antonio M. Pucci, O.S.M., il Curatino di Viareggio. Sue venerande reliquie in Viareggio (Lucca), chiesa di sant'Andrea, e in Roma, chiesa di san Marcello al Corso*. Roma, Postulazione generale dei Servi di Maria, [1961]. 32 pp. ill. 21 cm.

Existe também um opúsculo intitulado: *Sacre reliquie del beato Antonio M. Pucci in san Marcello [a] Roma e in sant'Andrea [a] Viareggio* (40 pp.; 27,5 cm.).

SACRA RITUUM CONGREGATIO, *Lucensis*. [...]. *Nova positio super miraculis* (card. Benedicto Aloisi-Masella relatore). Roma, Tipografia Guerra e Belli, 1962.

Novae animadversiones Promotoris fidei (8.III.1961; F. Antonelli, O.F.M.), 36 pp. *Relazione sulla seduta della Consulta medica della sacra Congregazione dei Riti* (6.XII.1961; G. Giunchi presidente, L. Capocaccia segretario), 18 pp. *Responsio ad novas animadversiones Promotoris fidei* (12.I.1962; J. B. Ferrata *adv.*, M. D'Alfonso *proc.*), 32 pp. *Summarium additional: documenta sacrae Rituum Congregationi oblata atque medicae Consultae subjecta* (19.I.1962; J. B. Ferrata *adv.*, M. D'Alfonso *proc.*), 4 pp.

- *Novissima positio super miraculis* (card. Benedicto Aloisi-Masella relatore). Roma, Tipografia Guerra e Belli, 1962.

Factum concordatum (28.V.1962; card. B. Aloisi-Masella relatore), 2 pp. *Novissimae animadversiones Promotoris fidei* (30.IV.1962; F. Antonelli, O.F.M.), 12 pp. *Responsio ad novissimas animadversiones Promotoris fidei* (12.V.1962; Joannes Baptista Ferrata *adv.*, M. D'Alfonso *proc.*), 14 pp.

- *Decretum de miraculis pro canonizatione beati Antonii Mariae Pucci, sacerdotis professi Ordinis Servorum Mariae (7 iulii 1962)*. In *Acta Apostolicae Sedis*, 54, 1962, pp. 737-740.

Existe também um extrato (fascículo de 4 páginas)

- *Decretum [...] canonizationis beati Antonii Mariae Pucci [...]. Super dubio: an stante duorum miraculorum approbatione post indultam eidem beato ab Apostolica Sede venerationem, tuto procedi possit ad sollemnem ipsius canonizationem*. [Città del Vaticano, Typis polyglottis vaticanis, 1962]. 2 pp. 28 cm.

- *Positio super «tuto»* (card. Benedicto Aloisi-Masella relatore). Romae, Typis Guerra & Belli, 1962.

Supplex libellus (8.VII.1962; Joannes Baptista Ferrata *adv.*, M. D'Alfonso *proc.*), 4 pp. *Summarium* (27.VII.1962), 10 pp. *Sententia Promotoris generalis fidei* (26.VII.1962; F. Antonelli, O.F.M.), 2 pp.

- *Decretum de «tuto» pro canonizatione beati Antonii M. Pucci, confessoris, sacerdotis ex Ordine Servorum Mariae* (22 septembris 1962). In *Acta Apostolicae Sedis*, 54, 1962, pp. 871-872.

Existe também um extrato (fascículo de 2 páginas)

- *Decretum [...] canonizationis beati Antonii Mariae Pucci [...]. Super dubio: an signanda sit commissio re assumptionis causae canonizationis in casu et ad effectum de quo agitur*. [Città del Vaticano, Typis polyglottis vaticanis, 1962]. 2 pp. 28 cm.

- [...]. *Litterae decretales quibus beato Antonio Mariae Pucci, confessori, Sanctorum honores decernuntur*. [Vaticano], Typis polyglottis vaticanis, 1962, 12 pp. 28 cm.

In Archivio generale O.S.M.: *bozze di stampa*.

- *Compendium vitae, virtutum ac miraculorum necnon actorum in causa canonizationis beati Antonii Mariae Pucci, O.S.M., confessoris, ex tabulario sacrae Rituum Congregationis*. [Roma], Typis polyglottis vaticanis, 1962. 10 pp. 27 cm.

- *Ritus servandus a sanctissimo domino nostro Ioanne XXIII in canonizatione beatorum Petri Iuliani Eymard, Antonii Mariae Pucci et Francisci de Camporubeo, confessorum, dominica II adventus die 9 decembris Anno Domini MCMLXII*. [Roma, Typis polyglottis vaticanis, 1962] 24 pp. 43,5 cm.

Les cérémonies de canonizations [des saints Pierre-Julien Eymard, Antoine Marie Pucci et François-Marie de Camporosso: à la basilique Vaticane, 9 décembre 1962]. [Roma, Imprimerie polyglotte Vaticane, 1962]. [4], 64 pp. ill. 18,5 cm.

Filippo Maria FERRINI, O.S.M. *Abbiamo constatato*. [Lettera circolare, intestata «Postulazione generale» dei Servi, sulla canonizzazione del beato Antonio Maria Pucci]. 31 maggio 1962. [s.n.t.]. 3 ff. 28 cm.

IDEM. *Tres menses*. [Litterae circulares de proxima canonizatione beati Antonii Mariae Pucci]. 8 septembris 1962. [s.n.t.]. 2 pp. 28 cm.

□ A mesma carta foi publicada também em italiano sob o título: *Appena tre mesi* (mesma data; 2 pp.; 28 cm.).

Alfonso Maria MONTÀ, O.S.M. (prior general). *Magno animi*. [Litterae circulares de canonizatione beati Antonii Mariae Pucci]. 15 julii 1962. [Roma, Curia generale O.S.M., 1962]. 2 pp. 28,5 cm.

[Alessio Maria ROSSI, O.S.M.]. *Quarant'anni or sono. Come si giunse all'apertura del primo processo canonico del padre Antonio Maria Pucci, O.S.M.* [Roma, Tipografia Leberit, 1962]. 10 pp. 24 cm.

* A assinatura de frei Aleixo M. Rossi aparece na autenticação dos documentos pessoais de frei Antônio Maria Pucci apresentados no primeiro processo em Lucca (veja acima, o primeiro ensaio dessa miscelânea).

Josse ALZIN. *Le «Petit Curé». Un saint moderne: le père Antoine-Marie Pucci, premier religieux-curé canonisé.* Mulhouse, Editions Salvator / Paris-Tournai, Casterman, 1962. 152 pp. ill. 19 cm.

[Ludwig M. BUBERL, O.S.M.]. *Anton M. Pucci (1819-1892). Leben Heisst Lieben.* [Wien, Elbemühl AG, 1962]. 48 pp. ill. 16 x 13,5 cm.

Cfr. *Studi Storici O.S.M.* 15, 1965, p. 27 (parecer de Andrea M. Dal Pino: «explora muito bem a documentação fotográfica e coloca em devido destaque aspectos relevantes»).

Filippo Maria FERRINI, O.S.M. *Un parroco santo dei nostri tempi: «il Curatino di Viareggio», sant'Antonio M. Pucci, O.S.M.* Seconda edizione aggiornata alla luce del concilio Vaticano II. Roma, Libreria Mariana editrice, [1962]. 32 pp. ill. 21,5 cm.

A mesma editora imprimiu no segundo semestre de 1962, com o mesmo número de páginas e o mesmo tamanho (21 cm) cinco versões desta opereta nos seguintes idiomas: alemão, francês, espanhol, inglês e português.

IDEM. *«Il Curatino»: sant'Antonio Maria Pucci, dei Servi di Maria, parroco di sant'Andrea in Viareggio.* Con prefazione di sua eminenza il cardinale Elia Dalla Costa. Roma, Postulazione generale dei Servi di Maria, [1962]. [4], 266, [22] pp. ill. 20,5 cm.

Ubaldo Maria FORCONI, O.S.M. *La parrocchia di sant'Andrea apostolo in Viareggio. Cenni storici.* Viareggio, Tipografia A. Bertolozzi, 1962. 420, [5] pp. ill. 22 cm.

Cfr. *Studi Storici O.S.M.*, 13, 1963, pp. 341-342 (recensione a firma di Andrea M. Dal Pino).

Giorgio PAPÁSOGLI. *Il Curatino di Viareggio: sant'Antonio M. Pucci, O.S.M.* Roma, Libreria Mariana editrice, [1962]. VIII, 264 pp. ill. 22 cm.

Cfr. *Studi Storici O.S.M.*, 15, 1965, p. 27 (parecer de Andrea M. Dal Pino: «biografia [...] marcada pela tentativa de ambientação, mas de escassa penetração e pouco incisiva»).

Pedro María SUÁREZ, O.S.M. *Parole di un padre e pastore. Prediche scelte del Curatino di Viareggio.* Roma, Studium generale fratrum Servorum sanctae Mariae de Urbe, 1962. 114 pp. 21 cm. (Studia historica minora, IV).

[Giuseppe Maria BESUTTI, O.S.M.]. *Bibliographia de sancto Antonio M Pucci.* In *Acta O.S.M.*, 22, 1962, pp. 376-384.

* Esta bibliografia nos ajudou muito para compor a presente resenha bibliográfica até 1962. Trata-se de um ótimo instrumento de base, principalmente com referências às no que toca às publicações atinentes ao processo canônico. Controlamos todas as fichas e fizemos várias correções.

Mario LONGO DORNI (vescovo di Pistoia). *Prossima canonizzazione del beato Antonio Maria Pucci.* In *Il monitore diocesano: bollettino del vescovo e della curia di Pistoia*, 53, 1962, n. 4, pp. 86-87.

Il nuovo santo Antonio Maria Pucci, O.S.M., e la beata Vergine di Boccadirio. Davanti alla sacra effigie il giovane Antonio sentì chiara la voce di Dio che lo voleva discepolo della sua Madre addolorata. In *Bollettino della diocesi di Bologna*, 53, 1962, nn. 11-12, pp. 376-378.

Discorso di Pio XII in elogio del beato Antonio Maria Pucci. In *La vita diocesana: organo ufficiale del vescovo e della curia di Teggiano*, n.s. 8, 1962, n. 3, pp. 116-118.

Saint Antoine-Marie Pucci (18 19-1892), canonisé le 9 décembre 1962. [Montréal, Centre Servite Canadien, s.d.]. 4 pp. ill. 15 cm.

Sant'Antonio Maria Pucci, «Curatino di Viareggio». Preghiere. [Roma, P.U.G., 1962]. 8 pp. ill. 14 cm.

JOANNES XXIII, papa. *Litterae decretales quibus beato Antonio Mariae Pucci, confessori, Sanctorum honores decernuntur.* Typis polyglottis vaticanis, 1963. 11 f. 27 cm.

JOANNES XXIII, papa. *Litterae decretales quibus beato Antonio Mariae Pucci, confessori, Sanctorum honores decernuntur.* In *Acta Apostolicae Sedis*, 55, 1963, pp. 761-769.

JOANNES XXIII, papa. *Litterae decretales quibus Antonio Mariae Pucci Sanctorum honores decernuntur* [«Boni pastoris»]. In *Acta Ordinis O.S.M.*, 23, 1963, pp. 3-11.

Il «Curatino» santo. Numero unico in onore di sant'Antonio M. Pucci, dell'Ordine dei Servi di Maria, canonizzato il 9 dicembre 1962. [Firenze, Edizioni «La santissima Annunziata», 1963]. 44 pp. ill. 23 cm. (Estratto dal bollettino locale).

Contributi di vari frati toscani: E. M. Casalini (*Cenni sulla vita*, pp. 1-4; *il padre degli ospizi marini*, pp. 15-18), Raffaello Tauci (*Messaggio di santità*, pp. 5-6), Ubaldo M. Forconi (*Il segreto di un parroco*, pp. 7-10), Alessio M. Rossi (*Ritratto del Curatino*, pp. 10-12), Pietro M. Papini (*Carità silenziosa*, pp. 12-14), Sostegno M. Benedetti (*I processi canonici per la beatificazione e canonizzazione*, pp. 28-33), Filippo M. Ferrini (*I miracoli*, pp. 33-39).

Sant'Antonio Maria Pucci. In *Il Servo di Maria* (Bologna), 76, 1963, pp. 65-108 (ill.).

Programma dei festeggiamenti per la canonizzazione di sant'Antonio M. Pucci [...] 9-19 maggio 1963. [Viareggio, Pezzini, 1963]. [4] pp. 19,3 cm.

Programa das celebrações feitas m igreja paroquial dos Servos de Maria de Viareggio, organizadas pelo comitê diocesano.

Il santo Curatino e la sua Viareggio. A ricordo dei festeggiamenti solenni in onore del «Curatino» proclamato santo. [Viareggio, Edizioni della comunità dei Servi, 1963]. 36 pp. ill. Cfr. *Studi Storici O.S.M.*, 15, 1965, p. 27 (segnalazione).

Gabriele Maria ROSCHINI, O.S.M. *L'azione sociale di sant'Antonio M. Pucci.* In *Palestra del clero* (Rovigo), 1963, n. 10 (15 maggio), pp. 525-533.

Ferdinando CENTO (cardinale). *Il «Curatino».* Omelia pronunciata nella chiesa di sant'Andrea in Viareggio, a chiusura dei festeggiamenti per la canonizzazione di sant'Antonio Maria Pucci, O.S.M., il 19 maggio 1963 dall'eminentissimo signor cardinale Ferdinando Cento penitenziere maggiore. Viareggio, comitato diocesano, 1963. [14] pp. ant. (tav.) 27 cm.

F.G.P. [= Giovanni Maria FECONDI, O.S.M.]. *Inno al santo «Curatino di Viareggio». Sant'Antonio M. Pucci dei Servi di Maria.* [Pisa, s.e., 1963]. [4] pp. ill. 17,3 cm.

Cartoncino pieghevole. Dedicata: «Al carissimo padre Sostegno M. Benedetti, O.S.M., fraternamente» (prima pagina).

Festeggiamenti per la canonizzazione di sant'Antonio M. Pucci O.S.M., il Curatino di Viareggio. [Pisa, Tipografia Vigo Cursi, 1963]. [4] pp. 31,5 cm.

Folheto com o programa das festas celebradas na igreja paroquial dos Servos de Maria de Pisa.

Albino LUCIANI (vescovo di Vittorio Veneto). *S. Antonio M. Pucci dei Servi di Maria, modello di parroco*. Discorso commemorativo tenuto ai reverendissimi parroci della diocesi di Vicenza nella Sala di Paolo Veronese a Monte Berico - Vicenza, il 21 maggio 1963. [Vicenza, basilica di Monte Berico, 1963]. 20 pp. ant. (tav.) 21,5 cm.

Giuseppe CARRARO (vescovo di Verona). *Sant'Antonio Maria Pucci*. Discorso tenuto [...] nella chiesa di santa Maria della Scala il 26 maggio 1963... [Verona, scuola tipografica Nigrizia, 1963]. 10 pp. 24 cm.

Estratto dal *Bollettino ecclesiastico* della diocesi di Verona (luglio 1963).

Peter M. ROOKEY, O.S.M. *Saint Anthony Pucci*. Tecbny (ill.), Divine World Publications, [1963]. 24 pp. 16 cm.

Francis M. BROWN, O.S.M. *Saint Anthony, Pastor and the American Servite Parish Apostolate: A New Model?* In *Proceedings of the Third Annual Symposium*: Stonebridge Priory, Lake Bluff (Illinois), August 18, 1963 (Lake Bluff, American Servite Historical Conference, 1964), pp. 51-65.

As conferências proferidas no Simpósio foram distribuídas em cópias mimeografadas.

c) 1964 - 1990 (dopo la canonizzazione)

Gabriele Maria ROSCHINI, O.S.M. *L'Angelo di Viareggio: sant'Antonio M. Pucci, dei Servi di Maria, detto il «Curatino di Viareggio»*. Roma, Edizioni «Caritas», 1964. 146, [4] pp. 20 cm.

Pellegrino Maria BURACCHI, O.S.M. *Un pescatore di anime. Il Curatino di Viareggio sant'Antonio M. Pucci, O.S.M.* Siena, [Tip. La Galluzza], 1964. 40 pp. ill. 21,5 cm.

Adrien-Marie CIMICHELLA, O.S.M. (vescovo). *Le petit-curé de Viareggio St. Antoine-Marie Pucci, de l'Ordre des Servites de Marie*. Glanures canadiennes à l'occasion de sa canonisation... Montréal, Apostolat des Éditions, 1964. 124 pp. ill. 24,3 cm.

Dom Cimichella organizou apenas o livro.

Uffici e Messe proprie dei Santi e Beati O.S.M.: testo ufficiale con note critiche e bibliografia. In *Studi Storici O.S.M.*, 15, 1965, pp. 13-27 (Sant'Antonio Maria Pucci).

A nota sobre as *Fonti e bibliografia* é de Andrea M. Dal Pino (pp. 26-27).

Ubaldo Maria FORCONI, O.S.M. *Inventario degli scritti, diviso per argomenti, del santo Curatino di Viareggio Antonio M. Pucci e indice dei medesimi...* Viareggio, Tipografia A. Bertolozzi, [1965]. 38 pp. ill. 24 cm.

Ficha incompleta em *Studi Storici O.S.M.*, 30, 1980, p. 304 (bibliografia do autor, organizada por Pacifico M. Branchesi).

Filippo Maria FERRINI, O.S.M. *Il tempio a Poggiole in onore di sant'Antonio M. Pucci*. In *L'Addolorata* (Roma), 1965, pp. 692-697.

Gian Ludovico MASETTI ZANNINI. *Il «Curatino di Viareggio» e Firenze*. In *L'Osservatore Romano*, del 29 gennaio 1966.

Boris ULIANICH. *Antonio Maria Pucci*. Sonderdruck aus [= estratto da] *Die Heiligen in ihrer Zeit*, herausgegeben von Peter Manns (Mainz), 1966, pp. 453-456.

Che cosa può accadere ad un priore provinciale [= fra Antonio Maria Pucci]. In *Cento anni della provincia toscana dei Servi di Maria*, [Firenze, 1967], pp. 17-19.

Existem dois pequenos fragmentos de cartas de 1883, de 1885, de 18886-1890 (bem como dos anos 1859 e 1864: estas endereçadas ao conselho superior da Cobfer-encia de São Vicente de Paula).

Lectionarium Ordinis fratrum Servorum beatæ Mariæ virginis. Editio typica. Romae, Curia Generalis O.S.M., 1972.

* Sancti Antonii Mariæ Pucci, p. 17.

Proprium Missarum Ordinis fratrum Servorum beatæ Mariæ virginis. Editio typica. Romae, Curia Generalis O.S.M., 1972.

* Sancti Antonii Mariæ Pucci, pp. 15-16.

Raffaello TAUCCI, O.S.M. *Gli anni giovanili della vita di sant'Antonio Maria Pucci*. In *Studi Storici O.S.M.*, 22, 1972, pp. 25-68.

Ubaldo Maria FORCONI, O.S.M. *Inventario degli scritti di sant'Antonio Pucci*. In *Studi Storici O.S.M.*, 22, 1972, pp. 188-210.

Roberto Maria FAGIOLI, O.S.M., *L'epistolario di sant'Antonio M. Pucci*. In *Studi Storici O.S.M.*, 22, 1972, pp. 130-187.

COMMISSIO LITURGICA INTERNATIONALIS ORDINIS FRATRUM SERVORUM BEATÆ MARIÆ VIRGINIS. *Liturgia horarum, festum S. Antonii Mariæ Pucci*. Specimen. Roma, [CLIOS], 1973. ill, 24 ff. 33 cm. (Schemata, n.6: De liturgia horarum, n. 2). [ciclostilato].

Gabriele Maria ROSCHINI, O.S.M. *Antonio Maria Pucci*. In *Galleria servitana...*, [I], Roma 1976, pp. 574-576.

Muito reduzida a *bibliografia* (p. 376), onde um sobrenome está escrito errado (em vez de «Ponchielli», leia-se: «Panichelli»).

LITURGIA HORARUM. PROPRIUM OFFICIORUM ORDINIS FRATRUM SERVORUM BEATÆ MARIÆ VIRGINIS. I. *Menses December-Maius*. Editio typica. Romae, Curia Generalis O.S.M., 1977.

* Sancti Antonii Mariæ Pucci, pp. 57-71.

Ubaldo Maria FORCONI, O.S.M. *Piccola storia di un buon pastore. Vita di fra Antonio Maria Pucci, il santo Curatino di Viareggio...* Viareggio, Grafiche L'Ancora di A. Bertolozzi e Figli, 1978. 182, [6] pp. ill. 24 cm.

Cfr. *Studi Storici O.S.M.*, 29, 1979, p. 473 (indicação assinada por Maria Renza Veronese); 30, 1980, p. 304 (bibliografia do autor).

IDEM. *Richiami alle origini nella vita e negli scritti di sant'Antonio Pucci*. In *Alle origini dei Servi: i fatti e la loro rilettura nell'Ordine lungo i secoli...*, Monte Senario 1979, pp. 96-120.

Cfr. *Studi Storici O.S.M.*, 30, 1980, pp. 287-288 (recensão do livreto por D.M. Montagna).

Enrico PEA. *Il «Curatino» di Viareggio*. Con prefazione di Ermanno Pantera. [Massa],

Tipografia Medici, [1981]. 32 pp. ill. 21 cm.

O texto de Enrico Pea («Viareggio, julho de 1952») está nas pp. 21-27. A revista foi reimpressa neste mesmo ano.

Un confratello santo: Antonio Maria Pucci. In *Presenze Vincenziane a Prato* (Firenze, 1981), pp. 29-33.

Luciano SANTINI. *Sant'Antonio Maria Pucci e la Conferenza Vincenziana*. Conversazione tenuta a Viareggio nel 150° anniversario di fondazione della Società Vincenziana... Prato, [s.e.], 1983. 54 pp. 22 cm.

Como apêndice há um longo texto intitulado: «la memoria di Amedeo Santini» (pp. [37]-50).

Peter Maria ROOKEY, O.S.M. *Shepherd of Souls. Father Anthony M. Pucci, O.S.M., the Little Pastor of Viareggio, Servite Priest, Pastor, Saint*. Chicago (Ill.), Friars Servants of Mary, 1985. 148 pp. ill. 21 cm.

Niccolò DEL RE. *Antonio Maria Pucci, santo*. In *Bibliotheca Sanctorum*, prima appendice (Roma, 1987), col. 76-79.

São três as imagens, publicadas nas colunas 77-78 (página inteira), «conservadas na Biblioteca da Pontifícia Faculdade Teológica Marianum de Roma: uma incisão do século XIX bastante conhecida, com uma vista da igreja de Santo André de Viareggio, «onde o santo foi pároco por 45 anos» (n° 1); «a única verdadeira imagem do santo», extraída da fotografia de 1888, considerada única até o segundo semestre de 1991 (n° 2); «o anúncio da morte do santo, afixado pela Comuna de Viareggio, embora de estilo marcadamente laical» (n° 3). A bibliografia vai de 1920 a 1984.

Discurso proferido por Santo Antônio Maria Pucci aos frades do convento de Viareggio, por ocasião da tomada de posse como prior em 1859. Editado no manual de Vincenzo Benassi, Odir J. Dias e Faustino M. Faustini, *Breve História dos Servos de Maria*, trad. Frei José M. Milanez, Roma 1990, pp. 225-227 (antologia referente ao capítulo sobre o século XIX).

Gino LUBICH ; Piero LAZZARINI. *Il Curatino di Viareggio: Antonio Pucci*. [Roma], Città Nuova editrice, [1984]. 152 pp.. ill. 20 cm. (collana Biografie).

Cfr. D.M. MONTAGNA, *I Servi di santa Maria settecentocinquat'anni dopo...*, in *Studi Storici O.S.M.*, 38, 1988, p. 67, nota 20.

Giovanni Maria PRATESI, O.S.M. *Il santo Curatino. Vita di sant'Antonio Maria Pucci, dei Servi di Maria, narrata e illustrata per i ragazzi*. Viareggio, Parrocchia (di) sant'Andrea, 1985 [8], 50, [6] pp. ill. 30 cm. (ciclostilato).

Cfr. *Studi Storici O.S.M.*, 36, 1986, p. 397 (*Libri ricevuti*).

Davide Maria MONTAGNA, O.S.M. *Sant'Antonio Maria Pucci (1819-1892)...* In *Ministerium Verbi* (Rovigo), 60, 1986, pp. 77-80 (rubrica: «Il santo del mese», per il gennaio).

O título não é do autor, mas do redator. Texto extraído da revista *Moniales Ordinis Servorum* (número triplo do 1984).

IDEM. *Una lettera inedita di sant'Antonio Maria Pucci (1853)*. In *Studi Storici O.S.M.*, 36, 1986, pp. 345-346 (rassegna: *Bloc-notes per la storia dei Servi [1985-1986]*).

Esta carta escrita em «Viareggio, 19 ottobre 1853 », era endereçada a frei Constantino Rocca. Apesar dos pedidos, não foi possível editá-la na revista.

IDEM. *Sant'Antonio Maria Pucci (1819-1892): memoria nel venticinquesimo della*

canonizzazione (1962). In *Studi Storici O.S.M.* 37, 1987, pp. 219-223.

Retomada do texto de *Ministerium Verbi* (por distração, não foi corrigida a data da canonização que ocorreu dia 9 de dezembro de 1962 e não dia “8”).

IDEM. *Ricordo del XXV della canonizzazione di sant'Antonio Maria Pucci (1962)*. In *Studi Storici O.S.M.*, 37, 1987, p. 348 (rassegna: *Bloc-notes per la storia dei Servi.*).

Il Curatino di Viareggio: la vita di S. Antonio Pucci, dell'Ordine dei Servi di Maria. Viareggio, [Edizioni della comunità dei Servi], 1987. ill. 32 pp.

Cfr. *Studi Storici O.S.M.*, 37, 1987, p. 348.

Remo BARONTI. *Seguaci del Maestro: Ordini religiosi maschili di Lucca*. Pisa, Giardini Editori e Stampatori, [1989], pp. 184-186 (scheda sul Pucci).

Cfr. *Studi Storici O.S.M.*, 39, 1989, p. 318 (recessione a firma di D. M. Montagna).

Giovanni SCARABELLI. *Viareggio: il sant'Antonio della Versilia*. In *La Toscana dei Santi*, [Firenze 1989], p. 5.

Cfr. *Studi Storici O.S.M.*, 39, 1989, p. 334 (*Libri ricevuti*).

Davide Maria MONTAGNA, O.S.M. *Il centenario della canonizzazione dei Sette santi (1888-1988) e quello della morte di sant'Antonio M. Pucci (1892-1992)*. In *Studi Storici O.S.M.*, 40, 1990, p. 287 (rassegna: *Bloc-notes per la storia dei Servi [1989-1990]*).

[Davide Maria Montagna, o.s.m., Silvano Maria Danieli, o.s.m.]

d) 1991 – 2001

Graziano Maria CASAROTTO, O.S.M. ; Davide Maria MONTAGNA, O.S.M. *Itinerari e spese di fra Antonio Maria Pucci, priore provinciale dei Servi di Toscana (1883-1890)*. In *Studi Storici O.S.M.*, 41, 1991, pp. 39-52.

COMMISSIO LITURGICA INTERNATIONALIS ORDINIS FRATRUM SERVORUM BEATAE MARIAE VIRGINIS. *In lode di sant'Antonio Maria Pucci*. Roma, Comissio liturgica internationalis O.S.M., Marianum, 1991. 132 pp. 19 cm. (Laudemus viros gloriosos, 4).

Esse subsídio litúrgico foi traduzido para o inglês (*In Praise of Saint Anthony Pucci*) e para o francês (*A la louange de saint Antoine-Marie Pucci*).

Luigi Maria DE VITTORIO, O.S.M. *Documenti personali di fra Antonio Maria Pucci dal 1819 al 1843 riprodotti nel processo canonico lucchese*. In *Studi Storici O.S.M.*, 41, 1991, pp. 21-34.

IDEM. *Ricerche e documentazione sulla morte di fra Antonio Maria Pucci e la venerazione per lui in Viareggio*. In *Studi Storici O.S.M.*, 41, 1991, pp. 101-132.

Davide Maria MONTAGNA, O.S.M. *La corrispondenza di fra Antonio Maria Pucci con il Priore generale Pier Francesco Testa (1882-1888)*. In *Studi Storici O.S.M.*, 41, 1991, pp. 77-100.

IDEM. *Episodi attuali di devozione dei Servi a sant'Antonio Maria Pucci (testi dell'autunno 1991)*. In *Studi Storici O.S.M.*, 41, 1991, pp. 155-162.

IDEM. *Il priore provinciale fra Antonio Maria Pucci ed il convento dell'Annunziata di Pistoia tra il 1883 ed il 1890*. In *Studi Storici O.S.M.*, 41, 1991, pp. 53-76.

Davide Maria MONTAGNA, O.S.M.; Silvano Maria DANIELI, O.S.M. *Antonio Maria Pucci nella bibliografia servitana tra il 1920 ed il 1990*. In *Studi Storici O.S.M.*, 41, 1991, pp. 137-154.

Este artigo constitui a primeira parte da presente bibliografia.

Gemma RECINELLA. *Le attività pastorali e sociali di Antonio Maria Pucci, parroco di Viareggio dal 1847 al 1892*. [Chieti, Università degli studi "G. D'Annunzio", 1991]. 177 ff. xiv ff. [8] fot. 30 cm.

Tese de doutorado do ano acadêmico 1990-1991 defendida na Faculdade de Letras e Filosofia da Universidade de Chieti. Relator: Elio M. Peretto.

Adrien-Marie CIMICHELLA, O.S.M. (vescovo). *Saint Antoine M. Pucci de l'Ordre des Servites de Marie*. Montréal (Québec), Les Éditions Servites, 1992. 36 pp. 17 cm. (Vigne du Mont Senario, 12).

Hubert Maria MOONS, O.S.M. (priere generale). *Il cammino verso il terzo Millennio*. [Epistola a Priore generali omnibus fratribus et sororibus Familiae Servitanae missa, occasione primi centenarii mortis sancti Antonii M. Pucci]. In *Acta Ordinis O.S.M.*, 59, 1991-1992, pp. 62-67.

Il padre dei poveri: S. Antonio Maria Pucci. A cura della Federazione delle province d'Italia e Spagna. [Roma, Tipografia Abilgraf, 1992]. 71 pp. ill. 16 cm.

Im'presso no 1º centenario da morte de Santo Antônio M. Pucci. Edição não comercial.

Giovanni Maria PRATESI, O.S.M. *Il curatino di Viareggio per i ragazzi. Vita di S. Antonio Maria Pucci dell'Ordine dei Servi di Maria, parroco di S. Andrea in Viareggio 1847-1892*. Disegni di Alfredo Orlandi. Viareggio, L'Ancora, 1992. 75 pp. ill. 30 cm.

Sant'Antonio Maria Pucci. A cura del Segretariato per la liturgia e la pastorale mariana [della] Federazione delle province d'Italia e Spagna. [Firenze, Centro Stampa "Toscana Nuova", 1992]. 51 pp. 21 cm. (Sussidi liturgici, 1).

Subsídio organizado pela FIES publicado no 1º centenario da morte de Santo Antônio M. Pucci. Edição não comercial.

Conrad Maria BORNTRAGER, O.S.M. *Etudes sur Saint Antoine-M. Pucci servite*. Traduction Hélène Goynes-Godart. Bruxelles, Diffusion Servite, 1994. 51 pp. 21 cm. (Histoire, 1).

Conferência proferida em Ars em 5 e 6 de outubro de 1992 no encontro dos frades engajados no serviço pastoral da Conferência OSM da Europa do Norte, por ocasião do 1º centenario da morte de Santo Antônio Maria Pucci.

Raffaello TAUCI, O.S.M. *Gli anni giovanili della vita di sant'Antonio Maria Pucci*. Introduzione di fra Eugenio M. Casalini, O.S.M. [Bivigliano], Convento di Monte Senario, 1993. 99 pp. ill. 21 cm.

Publicado em *Studi Storici O.S.M.*, 22, 1972, pp. 25-68. A edição é ilustrada com desenhos de Rosella Bellesi e foi organizada por Eliseo M. Grassi, Alessandro Andreini e Enrico M. Vannoni.

Eugenio Maria CASALINI, O.S.M. ; Lamberto Maria CROCIANI, O.S.M. *Il santo di Viareggio: Antonio M. Pucci dei Servi di Maria*. Firenze, Convento SS. Annunziata, 1994. 253 pp. 13 ill. 21 cm. (Biblioteca della Provincia Toscana O.S.M. Colligite, 9).

Storia e profezia nella memoria di un frate santo. Convegno di studio nel primo centenario della morte di sant'Antonio Maria Pucci dei Servi di Maria, organizzato dalla Pontificia Facoltà Teologica Marianum con la collaborazione dell'Istituto storico. Roma, 14-16 ottobre 1992. A cura di Elio Peretto. Roma, Edizioni "Marianum", 1994. 551 pp. [3] c. di tav. 23 cm. (Scripta Pontificiae Facultatis Theologicae "Marianum", 48. N.S. 20).

Tommaso FANFANI, *Il contesto storico politico della Toscana nel tempo di sant'Antonio Maria Pucci: dal primo Ottocento alla formazione del Regno d'Italia*, pp. 9-42; Lenzo LENZI, *La diocesi di Lucca nella seconda metà dell'Ottocento*, pp. 43-139; Odir Jacques DIAS, *L'Ordine dei Servi di Maria al tempo di sant'Antonio Maria Pucci*, pp. 141-208; Franco DAL PINO, *Il nuovo convento di sant'Andrea di Viareggio e la figura del curatino attraverso i Registri conventuali e parrocchiali dal 1841 al 1892*, pp. 210-289; Luigi M. DE CANDIDO, *Il frate*, pp. 291-401; Emilio M. BEDONT, *Sant'Antonio Maria Pucci: parroco*, pp. 403-420; Filippo M. BERLASSO, *I Servi di Maria e fra Antonio Pucci nell'azione assistenziale ai colerosi nell'edipemia del 1854-55*, pp. 421-465; Franco M. AZZALLI, *La santità del curatino nella memoria del popolo di Viareggio*, pp. 467-485; Pacifico M. BRANCHESI, *L'epistolario di sant'Antonio Maria Pucci: cinque lettere inedite a fr. Costantino M. Rocca*, pp. 487-512; Tiziano M. CIVIERO, *Biografie e studi su sant'Antonio Maria Pucci: rassegna critica*, pp. 513-528; Patrizia GIANOLA, *Le Serve di Maria di Viareggio e sant'Antonio Maria Pucci: la figura di suor Giuliana Lenci*, pp. 529-540; Giovanni SCARABELLI, *Sant'Antonio M. Pucci, confratello della Misericordia di Viareggio*, pp. 541-546.

Conrad Maria BORNTRAGER, O.S.M. *Bibliografia servitana 1977-1992*. In *Studi Storici O.S.M.*, 48, 1998.

As referências a Santo Antônio M. Pucci encontram-se no *Índice analítico*, na voz *Pucci, Antonio M.*, *O.S.M.*, s.

Proprium Missarum Ordinis fratrum Servorum beatae Mariae virginis. Editio typica altera. Romae, Curia Generalis O.S.M., 1998.

* S. Antonii Mariae Pucci, presbyteri O.N., pp. 25-27, 202. Nesta nova edição, a festa de Santo Antônio Maria Pucci foi enriquecida com prefácio próprio.

Franco Maria AZZALLI, O.S.M. *Sant'Antonio Pucci durante le prime settimane del colera a Viareggio (luglio-agosto 1854)*. In *Studi Storici O.S.M.*, 49, 1999, pp. 85-96.

Epistolario di S. Antonio M. Pucci, O.S.M. (1847-1891). A cura di Franco M. Azzalli, Pacifico M. Branchesi, Franco A. Dal Pino, Odir J. Dias. Roma, Marianum, 2001. Vol. 1. (1847-1883). xviii, 404 pp. [1] c. di tav. 24 cm. (Monumenta Ordinis Servorum Sanctae Mariae. Nova series , 2/1).

SANTO ANTÔNIO MARIA PUCCI Dados biográficos •

1. NASCIMENTO

Antônio Maria Pucci nasceu em Poggiolo, na diocese de Pistóia, em 1819, filho de pais de vida exemplar, sendo o segundo de nove filhos.

Eustáquio Pucci nasceu às nove horas da manhã do di 16 de abril de 1819 em Poggiolo di Vernio, na casa colonial construída a pequena distância da igreja paroquial de São Miguel de Poggiolo, diocese de Pistóia. Foi batizado no mesmo dia na igreja do povoado de San Quirico di Vernio, porque Poggiolo não tinha fonte bastimal⁹.

Seu pai chamava-se Agostinho, e a mãe, Maria Oliva Marchi. Os dois casaram-se em 1815 e tiveram nove filhos, alguns dos quais tiveram vida longa, e outros, muito breve. A primogênita, Maria Mérope, nasceu em 1816. Eustáquio, primeiro filho varão, em 1819. Em 1821 nasceu Luiz Zenóbio, que viria a falecer dez anos depois em 1831. Em 1823 veio à luz Maria Eufêmia Demétria; em 1826, os gêmeos Fausto e Maria Faustina. Em 1829, nasceu uma menina à qual foi dado o nome de Maria Mônica, falecida no mesmo ano. Depois, em 1831, nasceu outra menina à qual também foi dado o nome de Maria Mônica, que viria a falecer em 1913. E finalmente, em 1834, Maria Helena, falecida em 1851. Na morte da primeira Maria Mônica, o casal adotou uma menina no Hospital dos Inocentes de Florença, à qual deram o nome de Ângela Maria Serafina. Ao todo, foram dez filhos: cinco homens e cinco mulheres. Todas as filhas receberam como primeiro nome Maria, que era também o nome da mãe¹⁰.

Agostinho era sacristão da igreja de São Miguel e, ao mesmo tempo, cultivava as terras pertencentes à paróquia. Maria Oliva cuidava dos filhos e da casa.

Estêvão Patriarchi, natural do mesmo povoado e contemporâneo do santo, assim descreveu a família dele: “Como aquela família não havia outra, composta de gente boa de verdade, incapaz de fazer o mal sequer à terra onde pisavam”¹¹.

* Esses dados biográficos, escritos para serem publicados num livro sobre a liturgia do santo, segue o roteiro da leitura biográfica alternativa do *Ofício das Leituras* do di 12 de janeiro, festa de Santo Antônio Maria Pucci. Além disso, com o intuito de deixar falar diretamente as testemunhas e o próprio santo, sempre que possível, serve-se dos dados historiográficos levantados até hoje, dos estudos já feitos sobre ele, do *Summarium* dos processos canônicos, das biografias e dos escritos autografados, principalmente cartas, que começaram a ser recentemente publicados de forma sistemática.

⁹ SACRA RITUUM CONGREGATIO, Lucen. In Itália. *Beatificationis et canonizationis Sevri Dei P. Antonii Mariae Pucci, sacerdotis professi Ordinis Servorum Mariae*, Summarium super dúbio an constet de vitutibus theologalibus..., Tipografia Guerra & Belli, Roma 1944, p. 250-251. Este *summarium* foi estudado e utilizado por todos os biógrafos do santo. A propósito, entre as produções mais recentes podemos recordar as seguintes: o artigo de F. M. AZZALLI, *La santità del Curatino nella memoria del popolo de Viareggio*, in *Storia e profezia nella memoria di um frate santo*. Convegno di studio nel primo centenario della morte di sant'Antonio Maria Pucci dei Servi di Maria, organizzato dalla Pontificia Facoltà Teologica Marianum com la collaborazione del Istituto storico. Roma, 14-16 ottobre 1992, a cura di E. Peretto, Edizioni Marianum, Roma 1994, p. 467-485; o artigo de L. M. DE CANDIDO, *Il frate*, in *Storia e profezia sulla memoria di um frate santo*, cit., p. 291-401; e o livreto *Il padre dei poveri: s. Antonio Maria Pucci*, a cura della Federazione Italia-España dei Servi di Maria, Roma 1992, fruto da pesquisa feita por um grupo de professores da Comunidade Internacional de Formação Santo Aleixo, dos Servos de Maria, de Roma.

¹⁰ Cf. G. PAPASOGLI, *Il Curatino di Viareggio, S. Antonio M. Pucci*, O.S.M., Libreria Mariana, Roma 1962, p. 5.

¹¹ Cf. P. PENNONI, *Il Santo Curatino di Viareggio. S. Anonio Maria Pucci dei Servi di Maria*, Roma 1962 3ª, Postulazione generale dei Servi di Maria, p. 12.

Poggiolle di Vernio situa-se no topo de uma colina dos Apeninos toscanos, no alto vale do rio Bizensio, a 370 metros acima do nível do mar. Quando nasceu o santo, havia no alto da colina a igreja paroquial e algumas poucas casas, entre as quais a do pároco e a casa colonial das terras da paróquia. A maioria dos paroquianos estava espalhada pelas encostas circunstantes. Em 1944, na Segunda Guerra Mundial, a igreja e as casas construídas no alto da colina foram destruídas pelo exército alemão devido à sua posição estratégica, uma vez que lá do alto descortina-se uma ampla visão panorâmica.

No lugar onde estava a igreja de São Miguel e as poucas casas então existentes, hoje está o pequeno santuário dedicado a Santo Antônio Maria Pucci.

Poggiolle é um povoado pertencente à Comuna de Vernio e faz parte da província de Prato, criada nos últimos anos.

2. FORMAÇÃO HUMANA E CRISTÃ

A infância e adolescência de Eustáquio transcorreram em grande parte entre a casa paroquial e a igreja. O pároco, padre Luiz Diddi, foi seu professor e diretor espiritual.

Em 13 de setembro de 1823, quando tinha quatro anos de idade, Eustáquio foi crismado em San Quirico di Vernio por dom Francisco Toli. Fez a primeira comunhão aos onze anos na igreja paroquial de São Miguel, em Poggiolle¹².

Um sobrinho do santo declarou: “Minha mãe me dizia que tio Eustáquio, desde os quatro anos de idade já mostrava sua boa índole, voltada para as coisas da igreja... Aos sete anos ajudava a missa como coroinha. Dizia-me também que era aplicado nos estudos, particularmente empenhado nas coisas referentes à religião, e gostava muito de ficar sozinho”¹³.

Além do estudo e da oração, Eustáquio dedicava-se também ao trabalho manual, ajudando o pai na roça, e a mãe e irmãs na roca e no fuso.

A 12 quilômetros de Poggiolle, no encosta dos Apeninos voltada para Bolonha, encontra-se o santuário de Nossa Senhora de Boccadirio, construído no lugar onde os pastores Donato e Cornélia, em 1480, tiveram a visão da Virgem Maria. Ao voltar de uma romaria em Boccadirio, provavelmente em maio de 1837, Eustáquio confidenciou ao pároco o desejo de ser religioso numa Ordem consagrada a Nossa Senhora. O pároco lhe propôs a Ordem dos Servos de Maria. Começou ali a correspondência epistolar entre o pároco, padre Luiz Diddi, e o prior provincial dos Servos de Maria da Toscana, frei Bonfílio M. Gozzini. Numa de suas cartas, padre Luiz descreveu seu paroquiano Eustáquio com estas palavras: “Desde a infância até o dia de hoje sempre se portou de maneira exemplar. Foi e continua sendo de bons costumes, assíduo no estudo da doutrina cristã e na freqüência dos santos sacramentos, aplicado na minha escola, com bom aproveitamento no estudo da língua latina. Sempre mostrou inclinação e vocação para a vida religiosa na igreja”¹⁴.

Ao completar dezoito anos de idade, exigidos pelas leis Josefinas do tempo para aceder ao noviciado na vida religiosa, Eustáquio partiu para o convento da Santíssima Anunciada, de Florença, aonde chegou, depois de uma longa viagem de carruagem, na tarde do dia 10 de julho de 1837, acompanhado do padre Luiz. Foi admitido no convento como postulante.

¹² SACRA RITUMUM CONGREGATIO, *Summarium...*, cit., p. 251-252.

¹³ Cf. P. PENNONI, *Il santo Curatino di Viareggio*, cit., p. 13.

¹⁴ Cf. G. PAPASOGLI, *Il Curatino di Viareggio*, cit, p. 17.

3. FORMAÇÃO RELIGIOSA

Desde jovem, foi sempre aplicado nos estudos e assíduo na oração, Aos 18 anos de idade, animado por uma filial devoção à Mãe de Deus, ingressou na Ordem dos Servos de Maria.

Fez o noviciado em Florença. Depois, em Monte Senário, estudou filosofia e teologia por seis anos e emitiu profissão solene dos votos.

Em 23 de dezembro de 1837, no convento da Santíssima Anunciada de Florença, Eustáquio iniciou o ano de noviciado: recebeu o hábito religioso das mãos de frei Bonfilho M. Gozzini e foi posto sob a guia do mestre de noviços, frei Peregrino M. Remaggi (1793-1874). Na ocasião, recebeu o nome de frei Antônio Maria. No final do noviciado, seu mestre, frei Peregrino, declarou: “Não só foi irrepreensível, mas também edificante, uma vez que mostrou um caráter muito dócil, transparente e sereno, tendo dado provas de obediência, humildade e intensa piedade, bem como de aplicação ao estudo e no cumprimento de todos os seus deveres. Por isso, jamais tive dúvidas sobre sua vocação à vida religiosa”¹⁵.

Até o ano de 1857 emitia-se a profissão religiosa uma vez só e era perpétua. Nesse ano, Pio IX (†1878) introduziu para todos os Institutos de Vida Consagrada a profissão temporária dos votos por três anos e só depois se podia emitir a profissão perpétua. Devido a uma lei do Grão-Ducado da Toscana que exigia a idade mínima de 24 anos para emitir a profissão religiosa, frei Antônio Maria Pucci, ao terminar o noviciado com a idade de 19 anos, não pode emitir a profissão. Por isso, em 21 de novembro de 1839, foi enviado para o convento de Monte Senário como ex-noviço. Completados os 24 anos, em 21 de abril de 1843, “tendo mostrado grande humildade, devoção e amor”¹⁶ à Ordem, foi admitido à profissão solene, que ele emitiu na Capela do Capítulo do convento da Santíssima Anunciada de Florença aos 31 de maio do mesmo ano, como filho do convento de Monte Senário¹⁷.

4. PÁROCO DE VIAREGGIO

Em 1844, um ano depois de ordenado presbítero, foi enviado para Viareggi como vigário parquial; em 1847, foi nomeado pároco e, por quarenta e cinco anos, até a morte, exerceu esse cargo com grande zelo, dando a todos exemplo de vida íntegra e incansável, totalmente voltada para Deus e para o rebanho que lhe fora confiado.

Nos meses que se seguiram à profissão religiosa, frei Antônio Maria recebeu todas as ordens menores e, em 24 de setembro de 1843, o arcebispo de Florença, Dom Ferdinando Minucci (†1856) ordenou-o presbítero na igreja de São Salvador, contígua ao palácio arquiepiscopal¹⁸. No dia seguinte, rezou a primeira missa na Basílica da Santíssima Anunciada e, em 29 de setembro, a missa solene em seu povoado natal, Poggiolo, na festa do padroeiro da paróquia, São Miguel.

¹⁵ SACRA RITUM CONGREGATIO, *Summarium...*, cit., p. 255-256.

¹⁶ Cf. G. PAPASOGLI, *Il Curatino di Viareggio*, cit. p. 26.

¹⁷ SACRA RITUM CONGREGATIO, *Summarium...*, cit., p. 256-258.

¹⁸ *Ibidem*, p. 262-264

Pouco tempo depois, frei Antônio Maria foi novamente enviado a Monte Senário, onde permaneceu até meados do ano seguinte quando, em 20 de agosto, o prior provincial, frei Caetano M. Bensi (†1863), o transferiu pra o convento de Viareggio como vigário paroquial.

Viareggio era então uma cidade pequena. Situada no litoral do mar Tirreno, era a única saída do ducado de Lucca para o mar. Tinha 6.500 habitantes, distribuídos em 1.132 famílias e 1.100 moradias. No verão, juntavam-se à população local cerca de 2.000 veranistas. A cidade contava com 100 lojas comerciais e 2 escolas públicas. Os barcos atracados no pequeno porto eram 143 e ocupavam cerca de 1.000 homens entre marinheiros e pescadores. Outros 2.000 homens viviam do setor marítimo como construtores de barcos, fabricantes de velas e cordas ou se dedicavam a outros serviços portuários¹⁹.

A duquesa Maria Luísa de Borbone (†1824) elevou Viareggio à categoria de cidade em 30 de maio de 1820 e promoveu seu desenvolvimento com a construção de estradas, casas e até de um estaleiro²⁰. Em 1827, sucedeu-lhe na condução do ducado seu filho, o duque Carlos Ludovico di Borbone (†1883), o qual continuou a obra da mãe. Em 1836, ele ordenou a construção de uma nova igreja paroquial dedicada ao apóstolo Santo André, que se localizasse na área da cidade mais próxima ao mar. Em 22 de dezembro de 1839, entregou a igreja aos Servos de Maria e ordenou também a construção de um convento com capacidade para acolher 12 frades. Houve alguns mal-entendidos com relação às despesas do convento, mas foram superados. Por isso, em 9 de março de 1840, o duque entregou definitivamente a igreja e o convento aos Servos de Maria. Alguns meses depois, em 21 de julho, o papa Gregório XVI (†1846) erigiu a igreja em paróquia e, como tal, a entregou para sempre aos Servos de Maria. Os primeiros cinco frades chegaram a Viareggio em 3 de junho de 1841, quando a igreja ainda estava em construção. Eram eles os padres freis Aleixo M. Buratti, Sóstenes M. Conti (1788-1850), Bonfilho M. Dolci (1809-1875), João Ângelo M. Raggianti e o irmão leigo frei Vicente M. Chiti. Dia 6 de julho, na festa da Santíssima Trindade, eles iniciaram o culto público com a celebração da missa na Capela da nave transversal voltada para o mar. O decreto arquiépiscopal de entrega da nova paróquia com a cura pastoral de 2.373 fiéis foi emanado pelo arcebispo de Lucca, dom João Domingos Stefanelli (†1852) aos 9 de março de 1843. E no dia 12 do mesmo mês, segundo domingo de Quaresma, foi oficialmente empossado o primeiro pároco, frei Sóstenes M. Conti.

A igreja de Santo André, totalmente acabada, foi inaugurada e aberta inteiramente ao público em 26 de fevereiro de 1844, e foi consagrada pelo arcebispo de Lucca, dom Nicolau Ghilardi (†1904) em 27 de setembro de 1876.

Frei Antônio Maria Pucci foi eleito pároco da igreja de Santo André de Viareggio no capítulo provincial dos Servos de Maria da Toscana, celebrado em maio de 1847, quando frei Sóstenes M. Conti, até então pároco em Viareggio, foi eleito prior provincial em substituição ao frei Caetano M. Bensi, eleito prior geral da Ordem. No dia 25 de julho, nono domingo de Pentecostes, com a aprovação do arcebispo de Lucca, frei Antônio M. Pucci foi formalmente empossado como pároco. E desde esse dia até a morte, por bem 45 anos, ele manteve ininterruptamente a cura de almas da paróquia de Santo André de Viareggio.

¹⁹ Cf. F. DAL PINO, *Il nuovo convento di Sant'Andrea di Viareggio e la figura del Curatino attraverso i registri conventuali e parrocchiali*. Dal 1841 al 1892, in *Storia e profezia nella memoria di un frate santo*, cit., p. 215-219.

²⁰ Cf. P. PANICHIELLI, *Il Curatino di Viareggio*, Nistri-Lischi, Pisa 1939, p. 159-206. Cf. também a descrição poética do relações existentes entre a católica duquesa de Lucca, Maria Luísa de Borbone, e a cidade de Viareggio na obra de M. TORINO, *Sulla spiaggia e di là dal mondo*, Mondadori, Milano 1991, p. 30-35.

A irmã Maria Verônica Fioravanti testemunhou que ele “era muito solícito em atender seus paroquianos e, se não fosse suficiente fazê-lo durante o dia, procurava-os também à noite”²¹.

5. FRADE SERVO DE MARIA

Mesmo sendo pároco, continuou seus estudos em em 1859, obteve o título de mestre em sagrada teologia.

Por muitos anos foi prior no seu convento e prior provincial da Toscana, numa época hostil aos religiosos, quando vigoravam leis contrárias às Ordens e aos Institutos de vida comum.

No exercício desses cargos, tendo sempre diante de si as palavras de Santo Agostinho, preferia ser amado pelos irmãos a ser temido, considerando-se feliz não por exercer a autoridade, mas por servir na caridade.

Frei Antônio Maria Pucci continuou seus estudos: no capítulo provincial de 1847 obteve o título de bacharel em filosofia e teologia, e em 1850, o mestrado em teologia com nota máxima.

Foi prior do convento dos Servos de Maria de Viareggio de 25 de maio de 1859 a 5 de junho de 1883. A duração do seu mandato, vinte e quatro anos, foi bem maior do que previam as Constituições da Ordem. Isso foi provocado pelas dificuldades que também os Servos de Maria enfrentaram diante da promulgação de leis governamentais em força das quais as ordens religiosas deviam considerar-se suprimidas.

Em 7 de julho de 1866 foram promulgadas as assim-chamadas “leis iníquas”, que suprimiram todas as Ordens e Congregações religiosas. Segundo tais leis “ordens, corporações, congregações religiosas regulares, conservatórios e cenóbios de vida comum ou que tenham uma caráter eclesiástico não são mais reconhecidos pelo Estado. As casas e os estabelecimentos pertencentes às ordens, congregações, conservatórios e cenóbios acima citados, estão suprimidos”²². Todos os bens confiscados foram postos sob a jurisdição do Régio Erário, parte para constituir o “fundo para o culto” e parte para incrementar as finanças exauridas do Estado.

Em novembro de 1866, também o convento de Santo André de Viareggio foi ocupado. Na ocasião, segundo depoimento de frei Sóstenes M. Guglielmi (†1930), frei Antônio Maria Pucci, “quando se apresentaram para tomar posse do convento, tomado de profunda comoção e dor, leu o ato de protesto ordenado pela Santa Sé”²³.

Vinte anos depois, os problemas e o medo provocados pelas supressões não tinham ainda passado. Em 29 de dezembro de 1886, frei Antônio Maria escreveu ao prior geral da Ordem nestes termos: “Aqui terminaram as festas e aguarda-se de um momento para outro, com inquietação e angústia, a visita e o despejo. Também Sena me preocupa. Onde colocar todos os jovens que temos? Para Monte Senário, além dos que lá estão, poucos podemos mandar. Não poderia Vossa Paternidade Reverendíssima enviar alguns deles para algum dos

²¹ SACRA RITUUM CONGREGATIO, *Summarium...*, cit., p. 146.

²² Cf. G. PAPASOGLI, *Il Curatino di Viareggio*, cit., p. 220.

²³ SACRA RITUUM CONGREGATIO, *Summarium...*, cit., p. 316.

conventos recuperados? Quanto à manutenção deles, as respectivas províncias pensarão nisso”²⁴.

Frei Antônio Maria tinha motivos para temer pela província da qual era prior provincial e também pelo convento de Viareggio, sobre o qual assim escreveu: “Aqui, por ordem superior, os emissários do governo quiseram saber quem somos e quantos quartos ocupamos. Temo que venham a despejar os dois Baccellieri e os dois irmãos leigos que admitimos como religiosos depois da supressão”²⁵. Embora aceitando formalmente as leis iníquas, ele tinha feito o possível para manter unida a comunidade de Viareggio e, ao mesmo tempo, para acolher outros candidatos no convento.

Dia 5 de junho de 1883, quando tinha 64 anos de idade, foi eleito prior provincial pelo capítulo celebrado em Monte Senário de 5 a 7 de junho, quando obteve 17 votos sobre 18 votantes: recebeu todos os votos, menos o seu. No capítulo provincial seguinte, reunido no convento da Santíssima Anunciada de 18 a 20 de maio de 1886, com 23 votos sobre 26 votantes, foi reeleito para mais um triênio, que foi depois prolongado em quadriênio. Ocupou, pois, o cargo de prior provincial por sete anos seguidos, vivendo sempre na comunidade de Viareggio. Em ambos os capítulos, ele foi confirmado por aclamação no cargo de pároco da paróquia de Viareggio.

Seu estilo de serviço quer como prior da comunidade dos frades de Viareggio, quer como prior provincial foi testemunhado por diversos contemporâneos.

O servo de Deus, padre Vicente M. Marracini (†1928), lembra que ele “dava mostras de grande amor a Deus: observava escrupulosamente a lei divina e eclesiástica e as regras de sua Ordem. Isso se podia constatar nas homilias que fazia na visita aos conventos como prior provincial, que eu mesmo escutei estando presente... Era homem de oração, sempre presente na oração coral, apesar de suas ocupações paroquiais e dos outros encargos que tinha, salvo se fosse absolutamente impedido, e participava de maneira tão edificante que parecia um noviço. Embora tivesse um caráter aparentemente austero, era na realidade muito afável”²⁶.

O frade Servo de Maria, Domingos M. Manfredi (†1936), afirma: “Quanto à afabilidade, ele era exemplar. Posso atestar pessoalmente que, devendo certa vez repreender-me, ele o fez com extrema caridade e afabilidade”²⁷.

Os frades Servos de Maria comprometem-se a viver segundo a *Regra* de Santo Agostino (†430). No capítulo VII da Regra, Santo Agostinho escreve: “Quanto propriamente ao que preside à comunidade, não busque sua satisfação em dominar com poder, mas sim em servir por amor. A honra diante de vós o ponha sob os vossos pés. Mostre-se para todos exemplo de boas obras. Modere os inquietos, console os tímidos, acolha os fracos, seja paciente para com todos. Observe de bom grado a disciplina. Faça-a respeitar. E se bem que uma coisa e outra sejam necessárias, procure antes fazer-se amar do que temer. Além disso, tenha sempre presente que deverá prestar a Deus conta de vós”²⁸.

Numa homilia aos frades, frei Antônio Maria Pucci dizia: “Examinemos agora a nossa conduta e observemos de propósito se nada há em nós a repreender e corrigir. Sim, todos

²⁴ Cf. G. M. ROSCHINI, *Un capitolo inedito nella vita del Beato A. M. Pucci, O.S.M. ricavato dal suo epistolario*, Edizioni Studi Storici OSM, Roma 1953, p. 6.

²⁵ Cf. L.M. DE CANDIDO, *Il frate*, cit., p. 322.

²⁶ SACRA RITUUM CONGREGATIO, *Summarium...*, cit., p. 51-53.

²⁷ *Ibidem*, p. 310.

²⁸ *Constituições dos frades Servos de Maria*, editadas por ordem do frei Michel M. Sincerny, prior geral da mesma Ordem, e *Regra de Santo Agostinho*, edição em língua portuguesa, São Paulo 1988, p. 42.

somos religiosos, porque vinculados pelos votos e porque trazemos o hábito de religioso, mas digam-me onde estão em nós as virtudes do verdadeiro religioso?... Ah, meus irmãos, se perscrutarmos com sinceridade e isenção o nosso coração, infelizmente sempre encontraremos nele algo passível de repreensão e muito, antes muitíssimo, para nos humilhar e confundir... Conservemos entre nós a harmonia que sempre houve, mercê de Deus. Ajudemo-nos mutuamente, saibamos compartilhar uns com os outros, conservemos a paz e o Deus do amor estará sempre conosco”²⁹.

6. EXERCÍCIO DAS VIRTUDES: TUDO PARA TODOS PARA ATRAIR TODOS A CRISTO

Foram suas virtudes características a humildade de espírito, a discrição no falar, o contato habitual com Deus e o amor à pobreza. Não media esforços para levar todos a Cristo. Conhecia suas ovelhas uma por uma e as assistia com paternal solicitude, oferecendo-lhes a palavra de Deus com seus conselhos e ensinamentos.

Se alguém lhe dizia que era santo, ele respondia: “Sou um pobre pecador, reza por mim”³⁰. Nas homilias, pedia aos seus paroquianos: “Se virdes em mim algum defeito, recomendai-me a Deus e a Santíssima Virgem Nossa Senhora, para que eu possa cumprir bem os meus deveres e ensinar a todos vós o caminho da salvação, mais com o exemplo do que com a palavra”³¹.

A humildade das palavras era sempre acompanhada da maneira como ele se relacionava com o povo e antes ainda com Deus.

Muitos frades da Ordem puderam constatar seu contato habitual com Deus. Frei André M. Agnoletti (†1930) dizia: “Dava a impressão de estar sempre unido a Deus. Mesmo quando caminhava pelas ruas, movia os lábios, sinal de que estava rezando”³². E frei Bonajunta M. Tomei (†1940) acrescenta: “Quando eu era jovem, chamava-me a atenção ver aquele bom velhinho sempre recolhido, movendo os lábios em oração, mesmo quando andava pela rua”³³. Frei Eugênio M. Poletti (†1940) testemunhou que “seu alimento espiritual era a oração constante e incessante. Quantas vezes eu o surpreendi sozinho no quarto da paróquia, ajoelhado num simples banco de madeira, absorto em oração. E tão profundamente se concentrava na oração que era às vezes necessário tossir ou arrastar os sapatos para trazê-lo de volta à realidade terrestre. Pêrambulando pelos corredores, estando no confessionário ou preparando-se para sair, seus lábios se moviam sempre e, enquanto caminhava, mantinha suas mãos juntas, recolhidas sob o escapulário”³⁴.

A propósito de sua sobriedade no falar, o frade servita José M. Biondi (†1933) lembra que ele “falava muito pouco e suas palavras eram sempre medidas e esmeradas”³⁵.

Seu relacionamento constante com Deus e sua sobriedade no falar foram para ele um impulso propulsor para a ação. Jamais poupou a si mesmo e, como dizia frei Afonso M. Bozzi

²⁹ Cf. P. M. SUÁREZ, *Parole di un padre e pastore*. Prediche scelte del Curatino di Viareggio, Istituto Storico OSM, Roma 1962, p. 17-19.

³⁰ Cf. P. PENNONI, *Il santo Curatino di Viareggio*, cit., p. 174.

³¹ SACRA RITUUM CONGREGATIO, *Summarium...*, cit., p. 621.

³² *Ibidem*, p. 59

³³ *Ibidem*, p. 324.

³⁴ E. POLETTI, *Viareggio e il suo santuario*, Coop. Tip. Versiliese, Viareggio 1920, p. 71.

³⁵ SACRA RITUUM CONGREGATIO, *Summarium...*, cit., p. 75

(†1915), “para cumprir suas obrigações de pároco e talvez devido aos serões que transcorria à cabeceira dos doentes, às vezes chegava ao refeitório tão cansado que, para tomar um pouco de vinho, segurava o copo com as duas mãos... Realmente, ele se fez tudo para todos, como provam os nomes que seus paroquianos lhe deram: Pequeno Pároco e Pai dos Pobres. E assim foi chamado a vida inteira, inclusive depois da morte”³⁶.

Sua intensa vida espiritual, ele não a guardou só para si, mas procurou também transmiti-la aos seus paroquianos. Quando lhes falava, apresentava-se como pastor que apascenta espiritualmente o rebanho que lhe fora confiado, consciente de que estava a serviço de um Pastor Maior: “Só Jesus é o Bom Pastor... e muitos são os pastores escolhidos por providencial desígnio para reger e governar o corpo místico da Igreja. Eu também, como pároco desta igreja, sou um pastor e, por isso, devo nutrir as vossas mentes com o alimento da Palavra de Deus, sem a qual não poderíeis viver muito tempo na graça de Deus. Porque, assim como o corpo deve comer e beber para manter a vida temporal, da mesma forma a alma deve nutrir-se da Palavra de Deus para não voltar a cair no pecado. Eu sou o vosso pastor e devo ensinar-vos o caminho da justiça e da santidade; devo repreender e repudiar vossos costumes depravados, quando vos vejo seguir a torrente da dissolução, quando sei que violais a santa lei do Senhor. Como vosso pastor, devo apascentar vossas almas com os sacramentos, de dia e de noite, sempre que vós precisardes, sacrificando para o vosso bem espiritual a vida fácil, o comodismo, o repouso e até a própria vida, quando a glória de Deus e a vosso bem-estar espiritual o exigissem”³⁷.

O servo de Deus, frei Sóstenes M. Guglielmi, foi testemunha da maneira como frei Antônio Maria “preparava com zelo a explanação dos evangelhos, passando até noites em claro a fim de aprendê-los de cor”³⁸. Ele tinha consciência da importância de transmitir a Palavra de Deus aos seus paroquianos. Certa vez, numa homilia, assim lhes falou: “Como pároco da igreja de Santo André, eu sou vosso pastor e, como tal, devo nutrir as vossas mentes com o alimento da Palavra de Deus”³⁹.

Frei Antônio Maria servia-se de todas as maneiras possíveis para orientar o seu povo com seus conselhos e ensinamentos. Procurou catequizar a todos.

Como testemunha o servo de Deus, frei Eugênio M. Poletti, ele “ensinava catecismo aos adultos todos os domingos, pondo-se no meio da igreja. Ele mesmo preparava as crianças para a primeira comunhão e encarregava seus confrades para ensinar-lhes a doutrina cristã”⁴⁰.

Não esperava as crianças na igreja, como lembra Júlia Ghiselli Giorgetti, mas “ia buscá-las pelas estradas para levá-las ao catecismo”⁴¹. Como declara frei Bonajunta M. Tomei, “uma vez que a igreja de Santo André tem cinco portas, ele saía por uma, recolhia as crianças mais próximas e depois, passando de uma porta à outra, as levava todas para a igreja”⁴². Também o frei Hugo M. Tozzi (†1949) contava que “para atrair as crianças ao catecismo, ele mesmo ia pelas ruas, reunindo-as ao toque da campainha”⁴³.

³⁶ *Ibidem*, p. 276.

³⁷ *Ibidem*, p. 618-619.

³⁸ *Ibidem*, p. 314.

³⁹ *Ibidem*, p. 619.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 234.

⁴¹ *Ibidem*, p. 170

⁴² *Ibidem*, p. 325.

⁴³ *Ibidem*, p. 393-394.

Além disso, frei Ildefonso M. Francesconi (†1952) relata: “Como as crianças que se ocupavam com as lides do mar não podiam freqüentar as aulas ordinárias do catecismo, ele as reunia à noite e lhes dava aula particular”⁴⁴.

7. PAI DOS POBRES

Sua caridade com os necessitados não tinha limites, chegando às vezes a desfazer-se de suas vestes para acudi-los. Com razão, pois, é tido como pai dos pobres.

O desejo e a convicção de que podia e devia ajudar e apoiar os seus paroquianos marcaram o seu modo de falar e de agir. Aos que colaboravam com ele nas obras de caridade, ele costumava dizer: “É muito difícil falar de religião e de virtude cristã e esperar que as palavras sejam eficazes, quando se está diante de alguém que está com fome ou vive oprimido pela preocupação de procurar o pão de cada dia, sempre incerto e escasso”⁴⁵.

Consciente desta verdade, frei Antônio Maria não queria que suas palavras fossem vãs. Por isso, como testemunha o farmacêutico, Ulisses Michetti, “confortava os pobres, os aflitos, os enfermos e, pela confiança que tinha em Deus, embora pobre, fazia muitas esmolas, porque as pessoas mais ricas tinham tanta confiança nele que o dinheiro parecia multiplicar-se em suas mãos, e o mesmo acontecia também com outros recursos... Quando não tinha nada para dar, bastava-lhe abrir a boca e obtinha dos ricos tudo o que pedia para o bem dos pobres”⁴⁶.

O mesmo constatava o frade servita, Vicente M. Marracini: “Frei Antônio Maria Pucci tinha um amor especial pelos pobres, em particular pelos mais miseráveis: ajudava-os com as esmolas que recebia de benfeitores que só ele conhecia, e estes deviam ser muitos e muito generosos, pois nunca mandava embora um pobre de mãos vazias”⁴⁷.

Outro frade da Ordem, Antônio M. Benvenuti (+ 1926) deu-se conta que frei Antônio Maria “se contentava com o pouco que tinha e dava o supérfluo aos pobres, e às vezes dava até o necessário, como a capa, camisas”⁴⁸.

Muitos episódios como esses estão registrados nas atas. Rafael Ramacciuotti, terciário Servo de Maria, constatou pessoalmente que frei Antônio Maria chegou a tirar do seu corpo as roupas para dá-las aos pobres. De fato, “certo dia, ele encontrou-se com um pobre que, mostrando-lhes as calças totalmente remendadas, lhe pediu duas liras para comprar calças novas. Frei Antônio Maria, não tendo dinheiro em mãos, mandou que ele esperasse, foi até o convento, tirou as calças novas que vestia, costuradas recentemente, e vestindo as calças velhas que tinha posto de lado, levou as novas para o pobre”⁴⁹.

O frade servita, Domingos M. Manfredi, deu este testemunho: “Uma senhora de Turim, ao ver que frei Antônio Maria vestia um hábito todo puído e desgastado, deu-lhe dinheiro suficiente para mandar fazer um novo. Mas ele preferiu distribuir o dinheiro aos pobres da paróquia. Alguns dias depois, aquela senhora voltou e, ao vê-lo vestindo o mesmo

⁴⁴ *Ibidem*, p. 290.

⁴⁵ Cf. G. LUBICH - P. LAZZARIN, *Il Curatino di Viareggio Antonio Pucci*, Città Nuova Editrice, Roma 1984, p. 95.

⁴⁶ SACRA RITUUM CONGREGATIO, *Summarium...*, cit., p. 30-31.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 52.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 358.

⁴⁹ *Ibidem*, p. 100.

hábito, ficou admirada e, insistindo, obteve dele a confissão de que havia dado o dinheiro aos pobres. Ela, então, foi ao alfaiate e pagou diretamente a ele um hábito novo”⁵⁰.

A senhora Júlia Ghieselli Giorgetti, filha de um sacristão da igreja de Santo André, sabia que frei Antônio Maria “ajudava os pobres em tudo o que podia, e no convento os confrades deviam ficar de olho nele porque, quando à noite sobrava pão, de manhã não havia mais nada”⁵¹. A mesma senhora Júlia disse que “às vezes, para que a coisa não se tornasse pública, dava ofertas às escondidas, jogando-as pela janela, para não ser visto, pois não queria que os outros soubessem o bem que fazia... Fazia todo o possível para ocultar suas esmolas. Quando visitava os doentes, costumava colocar sua esmola debaixo do travesseiro, sem dizer nada ao doente. Depois, ao ir-se, dizia que o doente precisava mudar de roupa ou algo semelhante, para que encontrassem o dinheiro”⁵².

8. MINISTRO DE RECONCILIAÇÃO E DE PAZ

Reservava boa parte do dia para atender os que buscavam o sacramento da Penitência. Considerava ser seu principal dever reconduzir os pecadores a Deus, consolar os aflitos, perdoar os que o ofendiam, desfazer o ódio e as intrigas, reconstruir a paz nas famílias, atender assiduamente e com paternal amor os doentes e os moribundos.

Frei Antônio Maria era extremamente dedicado ao ministério do sacramento da Penitência, a tal ponto que passava muitas horas da manhã no confessionário e, em alguns períodos do ano, como na Quaresma, começava a confessar às quatro da madrugada. “Em seu confessionário havia sempre filas”⁵³, como constatou muitas vezes seu confrade, frei Eugênio M. Poletti, seu jovem paroquiano.

Rafael Ramacciotti, terciário Servo de Maria, recorda quanto ele “se empenhava em propagar a fé e a religião e em atrair todos a Deus... Tinha o coração cheio de caridade para com o próximo. Buscava a conversão dos pecadores. Era assíduo no confessionário e muitos acorriam a ele, inclusive homens, principalmente marinheiros, jovens ou velhos... Certo dia de clima infernal, quando soprava um vento tão forte que não se via ninguém pelas estradas, fui avisá-lo que um doente de outra paróquia, há muitos anos afastado dos sacramentos, queria confessar-se com ele. Eu lhe sugeri também que deixasse antes acalmar o vento, uma vez que o doente não corria perigo de morte. Ele, pelo contrário, pegou a capa e o chapéu e pôs-se logo a caminho. Fiquei observando e vi que o vento forte o fazia cambaleiar de um lado para outro da estrada, mas ele, sem desanimar, continuou firme o caminho até chegar à casa do doente, e o ouviu em confissão”⁵⁴.

Frei Antônio Maria, como ministro da Igreja, reconduziu muitas pessoas ao perdão de Deus, mas soube também perdoar quem o ofendia e educar para o perdão. Rafael Martinelli afirma: “Ouvi dizer que, certa noite, ao voltar da casa de um doente, foi violentamente agredido, mas da boca dele nunca se ouvir dizer nada a respeito. Outra vez, em pleno dia, perto do convento, um maçon o enfrentou, injuriando-o e dando-lhe uma bofetada, mas ele entrou tranquilamente no convento sem reagir. Ele não reagiu, mas as pessoas que

⁵⁰ *Ibidem*, p. 310.

⁵¹ *Ibidem*, p. 172.

⁵² *Ibidem*, p. 172.

⁵³ *Ibidem*, p. 237

⁵⁴ *Ibidem*, p. 97.99.100.

presenciaram a cena, essas sim reagiram”⁵⁵. A senhora Ostília Dal Pino descreve o episódio das pancadas que recebeu com estas palavras: “Lembro como se fosse agora. Eu vim a sabê-lo na manhã seguinte. Todos comentavam o fato, mas ele não quis dizer nada, antes dizia ao policial: ‘é sinal de que eu o merecia, sim o merecia’. Chamaram-no para atender um doente, mas, em vez disso, o encheram de pancadas”⁵⁶.

O frade servita, Vicente M. Marracini, fez o seguinte depoimento: “Jamais o ouvi falar mal do próximo. E foi-me dito que ele repreendia quem o fizesse. Mesmo que se tratasse de grandes pecadores, não gostava que se falasse mal deles, embora detestasse seus pecados e suas obras nefastas. Contaram-me que, certa vez, quando lhe disseram que fulano de tal tinha ido ao inferno porque era um grande e notório pecador e usurpador dos bens da Santa Igreja, ele observou: ‘Quem vos disse que ele foi para o inferno? Isso é pôr limites à Providência Divina’”⁵⁷.

9. BOM SAMARITANO

Seu amor ao próximo alcançou a mais alta expressão quando, durante a epidemia do cólera de 1848-1856, de dia e de noite, ele socorria os doentes, sem preocupar-se com repousar e sem importar-se com o perigo do contágio.

O atendimento assíduo e paternal aos doentes e moribundos foi uma rotina permanente na vida do pároco de Viareggio e muitos puderam constatar isso pessoalmente.

O servo de Deus, frei Eugênio M. Poletti, confirmou que “todas as noites frei Antônio visitava os doentes, que o recebiam com grande alegria”⁵⁸. Também o padre Ludovico Rossi, cônego de Lucca, afirmou que “ele acudia os doentes, de dia ou de noite, mesmo pondo em risco a sua saúde”⁵⁹. O farmacêutico Ulisses Michetti deu o seguinte testemunho: “Deixava de lado a refeição e o sono e os assistia longamente sem jamais cansar-se, sempre rezando, sozinho ou com eles, e os atendia mesmo pondo em risco sua vida”⁶⁰. O comerciante Pedro Larini lembra que “os próprios doentes o procuravam, porque tinham muita confiança nele”⁶¹.

Seu paroquiano, Antônio Del Pistoia, prior da Associação de Nossa Senhora das Dores, deu o seguinte depoimento: “Ele estava sempre pronto, a qualquer hora, para atender os doentes, chegando a interromper a refeição para pôr-se ao lado deles, qualquer que fosse sua doença. Lembro que durante a epidemia do cólera, em 1854-1855, não só assistia espiritualmente as vítimas da peste, mas também ia de casa em casa, até altas horas da noite, para arrecadar milho e outros víveres para as famílias necessitadas. Em suma, naquele tempo, ele levava uma vida como jamais alguém viveu. E, além disso, arrecadava dinheiro para o mesmo fim”⁶².

⁵⁵ *Ibidem*, p. 109 e também 339.341.

⁵⁶ U. M. FORCONI, *Piccola storia di un buon pastore*. Vita di Fra Antonio Maria Pucci il santo Curatino di Viareggio, Grafiche l’Ancora, Viareggio 1978, p. 87-88.

⁵⁷ SACRA RITUUM CONGREGATIO, *Summarium...*, cit., p. 51-52.

⁵⁸ *Ibidem*, p. 237.

⁵⁹ *Ibidem*, p. 18.

⁶⁰ *Ibidem*, p. 31.

⁶¹ *Ibidem*, p. 188.

⁶² *Ibidem*, p. 42.

Viareggio foi atingida por uma violenta epidemia de cólera entre 1854 e 1855. Toda a comunidade dos Servos de Maria desdobrou-se no atendimento às vítimas da peste, com a ajuda do prior provincial, frei Domingos M. Guidi (1809-1881) e de outros dois frades vindos de Florença com o doutor Tito Nespoli.

Os depoimentos referentes a frei Antônio Maria dão conta que ele passava incansavelmente de casa em casa, sem dar-se um minuto de descanso. À noite deitava-se na maca que havia mandado colocar no escritório paroquial, que era a dependência mais próxima à porta de entrada do convento, para poder atender mais prontamente qualquer chamado. Realizava portentos de caridade propriamente ditos, sem preocupar-se com o risco do contágio mortal. Preparava os doentes terminais para uma boa morte, servindo-os como enfermeiro e dirigindo-lhes palavras de encorajamento. Ulisses Marchetti deu este testemunho: “Quando algum desses pobrezinhos era atingido por essa doença fatal ou caía por terra nas praças públicas e nas estradas e quando todos fugiam assustados diante de tal espetáculo, o pároco frei Antônio Maria inclinava-se sobre eles, quer estivessem vivos ou mortos, tomava-os nos braços e colocava-os em lugar coberto, providenciando o tratamento necessário, se ainda respiravam, ou rezando pela sua alma, se estivessem já mortos”⁶³. Aos que lhe chamavam a atenção de que se expunha demais, ele respondia: “Mais importante do que ter longa vida é aproveitar o tempo que Deus nos dá para cumprir o nosso dever”⁶⁴.

10. HOMEM CARISMÁTICO

Deus o agraciou com muitos dons, em particular, com o discernimento os espírito e o poder de curar. Foi às vezes visto elevado do chão, em êxtase.

Frei Antônio Maria foi agraciado com os dons do Espírito Santo.

Seu dom de discernimento dos espíritos foi testemunhado pelo frade servita Joaquim M. Ducceschi (1877-1945) nestes termos: “Vinham pedir-lhe conselhos até mesmo pessoas de outras paróquias, porque era verdadeiramente iluminado”⁶⁵. O mesmo afirma frei Bento M. Pini (1830-1910): “Era um homem dotado com o dom do conselho e até pessoas importantes da cidade o procuravam para aconselhamento, porque tinham certeza de encontrar nele um verdadeiro guia”⁶⁶. A senhora Júlia Ghiselli Giorgetti constatou que “pessoas do povo, sem distinção, quando precisavam de conselhos, recorriam a ele com grande confiança”⁶⁷.

Era bastante difundida em Viareggio a convicção de que o pároco tinha o dom da cura. Vários episódios confirmam esta fama.

Cesa Biagi, dona de casa, afirma que “havia em Viareggio uma convicção generalizada de que, recorrendo às suas preces e por seu intermédio, alcançavam-se as graças solicitadas. Por isso, recorria-se a ele em qualquer necessidade e, se alguém deixasse de fazê-lo, outros o faziam por ele”⁶⁸.

⁶³ *Ibidem*, p. 28.

⁶⁴ *Ibidem*, p. 337; cf. também E. M. FERRINI, *Il Curatino*. B. Antonio Maria Pucci dei Servi di Maria. Parroco di S. Andrea in Viareggio, Postulazione generale dei Servi di Maria, Roma 1952, p. 96-97.

⁶⁵ SACRA RITUUM CONGREGATIO, *Summarium...*, cit., p. 376.

⁶⁶ *Ibidem*, p. 476.

⁶⁷ *Ibidem*, p. 174.

⁶⁸ *Ibidem*, p. 86.

Teresa Cardella lembra um episódio de sua vida: “Tive uma gripe muito forte, com febre alta e mal-estar por todo o corpo, a tal ponto que foram chamar frei Antônio Maria para que me impusesse as mãos. Tinha pela confiança que ele me curaria. Frei Antônio veio prontamente e, ao impor-me as mãos, a dor desapareceu”⁶⁹.

Maria Ana Tognetti Luporini, que sofria de otite, relata o seguinte: “Quando frei Antônio chegou, atirei-me aos seus pés e recebi sua bênção com muita fé, como se viesse do céu. Traçando o sinal da cruz em meu ouvido e rezando com os lábios, ele me abençoou e a dor passou na hora. Finalmente, depois de tanto tempo, pude dormir tranquilamente das três da tarde até a manhã seguinte”⁷⁰.

O terciário servita, Antônio Rossi, narra o seguinte: “Certa vez, uma senhora casada que residia na Rua Del Riposo caiu enferma. O médico que a atendia, disse: «Chamem o padre, porque ela sobreviverá no máximo até amanhã de manhã». O pároco acorreu em seguida, atendeu-a com bons modos e depois lhe disse: «Pedi e receberéis, pedi e tende fé!» Ao sair, deixou sua estola benta. A febre desapareceu e, à meia-noite, a mulher tomou café. Na manhã seguinte chegou o médico para preencher o atestado de óbito e a encontrou cheia de vida. E perguntou: «Alguém esteve aqui? Talvez um especialista?» «Não - responderam - aqui esteve frei Antônio Maria!». «Bem, se ele esteve aqui... não precisam mais de mim», disse. E foi-se embora”⁷¹.

Várias vezes foi visto em estado de êxtase, elevado do chão. Assunta Bonaccorsi Bertucelli, dona de casa, assim descreve um fato que ela mesma presenciou: “Lembro que aos 12 anos de idade, quando freqüentava as aulas de catequese para a primeira comunhão, a religiosa catequista, vendo que o pároco demorava, mandou-me chamá-lo. Eu saí da capela de São José e quando cheguei à esquina da rua vi o pároco que saía da porta do convento. Caminhava rumo à capela de São José sem tocar com os pés no chão, a uma altura de cerca de quarenta centímetros. Tinha as mãos e o rosto elevados para o céu. Olhei para ele admirada, dizendo com meus botões: Mas ele está voando! Voltei correndo à capela e contei para irmã o que tinha visto. E ela comentou o fato o pároco que chegou logo em seguida. Tanto a irmã como o frade pousaram a mão nos meus ombros e disseram: «Muito bem, menina, seja boazinha!...». O fato aconteceu num dia de maio por volta das sete ou sete e meia da manhã”⁷².

O servo de Deus, frei Antônio M. Benvenuti, também testemunhou um desses fatos prodigiosos com estas palavras: “Por três ou quatro vezes durante a missa, no momento da elevação da Hóstia, eu o vi elevado mais de um palmo do chão e, nesta posição, permanecia pelo menos dois minutos”⁷³.

O terciário servita, Henrique Paladini, transcreve o testemunho de outro Servo de Maria: “Contou-me frei Eugênio M. Poletti que, quando ajudava a sua missa como coroinha, frei Antônio Maria tinha momentos de tão íntima união com Deus que parecia entrar em êxtase”⁷⁴.

11. INTUIÇÕES PASTORAIS

⁶⁹ *Ibidem*, p. 160.

⁷⁰ *Ibidem*, p. 126.

⁷¹ U. M. FORCONI, *Piccola storia di un buon pastore*, cit., p. 89.

⁷² SACRA RITUM CONGREGATIO, *Summarium...*, p. 139-140.

⁷³ *Ibidem*, p. 351.

⁷⁴ *Ibidem*, p. 180.

Fundou em sua paróquia e dirigiu com particular solícitude uma Congregação de irmãs Servas de Maria, dedicada à educação das jovens. Antecipando os tempos, no intuito de levar os paroquianos a aprofundar a fé, criou associações para crianças e jovens, para homens e mulheres. Instituiu n paróquia a Conferência de São Vicente, há pouco iniciada na França, e a Obra de Propagação da Fé. Fundou a primeira colônia de férias, à beira mar, para a recuperação física das crianças.

Entre os dons que frei Antônio Maria recebeu de Deus e soube pôr em prática inclui-se o de saber intuir os sinais dos tempos para dar testemunho de Jesus Cristo, com a palavra e com as obras, na situação concreta da Viareggio do seu tempo. Soube envolver muitas pessoas nas suas intuições e soube também deixar-se envolver pelos outros, aproveitando as suas boas intuições.

O frade servita, José M. Biondi, dizia que frei Antônio Maria “desejava ardentemente propagar a fé; por isso, introduziu na paróquia a Obra da Santa Infância e ajudou-a a desenvolver-se grandemente. Posso afirmar isso porque também eu era zelador. Nos relatórios da diocese constata-se que a paróquia de Santo André de Viareggio ocupava sempre o primeiros lugar”⁷⁵.

Em 1849, frei Antônio fundou a *Associação de São Luiz Gonzaga* para a assistência espiritual e material das crianças. Em 1455 mandou imprimir o Regulamento da Associação intitulado “*Orientação cristã para a juventude protegida por São Luiz Gonzaga*”. Ao apresentar o texto aos jovens, ele mesmo aponta o objetivo da Associação, isto é: “caminhar decididamente segundo a vocação para a qual Deus vos chamou como seguidores de Cristo”⁷⁶.

Como continuação natural dessa associação e a fim de “manter firme a fé católica nas famílias e na sociedade”⁷⁷, por volta de 1860, fundou a *Pia União dos Filhos de São José*, destinada à assistência da juventude masculina. Tal União foi vista como uma feliz intuição que, poucos anos depois, se concretizaria na Ação Católica ou na Juventude Católica Cristã, fundada em Bolonha em 1868. A União tinha uma Regra de Vida, aprovada pelo arcebispo de Lucca e impressa em 1877. Alguns artigos dessa Regra trazem subentendida outra intuição de frei Antônio Maria, isto é, a que teria como objetivo a família cristã. O artigo 1º diz: “Os filhos da Pia União procurem honrar todos os dias a Sagrada Família de Jesus, Maria e José, com invocações, preces e jaculatória, mas principalmente com a imitação dos seus exemplos e virtudes”⁷⁸. A ela juntou-se depois a *Congregação das Mães Cristãs*.

Em 1849, frei Antônio Maria fundou a *Congregação da Doutrina Cristã* que cuidava da instrução religiosa dos paroquianos. Ela tinha por objetivo a educação religiosa não só dos jovens, mas também dos adultos. Desta forma, ele antecipava o pensamento do papa Pio X (†1914) sobre a necessidade do catecismo, e as disposições do Código de Direito Canônico de 1917 (cânon 711, § 2) que prescreveria a criação em todas as paróquias de duas confrarias: do Santíssimo Sacramento e da Doutrina Cristã.

Além disso, instituiu também a *Obra de propagação da Fé* para inculcar o amor às missões. Nisso, sua paróquia figurava sempre em primeiro lugar nos relatórios diocesanos.

⁷⁵ *Ibidem*, p. 70.

⁷⁶ *Ibidem*, p. 625.

⁷⁷ Cf. P. PENNONI, *Il santo Curatino di Viareggio*, cit., p. 146.

⁷⁸ *Ibidem*, p. 147-148.

A esse propósito, frei Antônio Maria antecipou os tempos também quando fundou a *Confraria do Santíssimo Sacramento*, que tinha como objetivo levar os paroquianos a participar mais freqüentemente da adoração eucarística e dos sacramentos, a zelar pelo decoro da igreja e do altar, a honrar a Eucaristia levada aos enfermos e, por fim, a solenizar a festa de *Corpus Christi*.

Em agosto de 1853, no intuito de criar em sua paróquia de Viareggio a *Conferência de São Vicente de Paula*, frei Antônio Maria encaminhou o pedido de inscrição à Conferência de Prato, então muito florescente. E no dia 30 do mesmo mês e ano, recebeu a resposta de que seu pedido fora aceito. Por isso, logo deu início à primeira Conferência Vicentina de Viareggio. Acompanhou-a pessoalmente em seu crescimento e, em pouco tempo, ela se tornou um prolongamento de toda a sua ação em favor dos necessitados. Num discurso proferido aos irmãos da Conferência, assim se expressava: “Vós sois meus companheiros na mística vinha do Senhor, uma vez que vos ocupais não só pelo bem desta paróquia, mas também pelo bem da própria cidade. Vós sois verdadeiros anjos da caridade porque, visitando toda semana os pobres em suas casas, procurais aliviar suas misérias materiais e morais... Quantas famílias pobres vos são gratas e vos abençoam, filhos amados de São Vicente, e quantas preces elevam ao Divino Mestre, que era pai dos pobres, ajuda dos órfãos e protetor dos aflitos. Vossa nobre missão, meus caríssimos, é a que mais se aproxima da colina das bem-aventuranças, lá onde Cristo disse: bem-aventurados os pobres... bem-aventurados os aflitos”⁷⁹.

Catarina Lerici, 23 anos, Filomena Vassali, 17 anos, Rosa Fornaciari, 17 anos, e Rosa Petri, 30 anos, como o próprio frei Antônio deixou por escrito, “eram quatro moças pobres que, vivendo com o trabalho de suas mãos..., em 31 de dezembro de 1852, recolheram-se numa casa alugada”⁸⁰. Foram elas que iniciaram a Congregação das Servas de Maria de Viareggio.

Catarina Lenci, décima filha de João Domingos e Rosa Volpe, nasceu em Viareggio aos 14 de maio de 1830 e ali morreu aos 9 de janeiro de 1895. Assistida espiritualmente pelo frei Filipe M. Gori, Servo de Maria, aos 18 anos de idade, pediu para ser admitida como postulante no convento das monjas Agostinianas de Cuca, mas, devido às suas precárias condições de saúde, seu pedido não foi aceito. Há anos sofria de fortes dores no tórax, sintoma provável de tuberculose incipiente. Voltando para Viareggio, continuou a freqüentar a paróquia de Santo André, onde dava aulas às meninas do curso de catequese, instituído por frei Antônio Maria, e lhes ensinava a “ler, escrever e fazer contas”⁸¹. Nesse tempo, duas de suas alunas confidenciaram-lhe que desejavam consagrar-se a Deus. Depois de longas horas de oração diante da imagem de Nossa Senhora das Dores, seus olhos se abriram para a possibilidade de abandonar o mundo junto com as duas mocinhas e se dedicarem juntas à educação das meninas pobres, tomando o hábito das Servas de Maria. Ao mesmo tempo, veio a saber que outra jovem, de 29 anos, desejava ser religiosa e lhe falou do seu projeto. A esta altura, frei Filipe M. Gori aconselhou Catarina Lenci a informar o pároco, frei Antônio Maria, sobre o projeto que ela e suas companheiras tinham em mente. O santo pároco acolheu favoravelmente a intenção das quatro moças e, aos 7 de janeiro de 1853, admitiu-as ao noviciado, entregando-lhes o hábito da Ordem Terceira dos Servos de Maria. Na ocasião,

⁷⁹ Cf. P. PANICHELLI, *Il Curatino di Viareggio*, cit., p. 336-338.

⁸⁰ Cf. P. PENNONI, *Il santo Curatino di Viareggio*, cit., p. 154. Trata-se de um trecho de uma carta datada de 7 de abril de 1867, enviada de Viareggio ao seu confrade frei Agostinho Morini (†1910), que estava em Chicago.

⁸¹ G. PAPASOGLI, *Il Curatino di Viareggio*, cit., p. 121.

Catarina assumiu o nome de Juliana. E no dia 8 de maio do ano seguinte, as quatro noviças emitiram a profissão como terciárias Servas de Maria. Inicialmente foram chamadas “terciárias”, depois “oblatas” e, por fim “irmãs”. Para diretora e superiora da comunidade frei Antônio Maria nomeou Catarina Lenci, agora irmã Juliana. Foi ele também que compôs a regra de vida da nova família religiosa das Servas de Maria de Viareggio, que passaram a chamar-se *Irmãs de Nossa Senhora das Dores*.

Sua primeira casa alugada situava-se na Rua Qualconia, nº 93, mais tarde chamada Rua degli Uffizzi. Era uma casa pequena, de poucos quartos, com uma estrebaria que foi adaptada como sala de aulas. Alim, as quatro irmãs dedicavam-se à educação das meninas pobres e à assistência das crianças tuberculosas, hóspedes da colônia marítima recém-fundada em Viareggio. Atendiam também os doentes, principalmente as vítimas do cólera nos anos 1854-1856. As irmãs eram pessoalmente acompanhadas por frei Antônio Maria Pucci, o qual as visitava quase diariamente, como registra frei Sóstenes M. Guglielmi: “Quase todos os dias, depois do almoço, dirigia-se à casa das irmãs Servas de Maria... Para lá ia como diretor-assistente da comunidade... Não tinha outro tempo livre para visitá-las... As irmãs ofereciam-lhe uma xícara de café... porque ele tinha o estômago delicado”⁸².

O médico, Dr. José Barellai, que teve as irmãs como ajudantes no tratamento dos tuberculosos, assim as descreveu: “As irmãs, pobres de bens, mas ricas de coração, viviam com poucas prendas e pequenas alfaias, porque eram filhas do povo, mas principalmente do trabalho de suas mãos. Diviam as horas de sua humilde, mas não inútil, vida entre a educação das crianças e a assistência paciente e amorosa aos doentes”⁸³.

A comunidade das irmãs se consolidou rapidamente e, em 1886, foi reconhecida de direito diocesano e passou sob a jurisdição do arcebispo de Lucca. Em 1910, as irmãs de Viareggio fundiram-se com a Congregação das Servas de Maria de Pistóia.

O uso terapêutico do banho de mar para tratamento de crianças tuberculosas só foi reconhecido na Itália na primeira metade do século XIX. Por volta de 1815, a cidade de Pisa começou, em duas casas situadas na localidade de Bocca d’Arno, a experiência de um tratamento de 15 dias e, em 1833, criou um hospital marítimo para este fim na localidade de Gombo, fazendo subir desde a foz do rio Arno barcas carregadas de água do mar que eram despejadas em grandes tinalhas.

A cidade de Lucca de certa forma imitou a experiência terapêutica de Pisa: em 1823, começou a mandar diretamente para a praia de Viareggio as crianças tuberculosas assistidas no hospital de Lucca. Até 1849, as crianças eram alojadas em pensões privadas. Em 1841, foram transferidas para um quartel militar abandonado que, no ano seguinte, foi comprado para este fim e recebeu o nome de “casa do hospital”.

Anos mais tarde, também a cidade de Florença começou a agir, por iniciativa do Dr. José Barellai, médico do hospital de Santa Maria Nuova. Dr. José, em 18 de junho de 1853, durante uma conferência na Associação Médica, fez um apelo aos colegas e aos concidadãos para levantar fundos, recursos humanos e um lugar adequado para aplicar a nova terapia. Nos meses seguintes, muitas pessoas responderam ao seu apelo e, em 31 de janeiro de 1854, instituiu-se o “Comitê dos hospitais marítimos para tuberculosos pobres”.

O lugar escolhido foi Viareggio. O grão-duque da Toscana doou um terreno de 10.000 braças de praia com a condição que “entre o Hospital a ser construído e o mar jamais fosse construído qualquer outro edifício e nem se fizessem plantações”⁸⁴. Em 1861, foi lançada a

⁸² SACRA RITUUM CONGREGATIO, *Summarium...*, p. 319.

⁸³ Cf. U. M. FORCONI, *Piccola storia di un buon pastore*, cit., p. 94.

⁸⁴ Cf. G. PAPASOGLI, *Il Curatino di Viareggio*, cit., p. 150-151.

primeira pedra do edifício, cuja primeira ala foi inaugurada em 1867. O prédio, dedicado a Vitório Emanuel II, foi completado em 1869. Ainda hoje, lá está de frente para o mar, separado apenas por uma praça. Na parte detrás, foi levantada em 1872 a nova construção do Hospital Marítimo de Lucca, dedicado a Humberto I.

O Hospital de Santa Maria Nuova de Florença está bastante próximo da basílica da Santíssima Anunciada, construída e oficiada pelos Servos de Maria. Dr. José Barellai era médico do convento.

O terreno doado para a construção do Hospital de Viareggio situava-se no território da paróquia de Santo André, dos Servos de Maria. O encontro entre o Dr. José Barellai e frei Antônio Maria Pucci deve-se a essas coincidências e ao fato que o médico não havia encontrado alhures “o de que mais precisava, isto é, de pessoas que dispusessem de coração”⁸⁵ a dar assistência aos doentes. O prior provincial, frei Ângelo M. Mondani (†1882), consultado pelo Dr. José, entrou em contato com frei Antônio Maria Pucci, o qual aceitou imediatamente a proposta de cuidar das crianças tuberculosas, envolvendo nisso a comunidade das irmãs que havia fundado. Por vários anos, até a inauguração da nova sede, as crianças ficaram alojadas na casa das irmãs, que haviam se mudado para uma casa herdada por Catarina Lenci na esquina da Rua degli Uffizzi com a Rua Cairolì. Para a manutenção e tratamento das crianças doentes o hospital de Florença passava uma mensalidade simbólica de 1 lira, 13 centavos e 4 denários. O resto corria por conta de frei Antônio Maria Pucci e das irmãs que, para isso, promoviam rifas, campanhas de arrecadação de fundos e outras iniciativas. Antes de 1867, quando foi inaugurado o hospital, as irmãs chegaram a acolher em sua casa 245 crianças por ano.

A obra do Dr. José Barellai e de frei Antônio Maria Pucci não foi a primeira tentativa de tratamento de tuberculosos com o uso terapêutico do banho de mar, mas sim - como muitos defendem - a primeira concretização de uma “colônia marítima” ou de um “hospital marítimo” propriamente dito, com um prédio construído à beira do mar para este fim.

Outra iniciativa que levou o santo pároco a se envolver nas boas intuições dos outros foi o de inscrever-se na Arquiconfraria da Misericórdia, fundada em Viareggio vinte anos antes de sua chegada, que tinha como objetivo dar assistência aos doentes, moribundos e defuntos, não só com os recursos da medicina, mas também da religião. Nisso também, ele agiu como o bom samaritano.

12. NOSSA SENHORA DAS DORES

Em toda essa sua atividade inovadora, era sustentado e animado por um grande amor à Eucaristia e a Nossa Senhora das Dores, à qual havia solenemente consagrado a paróquia.

O amor de frei Antônio Maria à Eucaristia é testemunhado por muitos contemporâneos seus.

A senhora Francisca Ghiselli, operária, lembra que ele “celebrava a santa missa, sem falta, todos os dias, mesmo quando estava passando mal”⁸⁶.

Frei Joaquim M. Ducceschi, frade servita, declarou que “todas as noites, antes de visitar os enfermos, ele permanecia meia hora em oração diante do Santíssimo Sacramento”⁸⁷.

⁸⁵ *Ibidem*, p. 153.

⁸⁶ SACRA RITUUM CONGREGATIO, *Summarium...*, cit., p. 91.

⁸⁷ *Ibidem*, p. 277.

Frei André M. Agnoletti, também Servo de Maria, dizia: “Quando estava livre, de dia ou mesmo tarde da noite, ficava longo tempo diante de Jesus sacramentado”⁸⁸.

Outro servita, frei Vicente M. Marracini, acrescentava: “Eu o vi muitas vezes a rezar no coro situado acima da capela do Santíssimo Sacramento”⁸⁹.

Seu paroquiano, Rafael Martinelli, dizia que “ele fazia tudo bem feito, principalmente a procissão de *Corpus Christi*, que ele mesmo organizava e o fazia tão concentrado que nem olhava onde punha os pés, de tal modo que era comovente vê-lo”⁹⁰.

Depois que foi nomeado assistente eclesiástico do primeiro núcleo interparoquial da Ação Católica, o santo pároco manifestou a autenticidade do seu culto eucarístico com estas palavras: “A carteira de identidade dos católicos, eu não quero vê-la no bolso dos jovens, mas sim ao pé do altar, onde eles vêm receber Jesus Cristo sob a espécie da hóstia eucarística. Essa é para mim a verdadeira carteirinha, que não é apenas um pedaço de papel, mas deve sair do bolso e entrar na alma para purificá-la e santificá-la”⁹¹.

Desde sua chegada a Viareggio, os frades Servos de Maria promoveram a devoção a Nossa Senhora das Dores. Na primeira celebração pública, realizada em 6 de junho de 1841, expuseram sobre o altar uma pequena imagem da Virgem dolorosa. Promoveram entre os fiéis a reza da Coroa da Sete Dores e a inscrição na “Confraria do Hábito das Sete Dores da Virgem Maria”. No ano seguinte, em 1842, foi encomendada ao artista Graciano de Faenza uma estátua de Nossa Senhora das Dores para ser colocada no altar da nave transversal da igreja. A estátua ficou pronta em poucos meses e, em 26 de fevereiro de 1843, foi exposta à veneração pública na igreja de Santo André. No segundo domingo da Quaresma do ano seguinte, o primeiro pároco, frei Sóstenes M., Conti, fundou a “*Associação de Maria Santíssima Dolorosa*”.

“Toda a nossa confiança está posta em Deus e na proteção de Nossa Senhora das Dores”. Essas palavras de frei Antônio Maria Pucci, repetidas muitas vezes aos frades e paroquianos, sintetizam a sua espiritualidade⁹². Nossa Senhora das Dores foi sua imagem-guia, e ele quis que o fosse também para os frades e para o povo. Assim declarou o frade servita, Joaquim M. Ducceschi: “A devoção a Nossa Senhora, principalmente a Nossa Senhora das Dores, era algo característico na vida de frei Antônio Maria Pucci... No fim da vida, doente e delirando de febre, repetia: Peço que se lembrem de Nossa Senhora das Dores”⁹³.

Pe. Ludovico Rossi, cônego da arquidiocese de Lucca, declarou: “Posso garantir que ele tinha uma grandíssima devoção à Santíssima Virgem Dolorosa, pois quando falava dela se entusiasmava de modo admirável e se enternecia. Além disso, empenhava-se de todas as maneiras para propagar o seu culto”⁹⁴.

Numa de suas homilias, frei Antônio Maria apresenta Nossa Senhora das Dores desta maneira: “No Calvário, na pessoa do apóstolo João, Jesus agonizante entrega-nos como filhos a Maria, sua Mãe. E como filhos ela nos recebe, nos ama, cuida de nós e nos protege; afasta o que nos prejudica, consola-nos no sofrimento e derrama nos corações amargurados o suave

⁸⁸ *Ibidem*, p. 59.

⁸⁹ *Ibidem*, p. 49.

⁹⁰ *Ibidem*, p. 108.

⁹¹ Cf. P. PENNONI, *Il santo Curatino di Viareggio*, cit., p. 150.

⁹² Cf. G. LUBICH-P. LAZZARIN, *Il Curatino di Viareggio Antonio Pucci*, cit., p. 102-109.

⁹³ SACRA RITUUM CONGREGATIO, *Summarium...*, cit., p. 378.

⁹⁴ SACRA RITUUM CONGREGATIO, *Summarium...*, cit., p. 16-17.

bálsamo da consolação celeste... Tememos talvez ser rejeitados por ela? Não tenhamos medo, irmãos, pois nela nada há de severo, mas tudo inspira graça e amor! Nela, tudo é doçura, piedade e misericórdia!”⁹⁵.

Para levar as pessoas a experimentarem a doçura, a piedade e misericórdia de Maria, ele mesmo compôs várias orações, inclusive as que se rezavam na *Via Matris*, cujos manuscritos ainda se conservam. Celebrava com grande solenidade a oitava da festa de Nossa Senhora das Dores, a sexta-feira da paixão e a sexta-feira santa. E promovia o seu culto também nas sete sextas-feiras que antecediam à festa da sexta-feira da paixão. Todos os meninos e meninas da primera comunhão eram inscritos na “Associação infantil do Hábito de Nossa Senhora das Dores”. O frade servita, Antônio M. Benvenuti, lembra que “quando o mar ficava violento, ele mandava descobrir a imagem de Nossa Senhora das Dores e tocar os sinos para convocar o povo para a oração”⁹⁶. Organizou uma campanha pública para adquirir uma lâmpada votiva para o altar de Nossa Senhora das Dores, que ainda hoje brilha no lado esquerdo do altar que lhe é dedicado.

Em 1864 compôs a *Reforma dos capítulos da venerável Confraria de Maria Santíssima Dolorosa* e fez dela uma associação em condições de colaborar com o pároco em quaisquer necessidades da vida paroquial. Foi a essa associação que, em 1867, ele encarregou de construir o oratório de São José.

O farmacêutico, Ulisses Michetti, é testemunha dos resultados dos esforços de frei Antônio Maria quando declara: “Ele era muito devoto de Maria Santíssima Dolorosa, instituiu sua festa anual e trienal e tudo fez para divulgar essa devoção no meio do povo, de tal modo que ela não ficou delimitada à paróquia de Santo André, mas se estendeu a toda a cidade de Viareggio e continua ainda hoje... Propagou o seu culto também na classe dos marinheiros. Muitos ex-votos expostos na capela de Nossa Senhora das Dores, foram doados por marinheiros. Todos os que eu conheço, e acredito que são muitos, carregam a bordo dos seus barcos a imagem de Nossa Senhora das Dores”⁹⁷.

A esse respeito, frei Sóstenes M. Guglielmi, frade servita, afirma que “em Viareggio não nenhum navio ou barco era inaugurado sem que frei Antônio Maria Pucci fosse chamado para dar a bênção e expor a sagrada imagem. A mesma imagem era também exposta quando havia no mar algum navio em perigo”⁹⁸. Pode-se dizer que uma embarcação de Viareggio distinguia-se das outras por algumas características técnicas, mas principalmente pela presença dessa sagrada imagem.

A devoção do povo de Viareggio a Nossa Senhora das Dores é testemunhada também pelo desgaste de alguns centímetros dos degraus de mármore do altar a ela dedicado, em consequência do uso de tantas pessoas que ali se ajoelham.

Em 23 de junho de 1952, o papa Pio XII (†1958), na audiência concedida aos Servos de Maria e aos peregrinos presentes em Roma para a beatificação de frei Antônio Maria Pucci, fez o seguinte pronunciamento: “Desde o início, ele quis consagrar-se a Deus pelas mãos de Maria na Ordem dos seus Servos fiéis; e, em sua primeira homilia como pároco, colocou a si mesmo e todo o seu povo sob a proteção de Nossa Senhora das Dores. Promoveu zelosamente

⁹⁵ Cf. Leitura alternativa II da Missa de Santa Maria no Sábado: “Santa Maria dos seus Servos”, in *Liturgia das Horas OSM*, edição em língua portuguesa, Roma 1995, p. 436-437.

⁹⁶ SACRA RITUM CONGREGATIO, *Summarium...*, cit., p. 354.

⁹⁷ *Ibidem*, p. 28.30-31.

⁹⁸ *Ibidem*, p. 316.

seu culto, fê-lo penetrar na vida cotidiana, renovou-o incessantemente com tal intensidade que Viareggio se tornou a *Cidade de Nossa Senhora das Dores* por excelência”⁹⁹.

13. MORTE DE UM SANTO

Um dia, em pleno inverno, despojou-se de sua capa e com ela cobriu um pobre que encontrou pelo caminho. Em consequência disso, contraiu pulmonite e, pouco tempo depois, em 12 de janeiro de 1892, após receber os sacramentos, morreu santamente. Todo o povo de Viareggio, inclusive os inimigos da Igreja, choraram a perda do pai comum.

Um frade contemporâneo de frei Antônio Maria Pucci, membro da comunidade de Viareggio, de nome frei Antônio M. Benvenuti, declara: “Certa noite de inverno, eu o vi voltar para casa sem a capa e, ao perguntar-lhe onde a havia deixado, ele me respondeu com sinceridade que a havia dado a um pobrezinho que estava seminu morrendo de frio”¹⁰⁰. “Veja, ela cai melhor em ti do que em mim”¹⁰¹: com essas palavras, frei Antônio Maria teria tirado a capa do seu corpo e colocado nos ombros do “Vovô Sonno”¹⁰², nome como era popularmente conhecido o pobre velhinho que ele havia encontrado na rua, tremendo de frio por falta de agasalho.

Outras testemunhas da época narram que, numa noite do começo de janeiro de 1892, enquanto um forte temporal se abatia sobre a cidade de Viareggio, ele acorreu à cabeceira da cama de um moribundo “desprovido da capa, pois a havia dado a um pobre, como dizia o povo”¹⁰³. Isso foi confirmado por Antônio Del Pistoia, prior da Associação de Nossa Senhora das Dores.

Na festa da Epifania, ele cantou missa solene e, em seguida, foi obrigado a ir para cama. O médico diagnosticou imediatamente broncopneumonia grave e fulminante, provável consequência de uma gripe mal curada.

Sua agonia prolongou-se do dia 7 ao dia 12 de janeiro. No delírio da febre que o acometeu, como registra a ata do processo canônico diocesano, “nada disse nem fez que se opusesse à virtude, e só se mostrou solícito em relação ao seu ministério sacerdotal... profundamente presente no seu subconsciente”¹⁰⁴.

Foi o derradeiro gesto do dever e do amor pelo povo do qual fora pastor. “Não há dúvida de que ele contraiu a doença fatal no exercício do seu dever pastoral”¹⁰⁵. Assim foi atestado oficialmente no veredito do processo canônico.

Frei Antônio Maria Pucci morreu na oitava da Epifania, aos 12 de janeiro de 1892, por volta das 14 horas, em sua cama no convento de Viareggio, depois de ter recebido alguns dias antes o santo Viático e a Unção dos Enfermos, na presença dos seus confrades e do prior provincial.

João Biagi assim descreve os fatos: “Logo que foi dada a notícia da morte, o povo acorrereu à porta do convento e, como demorassem em abrir, os que ali se aglomeravam

⁹⁹ PIO XII, *Allocutio*, in *Acta Ordinis Servorum beatae Mariae Virginis*, 37 (1952), p. 65.

¹⁰⁰ SACRA RITUUM CONGREGATIO, *Summarium...*, cit., p. 355.

¹⁰¹ Cf. P. PANICHELLI, *Il Curatino di Viareggio*, cit., p. 529.

¹⁰² SACRA RITUUM CONGREGATIO, *Summarium...*, cit., p. 336.

¹⁰³ *Ibidem*, p. 44-45.

¹⁰⁴ Cf. *Acta Ordinis Servorum Beatae Mariae Virginis*, 37 (1952), p. 43.

¹⁰⁵ *Ibidem*, p. 316.

comentavam em voz alta: Morreu um santo! Como ele nunca houve outro nem haverá! E ao mesmo tempo choravam. Quando abriram a porta do convento e do escritório paroquial onde havia sido exposto, o povo precipitou-se para dentro e todos se emulavam em beijar-lhe a mão e em cortar pedacinhos de suas vestes que levavam consigo como relíquia e que ainda hoje se conservam religiosamente”¹⁰⁶. O correspondente do jornal *Corriere Toscano* registrou que “uma grande multidão fazia de tudo para entrar na sala... e todos, homens e mulheres, velhos e crianças, aproximavam-se do cadáver para beijar-lhe o rosto, as mãos, os pés, com tal expressão de afeto e de profunda dor que me tocavam o coração”¹⁰⁷.

O farmacêutico, Ulisses Michetti, disse que “se formou uma fila contínua que durou o dia inteiro e todos pediam como relíquia ou como lembrança um pedacinho de suas vestes. Eu mesmo, com a tesoura, cortei centenas de pedacinhos. Em poucos dias, cada casa de Viareggio já tinha um retrato dele pendurado na parede da sala, feito logo depois da morte”¹⁰⁸ pelo fotógrafo de Viareggio, José Magrini¹⁰⁹.

A senhora Cesa Biagi relata que “vinha gente até dos povoados vizinhos para vê-lo, tocar no seu corpo com objetos de devoção e buscar pedacinhos de suas vestes ou da roupa de cama. No convento não sobrou mais nada, nem das roupas de cama nem de outras vestes usadas por ele”¹¹⁰. Os livros conventuais registram que “suas vestes habituais e seus livros, tudo foi distribuído à piedosa veneração da população, que veio até de longe e tudo fez para levar uma lembrança do amado defunto”¹¹¹.

A comuna de Viareggio era governada em 1892 por uma administração que, segundo estudos mais recentes, pode ser definida como “composta de uma maioria de liberais radicais e de uma pequena minoria de liberais moderados e de católicos declarados”¹¹². Esse conselho municipal não deixou de reconhecer os dotes humanos do pároco de Santo André. Como foi escrito no manifesto afixado nos muros da cidade, “a ingratidão não é planta que vingue em nosso chão”. O mesmo manifesto convidava todos os cidadãos “para acompanhar o féretro do benemérito extinto à sua última morada”. E acrescentava: “E não seja este o último tributo da nossa dor e do nosso afeto por aquele a quem devemos uma gratidão imorredoura”¹¹³.

O prefeito, Eduardo Alexandre Tomei, um capitão de mar, que ocupou várias vezes este cargo de 1890 a 1915, na reunião do conselho municipal, realizada dia 13 de janeiro, comunicou a morte de frei Antônio Maria Pucci, e acrescentou: “Prescindindo da sua condição de sacerdote católico, frei Antônio, como homem, foi benemérito do País, uma vez que sua vida foi um apostolado contínuo e incansável de humanidade e de beneficência. Ele mereceu elogios e loas em sua juventude, nos anos 1854-1855 e 1856, quando, com zelo exemplar, prestava assistência às vítimas da epidemia do cólera. Ele sempre esteve presente nos lugares onde havia dor para aliviar ou litígio ou discórdia para compor, dando sempre

¹⁰⁶ SACRA RITUUM CONGREGATIO, *Summarium...*, cit., p. 12.

¹⁰⁷ A matéria do *Corriere Toscano* foi republicada na íntegra como apêndice da obra de L. M. DE VITTORIO, *Ricerche e documentazione sulla morte di fra Antonio Maria Pucci e la venerazione per lui in Viareggio*, in *Studi Storici OSM*, 41 (1991), p. 101-132, às páginas 129-131. Esta citação encontra-se na página 130.

¹⁰⁸ SACRA RITUUM CONGREGATIO, *Summarium...*, cit., p. 34.

¹⁰⁹ *Ibidem*, p. 604.

¹¹⁰ *Ibidem*, p. 86-87.

¹¹¹ U. M. FORCONI, *Piccola storia di un buon pastore*, cit., p. 177.

¹¹² F. DAL PINO, *Il nuovo convento di Sant'Andrea di Viareggio e la figura del Curatino...*, cit., p. 283.

¹¹³ O texto do manifesto foi publicado na íntegra como apêndice da obra de L. M. DE VITTORIO, *Ricerche e documentazione...*, cit., p. 125.

exemplo de vida virtuosa. Jamais tendo-se imiscuído nas questões políticas, deixou esta tarefa a quem de dever, sendo um bom exemplo de como o clero deve comportar-se na convivência civil. Por isso, ele suscitou estima e benevolência”¹¹⁴.

Eis algumas deliberações tomadas nesse dia pelo conselho comunal da cidade: nomeação unânime de frei Antônio Maria Pucci como “cidadão benemérito”; fechamento das escolas e das lojas comerciais como sinal de luto; participação de todo o conselho comunal nas exéquias, levando o “estandarte e a banda musical”; concessão de um túmulo distinto, “o primeiro túmulo de honra” da capela do cemitério comunal: “distinção especial essa concedida ao homem verdadeiramente benemérito da cidade”¹¹⁵.

Na manhã do dia 13 de janeiro foi celebrada a missa de *requiem* pelo prior provincial, frei Ambrósio M. Vitali (†1909); e às 16 horas da tarde do mesmo dia partiu o féretro para o cemitério municipal numa procissão, a um tempo, triste e solene, da qual participou toda a população, embora fosse uma tarde chuvosa e fria de inverno.

Na celebração do trigésimo dia de morte, frei Rafael M. Sarri (†1921) descreveu a procissão fúnebre com estas palavras: “A mais bela demonstração de afeto e de gratidão manifestou-se no transladação do seu corpo..., às 4 da tarde... Desde as 3 horas haviam sido fechadas as escolas e as lojas da cidade e dispensados os trabalhadores das oficinas. Precedia o féretro a banda musical e vinham depois, em ordem, as confrarias, os sacerdotes do Instituto de Lucca e outros residentes na cidade, inclusive o pároco dos frades franciscanos e os frades da Família dos Servos de Maria. O caixão era levado em carro de primeira classe gratuitamente cedido pela venerável Confraria da Misericórdia. Vinham em seguida a comissão das honras fúnebres e uma grande multidão de povo, muitos com velas acesas, recitando o rosário. As ruas por onde passava o féretro ficaram tomadas de gente”¹¹⁶.

Mas o povo que o acompanhava queria cobri-lo novamente de beijos. Narra João Biagi: “Chegados ao cemitério já no final da tarde, quando o caixão foi posto no chão, como eu estava bem perto, o povo aproximou-se de mim e todos insistiam que eu abrisse o caixão para que pudessem vê-lo de novo. Então eu corri para o zelador para que viesse ajudar, mas ele simplesmente pediu que eu atendesse ao pedido deles. Aberto o caixão, muitos o beijaram e tiraram pedacinhos de sua roupa. Eu insistia para que fossem embora, porque a noite vinha chegando, mas com muito custo consegui convencê-los a ir-se. Depois, eu mesmo ajudei os quatro homens que o colocaram no túmulo”¹¹⁷.

A comissão formada para as honras fúnebres promoveu logo em seguida uma campanha pública com o objetivo de “erigir um monumento para perpetuar a sua memória”¹¹⁸. Um busto foi colocado sobre o túmulo, obra do anárquico Di Ciolo, que havia sido chamado para tirar a molde do santo pároco logo depois de sua morte. Dia 15 de janeiro de 1911, foi colocado um busto também no oratório de São José, obra dos escultores A. De Ranieri e filhos, de Seravezza.

¹¹⁴ Cf. F. BERGAMINI, *Le mille e una... notizia di vita viareggina 1169-1940*, Pezzini Editore, Viareggio 1986, p. 230-231.

¹¹⁵ A “Deliberação” do conselho comunal de Viareggio foi publicada na íntegra em SACRA RITUUM CONGREGATIO, *Summarium...*, cit., p. 266-268, e mais recentemente, como apêndice da obra de L. M. DE VITTORIO, *Ricerche e documentazione...*, cit., p. 126-127. Esta citação encontra-se na p. 127.

¹¹⁶ Esta memória do frei Rafael M. Sarri foi publicada na íntegra como apêndice da obra de L. M. DE VITTORIO, *Ricerche e documentazione...*, cit., p. 120-124. A presente citação está na p. 124.

¹¹⁷ SACRA RITUUM CONGREGATIO, *Summarium...*, cit., p. 12.

¹¹⁸ Cf. P. PANICHELLI, *Il Curatino di Viareggio*, cit., p. 645-646.674-675.

Desde 1900 havia sido pedido à administração comunal que dedicasse uma rua da cidade ao frei Antônio Maria Pucci. Devido à oposição dos anticlericais, este pleito só pode realizar-se em 1916, quando foi dado o nome do pároco à antiga rua del Riposo¹¹⁹.

14. VENERAÇÃO E RECONECIMENTO DA IGREJA

Ao encerrar-se a primeira sessão do Concílio Vaticano II, no dia 9 de dezembro de 1962, o papa João XXIII inscreveu-o no catálogo dos santos. Seu corpo repousa na basílica de Santo André, em Viareggio.

De 10 de julho de 1922 a 15 de abril de 1924 realizou-se em Lucca o “processo ordinário informativo sobre a fama da santidade e das virtudes e milagres em geral do servo de Deus, frei Antônio Maria Pucci, conhecido pelo nome de “pequeno pároco”¹²⁰. A ele seguiram-se outros dois processos rogatoriais em Sena e em Roma. Ao todo, foram ouvidas 64 testemunhas. Os três processos foram apresentados à Sagrada Congregação dos Ritos. Em 18 de junho de 1932, foi promulgado o decreto de introdução da causa de beatificação. Em 29 de setembro de 1936, começou em Lucca o processo apostólico, no qual foram ouvidas 75 testemunhas. Em 18 de janeiro de 1948, foi publicado o decreto sobre “as virtudes praticadas de maneira heróica” e, em 2 de março de 1952, o decreto de aprovação dos milagres. O papa Pio XII marcou a cerimônia de beatificação para o dia 22 de junho de 1952¹²¹.

Aos 12 de janeiro de 1954, a Sagrada Congregação dos Ritos publicou o decreto com o qual Pio XII confirmava a retomada da causa de canonização do B. Antônio Maria Pucci. Seu sucessor, o papa João XXIII (†1963), em 17 de julho de 1962, reconheceu a autenticidade dos dois milagres atribuídos à intercessão do bem-aventurado Antônio Maria Pucci. E, em 22 de setembro de 1962, marcou sua canonização para o dia 9 de dezembro de 1962. O papa João XXIII quis encerrar a primeira sessão do Concílio Vaticano II com a canonização de alguns cristãos exemplares, capazes de falar aos homens do seu tempo. Dentre eles, escolheu o bem-aventurado Antônio Maria Pucci da Ordem dos Servos de Maria¹²².

Os milagres reconhecidos pela Igreja para a beatificação foram duas curas instantâneas: a primeira, ocorrida em Viareggio em 1934, de Maria Zappelli, viúva Lippi, de nefrite hemorrágica e uremia tóxica em estado de coma; e a segunda, também ocorrida em Viareggio, em 1935, de Elvira Mallegni in De Angelis de grave artropatia orgânica crônica da articulação da omoplata umeral esquerda (???)

Os milagres reconhecidos para a canonização foram também duas curas: a primeira, ocorrida em Viareggio em 1953, de Carla Rafaela Pucci Cupisti, mãe de família, acometida de artrose deformante e de luxação congênita na anca direita com a perspectiva de amputação do artro; e a outra, ocorrida em Coyhaique, Chile, em 1953, do jovem camponês José Artidoro Barrientos Gómez, que tivera o abdômen e a região pélvica esmagados pelas rodas de um carro carregado de tijolos, com conseqüente fratura de ossos.

Aos 18 de abril de 1920, o corpo do frei Antônio Maria foi trasladado para a igreja de Santo André e colocado num túmulo escavado no piso da nave transversal esquerda da igreja,

¹¹⁹ Ibidem, p. 671-673.

¹²⁰ SACRA RITUUM CNGREGATIO, Summarium..., cit., p. ???

¹²¹ Cf. *Acta Ordinis Servorum Beatae Mariae Virgines*, 37 (1952), p. 37-57. Cf. também F. M. FERRINI, *Il Curatino*, cit., p. 240-243.

¹²² Cf. JOÃO XXIII, *Allocutio*, in *Acta Ordinis Servorum Beatae Mariae Virginis*, 47 (1962), p. 311-318.

próximo ao altar-mor, no lado do Evangelho, dito *cornu evangelii*. No mesmo dia, realizou-se o rito de coroação da imagem de Nossa Senhora das Dores por decreto do Capítulo Vaticano.

Quando foi beatificado, seus restos mortais foram exumados e guardados numa urna de bronze e vidro, obra do artista José Cassioli (†1942), que foi colocada debaixo do altar da capela da nave transversal esquerda da igreja. Dez anos mais tarde, quando foi canonizado, a urna foi posta sobre o mesmo altar, onde se encontra até hoje.

Em 27 de junho de 1963, o papa Paulo VI (†1975) deu à igreja paroquial de Santo André apóstolo de Viareggio o título de basílica menor, como santuário de Nossa Senhora das Dores e de Santo Antônio Maria Pucci.

Paulo M. Orlandini, OSM

PARTE I
A CELEBRAÇÃO DA EUCARISTIA
NA FESTA DE SANTO ANTÔNIO MARIA PUCCI

I. RITOS DE INTRODUÇÃO

1. ANTÍFONA DE ENTRADA

A antífona de entrada da festa de Santo Antônio Maria Pucci (*Is* 49,13), é tirada do Dêutero-Isaías, o profeta autor do assim-chamado *Livro da Consolação*, isto é, os capítulos 40-55 do acervo de Isaías. Os exegetas ressaltam que esses capítulos supõem um contexto histórico profundamente diferente do existente nos capítulos 1 a 39 e se distinguem deles também no estilo literário.

O versículo 49,13 é famoso. Constitui um forte apelo à alegria:

<i>a</i>	Laudate, caeli, et exsulta terra;	Dá louvores, ó céu! Fica feliz, ó terra!
<i>b</i>	iubilate, montes, laudem,	Montanhas, soltai gritos de louvor,
<i>c</i>	quia consolatur Dominus populum suum,	pois o Senhor vem consolar seu povo,
<i>d</i>	et pauperum suorum miseretur.	mostrar ternura para com seus pobres.

Terminou o tempo do exílio do povo de Deus em terra estrangeira e prenuncia-se um tempo de prosperidade e de paz. O apelo, pois, à alegria justifica-se plenamente e todos devem dela participar, inclusive a natureza dita “inanimada”, isto é, o céu, a terra, os montes... Esse versículo (*Is* 49,13) é considerado por L. Alonso Schökel e por L. L. Sicre Diaz “um breve hino cósmico”¹²³, que acompanha o anúncio da libertação.

O apelo à alegria é motivado por um gesto misericordioso de Deus: “Porque o Senhor vem consolar o seu povo” (*Is* 49, 13c). Segundo o pensamento do profeta anônimo, a consolação é uma ação de Deus em favor do seu povo que se encontra em situação de grave sofrimento. O próprio *Livro da Consolação* deixa-o entrever nos versículos iniciais, onde se diz:

“Consolai, consolai o meu povo, diz o vosso Deus.
Falai ao coração de Jerusalém, anunciai-lhe:
Seu cativo terminou, sua culpa está paga,
da mão do Senhor já recebeu,
por suas faltas, o castigo dobrado”.

O final do exílio na Babilônia constitui para o Dêutero-Isaías uma *nova criação* e um *novo êxodo*. Os céus e a terra aludem à nova criação, ao passo que os montes são como que o testemunho da concretização histórica da nova criação. Eles remetem ao evento salvífico da Arca de Noé, a qual, acabado o dilúvio purificador, pousou sobre as montanhas de Ararat (cf. *Gn* 8,4).

¹²³ *I profeti*. Traduzione e commento L. Alonso Schökel e J. L. Sicre Diaz. Edizione italiana a cura di G. Ravasi, Roma 1966, p. 356.

Quanto à referência ao novo êxodo, o profeta usa termos explícitos como os verbos *sair* e *fugir*, e evoca o evento salvífico da água que jorrou da rocha (cf. *Ex* 17,3-6; *Nm* 20,1-13; *1Cor* 10,4), que se renova no novo êxodo. Um texto do Dêutero-Isaías, semelhante ao da antífona de entrada, nos dá uma síntese harmoniosa desses elementos:

“Saí da Babilônia, fugi dos caldeus!
Anunciai num cântico alegre,
levai a todos esta notícia,
fazei que ela chegue aos confins do mundo:
«O Senhor libertou o seu servo Jacó!»
Eles nunca passaram sede,
mesmo quando os conduzia pelo deserto.
Para eles tirou água de uma pedra:
bateu na pedra e a água correu” (*Is* 48,20-21).

É bem apropriada a utilização do versículo 13 do capítulo 49 como intróito da missa de Santo Antônio Maria Pucci: trata-se de um intróito festivo para uma comunidade que celebra com alegria a memória litúrgica do santo pároco. Mas há também um motivo teológico mais profundo. No contexto litúrgico, o versículo bíblico nos mostra “três rostos de consolação”: o rosto de Javé, que se inclina para seu povo oprimido e o consola, libertando-o da escravidão e reconduzindo-o à sua terra; o rosto de Jesus, no qual se manifestam plenamente a bondade e a misericórdia do Pai; e o rosto de Santo Antônio Maria Pucci, rosto de discípulo, no qual se refletem os traços do perfil do Mestre, Bom Pastor e Bom Samaritano, pronto a dar a vida pelos irmãos, solícito em praticar as obras de misericórdia.

A antífona de entrada é apropriada quando anuncia, embora em forma alusiva, os temas principais da celebração. Assim é a antífona de entrada da festa de 12 de janeiro: ela reflete o perfil de Santo Antônio Maria Pucci que conduz suas ovelhas para verdes pastagens e fontes salubres, que compartilha o pão com quem tem fome, veste os nus e consola os aflitos.

Aquele que tem consciência de ter sido consolado sabe consolar os outros. Santo Antônio Maria Pucci, sem dúvida, experimentou em si mesmo a verdade das palavras do Apóstolo: “Ele nos consola em todas as nossas aflições, para que, com a consolação que nós mesmos recebemos, possamos consolar os que se acham em toda e qualquer aflição” (*2Cor* 1,3-4).

Alejandro M. Frausto Medina, OSM

2. COLETA

O servo de Deus, frei Antônio Maria Pucci, foi beatificado por Pio XII em 22 de junho de 1952¹²⁴. Na ocasião, foi composta a oração coleta: «Terminado o hino *Te Deum*, o celebrante, feita a invocação do novo bem-aventurado, cantava sua *oração própria*»¹²⁵. Presume-se que ela tenha sido composta por frei Gabriel M. Roschini¹²⁶.

Entre a oração coleta de 1952 e a do *Próprio das Missas OSM* de 1972 existem algumas diferenças, principalmente na segunda parte. Entretanto, para aquilo que se propõe a presente publicação, não é necessário confrontar sistematicamente os dois textos. Por isso, meu comentário limita-se à oração coleta assim como aparece na liturgia atual dos Servos de Maria.

O texto

- a* Deus, qui beatum Antonium Mariam,
b in Deiparae famulatu et pastorali munere
c mirabilen effecisti,
d concede nobis ut, eiusdem sanctae Virginis ope,
e ad Christi regnum dilatandum
f vitam iugiter impendamus.

Na versão em língua portuguesa, o texto soa assim:

*Ó Deus, que tornastes admirável
santo Antônio Maria Pucci
como servo da Mãe do vosso Filho
e como pastor do vosso rebanho:
fazei que nós também, inspirando-nos na Virgem Maria,
empenhemos a nossa vida
na propagação do Reino de Cristo.*

A coleta tem uma estrutura clássica: uma parte de louvor (letras *a-c*), formulada com o costumeiro pronome relativo (*Deus, qui...*); e outra parte de súplica (letras *d-f*). A coleta é linear, e o léxico, tradicional; o tamanho é moderado (27 palavras no texto latino); as partes são proporcionadas (treze palavras na primeira e quatorze na segunda), e o *cursus*, correto: as duas partes terminam com um *cursus velox* que, neste caso, se revela sobremodo eficaz, porque põe em destaque o zelo do pastor.

Admirável nos seus santos

¹²⁴ Cf. a crônica da beatificação em *Acta OSM* 13 (1952-1954), p. 58-62.

¹²⁵ Cf. *Ibidem*, p. 59: Expleto hymno “Te Deum” Exc.mus celebrans, facta invocatione novi Beati eiusdem orationem propriam decantabat.

¹²⁶ Na Introdução geral dos *Studi Storici OSM* 15 (1965), fasc. I-IV. *Uffici propri dei Santi e Beati OSM*, texto oficial com notas críticas e bibliografia, que veio à luz em 1966, fala-se da colaboração dada por frei Gabriel M. Roschini na revisão das biografias litúrgicas (p.10).

A coleta encerra os ritos iniciais. A memória litúrgica de Santo Antônio Maria Pucci é uma *festa*. Por isso, a coleta é rezada depois do *Glória*. A comunidade já louvou, bendisse, adorou, glorificou e deu graças ao “Senhor Deus, Rei do Céu, Deus Pai todo-poderoso... por [sua] imensa glória”.

Nesse contexto doxológico, a coleta proclama que Deus tornou admirável (*mirabilem effecisti*) Santo Antônio Maria Pucci como servo da Mãe de Jesus e como pastor do rebanho.

Desde séculos, a liturgia romana canta o versículo 36a do *salmo 68 (67)*, nestes termos: *Mirabilis Deus in sanctis suis!*¹²⁷, versículo em que se baseava o invitatório do Comum dos Santos: “ *Mirabilem Deum in sanctis suis, venite, adoremus*” (= *Vinde adoremos o Senhor: sua glória resplandece nos santos*).

Deus Pai é admirável na sua infinita grandeza e na sua insondável essência divina, admirável no seu desígnio salvífico, nas obras que realiza (*mirabilia*) em favor dos homens, no amor com que envolve os seus filhos e filhas. Assim, Deus envolveu Santo Antônio Maria Pucci com um manto de amor e de graça e ele deixou-se envolver: Aquele que é Admirável fê-lo admirável no serviço (*famulatu*) à Virgem Maria e admirável na ação pastoral (*pastorale munus*) de conduzir as suas ovelhas para os verdes prados da salvação.

Na propagação do Reino de Cristo

Na segunda parte da coleta – a súplica (letras *d-f*) – faz-se o pedido, em harmonia com o perfil do santo pároco, isto é, que nós empenhemos, ou melhor, gastemos nossa vida (*vitam impendere*) na propagação do reino de Cristo.

Nas entrelinhas da coleta não se pede um reino com expectativas terrenas de poder. O reino deve ser entendido na sua acepção bíblica. Primeiro, à luz da resposta de Jesus a Pilatos: “O meu reino não é deste mundo” (*Jo 18,36a*). Depois, na perspectiva da oração que Jesus ensinou aos seus discípulos: “Venha a nós o vosso reino” (*Mt 17,10a*), e de acordo com o significado das palavras com que Jesus inicia suas parábolas: “O reino dos céus é semelhante...”. Por fim, na sentido que lhe dão os exegetas, segundo os quais o reino é Jesus mesmo: na sua pessoa e na sua mensagem se condensam todos os valores de graça e de santidade do Reino. Jesus é o Reino e o Reino é Jesus. O prefácio da solenidade de Cristo Rei do Universo define o reino com uma síntese muito feliz:

“Reino eterno e universal,
reino de verdade e de vida,
reino de santidade e de graça,
reino de justiça, de amor e de paz”.

A consolidação e expansão desse reino de santidade e de amor é uma causa pela qual vale a pena dar a vida. A coleta, com efeito, pede para cada um dos participantes da celebração

¹²⁷ Assim está na *Vulgata Clementina*, edição preparada por ordem de Clemente VIII com o objetivo de dar à Igreja o texto *autêntico* da *Vulgata*, depois de tê-lo submetido a uma rigorosa revisão de eminentes estudiosos. O mesmo Clemente VIII promulgou o texto em 1º de novembro de 1492. Em 1969 veio à luz a *Nova Vulgata. Bibliorum Sacrorum Editio*. Sacros. Oecum, Concilii Vaticani II ratione habita, iussu Pauli Pp. VI recognita, auctoritate Ioannis Pauli Pp. II promulgata. Também a Nova Vulgata foi promulgada em vista principalmente do uso litúrgico. Nela o versículo 36a do *salmo 68 (67)*, mais fiel ao texto hebraico, soa assim: “ *Mirabilis, Deus, de sanctuario tuo!*”. Todavia, o invitatório do Comum dos Santos (“ *Mirabilis, Deus, in sanctis tuis, / venite adoremus*”) não foi modificado, sem dúvida devido à sua antiguidade: encontra-se já no Antifonário de Verona do século XI (cf. ACO III, n. 1105).

eucarística a graça de gastar a própria vida (*vitam impedere*)¹²⁸ para a propagação do Reino¹²⁹. Assim fez Jesus e assim devem fazer os seus discípulos (cf *1Jo* 3,16).

Nenhum outro lugar era mais apropriado do que a cruz para afixar a tabuleta escrita pelo Procurador de Roma: “Jesus Nazareno Rei dos Judeus” (*Jo* 19,19c). Frei Antônio Maria Pucci sabia muito bem que os fiéis da paróquia de Santo André eram uma porção do rebanho de Cristo, pelo qual o pastor deve dar sua vida (cf. *Jo* 10,11).

Ele foi coerente. Deu a vida por suas ovelhas, doando-se por elas dia e noite. Compromisso árduo este, para ele e para qualquer pároco. Fiel à espiritualidade da Ordem, a coleta implora a ajuda da Virgem (*sanctae Virginis ope*), para que todos os discípulos de Cristo cumpram com diligente dedicação as tarefas pastorais que lhes são confiadas.

IGNACIO M. CALABUIG, OSM

¹²⁸ A expressão *impendere vitam* (gastar a vida), que evoca a palavra vibrante do Apóstolo: “Quanto a mim, de muita boa vontade gastarei o que for preciso (libertissime *impendam et superimpendam*) e me gastarei inteiramente por vós” (*2Cor* 12,15), traça com perfeição o perfil de Santo Antônio Maria Pucci. Essa expressão aparece duas vezes no Missal Romano de 1972: na ode de São Josafá, bispo mártir (12 de novembro): “*vitam nostram / ad honorem et unitatem Ecclesiae libenter impendamus*”; e na ode do comum dos Pastores. V. Por um missionário, 1: “pro qua (fies) beatus N. laborare non desuit / et *vitam suam impendit*”.

¹²⁹ Pedir a Deus a graça de empenhar a própria vida na propagação do Reino não é um hapax (???) na liturgia da Ordem. Também a coleta de São Filipe Benizi (23 de agosto) termina pedindo a graça de colaborar com o compromisso de expandir o Reino de Cristo.

12 de janeiro

23 de agosto

Concede nobis ut

concede nobis famulis tuis

*eiusdem sanctae Virginis ope
ad Christi regnum dilatandum
servientes,
vitam iugiter impendamus.
dilatemus ardore.*

*ut tanti Patris imitatione
beatae Virginis fideliter
Fili tui regnum apostolico*

II. LITURGIA DA PALARA

1. PRIMEIRA LEITURA

Ez 34,11-16.31 e Salmo 23 (22), 2-3.4.5.6

Notas exegéticas

Eis que eu mesmo buscarei as minhas ovelhas e tomarei conta delas

Pois assim diz o Senhor Deus: Eis que eu mesmo buscarei as minhas ovelhas e tomarei conta delas. Como o pastor toma conta do rebanho quando ele próprio se encontra no meio das ovelhas dispersadas, assim irei visitar as minhas ovelhas e as resgatarei de todo os lugares em que foram dispersadas em dia de nuvens e de escuridão.

Eu as retirarei do meio dos povos e as recolherei do meio dos países para conduzi-las à sua terra. Apascentarei as ovelhas sobre os montes de Israel, no vale dos córregos e em todas as regiões habitáveis do país. Eu as apascentarei em viçosas pastagens, e no alto monte de Israel estará o seu curral. Ali repousarão num belo redil e pastarão em suculentas pastagens sobre os montes de Israel.

Eu mesmo apascentarei as minhas ovelhas e as farei repousar – oráculo do Senhor Deus.

Procurarei a ovelha perdida, reconduzirei a desgarrada, fortalecerei a dente e vigiarei a ovelha gorda e forte. Vou apascentá-las conforme direito.

E quanto a vós, minhas ovelhas, ovelhas de minha pastagem, vós sois seres humanos, e eu sou o vosso Deus – oráculo do Senhor Deus.

1.1 – Contexto histórico

Os hebreus deportados para a Babilônia, depois de assédio de Jerusalém (597 a.C.), mantêm a esperança de voltar para a sua pátria. Em vão Jeremias escreve-lhes de Jerusalém para que aceitem resignados o exílio¹³⁰. Os deportados, enganados por falsos profetas (Ez 13; Jr 29,8), não acreditam nele. Em 593 (Ez 1,1-3), um dos exilados – o sacerdote Ezequiel¹³¹ – é encarregado por Deus para anunciar ao povo que o pior ainda está por vir (cc. 4-7). De fato, em 588, Nabucodonosor destrói Jerusalém e deporta mais um grupo de judeus (2Rs 25; Jr 39,1-10). Ora, os hebreus perderam tudo: o reino, que Deus havia prometido a Davi que duraria para sempre (2Sm 7,16), a terra prometida e a certeza de ser o povo eleito. E está em crise também a fé neste Deus que os castiga pelos pecados de seus pais (Dt 5,9-10)¹³².

¹³⁰ “Empenhai-vos pelo bem-estar da cidade para onde vos exilei, orai a Deus por ela, pois a felicidade desse lugar será vossa fidelidade”(Jr 29,7). Cf. L. ALONSO SCHÖKEL – J. L. SICRE DIAZ, *I Profeti* (Roma 1984), 754.

¹³¹ Do hebraico *Jehezqel* (=Deus é forte). Filho do sacerdote Buzi, ele, segundo Flávio Josefo, era ainda menino quando foi deportado (*Antiquitates Iudaicae* X, 98; Ez 1,1). Ezequiel ficou viúvo antes da queda da cidade santa (24,18), e tudo leva a crer que morreu no exílio.

¹³² O profeta contesta a teologia corrente segundo a qual Deus castiga os filhos pelos pecados dos pais (c. 18), e reivindica a responsabilidade de cada um. Cf. G. RAVASI, *I Profeti* (Milano 1975), 260-262; L. ALONSO SCHÖKEL e J. L. SICRE DIAZ, *op. cit.*, 754-759; G. V. RAD, *Teologia dell'Antico Testamento* (Brescia 1974) II, 273.

Nesse trágico contexto, Ezequiel, o sacerdote guardião da tradição, chamado por Deus para viver um modo totalmente novo de ser-lhe fiel¹³³, denuncia os responsáveis da catástrofe e encoraja o povo para assumir uma relação nova com o Senhor Deus.

O profeta se dirige, em particular, aos “pastores de Israel” (34,1)¹³⁴, responsáveis pela ruína do povo, identificando-os com os príncipes que exploram o povo, com os sacerdotes que violam a lei, com os nobres que devoram a presa, com os profetas que oferecem falsas visões e com os ricos que exploram o pobre (22,25-31; Zc 11,16)¹³⁵. O Senhor Deus - único dono do rebanho – rebaixará estes pastores que “guiam (as ovelhas) com crueldade e violência” (v. 4) e assumirá o seu lugar (vv. 7-10; Jr 23,1-8)¹³⁶, não dominando, mas colocando-se a serviço do seu povo (vv. 15-16; cf. Jo 10,11; Mc 10,45). Aos exilados dá-se a certeza de que – uma vez libertados dos “dentes dos pastores” – terão um novo pastor, Davi, o qual inaugurará “uma aliança de paz” que fará “desaparecer do país os animais ferozes” (34,23-25).

No seu discurso de acusação, Ezequiel não poupa o povo que não é imune de culpa (“eu julgarei entre a ovelha gorda e a ovelha magra”, v. 17), mas o capítulo 34, que começa com uma ameaça (“ai”, v. 2), termina com uma imagem de esperança: deserto e bosques, de lugares inóspitos que eram se tornarão acolhedores (vv. 26-29).

1.2 – Comentário ao texto

Vers. 11: *Pois assim diz o Senhor Deus: Eis que eu mesmo buscarei as minhas ovelhas e tomarei conta delas*

A Escritura mostra um Deus que sempre socorre aqueles dos quais ninguém se ocupa (Ex 3,7-10; Dt 10,18; Sl 12,6; 35,10; 82,1-4; 107; Is 1,17; 58,6; 61,1; Jr 21,11s)¹³⁷, e Ezequiel anuncia que o Senhor Deus¹³⁸ vem – como no primeiro êxodo – para libertar Israel (Ez 3,8), submetido a uma dupla escravidão: dos inimigos e dos chefes do povo. É “Adônâj JHWH”¹³⁹

¹³³ Na medida em que as certezas teológicas de Ezequiel caem por terra (veja a manifestação da “glória de Deus” em terra pagã, 1-3,15), o profeta percebe a necessidade de abrir-se para uma nova aliança, na qual não haverá mais lugar para a velha tradição religiosa (c.17). Em Ezequiel eclipsa-se gradualmente o sacerdote e emerge o profeta que, livre dos mitos do passado (8-11; cf. Jr 2,2; Os 2,16-17), chega a denunciar Jerusalém e a terra prometida como ídolos que “levam ao pecado” o povo (14,3) e lhe impedem de perceber a presença de Deus (14,1-8), que - abandonado o templo (10,18) - vive com seu povo (37,27). Cf. L. MONARI, *Ezechiele. Un sacerdote-profeta* (Brescia 1988), 131-135; L. ALONSO SCHÖKEL – J. L. SICRE DIAZ, *op. cit.*, 756-757.816; A. M. CASAMITJANA, *Dall'esodo al "nuovo esodo" del deutero-Isaia*, Bibbia e Cristologia (Torino 1987) 149.

¹³⁴ Os babilônicos aplicavam a imagem do pastor à divindade e aos detentores do poder. Em Israel, a figura do pastor aplica-se a Deus (Gn 48, 15; 49,24; Sl 74, 1, 77,21, 78,52; 79,13; 80,2; Os 4,16; Zc 11,4-7) e ao rei (Sl 78). Quanto ao povo visto como “rebanho”, cf. 2Sm 24,17; 1Cr 21,17; Sl 95, 7; 100, 3; *Enoch etiopico* (89-90); J. JEREMIAS, ποιμήν, GLNT, X, 1195-1200.

¹³⁵ Também o profeta Jeremias se havia dirigido com palavras muito ásperas aos “pastores que destroem e dispersam o rebanho da minha pastagem” (Jr 23,1).

¹³⁶ Um só pastor para todo o rebanho (37,24; *rô 'ê'echâd*, 34, 23, e não “pastores” no plural, cf. Jr 23,4), que não terá o título de “rei” (mâlâk), mas só de “príncipe” (nâshi).

¹³⁷ Cf. J. MATEOS – F. CAMACHO, *El horizonte humano* (Córdoba 1989), 116-117.

¹³⁸ “Eu vos farei passar sob o cajado do pastor e vos farei entrar no vínculo da aliança...” (20,37); assim faz o pastor para contar as ovelhas (Lv 27,32).

¹³⁹ Literalmente, “o meu Senhor, JHWH”. Das 350 vezes que essa expressão é usada pelos profetas (principalmente por Amós e Isaías), bem 217 vezes estão em Ezequiel. Cf. O. EISSFELDT, *Adôn*, GLAT I, 134-136,140, JHWH: as quatro letras que compõem o nome de Deus (a pronúncia “Javé” é apenas hipotética).

aquele que fala. Essa fórmula, muito cara aos profetas, enfatiza, de modo solene e, ao mesmo tempo, familiar, o senhorio absoluto de JHWH.

Vers. 12: *Como o pastor toma conta do rebanho quando ele próprio se encontra no meio das ovelhas dispersadas, assim irei visitar as minhas ovelhas e as resgatarei de todo os lugares em que foram dispersadas em dia de nuvens e de escuridão.*

A insistência de Ezequiel no pronome possessivo (“minhas ovelhas/meu rebanho” [usado 15 vezes]) é intencional. O Senhor Deus reivindica a propriedade do povo: é seu. Por isso – como um pastor ao qual lhe foi roubado o rebanho – coloca-se decididamente nas pegadas das ovelhas pra libertá-las e levá-las a um lugar seguro (*Tb* 13,5).

A dispersão aconteceu “no dia de escuridão”¹⁴⁰, o “dia do Senhor”, tempo de castigo (7,7.10.12; 13,5; 26,18; 27,27; 30,3.18; 32,10; 38,10; *Jl* 2,2; *Sf* 1,15-16) no qual o próprio JHWH conduziu “os povos mais ferozes” contra Jerusalém (7,24). Mas é um dia aparentemente já passado. Agora já não é mais tempo para destruir, mas para construir.

Vers. 13 - *Eu as retirarei do meio dos povos e as recolherei do meio dos países para conduzi-las à sua terra. Apascentarei as ovelhas sobre os montes de Israel, no vale dos córregos e em todas as regiões habitáveis do país.*

Depois de ter punido Israel, que se havia afastado dele, Deus confirma a promessa de uma nova aliança: “Eu vos recolherei dentre os povos e vos reunirei dentre os países pelos quais fostes dispersados e vos darei a terra de Israel” (11,17; 36, 24-28). Será um novo êxodo, no qual JHWH mais uma vez se revelará como Deus salvador que liberta o povo da prisão e conduz os exilados para uma terra da qual tomarão plena posse (montes/vales/prados) (cf. *Mq* 7,14).

Vers. 14 - *Eu as apascentarei em viçosas pastagens, e no alto monte de Israel estará o seu curral. Ali repousarão num belo redil e pastarão em suculentas pastagens sobre os montes de Israel.*

Na literatura babilônica, a figura do “monte” evoca tudo o que é longínquo e inacessível¹⁴¹. Ezequiel, dirigindo-se aos exilados numa infundável planície (Babilônia), garante-lhes que serão reunidos (redil) num lugar de refúgio seguro (altos montes, cf. *IMac* 2,28), onde suas angústias chegarão ao fim (verdes pastagens)¹⁴². Quanto ao significado teológico do termo “monte” [em hebraico, *har*], lugar onde a divindade se encontra com o homem, o profeta não indica só a lugar seguro, mas também a possibilidade de comunhão contínua com Deus (40,2)¹⁴³.

Vers. 15 - *Eu mesmo apascentarei as minhas ovelhas e as farei repousar – oráculo do Senhor Deus.*

¹⁴⁰ Em hebraico *byon ‘ānan wa ‘arāfel*, literalmente. *No dia de nuvens e de escuridão*, cf. *Ez* 30,3.38; 32,7; *Jr* 13,16; *Jl* 2,2; *Am* 5,18-20. O que o profeta quer transmitir não é um dado cronológico, mas teológico. Cf. W. EICHRDIT, *Ezekiel. A commentary* (Ondon 1986) 471.

¹⁴¹ Cf. W. FOESTER, ὄρος, GLNT VIII 1332-1333.

¹⁴² Sobre os montes, normalmente desmatados (cf. *Js* 17,15-18), crescia a erva das pastagens: “faz brotar sobre os montes a erva” (*Sl* 147,8). A metáfora da pastagem designa a salvação dos tempos messiânicos (*Sl* 23[22], 2; *Is* 49,8-10; *Jr* 23, 1-8; *Os* 13,5-6). I. DE LA POTTERIE, *Studi di cristologia giovannea* (Genova 1986), 98.

¹⁴³ No oriente, o templo é muitas vezes comparado a um monte, porque, como este, é a morada de Deus (*ICr* 16,39). Cf. W. FOESTER, *art. cit.*, 1335-1337.

O Senhor Deus em pessoa tomará conta de “suas” ovelhas. Ao contrário dos “pastores de Israel” que exploraram o rebanho para apascentar a si mesmos (2,10), JHWH compromete-se a conduzir o seu povo para um lugar protegido contra os inimigos, onde reina grande tranqüilidade¹⁴⁴. A promessa termina com a fórmula clássica “oráculo do Senhor Deus”, com a qual o profeta enfatiza que é Deus mesmo que fala¹⁴⁵.

Vers. 16 - *Procurarei a ovelha perdida, reconduzirei a desgarrada, fortalecerei a dente e vigiarei a ovelha gorda e forte. Vou apascentá-las conforme direito*¹⁴⁶.

A figura ideal do pastor é aqui contraposta à atitude egoísta dos chefes de Israel¹⁴⁷. A busca do rebanho disperso por parte de JHWH parece responder ao grito do salmista: “sou errante como ovelha desgarrada: procura teu servo...” (Sl 119 (118), 176)¹⁴⁸. Extraviar-se significa morte certa para o animal, ao passo que ser encontrado equivale à vida. A imagem do redil, lugar seguro, exprime a certeza da salvação.

Na nova relação com o seu povo, o Deus-Pastor faz seu trabalho tendo em conta as características pessoais de cada pessoa (doente/ferida), cuidando para “não quebrar o ramo já machucado e apagar o pavio já fraco de chama” (Is 42,3; cf. Mt 12,20).

Vers. 31 - *E quanto a vós, minhas ovelhas, ovelhas de minha pastagem, vós sois seres humanos, e eu sou o vosso Deus – oráculo do Senhor Deus.*

O capítulo termina no versículo 30, com a fórmula clássica da aliança: “Assim saberão que eu, o Senhor, sou o Deus-com-eles, e eles o meu povo, a casa de Israel – oráculo do Senhor Deus” (11,20; 14,11; 36,28; 37,23.27; cf. Lv 26,12). O versículo 31 é um acréscimo posterior que enfatiza a identidade óbvia entre o rebanho e o povo (Sl 74,1; 79,13; 95,7; 100,3)¹⁴⁹.

1.3 – Aplicações do capítulo 34 de Ezequiel no Novo Testamento

Além da parábola da ovelha extraviada/perdida (Mt 18,12-14; Lc 15,4-7) e do tema do pastor ideal, retomado por João 10,1-18, em outras passagens do Novo Testamento encontramos claras referências a Ezequiel.

¹⁴⁴ “O meu povo então passará a morar em ambiente feliz...” (Is 32,18).

¹⁴⁵ Em hebraico, *ne’ûm ‘adonâi JHWH*. A expressão aparece cerca de 80 vezes em Ezequiel. Na parábola da ovelha extraviada/perdida, Mateus e Lucas seguem a versão grega dos LXX (πλανώμευου, ἀπολωλός. Mt 18,10-14; Lc 15,3-7). Aparentemente semelhante nos dois evangelistas, a parábola apresenta uma evidente diferença temática. Para Mateus, a ovelha foi “extraviada” (ou melhor, “enganada/traída”, πλανηθή, de πλανάω = desviar, induzir ao erro; cf. Is 53,6 LXX) esse refere aos mais “pequenos” (μικροί) da comunidade que são escandalizados pelo comportamento daqueles que pretendem ser os “maiores” (μείζου) na comunidade mesma (Mt 18,1-9; cf. Jr 27,6 LXX: os culpados pelo extravio das ovelhas são os pastores, e todo o povo de Israel é como uma ovelha extraviada (πρόβατου πλανώμενον Ἰσραήλ, v. 17). Em Lucas, a ovelha foi perdida (ἀπολωλός [15,4] de ἀπόλλυμι), situação de perda culpável da qual o Senhor Deus vem salvar (cf. o filho que estava “perdido”, ἀπολωλός, Lc 15,24,32; 19,10).

¹⁴⁶ Omitido o termo “fracos”, a ordem do primeiro grupo de ovelhas aqui aparece invertida (vers. 4: enfermas, feridas – dispersas – extraviadas).

¹⁴⁷ Cf. SCHNACKENBURG, *Signoria e Regno di Dio* (Bologna 1990, 31. 36).

¹⁴⁸ Note-se que Ezequiel e o salmista usam termos idênticos: *’obed* = extravio (de *’bd*, extraviar, cair em ruína); *biqesh* = procurar; *seh* (vers. 17) = ovelha.

¹⁴⁹ Cf. W. EICHRODT, *op. cit.* 484; L. ALONSO SCHÖKEL - J. L. SICRE DIAZ, *op. cit.*, 916.918.

A tristeza de Deus diante da dispersão do povo, rebanho “que ninguém pergunta por ele nem o procura” (Ez 34,6), é aplicada por Mateus e Marcos a Jesus quando ensinava na Galiléia: “Ao ver as multidões, Jesus encheu-se de compaixão por elas, porque estavam cansadas e abatidas, como ovelhas que não têm pastor” (Mt 9,36; Mc 6,34). A denúncia contra os membros prepotentes da comunidade (Ez 34,17-22) é retomada por Mateus 25, 31-46, no tema do juízo final.

Em Marcos 1,32.34 (cf. 2,17; 6,55) temos uma clara alusão a Ezequiel 34, 4 LXX. O Evangelista, ao descrever a condição dos doentes que eram levados a Jesus para que os curasse, não os aponta como “enfermos” (ἀσθενείς), mas como “aqueles que estavam doentes” (τούς κακῶς ἔχοντα). Usando a mesma expressão de Ezequiel 34,4, Marcos denuncia que o sofrimento do povo continua a ser provocado pela opressão e pela indiferença dos pastores de Israel¹⁵⁰.

A tentação de impor-se com autoridade sobre o rebanho está presente também nas comunidades cristãs. O autor da *IPedro*, chamando à responsabilidade os responsáveis/anciãos (πρεσβυτέρους) da comunidade, exorta-os a apascentar o rebanho de Deus que lhes foi confiado, cuidando dele não por coação mas de coração generoso; não por torpe ganância, mas livremente; não como dominadores daqueles que lhes foram confiados, mas antes, como modelos do rebanho (*IPd* 5,2-3; cf. 2,25; Ez 34, 2ss).

ALBERTO M. MAGGI, OSM

2. O AMOR APAIXONADO DE DEUS PELO HOMEM

Ez 34, 11-16.31

Reflexão bíblica

E o Senhor Deus chamou o homem (cf. Gn 3,9).

Este Deus que sempre procura o ser humano, incansável mendicante de humanidade, reaparece na imagem do Deus-Pastor de Ezequiel: “Eu mesmo buscarei minhas ovelhas” (Ez 34,11).

Um Deus que procura e cuida: nestes dois verbos sintetiza-se a essência mesma da Ágape divina, que nada mais é do que a riqueza que vai em busca da nossa pobreza.

Deus não tem como objetivo da história a si mesmo, a própria glorificação e a própria honra. Seu objetivo é o ser humano. E, no alto, o sonho da comunhão: “Buscarei as minhas ovelhas..., as recolherei..., as reunirei...”, contra as forças de desagregação que nos assediam de dentro para fora. Ele enfatiza a força da comunhão. É um horizonte de encontros, em vez de deserto e de passos vãos.

Em qualquer lugar aonde as fadigas da vida ou a violência dos eventos nos tenham dispersado, Ele fará ressoar o apelo ao encontro. E a Igreja ecoa o desejo de Deus: “Reuni em vós, Pai de misericórdia, todos os vossos filhos e filhas dispersos pelo mundo inteiro” (Oração Eucarística III).

Se há algo de santo em nós é a necessidade que temos de comunhão. Nosso anseio de unidade, de aliança, de partilha da nossa fraternidade é um caminho que vem do mais profundo da matéria, que brota dos instintos mais íntimos, que vibra na nossa própria estrutura

¹⁵⁰ Cf. J. MATEOS – F. CAMACHO, *Evangelio, figuras y símbolos* (Córdoba 1989), 183.

fisiológica, que sobe ao núcleo das esperanças, que se encaixa, enfim, no projeto mesmo de Deus.

Um Deus tomado de cuidados (*Ez 34,16*). A ágape divina resume-se em verbos de ação: “enfaixarei... fortalecerei... cuidarei”, em gestos e não em emoções, e se encarna em pequenas histórias de corpos tocados, resgatados da dor e do anonimato. O amor não é um estado de espírito, mas é uma obra de nossas mãos. Não se dirige a todos, com generosidade generalizante, mas concentra-se em cada pessoa. Sabemos, com efeito, que não é possível amar a humanidade. Amam-se os seres humanos, um a um, cada qual com sua carga de desejos, cada qual com o peso de sua dor.

Amor é preferência. Mas, segundo o profeta, Deus prefere cada pessoa. Cada um é um “filho predileto”. Em cada um Ele se compraz. A cada um Ele grita usando as palavras de Sofonias: “Tu me deixas contente e alegre” (cf. *Sf 3,17*).

“Cuidar” não é um gesto ocasional, mas inclui o desafio da perseverança. Não é um ato pontual, mas um estilo que se prolonga, feito de delicadeza e persistência.

Isso porque, ocasionalmente, qualquer um é capaz de amar. Até a pessoa má é capaz de querer bem de vez em quando. Ao contrário, amar como projeto cotidiano, por tempo indeterminado, como objetivo constante e sempre menos seletivo: é isso que distingue o gesto aventureiro e casual do amor que é prolongamento do estilo de Deus.

Como chegar a alguém lá onde ele está e não onde gostaríamos que estivesse? Como reconhecer e encontrar “o perdido... o doente... o ferido... o forte” (vers. 16)? Aprendendo a viver os questionamentos. Sem preocupar-nos em encontrar logo a resposta adequada, mas oferecendo a cada um o primeiro serviço que é a escuta. Escutar o silêncio e o grito de todo ser vivo. O ser humano começa a sentir-se melhor quando supera a sensação terrível de que ninguém se importe com sua história e de que não exista o amor desinteressado.

Todo ser humano exige ser interpretado de maneira diferente. Na exegese da existência, o Espírito que nos guia para dentro da Palavra, nos leva antes para dentro da vida. Existir para Deus, para curar a vida: esta é talvez a síntese da missão de cada filho de Deus, guarda do irmão (cf. *Gn 4,9*).

A fé está no infinito amor apaixonado pelo ser, como diz Kierkegaard. Só quem tem esse amor apaixonado sabe onde está o ser humano e chega até onde se levanta o seu grito. Todo homem tem uma via de acesso, mas cada um tem uma via de acesso diferente. Só vivendo a fundo os questionamentos, o Espírito, intérprete e doador de vida, nos dá palavras e gestos capazes de encontrar a via de acesso ao coração, eco e resplendor do amor apaixonado de Deus por cada um.

O ser humano, essa paixão inútil, dizia J.-P Sartre. Pelo contrário, para o Deus de Ezequiel o ser humano é uma paixão em condições de atravessar a eternidade.

ERMES M. RONCHI, OSM

3. SALMO RESPONSORIAL

Salmo 23 (22), 2-3.4.5.6

R. O Senhor é o pastor que me conduz; não me falta coisa alguma

Ele me faz descansar em verdes prados,
a águas tranqüilas me conduz.

Restaura minhas forças, guia-me pelo caminho certo,

por amor do seu nome. R.

Se eu tiver de andar por vale escuro,
não temerei mal nenhum, pois comigo estás.
O teu bastão e teu cajado
me dão segurança. R.

Diante de mim preparas uma mesa
aos olhos de meus inimigos,
unges com óleo minha cabeça,
meu cálice transborda. R.

Felicidade e graça vão me acompanhar
todos os dias da minha vida
e vou morar na casa do Senhor
por muitíssimos anos. R.

A quintessência do pensamento teológico de Israel¹⁵¹ é expressa neste salmo com imagens ricas e essenciais que podem ser percebidas por todos, mesmo por aqueles que não tenham familiaridade com a cultura agro-pastoril.

Do gênero dos “salmos de confiança” (*Sl* 4, 11, 16, 27, 62,125), ao poema foi acrescentado posteriormente o título “Salmo de Davi”, que indica o nome do autor e a modalidade de execução¹⁵². Devido à falta de uma referência cronológica precisa, não é possível datar o salmo. Vista a temática tratada, estamos talvez no período do pós-exílio (cf. *Dêutero-Isaías* e *Ez* 34).

A composição apresenta dois temas distintos (vers. 1-4: tema do “pastor”; vers. 5-6: tema do “hóspede”). O primeiro versículo da primeira parte é a chave-de-leitura de todo o salmo: falando de ovelhas e de pastores, o salmista remete ao relacionamento entre o ser humano e seu Deus¹⁵³.

3.1 – *O canto do pastor*

Neste salmo, a história do povo e a história de cada pessoa fundem-se e desabrocham numa expressão de plena confiança no único Pastor, o Senhor Deus, que libertou Israel do Egito e o “conduziu como um rebanho” pelo deserto, provendo-lhe água, alimento e repouso (*Sl* 77, 21; *Is* 63,14). Tal experiência é, para Israel, garantia de serenidade no presente e de confiança no futuro.

¹⁵¹ Cf. L. ALONSO SCHÖKEL, *Trenta salmi: poesia e preghiera* (Bologna 1982) 113.

¹⁵² Em hebraico, *mizmôr ledâwîd*, de *zâmar* = “tocar com instrumento”. O rei Davi era tido no passado como autor do saltério (*ISm* 16,14-23; *2Sm* 1,17ss; 6,5-15; 22,1; *Cr* 25,1-31; *Pes*.(???) 117a).

¹⁵³ O salmo trata de “ovelhas”, mas os termos utilizados referem-se aos seres humanos: *nephesh* (alma-vida) (vers. 3), *zedeq* (justiça) (vers. 3), *shem* (nome) (vers.3), *nacham* (consolação) (vers. 4). Cf. L. ALONSO SCHÖKEL, *op cit.*, 117.

Vers. 1a – *O Senhor é o meu pastor* ¹⁵⁴

Aquilo que em nossas línguas se diz usando 5-6 vocábulos é expresso de maneira mais enxuta em hebraico: “JHWH ro’î”, dois termos apenas para afirmar de maneira categórica que o único pastor reconhecido como tal é JHWH (*Dt* 32,12; 6,4)¹⁵⁵. Não se trata de um “senhor” genérico que pode confundir-se com tantos supostos “senhores”, mas de JHWH (cf. *1Cor* 8,5-6). Dessa promessa o salmista passa para a conseqüência.

Vers. 1b - *Não me falta coisa alguma*

JHWH sempre reivindicou o direito de ser o único e governar Israel. Quando é o Senhor Deus que se ocupa do seu povo, este prospera serenamente; quando são seus falsos representantes que o fazem, vem a tragédia (*Ez* 34,1-10)¹⁵⁶.

Vers. 2 - *Ele me faz descansar em verdes prados, a águas tranqüilas me conduz.*

O rebanho-Israel sabe que, confiando em JHWH, “por todo o caminho terá o que comer, em qualquer chão seco poderá se alimentar; jamais terá fome ou sede, o sol ou o calor não o atingirá, pois Aquele que dele se condeu é que vai conduzindo este povo e Ele o guia para as fontes de água” (*Is* 49,9-10). O Senhor Deus conhece pastagens onde há fartura para todos, para a “ovelha gorda” e para a “magra” (*Ez* 34,17-20). Há inclusive água para a qual¹⁵⁷ o rebanho e conduzido. Essas “águas” são definidas como “tranqüilas”¹⁵⁸. A palavra designa a situação de calma própria de quem está seguro contra os inimigos: alusão à condição de paz à qual chega quem confia no Senhor e que será explicitada no versículo seguinte (*2Sm* 7,1.11; *IRs* 5,18; *1Cr* 22,9.18; *Est* 9,16; cf. *Mt* 11,28-30).

Vers. 3 - *Restaura minhas forças, guia-me pelo caminho certo, por amor do seu nome.*

A parada no oásis “restaura”¹⁵⁹ o rebanho, o qual percebe que as forças lhe voltaram para retomar o “caminho certo”¹⁶⁰: itinerário onde se experimenta a fidelidade do ser humano a

¹⁵⁴ É costume em Israel considerar os chefes como pastores do povo (cf. comentário a *Ezequiel* 34, 11-16.31). O povo, necessitado de um guia seguro, acabara identificando Deus como o pastor em quem confiar (*Sl* 74, 1; 77,21; 78,52; 79,13; 80,2; 95,7; 100,3).

¹⁵⁵ JHWH: cf. nota 10 (???) do comentário exegético de *Ezequiel* 34,11-16.31. A fórmula exclusiva JHWH ro’î (cf. *ro’ê’echâd*, *Qo* 12,11; *Ez* 34,23; cf. *Ef* 4,5) foi atenuada pelos LXX e por São Jerônimo, que traduziram com κύριος ποιμαίνει με e “Dominus pascit me” (“o Senhor me apascenta”).

¹⁵⁶ JHWH, por meio do seu profeta Samuel, advertiu o povo sobre os inconvenientes de ter um rei: “Ele tomará vossos filhos para os encarregar de seus carros de guerra e dos seus cavalos... os empregará em suas lavouras... tirará vossos melhores campos, vinhas e olivais... (cf. *1Sm* 8,10-22). “Onde está agora teu rei, para que te possa socorrer? E teus juizes para onde foram? Tu os tinhas pedido dizendo: ‘Dá-me reis e autoridades’. Ao perder a paciência, eu te dou um rei, mas no ardor da ira eu o retiro novamente” (*Os* 13,10-11).

¹⁵⁷ Em hebraico, *Al* = em cima de. Expressão usada para enfatizar a abundância de água: todas as ovelhas do rebanho estão em cima da água e não precisam esperar seu turno para beber um pouco.

¹⁵⁸ Em hebraico, *menûchôt* de *nûach*. Significa “ter paz”. Cf. E. STIKS, *nûach*, DTAT 2, 40-43.

¹⁵⁹ São dois vocábulos empregados pelo salmista: *nefesh* e *shût*. *Nefesh* indica a pessoa toda, e o verbo *shût* significa “restituir, ser restaurado”. O sentido é, portanto, “me restitui a vida”, cf. G. RAVASI, *Il Libro dei salmi* (Bologna 1988) I, 425.440; J. A. SOGGIN, *shût*, DTAT 2, 798.

Deus e deste ao ser humano (*Sl* 1,6; 5,9). A fidelidade de Deus nasce do “amor ao seu nome”¹⁶¹. JHWH tornou-se o nome do Deus Salvador que libertou o seu povo do Egito¹⁶², manifestando assim aquilo que é, vale dizer, um Deus que, apesar da infidelidade do seu povo, lhe será sempre fiel¹⁶³.

Vers. 4a - *Se eu tiver de andar por vale escuro, não temerei mal nenhum, pois comigo estás.*

O hebraico *zalmâwel* (composto de *zal* [sombra] e de *mâwel* [morte] = vale escuro) indica o que vem depois da morte: o além-túmulo (em hebraico, *sheol*)¹⁶⁴. Utilizando um paradoxo, o salmista entende exprimir tão grande confiança em JHWH que – embora viesse a acabar no *sheol* – não se sentiria à mercê do mal¹⁶⁵. A expressão é surpreendente quando se pensa que foi escrita numa época em que sequer se conhecia o conceito de ressurreição¹⁶⁶. A convicção de tão grande amor desabrocha numa exclamação na qual o salmista, deixando de lado o discurso em terceira pessoa, dirige-se a JHWH utilizando o tratamento “tu” mais confidencial (“pois comigo estás”)¹⁶⁷, que evoca a bênção de Deus a Isaac (*Gn* 26,3) e a garantia de que “JHWH é ele mesmo o teu guia, e não te deixará nem te abandonará...” “se tiveres de atravessar pela água, contigo estará e a inundaçãõ não te vai submergir...” (*Dt* 31,6; *Is* 43,2; cf. *Sl* 27,1-2)..

Vers. 4b - *O teu bastão e teu cajado me dão segurança*

¹⁶⁰ Literalmente, *Sendas de justiça* (cf. *Pr* 4,11), expressão semítica que indica a pista certa, cf. G. RAVASI, *op. cit.*, 440. Quanto à grande vantagem semântica do uso de *zedeq* (justiça, fidelidade) nos salmos, cf. K. KOCH, *zdq*, DTAT 2,466.

¹⁶¹ Em hebraico, *lemá' an shemô* “para a honra do teu nome” (*Sl* 106,8). O “nome” é a identidade da pessoa, neste caso, JHWH: “Sabereis que eu sou JHWH quando eu proceder convosco para a honra do meu nome” (*Ez* 20,44; 36,22). O *shem* de JHWH garante a presença pessoal de Deus (*Es* 23,20-21; *Sl* 7, 18; 9,11; 18,30; 68,5; 74,18; 86,12; 92,2; *Is* 25,1; 26,8; 56,6; *Ml* 3,16). Cf. A. MAGGI, *Nota sull'uso di τω σω ονόματι e άνομία* em *Mt* 7, 21-23. FilNT 6 [3] 1991, 145-149

¹⁶² “Aquele que abriu as águas diante do seu povo, criando para si um nome eterno” (*Is* 63,12,14); “Tu impuseste sinais e prodígios até hoje na terra do Egito e... ganhaste a fama que hoje tens” (*Jr* 32,20; *Dn* 9,15; *Js* 9,9).

¹⁶³ “Eu sou Deus, não um ser humano... Não venho com terror” (*Os* 11,9; *Is* 43,25; *Nm* 23,19). Deus não mostra o seu amor ao povo infiel *apesar de* sua traição, mas exatamente *por isso* (em hebraico, *lachen*) o conduzirá para o deserto e lhe falará ao coração (*Os* 2,16).

¹⁶⁴ Às vezes *mâwet* substitui a palavra *sheol* (*2Sm* 22,6; *Jó* 30,23; *Sl* 6,6; 22,16; *Is* 28, 15; *Os* 13,14. Cf. “portas da morte” em *Jó* 38,17; *Sl* 9,14; 107,18.

¹⁶⁵ Mal [*râ*] pode-se traduzir por “o maligno” (*Sl* 5,5; *Pr* 11,21; 12,13), em contraposição a *rô'i* (meu pastor, vers. 1º). Cf. M. DAHOOD, *Stichometry and Destiny in Psalm 23,4*, Bib 60, 417. Quanto à morte entendida como “pastor”, cf. *Sl* 49, 15.

¹⁶⁶ Em hebraico não existe a expressão “o além” (o termo *’olam* não significa o que nós entendemos por *eternidade*, mas quer dizer “tempo longínquo” em relação quer ao passado quer ao futuro). Todos, após a morte, acabam no *sheol*, reduzidos a sombras: “os mortos não reviverão, são sombras, não se levantam mais” (*Is* 26,14; *Qo* 3,20; 9,4-6.10). Poderíamos definir esse paradoxo com estas palavras: “Embora eu acabasse no inferno, estarei seguro do teu amor...”

¹⁶⁷ “Pois comigo estás” [em hebraico: *kî'attah*]: versículo central do salmo, funciona como fecho entre a imagem anterior e imagem posterior, com a inserção da pessoa do hóspede. Cf. L. ALONSO SCHÖKEL, *op. cit.*, 114.

Por “cajado” entende-se o bastão recurvo, típico dos viandantes (*Ex* 21,19; *Nm* 21,18; *Is* 36,6; *Sl* 27,1-2)¹⁶⁸, ao passo que o termo “bastão” [em hebraico, *shêbet*] indica o cetro (do rei ou de Deus, cf. *Nm* 24,17; *Sl* 2,9; *Is* 14,5)¹⁶⁹. Cajado e bastão, sinais visíveis da proteção de JHWH em relação ao povo, são imagens que enfatizam mais ainda a existência de uma confiança tal no Senhor Deus que chega a ofuscar qualquer outro tipo de segurança¹⁷⁰. Todos os poderosos, nos quais Israel havia buscado ajuda, tiraram o corpo fora no momento da necessidade (“de todos os antigos amantes, nenhum a consola; os antigos aliados a enganaram”, *Lm* 1,2.9.16.17.21) e a única esperança do povo é JHWH: “Eu, eu mesmo sou o vosso consolador!” (*Is* 51,12; 49,13).

3.2 – O canto do hóspede

Na segunda parte do salmo, o salmista remete à prática da hospitalidade na cultura nômade, isto é: admitir alguém no acampamento significa vida; recusar equivale à morte. O tema alude à chegada dos hebreus à terra prometida, “a morada santa” (*Ex* 15,13), onde o Senhor Deus acolheu Israel como hóspede: “e teu povo habitou a terra que no teu amor, ó Deus, preparaste para o pobre” (*Sl* 68,11; *Ez* 34,14)¹⁷¹.

Vers. 5a - *Diante de mim preparas uma mesa aos olhos de meus inimigos*

À imagem de grande serenidade dos “verdes prados” corresponde aqui a mesa preparada¹⁷², sinal da acolhida hospitaleira do forasteiro, festejada com um banquete. À segurança do “vale escuro” corresponde a imagem da refeição “sob o olhar dos inimigos”¹⁷³. Assim como o perigo da morte não incutia medo devido à presença protetora do pastor, da mesma forma a presença dos “inimigos” não incomoda o forasteiro que se vê acolhido pelo hospedeiro. Os adversários do forasteiro, vendo a atmosfera festiva da refeição, compreendem que qualquer agressão seria um grave atentado ao direito sagrado da hospitalidade¹⁷⁴.

Vers. 5b - *Unges com óleo minha cabeça, meu cálice transborda*

A unção com óleo perfumado mostra a satisfação festiva do forasteiro como hóspede (a falta de unção é sinal de mau augúrio)¹⁷⁵. O fato de ser unguida a *cabeça* alude

¹⁶⁸ Em hebraico, *she'ân* da raiz *sh'n* = apoiar-se.

¹⁶⁹ Evidente alusão e *Miquéias* 7,14: “Com tua vara de pastor, guia o teu povo, rebanho que é propriedade tua”.

¹⁷⁰ *Segurança*. Em hebraico, *nchm* [consolar], reforçado por *hemâmh* [eles mesmos] significa ajuda concreta (*Sl* 71,21; *Qo* 4,1): a batida rítmica do bastão com o qual o pastor toca o chão indica o rumo às ovelhas. Cf. R. GARDINI, *Sapienza dei Salmi* (Brescia 1976), 112-113.

¹⁷¹ Cf. L. ALONSO SCHÖKEL, *op. cit.*, 120-121.

¹⁷² Mesa: o hebraico *shulchan* indica o tapete que se estende no chão para a refeição (*Sl* 69,23; 78,19; 128,3).

¹⁷³ Quanto à referência ao além-túmulo (vers. 4), com a palavra “inimigos” (em hebraico, *zôrêrj*, cf. *Sl* 7,5-7; 31,12; 42,11; 69,20; 143,12) entende-se tudo o que pode provocar a morte (*Sl* 6,6-11).

¹⁷⁴ Quanto ao templo como lugar seguro para os que nele se refugiavam, cf. *Ex* 21,13; *IRs* 1,50-53; 2,28-34.

¹⁷⁵ Cf. *Sl* 45,8; 104,15; 133,2; *Pr* 27,9; *Ct* 1,3; *Am* 6,6; *Mc* 14,3; *Lc* 7,46. A harmonia da vida fraterna é comparada nos salmos ao “óleo perfumado sobre a cabeça” (*Sl* 133,2).

simbolicamente à consagração a JHWH¹⁷⁶. Ao perfume segue, com sinal de júbilo, o vinho: ambos “inebriam” (*Sb* 2,7). Com a imagem do cálice cheio até a borda¹⁷⁷ entende-se evocar uma felicidade tal que não se pode conter.

Vers. 6a - *Felicidade e graça vão me acompanhar todos os dias da minha vida*

O forasteiro, uma vez saciado e repousado, não só não deve nada a quem o hospeda pela acolhida-salvação recebida, mas dele recebe uma “escolta” feita de “felicidade e de graça”¹⁷⁸, que o acompanhe¹⁷⁹ no caminho rumo “à casa do Senhor”. Essa proteção, garantida ao ser humano por “todos os dias de sua vida”, é imagem do amor fiel com o qual Deus acompanha o ser humano.

Vers. 6b - *E vou morar na casa do Senhor por muitíssimos anos*

Por “casa do Senhor” geralmente se entende o templo (*Ex* 23,19; 34,26; *Dt* 23,19)¹⁸⁰, mas *bêth JHWH* indica também a terra de Israel (*Os* 8,1; 9,15; *Jr* 12,7; *Zc* 9,8)¹⁸¹ e este talvez seja o desejo do salmista: poder viver longamente na terra em que JHWH é pastor. Por isso, a “escolta”, constituída de “felicidade e de graça”, não esgota sua função. De fato, depois de uma parada salutar, retoma-se o caminho, acompanhados e sustentados pela certeza da proteção divina, e isso por toda a vida¹⁸².

ALBERTO M. MAGGI, OSM

4. EVANGELHO (João 10,11-16)

Notas exegéticas

O bom pastor dá a vida por suas ovelhas

¹⁷⁶ Tudo o que for ungido com “o óleo para a unção sagrada... será santíssimo” (*Ex* 30,25-29). Com o óleo é ungida a cabeça do sumo sacerdote e do rei (*Ex* 29,7; 30,25-30; *Lv* 8,12; 21,10; *IRs* 9,3; *Sl* 45,8)

¹⁷⁷ Em hebraico, *rewâjâh*, beber até a saciedade (*Sb* 36,9). A imagem, traduzida pela vulgata por “calix meus... praeclarus” foi inserida na liturgia eucarística do cânon romano.

¹⁷⁸ *Tôh* é a “bondade” de Deus que, na Escritura, justifica o porquê do seu agir e não é motivo de louvor: “porque é bom” [*ki tôh*] (*ICr* 16,34; *2Cr* 5,13; 7,3; *Sl* 100,5; 106,1; 107,1; 118,1.29; 136,1). A bondade de Deus é sempre acompanhada de garantia de duração: “porque sua fidelidade dura para sempre” [*kî leôlam chasdô*]. Com relação a *chesed* entendido como amor fiel, cf *Gn* 24,27. Quanto à personificação de qualidades abstratas, cf. *Sl* 25,21; 43,3; 85,10-14; 89,15; *Is* 35,10. Cf. L. ALONSO SCHÖKEL, *op. cit.*, 120.

¹⁷⁹ O verbo *rdp* “seguir, ir atrás” contém um sentido de “intensidade” que indica o acompanhamento constante.

¹⁸⁰ “Uma só coisa pedi ao Senhor, só isto desejo: poder morar na casa do Senhor todos os dias da minha vida” (*Sl* 27,4).

¹⁸¹ Salomão estava ciente que o templo que construía não podia conter JHWH: “Os mais altos céus não te podem conter, muito menos esta casa que eu construí!” (*IRs* 8,27), e Jeremias contesta abertamente o “aprisionamento” de JHWH no templo: “Não confieis nestas palavras mentirosas: é o templo do Senhor, o templo do Senhor” (*Jr* 7,4) “Casa do Senhor” é o país inteiro, que pertence a Deus e no qual quem confia em Deus torna-se seu hóspede. Cf. R. GUARDINI, *op. cit.*, 114.

¹⁸² Cf. L. ALONSO SCHÖKEL, *op. cit.*, 121.

*Jesus disse aos fariseus:
Eu sou o bom pastor.
O bom pastor dá a vida por suas ovelhas.
O mercenário, que não é pastor
e a quem as ovelhas não pertencem,
vê o lobo chegar e foge;
e o lobo as ataca e as dispersa.
Por ser apenas mercenário,
ele não se importa com as ovelhas.
Eu sou o bom pastor.
Conheço as minhas ovelhas
e elas me conhecem,
assim como o Pai me conhece
e eu conheço o Pai.
Eu dou minha vida pelas ovelhas.
Tenho ainda outras ovelhas,
que não são deste redil;
também a essas devo conduzir,
e elas escutarão a minha voz,
e haverá um só rebanho
e um só pastor.*

4.1 – Contexto

Chave de leitura para compreender a semelhança entre o “bom pastor” (Jô 10,1-21) é o verbo “conduzir” [em grego, ἔξάγω (vers. 3)], termo usado no Antigo Testamento para indicar o fim da escravidão de Israel¹⁸³. Esse verbo é agora usado contra os dirigentes religiosos (9,40) [ladroes e assaltantes] (vers. 1.8) que, depois de ter aprisionado o povo [ovelhas] dentro da instituição religiosa [recinto]¹⁸⁴, não entram “senão para matar, roubar e destruir” (10,10). A terra prometida transformou-se em lugar de opressão, da qual o Messias deve “fazer sair” os que acreditam nele.

As fontes, às quais o evangelista remete para esse tema são o cap. 34 de *Ezequiel* e o *Salmo 23*. Para o judaísmo, a referência é para o livro de *Enoc etiópico*, no qual as relações entre Deus e Israel são desenvolvidas através das imagens da *cegueira do povo* e do *pastor com suas ovelhas* (c. 89)¹⁸⁵. Isso possibilita a João acrescentar, após a cura do cego de nascença (c. 9), a alegoria do pastor como resposta aos chefes do povo que “puseram para fora” aquele que fora cego (9,34)¹⁸⁶. Os acontecimentos devem ser situados em Jerusalém, no

¹⁸³ “... falaram ao Faraó, rei do Egito, para fazer sair [ἐξήγαον] os israelitas do Egito” (*Ex* 6,27; 3,10; *At* 7,36.40; 13,17; *Hb* 8,9).

¹⁸⁴ Αὐλή (recinto). Encontra-se bem 177 vezes na versão grega dos LXX e nunca se refere a um recinto de ovelhas (para o qual se usa ἐπαύλεις προβάτων ou ἐπαύλεις ποιμνίων, cf. *Nm* 32,16.36; *Is* 65,10). Na maioria dos casos (cerca de 115), αὐλή usa-se para significar o vestíbulo da parte da frente do templo (*Ex* 27,9; *2Cr* 6,13; *Ap* 11,2). Em João, o termo alude metaforicamente ao Templo de Jerusalém, símbolo do judaísmo (cf. o pátio do sumo sacerdote, 18,15). Cf. I. DE LA POTTERIE, *Studi di cristologia giovannea* (Genova 1986), 90; M. L. RIGATO, *L’apostolo ed evangelista Giovanni*, in *Rivista Biblica Italiana* 38 (1990), 476-477.

¹⁸⁵ “Chegou junto às ovelhas e constatou que a maioria delas era cega e que se haviam extraviado do caminho”, *Enoc* 89,33. Nos *Salmos de Salomão* (17,45-46), o Messias apascenta o rebanho do Senhor.

contexto da revelação de Jesus no Templo durante a festa das Cabanas (c. 7) e da cura do cego de nascença (c. 9).

4.2 – Comentário ao texto

Vers. 11a - *Eu sou o bom pastor*

Eu sou: não é uma simples afirmação de existência, mas uma fórmula teológica¹⁸⁷ (presente quatro vezes neste trecho: vers. 7. 9. 11. 14), com a qual Jesus reivindica a realidade divina que tem consciência de manifestar na sua pessoa.

O bom pastor: o adjetivo *bom*¹⁸⁸, usado pelo evangelista, não se refere à “bondade” de Jesus, mas à sua unicidade de Pastor¹⁸⁹. O Messias, que se declarou “porta das ovelhas” (vers. 7)¹⁹⁰, proclama a si mesmo como único pastor do rebanho: Aquele que fora anunciado pelo profeta¹⁹¹ e cantado pelo salmista (*Sl* 23), encontra em Jesus sua plena realização.

A unicidade do pastor não fecha a outro a possibilidade de participar do seu trabalho: para a comunidade dos crentes, Cristo é o *único* pastor (10,16), o centro do qual se irradiam o amor e a vida (1,14.16; 17,24; 20,19.26). Para a missão, na qual os discípulos deverão fazer ouvir a sua voz para que outros entrem a fazer parte do rebanho, Jesus é o *modelo* de pastor, cuja característica é dar a vida pelos seus (15,13; 21,15-19)¹⁹². Assim como o Pai enviou o

¹⁸⁶ O tema da “expulsão” das ovelhas (metáfora do povo dominado) já apareceu na primeira páscoa, quando Jesus “a todos expulsou do templo, juntamente com os bois e as ovelhas...” (2,15). O verbo ἐκβάλλω usado em 2,15; 9,34, indica a continuidade temática dos episódios: é Jesus quem “expulsa” os seus do recinto da instituição religiosa e não a instituição religiosa.

¹⁸⁷ Em grego, Εγώ εἰμι [em heráico, ‘*ânôkî*], fórmula técnica de revelação utilizada no AT para indicar o nome de Deus (*Ex* 3,14; *Dt* 32,39; *Is* 41,4; 43,10-11), muito usada em João (em forma absoluta: 4,26; 6,20; 8,24.28.58; 13,19; 18,5.6.8. Com atributo: 6,35.41.48.51; 8,12.18; 10,7.9.11.14; 11,25; 14,6; 15, 1.5). Cf. E. STAUFFER, *Εγώ*, GLNT III, 66-72.

¹⁸⁸ Em grego χαλός [literalmente, belo]: aquilo que é ideal, modelo de perfeição (cf. o vinho τὸν καλόν (2,10) e as obras καλά (10,32), cf. *Gn* 1,31 LXX). No *Midrash Rabbah* sobre *Ex* 3,1 (II,2), o rei Davi é descrito como “o pastor lindo” (em hebraico, *yâfseh rô’eh*). O ποιμὴν ὁ καλός é o verdadeiro pastor, aquele que tem direito de ser considerado tal. Essa expressão não tem nada a ver com as coisas fantásticas que se dizem sobre o “bom pastor” (para indicar a “bondade” de Jesus, o evangelista usa ἀγαθός, 7,12). Cf. R. BROWN, *Giovanni. Commento al vangelo spirituale* (Assisi 1979) I, 504; W. GRUNDMANN, καλός, GLNT V, 40. O contrário do “bom” pastor é o ποιμή μάταιος = inútil, abusivo (*Zc* 11,17).

¹⁸⁹ A atividade pastoral que os discípulos de Jesus são chamados a realizar refere-se à missão de dar vida aos que responderem à Palavra de Cristo, e não às relações no seio da comunidade onde cada um tem o mesmo vínculo com Jesus (6,54-57; 7,37-39; 14,23; 15, 4.5-9). Quanto ao “modelo de pastor”, cf. J. MATEOS – J. BARRETO, *El evangelio de Juan, análisis lingüístico y comentario exegético* (Madrid 1979), 459.

¹⁹⁰ É significativo o uso neste trecho dos mesmos termos (*porta* [em grego, θύρα] vers. 1.2.7.9, e *recinto* (em grego, αὐλή, vers. 1.16) utilizados no livro do Êxodo (LXX) para descrever o lugar da manifestação da glória de Deus (*Ex* 40,29.33; cf. *Ez* 43,4-5; 44,2): como no primeiro êxodo, o Senhor Deus manifesta a sua glória libertando o povo da escravidão. A expressão “porta das ovelhas” delimita o âmbito onde elas têm plena liberdade de movimento [“entrar-sair e encontrar pastagem” (vers 9; cf. *Nm* 27,17); totalidade mediante a oposição de dois termos contrários (exemplo, céu-terra; alfa-ômega)]. O “bom pastor” não é ingresso para qualquer recinto: entrando pela “porta” [Jesus], as “ovelhas” [os crentes] penetram no seu autêntico âmbito vital. Cf. I. DE LA POTTERIE, *op. cit.*, 94.

¹⁹¹ “Para apascentá-las estabelecerei sobre elas um único pastor, o meu servo Davi. Ele as apascentará e lhes servirá de pastor” (*Ez* 34,23; 37,24; cf. *Jr* 23,5; 30,9; *Sl* 78,70-72).

¹⁹² A repetição por quatro vezes deste conceito (cc. 11.15.17.18) ressalta que ele é o motivo fundamental de todo o trecho. A capacidade de Jesus de dar a vida pelos seus e de manifestar assim o amor do Pai (“Nisto sabemos

Filho, da mesma forma ele envia os seus discípulos (17,18; 20,21) para entrar no “recinto” que cerca o rebanho, a fim de tirá-lo para fora, mesmo pondo em o risco a própria vida (12,25; cf. 18,15)¹⁹³.

Vers. 11b - *O bom pastor dá a vida por suas ovelhas.*

Do perfil do pastor Jesus elimina qualquer traço de dominação: ele é o verdadeiro pastor, porque a doação generosa de sua vida não nasce do perigo que correm os seus, mas o precede. Seu fim não é um acidente de percurso, mas parte do seu programa¹⁹⁴. A morte do pastor será a vida das ovelhas (cf. 18,8-9): a carne do *Cordeiro* será o alimento que possibilitará aos seus um novo êxodo, e o seu sangue os libertará para sempre da morte (1,29.36; 6,53-58; 19,14.33; Ap 5,9; cf. *Ex* 12,1ss; *Is* 53, 5-7)¹⁹⁵.

Vers. 12 - *O mercenário, que não é pastor e a quem as ovelhas não pertencem, vê o lobo chegar e foge; e o lobo as ataca e as dispersa.*

Jesus, que já advertiu o rebanho sobre os ladrões e assaltantes (v. 1-10), contrapõe a figura do pastor à do mercenário. O lobo representa uma ameaça para ambos, mas o “bom pastor”, que se preocupa pela incolumidade de suas ovelhas mais do que por si mesmo e cuja missão é “reunir juntos os filhos de Deus que estavam dispersos” [em grego, διεσκορπισμένα] (11,52), ao aproximar-se a paixão, não *abandonará* [em grego, οὐκ ἀφήσω] os seus (14,18; 17,12; 18,7-9), ao passo que o mercenário, para quem a salvação pessoal é mais importante que a do rebanho, ao aproximar-se o perigo, *abandona* [em grego, ἀφίησιν] as ovelhas, que acabam sendo *dispersadas* [em grego, σκορπίζει] pelo lobo.

Vers. 13 - *Por ser apenas mercenário, ele não se importa com as ovelhas.*

O mercenário não é um “mau” pastor (cf. *Ez* 34). Jesus não lhe reconhece nenhum papel (vers. 12) que, embora degenerado, Deus lhe tenha dado como incumbência (*Jr* 3,15; 23,4), mas o coloca no mesmo nível dos “ladrões e assaltantes” (vers. 1.8.10) porque, como eles, só busca o próprio interesse¹⁹⁶.

Vers. 14 - *Eu sou o bom pastor. Conheço as minhas ovelhas e elas me conhecem.*

Para ressaltar a relação profunda existente entre o pastor e as suas velhas que ele “chama uma por uma” (vers. 3)¹⁹⁷, o evangelista recorre ao verbo “conhecer” que, na

o que é o amor: Jesus deu a vida por nós”), estende-se a todos os que prolongam o seu dinamismo de amor: “Portanto, também nós devemos dar a vida pelos irmãos” (*IJo* 3,16).

¹⁹³ O evangelista evitar dar a outros o título de pastor [ποιμήν] (cf. 21,15.16.17). A única vez que no NT aparecem os “pastores” é na lista dos ministérios em *Eféios* 4,11 (τούς δὲ ποιμένας).

¹⁹⁴ Cf. R. SCHNACKENBURG, *IL vangelo di Giovanni* (Brescia 1977) II, 493.

¹⁹⁵ Cf. o *hissopo* de 19, 29 com *Ex* 12,22.

¹⁹⁶ Cf. οὐ μέλει αὐτῷ (vers. 13); οὐχ ὅτι... ἐμελεν αὐτῷ [Judas], ἀλλ’ ὅτι κλέπτης ἦν (12,16); κλέπται (vers. 1.8.10).

¹⁹⁷ A expressão κατ’ὄνομα não significa que o pastor chame suas ovelhas “pelo nome”, mas uma a uma, “individualmente”. Cf. C. H. DODD, *La tradizione storica nel quarto vangelo* (Brescia 1983), 460.

linguagem bíblica, indica uma relação pessoal com alguém¹⁹⁸. Tal conhecimento, que deriva da experiência de amor que Jesus revelou aos seus¹⁹⁹, elimina qualquer distância e capacita os que o assumem a participar da sua própria condição divina (1,2) e a manter com ele laços de união semelhantes aos que ele tem com o Pai (vers. 15)²⁰⁰. A etapa inicial desse conhecimento íntimo do Senhor Deus é a escuta de sua mensagem que se traduz em seguimento: “As minhas ovelhas escutam a minha voz, eu as conheço e elas me seguem” (vers. 27)²⁰¹. A insistência em usar o possessivo²⁰² enfatiza a existência de ovelhas que não pertencem ao Pastor: são os dirigentes judeus que não acreditam nele porque não são “suas” ovelhas (vers. 26).

Vers. 15 - *Assim como o Pai me conhece e eu conheço o Pai; eu dou minha vida pelas ovelhas.*

O evangelista vai muito além da imagem confidencial do pastor com suas ovelhas: o conhecimento-amor que Jesus tem dos seus discípulos nasce da união que ele tem com o Pai²⁰³. E assim como a relação que Jesus tem com o Pai o leva a doar a própria vida, da mesma forma a comunhão existente entre Jesus e os seus é tão profunda que os capacita a seguir os seus passos até à doação total (21,15ss)²⁰⁴.

Vers. 16a - *Tenho ainda outras ovelhas, que não são deste redil*

O Messias não veio para reformar as instituições, mas para *aboli-las*, a fim de criar uma humanidade completamente nova, onde nenhum recinto, por mais sagrado que seja, encontre seu espaço (2,13-22; 2,19-24; cf. *Ap* 21,22). Por isso, não é só o “recinto”²⁰⁵ do judaísmo que esgotou seu papel, mas também qualquer outra instituição que venha a impedir a plena liberdade dos seres humanos: as “outras ovelhas” que o Pastor deve reunir e guiar.

Vers. 16b - *Também a essas devo conduzir*

¹⁹⁸ O hebraico *jâdà*, traduzido pelos LXX por γινώσκω, designa o conhecimento que nasce de uma relação concreta (*Dt* 9,2,24; *ISm* 10,11). O termo é usado para indicar as relações sexuais (*Gn* 3,1.17.25; *Nm* 31, 18.35). Cf. R. BULIMANN, γινώσκω GLNT II, 480-482; R. SCHNACKENBURG, *op. cit.*, II, 495.

¹⁹⁹ A conjunção καί tem, no texto grego, função explicativa: o Senhor Deus é o “bom pastor *porque* conhece as suas ovelhas” (cf. 1,16).

²⁰⁰ “A relação entre pastor e rebanho mergulha no abismo de Deus e acaba sendo engolida por ele”. R. GUARDINI, *Sapienza dei Salmi* (Brescia 1976), 117.

²⁰¹ “Escutar” e “crer”, em João, são usados de modo compartilhado (4,42.47; 5.24.25.37; 6,45, *passim*). Cf. S. PANCARO, *The metamorphosis of a legal principle in the fourth gospel. A closer look at Jn 7,51*, *Bibl* 53, 349-350.

²⁰² Vers. 3. 4. 14; cf. 21, 15.16.17.

²⁰³ A conjunção *como* (em grego, καθώς, cf. 15,9.10; 17, 11.21.22) não expressa só uma comparação: o relacionamento existente Deus e Jesus é modelo e fundamento da comunhão de Jesus com os seus. Cf. R. SCHACKENBURG, *op. cit.*, II, 496.

²⁰⁴ Quanto à expressão “dar a própria vida por” (10,11.15.17-18; 15,13), cf. as fórmulas de instituição da eucaristia nos sinóticos: *Lc* 22,19-20; *Mt* 26,27; *Mc* 14,24. Cf. G. STEMBERGER, *La simbolica del bene e del male in San Giovanni* (Milano 1972), 229.

²⁰⁵ Cf. nota n° 8 (???)

O texto não diz “aonde” Jesus conduzirá as suas ovelhas, porque já o disse no versículo 9º: o rebanho não será preso em outros recintos, mas sim conduzido para a esfera vital de Deus, o espaço onde a comunicação plena do espírito conduz à plenitude da liberdade (1,14.39; cf. 2Cor 3,17).

Vers. 16c - *Elas escutarão a minha voz e haverá um só rebanho*

No versículo 3º os verbos estavam no presente [“chama, conduz”] porque se referiam à ação do Messias em relação a Israel. Agora, os verbos estão no futuro: a voz de Cristo ultrapassa os confins do seu povo e se estende a toda a humanidade, segundo o projeto de Deus (1,9; 3,16; 4,42; 8,12). Delineia-se assim a missão da Igreja: tornar-se um só rebanho²⁰⁶, acolhendo a todos os que estarão dispostos a responder à mensagem do Pastor. Estes, aceitando o mandamento de Jesus²⁰⁷, manifestarão visivelmente o amor de Deus pelo ser humano na *unidade* do único Espírito e na *diversidade* das raças e culturas (17,11-23; 19,23-24; cf. 1Cor 12,4-11).

A tradução equivocada da *Vulgata* “et fiet unum ovile” (um só redil [em vez de um só rebanho]) influenciou negativamente na concepção da Igreja²⁰⁸. O pastor não confina as suas ovelhas em outro redil, mas forma um só rebanho, ao qual pode-se pertencer sem necessariamente identificar-se com as instituições que historicamente pretendem representá-lo²⁰⁹.

Vers. 16d – ... *e um só pastor*.

No texto grego, os termos “rebanho” e “pastor” não estão unidos pela conjunção “e” [em grego, καί] (καί γενήσονται μία ποίμνη, εἷς). A relação entre o rebanho e o pastor não é uma relação entre duas realidades diferentes (*rebanho* mais *pastor*), mas “uma coisa só” (17,21ss): a existência do rebanho (comunidade dos crentes) inclui em si a presença do Senhor Deus²¹⁰ e constituirá o novo santuário, do qual o amor de Deus se irradiará para toda a humanidade.

ALBERTO M. MAGGI, OSM

5. O BOM PASTOR DA A VIDA PELAS SUAS OVELHAS (João 10,11-16)

Reflexão bíblica

²⁰⁶ Uma variante bem fundamentada (P66) traz γενήσεται (será) em vez de γενήσονται (tornar-se-á).

²⁰⁷ “Eu vos dou um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros. Como eu vos amei, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois os meus discípulos: se vos amardes uns aos outros” (13, 34-35; cf. 10,18).

²⁰⁸ Cf. o famoso “Extra ecclesiam nulla salus” . Nos anos sessenta, ainda se lia em certos manuais de teologia que a Igreja é uma “porque se fala de um só redil e de um só pastor”, G. CASALI, *Somma di teologia dogmatica* (Lucca 1964), 145.

²⁰⁹ É emblemático o episódio de Mc 9,38, onde Jesus rechaça o protesto dos apóstolos porque alguém “expulsa os demônios” sem pertencer ao seu grupo: “porque não anda conosco” (Lc 9, 49-50).

²¹⁰ É difícil traduzir em nosso idioma a afinidade existente no grego entre ποίμνη [rebanho] e ποιμήν [pastor].

Jesus não é um pastor que veio para juntar-se a outros, mas é o modelo do pastor, o pastor verdadeiro, e a característica do verdadeiro pastor é dar a vida pelos seus (cf. *Jo* 15,13). Tudo na vida de Jesus, desde sua entrada no mundo (cf. *Hb* 10,5-7) até o seu último grito (cf. *Lc* 23,46), foi expressão de sua doação ao Pai e aos seres humanos. Sua vida foi toda ela gasta pelos outros. Sua doação na morte foi o ponto culminante de uma vida toda dedicada ao Pai e aos outros. Esse amor é fonte de vida para nós (cf. *Jo* 10,10). Esse amor nos salva. “Depois de ter amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim” (*Jo* 13,1).

“O mercenário, que não é pastor e a quem as ovelhas não pertencem, vê o lobo chegar e foge; e o lobo as ataca e as dispersa. Por ser apenas mercenário, ele não se importa com as ovelhas” (*Jo* 10,12-13).

O pastor enfrenta com coragem e decisão todos os que se aproximam do rebanho com intenção de “roubar, matar e destruir” (*Jo* 10,10). Santo Antônio Maria Pucci sabe muito bem como reagir diante daqueles que massacram o povo e a sua comunidade. Diante das leis iníquas que impõem impostos excessivos sobre o trigo e sugam o sangue dos seus pobres, ele triplica seus esforços, segundo as palavras de um seu biógrafo, para que nenhum dos seus paroquianos venha a morrer de fome²¹¹. Protesta pública e oficialmente contra a aplicação de leis iníquas²¹², recusa-se a obedecer a elas e tudo faz para que sejam anuladas²¹³. Diante dos lobos, os bons pastores de ontem e de hoje não fogem, não ficam parados, não calam. Basta lembrar aqui entre nós, na América Latina, dom Oscar Romero, padre Josimo, irmã Creusa, Ivair Higino. É claro que os tempos e as circunstâncias são diferentes, mas os santos estão sempre do mesmo lado, com os pobres e oprimidos.

A Igreja, e temos disso mais de uma prova na vida de Santo Antônio Maria Pucci, sempre esteve ou quis estar do lado dos pobres. Por que, então, no nosso tempo, a evangélica opção preferencial pelos pobres parece ser vista como algo novo e às vezes até como algo que incomoda? Creio que uma das razões é que hoje ela é também uma opção estratégica. De fato, trata-se de optar pela luta dos pobres. Trata-se de ser solidários com eles. Trata-se de juntar-se a eles como sujeitos da história²¹⁴. É algo novo que, pela ação do Espírito, nasce do Evangelho desde sempre e nos interpela de maneira nova.

“Eu sou o bom pastor. Conheço as minhas ovelhas e elas me conhecem, assim como o Pai me conhece e eu conheço o Pai. Eu dou minha vida pelas ovelhas” (*Jo* 10,14-15).

²¹¹ G. LUBICH – P. LAZZARIN, *Il Curatino di Viareggio*, Antonio Pucci. Roma, Città Nuova Editrice, 1984, p. 126.

²¹² G. PAPASOGLI, *Il Curatino di Viareggio S*, Antonio Maria Pucci. Roma, Libreria Mariana, 1962, p. 221.

²¹³ “Podia-se (e pode-se) acusar o clero de tudo, menos de ter-se comportado de maneira imprudente ou subversiva. Pode-se acusá-lo, sim, do contrário, isto é, de ter-se não raramente aliado ao vencedor ou em geral ao poder constituído, pensando com isso tirar vantagens econômicas ou de prestígio, que – oxalá! – pudessem ser usadas para o serviço dos irmãos ou para a glória de Deus. Infelizmente, quando isso ocorreu, as alianças foram terrivelmente equivocadas, e as vantagens tão perigosas que chegaram a ofender a pureza do Evangelho e a autenticidade de Cristo, o qual mostrou, com suas palavras e obras, que a única aliança possível para os verdadeiros cristãos é a aliança com os pobres, com os sofredores, com os ‘últimos’, com o mais abandonados, com os perseguidos. Nesse espírito, santo Antônio Maria Pucci não aceitou as leis iníquas do Estado e fez de tudo para torná-las nulas” (G. LUBICH – P. LAZZARIN, *Il Curatino di Viareggio*, cit., p. 130-131).

²¹⁴ Cf. J. PIXLEY – C. BOFF, *Opção pelos pobres ???*

Neste texto, João descreve a relação de Jesus com os seus. Ele os conhece pelo nome (cf. *Jo* 10,3-4). Trata-se de um conhecimento-amor pessoal, íntimo. E esse amor pelo Pai e pelos seus o leva a dar a vida. São palavras que nos questionam, nos dão motivo para agir e, de certa maneira, nos forçam a procurar o que for melhor para o rebanho. “*Bom pastor*, Santo Antônio Maria Pucci *conhecia as suas ovelhas*, todos os paroquianos, não só de nome, mas no íntimo do seu lar doméstico. Para ele todas as portas se abriam, não havia segredos”²¹⁵.

O nosso compromisso pastoral deve ser “um gesto de amor que implica uma dedicação pessoal e que não se limita ao cumprimento de um dever. Amor concreto e autêntico ao pobre, que não se pode concretizar fora de uma certa pertença ao seu mundo, e sem os laços de uma amizade verdadeira com aqueles que sofrem a exploração e a injustiça [...] O verdadeiro amor não existe senão entre iguais, ‘porque o amor cria semelhança entre aquele que ama e quem é amado’. Isso supõe a capacidade de aproximar-se e de estabelecer um relacionamento pessoal”²¹⁶. É isso que afirma também, com muita verdade, o *Documento de Puebla*, quando fala das comunidades de base: “Manifesta-se mais claramente em nossas comunidades, como fruto do Espírito Santo, um novo estilo de relacionamento entre bispos e presbíteros e entre estes e seu povo, caracterizadas por maior simplicidade, compreensão e amizade no Senhor”²¹⁷.

“*Tenho ainda outras ovelhas, que não são deste redil; também a essas devo conduzir, e elas escutarão a minha voz, e haverá um só rebanho e um só pastor*” (*Jo* 10,16).

“Tenho outras ovelhas...”. E quantas outras existem aqui ao nosso redor: milhares, escoraçadas de suas terras por causa da política latifundiária; milhares, milhões, amontoadas nas periferias das nossas cidades, à mercê de políticos sem escrúpulos, sufocadas em suas melhores aspirações pela televisão e pela droga; seduzidas, expostas ao perigo, agredidas por uma infinidade de seitas e de movimentos religiosos sem escrúpulos e extremamente ativos no seu proselitismo; expostas também todos os dias às doenças, à violência, às vezes, da própria polícia... Como dar a essas ovelhas, que também são de Cristo, uma oportunidade concreta para entrar no verdadeiro rebanho de Cristo onde encontrariam vida? Como anunciar-lhes de maneira eficaz a Boa Nova de Jesus? Verdadeiramente, é um desafio lançado a todos nós, sem exceção: “Nenhum fiel, nenhuma instituição da Igreja pode eximir-se deste dever supremo: anunciar Cristo a todos os povos”²¹⁸. Cristo, o bom Pastor, fonte de vida, justiça e paz para todos, principalmente para os últimos.

“É por isso que o Pai me ama: porque dou a minha vida. E assim, eu a recebo de novo. Ninguém me tira a vida, mas eu a dou por própria vontade. Eu tenho poder de dá-la, como também tenho poder de recebê-la de novo. Tal é o encargo que recebi do meu Pai” (*Jo* 10, 17-18).

“Dedicava-se de noite e de noite... passando incansavelmente de uma casa para outra, dormindo até vestido, sobre um catre, a fim de estar sempre pronto para atender qualquer chamado” (era a época terrível do cólera). E dizia: “Não importa ter vida longa, o que importa

²¹⁵ F. M. FERRINI, *B. Antonio M. Pucci O.S.M. Il Curatino di Viareggio*. Roma, Postulazione Generale dei Servi di Maria, 1961, p. 16.

²¹⁶ G. GUTIÉRREZ, *Berre al proprio pozzo*. L’itinerario spirituale di um popolo. Brescia, Queriniana, 1984, p. 142-143.

²¹⁷ *Documento de Puebla*, 626.

²¹⁸ JOÃO PAULO II, *Redemptoris Missio*, (7 de dezembro de 1990) ???

é aproveitar da hora que Deus nos dá para cumprir o santo dever”²¹⁹. “Não devemos dar a vida morrendo, mas trabalhando”, diria Luis Espinal²²⁰.

“Jesus perguntou a Simão Pedro: Simão, filho de João, tu me amas mais do que estes? Pedro respondeu: Sim, Senhor tu sabes que sou teu amigo. Jesus lhe disse: Cuida dos meus cordeiros [...]; sê pastor das minhas ovelhas” (Jo 21, 15-17).

Da comunhão com Cristo nasce a nossa missão (cf. Mc 3,13-19): apascentar cordeiros e ovelhas, isto é, todo o rebanho. Dessa mesma comunhão aprendemos a apascentar, a ser pastores e a dar a vida.

D. MOACYR M. GRECHI, OSM
arcebispo metropolitano de Porto Velho (Brasil)

²¹⁹ F. M. FERRINI, *B. Antonio M. Pucci O.S.M.*, cit., p.21.

²²⁰ Citado por G. GUTIÉRREZ, *Bere al próprio pozzo*, cit., p. 159.

III LITURGIA SACRAMENTAL

1. ORAÇÃO SOBRE AS OFERTAS

As ofertas eucarísticas – o pão ázimo, o vinho e a água – já estão sobre o altar. O sacerdote talvez as incensa – e seria desejável que o fizesse na ‘missa mais importante’ do dia 12 de janeiro – “para significar que a oferta e a oração da Igreja sobem como o incenso à presença de Deus” (IGMR 51). Depois, proclama a oração sobre as ofertas com os braços abertos – pois é uma oração presidencial -, que a assembléia ratifica com o *Amém*.

Um frêmito, que é, a um tempo, como um toque misterioso, luz ofuscante e chama viva, percorre a oração *Sobre as ofertas*. Toque, luz, chama do Divino Espírito, invocado no início do texto eucológico; invocação que confere ao mesmo um sentido marcadamente epiclético. Mas vejamos antes a estrutura da oração.

Geralmente, os textos da assim-chamada eucologia menor são articulados em duas partes: a primeira, de louvor, glorifica a Deus pela sua ação no mistério salvífico ou na vida do santo celebrado; a segunda, de súplica, eleva a Deus o pedido de graças inspirado no evento que é objeto da memória litúrgica. Consideremos agora o texto litúrgico em si mesmo:

- a* Virtute Spiritus Sancti, Domine,
- b* munera nostra continget,
- c* et, qui beatum Antonium Mariam
- d* singulari in fratres caritate fulgere voluisti,
- e* nos quoque ad amorem fraternitatis accende.
Per Christum²²¹.

Na versão em língua portuguesa:

Senhor, pela força do vosso Espírito
transformai estas nossas ofertas em sacramento de salvação
e, assim como quisestes que santo Antônio Maria
brilhasse de modo extraordinário no amor ao próximo,
fazei que nós também, seguindo seu exemplo,
cresçamos sempre mais no amor aos irmãos.
Por Cristo.

Também a oração *sobre as ofertas* do dia 12 de janeiro é estruturada em suas partes, mas não pela razão indicada, e sim porque dois são os pedidos: o primeiro, que Deus intervenha com o poder do seu Espírito para transformar as ofertas no corpo e no sangue de Cristo (itens *a-b*); o segundo, para que acenda em nossos corações a chama do amor fraterno.

O toque do Espírito

Eu falava do toque que, qual um frêmito, percorre a *Oração sobre as Ofertas*: toque do Espírito, aura suave e energia poderosa. Dois textos bíblicos parece terem inspirado esta fórmula eucológica.

²²¹ Para ajudar o leitor transcrevemos aqui a versão portuguesa da Oração sobre as Ofertas. No entanto, meu comentário refere-se ao texto latino.

O primeiro é o *Salmo 97* (96), poema que canta a glória do Senhor, rei divino e juiz da história:

“Nuvens e trevas o envolvem,
justiça e direito são a base do seu trono.
Diante dele *caminha o fogo*
que queima seus inimigos por todo lado.
Seus relâmpagos iluminam o mundo:
ao vê-los a terra treme.

Os montes se derretem como cera diante do Senhor,
diante do Senhor de toda a terra” (vers. 2-5).

A força (*virtus*) do Espírito, invocada na abertura da *Oração sobre as Ofertas*, é acima de tudo o poder (*virtus*) mesmo de Deus Pai, diante do qual “caminha o fogo” (*Sl 97* [96], 3) e em cuja presença “os montes derretem-se como cera” (*Ibid.*, 5). A transformação das humildes ofertas da Igreja na realidade humano-divina do Verbo encarnado, morto e ressuscitado para a nossa salvação, é um evento de graça, que só o poder divino pode realizar.

O fogo é um elemento importante no ritual dos sacrifícios antigos, sobretudo no holocausto. Com o fogo enviado do céu, Deus consumiu o sacrifício de um novilho preparado por Elias, “profeta do Senhor” (*IRs 18,22*), para desmascarar quatrocentos e cinquenta “profetas de Baal” (*ibid.*, 25): “Então caiu o fogo do Senhor, que devorou o holocausto, a lenha, as pedras e a poeira, e secou a água que estava no rego” (*ibid.*, 38). A liturgia romana conservou no léxico sacrificial da celebração eucarística o termo *ignis* (fogo), referido ao fogo divino – o Espírito – que consome a vítima, o Cordeiro que, tomando sobre si o pecado do mundo (cf. *Jo 1,29.36*), foi imolado no altar da cruz. *Ignis*, sempre relacionado ao Espírito, é usado também para indicar o ardor da caridade suscitada pelo Pneuma divino, como reza a *Oração Coleta de São Filipe Néri*:

Deus, qui fideles tibi servos
sanctitatis gloria sublimare non desistis
concede propitius, ut illo nos *igne Spiritus Sancti inflammet*,
quo beate Philipi cor mirabiliter penetravit.
Per Dominum²²².

*Ó Deus, que glorificais os vossos santos
e os doais à Igreja como modelos de vida evangélica,
derramai em nós o fogo do vosso Espírito,
que inflamou admiravelmente o coração de São Filipe Néri.
Por nosso Senhor.*

O segundo texto bíblico, presente como pano de fundo da *Oração sobre as Ofertas*, é o relato do anúncio do Anjo a Maria (cf. *Lc 1,26-38*): “O Espírito Santo descera sobre ti, e o poder (*virtus*, na Vulgata, *δύναμις*, no original grego) do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra”. Na liturgia, seguindo a tradição dos Padres, o evento da encarnação do Verbo no ventre virginal de Maria tornou-se paradigma quer do evento eucarístico, quer do nascimento do cristão na fonte batismal. Em ambos operam a Palavra e o Espírito. A Palavra cumpre o que anuncia, mas exige a escuta e a fé dos discípulos; o Espírito age na transformação

²²² *Missale Romanum* ex decreto sacrosancti oecumenici Concilii Vaticani II instauratum... Editio typica tertia. Typis Polyglotis Vaticanis MMII, p. 759.

substancial das ofertas, e faz com que um filho das trevas se torne filho da luz, e um pecador, um filho de Deus.

A luz resplendente da caridade

No item *d* lê-se: “singulari in fratres caritate fulgere voluisti”. *Fulgere voluisti*: Deus quis que Santo Antônio Maria resplandecesse de luz. A sua luz, portanto, é um dom de Deus, uma graça. Mas, de que luz ele resplandece? Da luz viva do amor fraterno, enfatiza o texto litúrgico.

A oração remete, por assim-dizer, para as duas grandes definições de Deus: “Deus é luz” (*IJo* 1,5); “Deus é amor” (*ibid.*, 4,8.16). Se Deus é luz, nós, seus filhos, devemos caminhar na luz (cf. *ibid.*, 1,7). Se Deus é amor, nós também “gerados por Deus” (*ibid.*, 4,7), “devemos amar-nos uns aos outros” (*ibid.*, 4,11).

A caridade de Santo Antônio Maria Pucci tem como alvo os irmãos (*in fratres caritate fulgere voluisti*). Quem são eles? Em primeiro lugar, certamente, os frades da comunidade de Santo André de Viareggio, os frades da Província Toscana, alvos na época de leis restritivas e de perseguições, os frades de toda a Ordem. Esses são seus irmãos pela profissão comum de Servos de Santa Maria. Disso Santo Antônio Maria tinha uma consciência muito viva. Vejam o que diz numa homilia aos frades: “Somos irmãos, não pelos laços da carne ou do sangue, mas pela graça da mesma vocação, da *mesma profissão*; somos irmãos porque todos servos, porque todos filhos da Rainha dos mártires, que nos escolheu dentre mil outros”²²³.

Mas a caridade não tem fronteiras. E menos ainda quando se trata do pároco de Santo André de Viareggio. Os *fratres*, aos quais dirige sua *caritas* são também os paroquianos. Eles são seus irmãos e irmãs, embora, segundo a linguagem pastoral da época, ele os chame mais frequentemente de filhos e filhas.

Os paroquianos são seus irmãos na fé, pelo nascimento comum na fonte batismal. Mas, segundo a perspectiva evangélica, todos os seres humanos são filhos de Deus, até mesmo aqueles que não o conhecem e não sabem sê-lo. Todo ser humano, se é filho de Deus, é também meu irmão ou irmã, como soa a bela e feliz expressão de Paulo VI, que foi o lema condutor do Ano Santo de 1975: “Todo ser humano é meu irmão”.

A chama do amor fraterno

O último item (*c*) da *Oração sobre as Ofertas* é de súplica. Em nome da assembléia, o presbítero pede a Deus que acenda nos participantes da celebração eucarística o “amor da fraternidade”. O amor, como se sabe, é simbolizado pela chama, e o mesmo verbo usado para atear o fogo - *acender* - é usado também para indicar a infusão do amor no coração humano.

Na memória litúrgica de Santo Antônio Maria Pucci, a chama que se acende é a do amor fraterno, o mesmo que, segundo o desígnio eclesial de Jesus, deve caracterizar as relações entre os seus discípulos: “Todos vós sois irmãos” (*Mt* 23,8), ensinamento evangélico que teve ampla ressonância nas Constituições renovadas da Ordem (25 de março de 1987). Elas apresentam Jesus como aquele que “revelou que todos [os seres humanos] são filhos do mesmo Pai e irmãos entre si” (art. 2); definem a Ordem como “comunidade de irmãos em Cristo” (art. 74); consideram que a vocação do Servo de Maria é expressão fundamental do povo de Deus, que é um povo de irmãos” (art. 105). Na carta de promulgação das

²²³ In P. M. SUÁREZ, *Parole di un padre e pastore*. Prediche scelte del Curatino di Viareggio, Istituto Storico OSM, 1962, p. 23.

Constituições pós-conciliares (7 de junho de 1987), o prior geral, frei Michel M. Sincerny, afirma que a “comunhão fraterna [é] um elemento essencial da nossa vida. Sem ela, não seríamos autênticos Servos de Maria”²²⁴; e acrescenta que “ela caracteriza nossa maneira de ser testemunhas do evangelho; formaliza nosso estilo de vida, nosso trabalho e nossa oração”²²⁵.

O pão, o vinho e a água estão sobre o altar. O celebrante já rezou a *Oração sobre as Ofertas*: já foi invocada a energia transformadora do Espírito, já brilha resplandecente a luz da caridade, já foi acesa a chama do amor fraterno. A súplica da Igreja e da Família dos Servos de Maria será sem dúvida atendida no tempo e no modo que só Deus conhece. Mas o toque do Espírito, a luz resplandecente da caridade e a chama do amor fraterno já invadiram o nosso coração, enchendo-o de alegria e despertando nele aspirações salutares.

IGNACIO M. CALABUIG, OSM

2. PREFÁCIO

O prefácio da missa de Santo Antônio Maria Pucci é novo. Aparece, pela primeira vez, no *Próprio das Missas* de 1998. O prefácio que tem como título-guia estas palavras: *Amou as ovelhas a ele confiadas com caridade operante*, glorifica a Deus Pai pelo dom que fez à Igreja universal na pessoa de Jesus, sumo Sacerdote e bom Pastor (itens e-f) e pelo dom feito à Ordem na pessoa de frei Antônio Maria Pucci, seu santo membro e pastor da paróquia de Santo de André de Viareggio.

Vejamos o texto:

Oves sibi commisas strenua dilexit caritate

- a Vere dignum et iustum est, aequum et salutare,*
b nos tibi sempre et ubique gratias agrere:
c Domine, sancte Pater, omnipotens aeternus Deus:
d per Christum Dominum nostrum.
e Quem Ecclesiae tuae summum Sacerdotem
f et bonum Pastorem dedisti.
- g Cuius sectatus vestigia*
h sanctus Antonius Maria, beatae Virginis famulus,
i oves sibi commisas cognovits
j et strenua dilexit caritate;
k adflictas sedulis suscitavit curis,
l errantes ad laeta veritatis Pascua reduxit;
m divinis verbis erudivit
n ac salutaribus sacramentis refecit.

²²⁴ Na edição em língua portuguesa: *Constituições da Ordem dos frades Servos de Maria*, em *Regra de Vida dos frades Servos de Maria. Regra de Santo Agostinho e Constituições*, Edições Paulinas, São Paulo 1988, p. 16.

²²⁵ *Ibidem*, p. 16.

o Et ideo com Sanctis et Angelis universis
p te collaudamus, sine fine dicentes:
q Sanctus, Sanctus, Sanctus Dominus Deus Sabaoth.

O prefácio tem um certo tamanho: são 16 itens (stichi???), quatro dos quais constituem o protocolo inicial (stichi *a-d*); dez, o embolismo ou desenvolvimento prefacial (stichi *e-n*); dois, o protocolo final (stichi *o-p*). Os protocolos inicial e final são genéricos; o embolismo, pelo contrário, é original, adrede composto para a missa de Santo Antônio Maria Pucci, da qual segue a linha temática principal, vale dizer, a do pároco-Bom Pastor.

Como já disse, o embolismo começa pondo em destaque o dom (*dedisti*) que Deus Pai fez à Igreja, dando-lhe o seu Filho Jesus (cf. *Jo* 3,16), como Sumo Sacerdote e Bom Pastor (stichi *e-f*). O restante do embolismo é dedicado a Santo Antônio Maria Pucci, ou melhor, à ação pastoral que ele, por graça de Deus e seguindo os passos de Cristo, realizou como pastor da comunidade paroquial de Santo André de Viareggio.

2.1 – Seguiu os passos de Jesus

O prefácio ressalta, em primeiro lugar, que Santo Antônio Maria Pucci seguiu de perto os passos de Jesus: “*Cuius sectatus vestigia*”, stico *g*. *Sector* é uma forma intensiva do verbo *sequor*: seguiu Cristo com zelo, em todo lugar, assiduamente, com admiração e amor. Santo Antônio Maria é apresentado como “servo da bem-aventurada Virgem”, stico *h*, como frade, pois, de uma Ordem, cujos Fundadores se colocaram a serviço de Santa Maria, “para que ela, como medianeira e advogada, os reconciliasse com o Filho e os recomendasse a ele. E, suprimindo ela, com sua generosa caridade, às imperfeições deles, misericordiosamente lhes obtivesse a abundância de méritos. Por isso, colocando-se, para a glória de Deus, ao serviço da Virgem sua Mãe, quiseram, desde então, chamar-se *Servos de Santa Maria*”. À luz desse texto, ressalta-se o caráter teocêntrico do serviço prestado pelos Sete Fundadores a Virgem Santa Maria²²⁶.

2.2 – Seis verbos “pastorais”

O restante do embolismo (stichi *i-n*), seguindo a pauta (falsariga???) de *João* 10,1-18, considera seis aspectos de Jesus Bom Pastor, nos quais o pároco de Santo André de Viareggio se inspirou na sua ação pastoral.

2.2.1 - Conhecer

Jesus diz de si mesmo: “Eu sou o bom pastor, conheço as minhas ovelhas e as minhas velhas me conhecem” (*Jo* 10,14; 10,2-5). O prefácio afirma que Santo Antônio Maria “conhecia cada uma das ovelhas que lhe foram confiadas”, stico *i*. Conhecimento esse que, na linguagem de João, significa a relação de amor, profunda e íntima, existente entre Jesus e os seus discípulos: uma relação que implica comunhão no Espírito e que tem como paradigma supremo a relação existente entre o Pai e Jesus.

Referido ao pároco Santo Antônio Maria Pucci, tal conhecimento alude ao amor profundo que ele tinha por seus paroquianos: amor feito de solicitude, de dedicação e de solidariedade pessoal com seus sofrimentos e alegrias.

²²⁶ *Legenda de origine Ordinis 18*, em *Legenda. As origens dos Servos de Maria*, trad. frei José M. Milanez, Rio de Janeiro 1994, p.

2.2.2 - Amar

Jesus “depois de ter amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim” (Jo 13,1), isto é, até o extremo do amor. Por isso, na Última Ceia, levantou-se da mesa e se pôs a lavar os pés dos seus discípulos e, fazendo isso, pela primeira vez, colocou a sua vida e a sua morte sob o signo do amor pelos seres humanos (cf. 13,34; 15,9.13; 17,23). Logo em seguida, no discurso de despedida, Jesus, supremo legislador, promulga o seu “mandamento novo”: “Eu vos dou um novo mandamento: amai-vos uns aos outros. *Como eu vos amei*, também vós deveis amar-vos uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros” (Jo 13,34-35). Assim como não se pode ser discípulo de Cristo sem observar o “mandamento novo”, da mesma forma não se pode ser pastores do rebanho de Cristo sem amar suas ovelhas (cf. Jo 21,15-17), com um amor disposto para dar a vida por elas (cf. Jo 10,11).

Não é necessário delongar-nos para provar o amor de Santo Antônio Maria Pucci pelos fiéis da paróquia litorânea de Santo André de Viareggio. Qualquer biografia dele é, acima de tudo, uma resenha de gestos de amor pelos seus paroquianos, ovelhas do rebanho de Cristo, o Pastor supremo, segundo a feliz expressão da primeira carta de Pedro (1Pd 5,4). No entanto, talvez valha a pena refletir um pouco sobre a expressão que qualifica o amor de frei Antônio Maria Pucci. O texto litúrgico fala de *strenua caritate*, expressão essa que, segundo o contexto, poderia traduzir-se por *caridade empreendedora, resoluto, operante*, tão grande era sua criatividade em empreender atividades pastorais de todo tipo e em acompanhá-las tenazmente no seu desenvolvimento.

2.2.3 – Consolar os aflitos

No comentário à *Oração sobre as Ofertas*, ao falar das obras de misericórdia praticadas por Santo Antônio Maria Pucci, já acenei à sua ação como consolador dos aflitos. O prefácio retoma o tema: “*adflctas [oves] sedulis suscitavit curis*”, stico *k*. Consolar uma ovelha aflita é uma obra de misericórdia extremamente preciosa. A expressão *sedulis curis* indica zelosa atenção marcada pela diligência e dedicação. A tradição bíblica acrescenta a tal cura um gesto de ternura. No *Livro da Consolação*, por exemplo, o profeta Isaías apresenta o Deus da glória como um pastor tomado de cuidados pelo seu rebanho, o povo de Israel:

Qual pastor que cuida com carinho do rebanho,
nos braços apanha os cordeirinhos,
para levá-los ao colo,
e à mãe ovelha vai tangendo com cuidado” (Is 40,11).

Não é fácil transferir a metáfora da ovelha-fiel do texto de Isaías para a realidade em que atuava Santo Antônio Maria Pucci. Os horizontes culturais mudaram profundamente. Não é o caso de perguntar-nos que gestos de ternura ele tenha feito para consolar as mulheres que, no cais do porto, a battigia (???), envoltas em xales pretos, esperavam em vão a volta dos seus maridos, porque os frágeis barcos pesqueiros haviam sido engolidos pela fúria do mar em tempestade²²⁷. A ternura de frei Antônio Maria Pucci é sua presença orante, solidária e

²²⁷ A presença do santo pároco no cais do porto (battigia???) para consolar as mulheres – mães, esposas, irmãs – que, à noite, esperam horas a fio o retorno dos seus familiares pescadores, constitui um dos motivos condutores do hino *A voz que ressoa nos séculos* de Adelaide Maria Giannangeli: “Vagueiam os barcos sobre os vagalhões. / As luzes na noite tenebrosa, / aparecem e desaparecem entre as ondas /. Aguardam as mães

participativa diante da grande dor, presença prolongada, tendo ele também o rosto banhado pela maresia.

2.2.4 – *Reconduzir os errantes*

Ao pôr em destaque a atividade pastoral de Santo Antônio Maria Pucci, o prefácio proclama que ele “*errantes ad laeta veritatis pascua reduxit*” (stico *l*). Sobre o significado do verbo *re-ducere* não pode haver dúvidas: significa *reconduzir*. Pode haver alguma dúvida quanto ao sentido do termo *errantes*. A quem se refere? Na tradição patrística latina e no vocabulário litúrgico o verbo *errare* e o substantivo correspondente *error*, são usados em dois sentidos: afastar-se do caminho da verdade (desvio doutrinal, heresia) e cometer uma ação moralmente censurável (culpa, pecado). O bom pastor deve ocupar-se de quem se afasta da verdade e comete atos censuráveis. Ele deve reconduzir para o caminho da verdade os fiéis que abraçaram doutrinas incompatíveis com o Evangelho e deve induzir o pecador a converter-se, abandonando o pecado. Era assim que fazia Jesus: ensinava a verdade, fustigava os vícios, perdoava o pecador arrependido; e era assim que fazia Santo Antônio Maria Pucci em relação aos fiéis entregues aos seus cuidados pastorais.

Os anos em que frei Antônio Maria exerceu sua atividade pastoral (1846-1892) coincidem, em boa parte, com os anos do pontificado de Pio IX (1846-1878), época em que pululavam os erros contra a doutrina católica: panteísmo, naturalismo, racionalismo absoluto, indiferentismo, comunismo... O papa os havia elencados no *Syllabus* ou no *Elenco de erros proscritos em vários documentos de Pio IX*, promulgado em 8 de dezembro de 1864²²⁸. Os fiéis da paróquia de Santo André de Viareggio talvez não tivessem sido contaminados pelas doutrinas filosóficas e teológicas errôneas da época, mas eles e os frades sofreram de alguma forma as conseqüências da situação confusa criada na Itália que buscava uma nova ordem política²²⁹.

O stico *l* (???) mostra, pois, Santo Antônio Maria Pucci que “*reconduz os errantes aos alegres prados da verdade*”. Depois de vários textos inspirados no Evangelho de João, temos aqui um item (stico) que evoca a parábola da ovelha perdida, narrada por São Lucas (cf. 15,4-7). Um pastor, dono de cem ovelhas, deixa noventa e nove no deserto e vai em busca da ovelha perdida. Ela corre perigo – perigo de lobos, perigo de cair em cavidades apertadas, perigo da fome... Quando a encontra, ferida e faminta, não a repreende, mas, todo feliz, a coloca nos ombros e a leva de volta ao redil. Depois Jesus, deixando de lado a linguagem parabólica, explica: “Assim haverá no céu alegria por um só pecador que se converte, mais do que por noventa e nove justos, que não precisam de conversão” (*Lc* 15,7).

Santo Antônio Maria Pucci aplicou muitas vezes em sua atividade de pároco e pastor o ensinamento dessa parábola. Reconduziu o pecador - pouco importa se desviado por

esperanças / seu aportar, enquanto rezam piedosas / a Virgem Mãe das Dores. / Antônio, em vigília, reza junto com elas, / conforta e exorta, ensina e ama, / orienta para Cristo mentes e corações” (estrofes 3-5) (*in Lode di Sant'Antonio Maria Pucci*. Centro Edizioni “Marianum”, Roma 1991, p. 55.58). O hino foi musicado pelo maestro Terenzio Tardini, OFM.

²²⁸ Texti em H. DENSINGER, *Enchiridion Symbolorum definitionum et declarationum de rebus fidei e morum*. Edição bilíngüe organizada por P. Hünermann, EDB, Bologna 1995, n° 2901-2980, p. 1028-1041.

²²⁹ Cf. a este respeito o artigo bem documentado de O. Jacques DIAS, *L'Ordine dei Servi di Maria al tempo di sant'Antonio Maria Pucci*, in E. Peretto (a cura di), *Storia e profetia nella memoria di um frate santo*. Encontro de estudos realizado na celebração do primeiro centenário da morte de Santo Antônio Maria Pucci, dos Servos de Maria, organizado pela Pontifícia Faculdade Teológica Marianum com a colaboração do Instituto Histórico OSM, Roma 14-16 de outubro de 1992, p. 141-208.

especulações doutrinárias ou pela prática de atos eticamente censuráveis - a encontrar-se com Deus, a abrir-se para ele num momento de graça, quando desabrocham e se fundem a alegria de Deus e a alegria do pecador.

O stico *l(???)* diz que as pastagens são *alegres*: “*laeta veritatis pascua*”. Alhures são consideradas salutares²³⁰ ou então eternas²³¹. Por que aqui “*alegres*”? A meu ver, por dois motivos. Primeiro, a alegria do pastor, por um feliz contágio, reflete-se na qualidade das pastagens que ele agora oferece à sua ovelha. Segundo, e principalmente por isso, porque são pastagens da verdade (*veritatis pascua*), pastagens de Jesus que é a *Verdade* na sua expressão mais elevada (cf. *Jo* 14,6). Verdade, luz que dissipa as trevas, vida que nos enche de alegria, caminho que reconduz aos braços do Pai.

2.2.5 – Instruir

Divinis verbis erudit, stico *m*. Santo Antônio Maria Pucci “instruía com palavras divinas” as ovelhas confiadas aos seus cuidados pastorais. Assim fez Jesus em sua vida terrena: dedicou muito mais tempo ao “serviço da Palavra” do que a qualquer outra ação pastoral. Assim foi na tradição eclesial. O *munus docendi* ou o dever de ensinar antecede quer o dever de santificar (*munus sanctificandi*), quer o dever de governar (*munus gubernandi*). O anúncio-ensinamento da Palavra é indispensável para a adesão de fé (*fides ex auditu*, cf. *Rm* 10,17).

E assim foi também para Santo Antônio Maria Pucci. Segundo uma feliz expressão de R. Bedont, ele foi um “santo servidor da Palavra”²³². Preparava com muito carinho e escrevia em folhas as homilias. A maioria delas chegou até nós, mas só uma pequena parte já foi publicada. Suas homilias “comprovam o grande amor que ele tinha pela Palavra de Deus”²³³. A explicação exegética era reduzida ao mínimo, mas abundantes eram as aplicações à vida concreta, aos comportamentos pouco edificantes do povo simples (por exemplo, consumo excessivo de vinho nos bares, maridos que batem nas esposas por motivos fúteis...), às atitudes hipócritas da classe média e à superficialidade da prática religiosa²³⁴.

Para promover a catequese, Santo Antônio Maria instituiu a *Associação de São Luiz Gonzaga e da Doutrina cristã*, aprovada em 16 de junho de 1851 pela cúria diocesana. A Associação não se limitava a transmitir o ensino da doutrina cristã em vista da primeira comunhão das crianças, mas era um instrumento de formação permanente, de tal forma que os adultos deviam participar das aulas ministradas aos domingos e nas escolas noturnas²³⁵.

2.2.6 – *Salutaribus sacramentis reficere*

²³⁰ “*salutaria pascua sempre inveniat*” (Missal Romano 1970, São Norberto, 6 de junho).

²³¹ “*oves quas pretioso Filii tui sanguine redemisti, in aeternis pascuis collocare dignetis*” (Missal Romano 1970, IV Domingo da Páscoa)

²³² E. BEDONT, *Sant’Antonio Maria Pucci: parroco*, in E. Peretto (a cura di), *Storia e profezia*, (cit. na nota ???), p. 414.

²³³ *Ibid.*, p. 414.

²³⁴ Cf. *ibid.*, 414.

²³⁵ Cf. *ibid.*, 409.

O embolismo prefacial termina com uma frase breve e serena: “*salutaribus sacramentis reficere*”, stico *n*. O *cursus* do stico (???) (*cursus planus*) transpira serenidade e encerra todo o embolismo com um ritmo tranqüilo.

O stico *n* alude à função de santificar (*munus sanctificandi*) que Santo Antônio Maria cumpriu responsabilmente. A terminologia é clássica. O verbo *re-ficere* alude à paciente e tenaz obra de Deus no re-fazer o ser humano, obra de suas mãos (cf. *Gn 2,7.21-22*). O ser humano foi reconduzido ao seu esplendor original graças à obra salvífica de Cristo, o homem novo e perfeito, que realizou em si mesmo o projeto do Pai sobre o Homem-Filho. No entanto, muitas vezes o ser humano deturpa, com seus pecados, a imagem resplendente da sua condição filial. Para restaurar essa imagem, Cristo dotou a Igreja de instrumentos eficazes: os sacramentos. Eles são qualificados como salutareis (*salutaribus sacramentis*), porque pertencem ao âmbito do projeto salvífico de Deus, por Cristo, no Espírito.

Em sua ação pastoral, Santo Antônio Maria Pucci soube harmonizar com grande equilíbrio a Palavra e o Sacramento: a Palavra desabrocha no Sacramento e revela seu significado; o Sacramento realiza o que a Palavra anuncia. O pároco de Santo André de Viareggio foi – como vimos – um servidor atento da Palavra e, ao mesmo tempo, um dedicado celebrante dos Sinais sagrados, nos quais se prolonga e se realiza aqui e agora o mistério da salvação.

FREI IGNACIO M. CALABUIG, OSM

IV

RITO DA COMUNHÃO

1. ANTÍFONA DA COMUNHÃO

O canto da comunhão “tem por objetivo exprimir, mediante o acorde das vozes, a união espiritual daqueles que comungam, mostrar a alegria do coração e tornar mais fraterna a procissão daqueles que se aproximam para receber o Corpo de Cristo”²³⁶.

A antífona da comunhão da missa de Santo Antônio Maria Pucci é tirada de *Isaías* 40, 11ab:

- a* Sicut pastor gregem suum pascit,
- b* in brachio suo congregat agnos.

*Qual pastor que cuida com carinho do rebanho,
nos braços apanha os cordeirinhos.*

É o momento da comunhão. A comunidade dos discípulos cumpre o preceito litúrgico do Senhor: “Jesus tomou o pão e pronunciou a bênção, partiu-o, deu-o aos discípulos e disse: «Tomai, comei, isto é o meu corpo». Em seguida, pegou um cálice, deu graças e passou-o a eles, dizendo: «Bebei dele todos, pois este é o meu sangue da nova Aliança, que é derramado em favor de muitos, para remissão dos pecados»” (*Mt 26,26-27*).

Momento da comunhão: do pão-Corpo e do vinho-Sangue. O Pastor apascenta as suas ovelhas, não se apascenta delas. Jesus dá o seu corpo como alimento, e o seu sangue como bebida, para que os seus discípulos, assimilando a sua carne e bebendo o seu sangue, se transformem nEle, se tornem Ele.

²³⁶ IGMR (Ed. 2002), n° 86.

Momento da comunhão: da Esposa que, sob os sinais do pão partido e do vinho derramado, reconhece o amor infinito do seu Esposo que deu a vida por ela (cf. *Ef* 5,25-27; *Gl* 2,20).

Na seqüência ritual, os fiéis dirigem-se em procissão ao altar. Um ministro da Eucaristia – bispo, presbítero, diácono – apresenta a cada um deles a espécie do pão e do vinho e pede-lhe uma profissão de fé. Recebida a resposta, o celebrante entrega o pão-Corpo e o vinho-Sangue.

Neste ínterim, canta-se a antífona da comunhão. Os fiéis, embora recolhidos em diálogo com o Senhor Jesus, mediante o canto da antífona, entrevêm o rosto dos pastores segundo o coração de Jesus.

Primeiro, o rosto de Santo Antônio Maria Pucci que, numa época em que era rara a comunhão freqüente, conseguiu criar forte consciência eucarística e, por causa disso, a celebração da Ceia do Senhor (cf. *1Cor* 11,20) na paróquia de Santo André de Viareggio era ritualmente veraz e real: fiéis que tomavam das mãos do pároco o Corpo-Sangue de Cristo.

O rosto de Cristo Bom Pastor, que apascenta as suas ovelhas e as alimenta com carinho, como aquele homem, no tempo do rei Davi, que “só possuía uma ovelha pequenina, que tinha comprado e criado. Ela crescera em sua casa junto com seus filhos, comendo do seu pão, bebendo do seu copo, dormindo no seu regaço. Era para ele como uma filha” (*2Sm* 12,3).

E ainda, em força das palavras da antífona, “o rosto” de JHWH, o pastor de Israel, aquele que “qual pastor que cuida com carinho do rebanho, nos braços apanha os cordeirinhos” (*Is* 40,11ab). A menção do braço remete certamente ao “braço poderoso” de JHWH (cf. *Dt* 4,34; 5,15; 7,19; 9,29; 11,2) e aos prodígios realizados para libertar Israel da escravidão do faraó.

No início da celebração, a antífona de entrada (*Is* 49,13) foi um convite à alegria, a perscrutar com o pensamento o alvo da festa. Agora, pelo contrário, a antífona da comunhão (*Is* 40, 11ab) é um convite para exprimir os sentimentos que nos levam a aprofundar a nossa união Jesus e a manifestar a alegria do coração. Pensamento e sentimento. Razão e fé. A união com Jesus é, por um lado, um requisito prévio, e por outro, um fruto da celebração da Ceia do Senhor (Cf. *1Cor* 11,17ss). O motivo principal da celebração é o encontro imediato com Jesus eucarístico, do qual deriva a alegria, a um tempo, transbordante e sóbria do coração.

A antífona de entrada e a antífona da comunhão são interligadas pela figura do Senhor, que consola o seu povo e tem pena dos seus pobres (*Is* 49, 13cd), daquele que, qual pastor de Israel, apascenta o seu rebanho e o recolhe com seu braço poderoso e suave para o âmbito do seu amor.

ALEJANDRO M. FRAUSTRO MEDINA, OSM

2. ORAÇÃO DEPOIS DA COMUNHÃO

É uma oração nova na liturgia de Santo Antônio Maria Pucci. De fato, consta pela primeira vez no *Próprio das Missas OSM* de 1972 e não foi modificada na segunda edição típica publicada em 1998²³⁷.

Vejamos logo o texto original e a versão em língua portuguesa:

a Roboret nos, quaesumus, Domine,

²³⁷ *Proprium Missarum Ordinis Fratrum Sevrorum beatae Mariae Virginis*. Editio typica altera, Cúria Generalis OSM, Romae MCMXCVIII.

b sacramenti tui divina libatio,
c ut, beati Antnii Mariae exemplo,
d fratres nostros egenos
e misericordiae operibus
f et mentem sublevemus et corpore.
Per Christum.

Na versão em língua portuguesa soa assim:

*Fortaleça-nos, Senhor este divino sacramento
que nos serviu de alimento,
e fazei que, seguindo o exemplo de Santo Antônio Maria,
possamos, com nossas obras de misericórdia,
socorrer no corpo e no espírito os irmãos necessitados.
Por Cristo.*

O sacerdote que preside à celebração da Eucaristia e os fiéis que receberam o Corpo e o Sangue do Senhor voltaram para seus lugares, onde “todos juntos [...] rezam em silêncio por breve tempo”²³⁸. Em seguida, o sacerdote, convidando para a oração coletiva – *Oremus* – rompe o silêncio e inicia a *Oração Depois da Comunhão: Roboret nos* (“Fortaleça-nos”). É bonito pensar que, de acordo com o significado do verbo *roborare*, a voz do celebrante se espalha, forte, decidida e tranqüilizadora, pela nave da igreja.

Dia 12 de janeiro, nas igrejas e capelas da Família dos Servos e Servas de Maria, no vasto leque dos pedidos da *Oração depois da Comunhão* da liturgia romana, a graça a se pedir é, portanto, a fortaleza. No plano da vida sobrenatural, quem se nutre do Corpo e do Sangue do Senhor não é um fraco, mas um forte e robusto. Doutrina antiga essa que tem nesta *Oração depois da Comunhão* uma excelente formulação literária. Quem se nutre com o Corpo e o Sangue de Cristo cresce na união íntima com Ele. A comunhão na Carne de Cristo ressuscitado conserva, aumenta e renova a vida da graça recebida no Batismo; restaura as forças perdidas; fortalece a caridade que, na vida do dia-a-dia tende a enfraquecer-se; apaga os pecados veniais e preserva de cometer pecados mortais.

2.1 – *Divina libatio*

Para designar a celebração eucarística a *Oração depois da Comunhão* recorre à expressão *divina libatio*. A *libatio* é um rito sacrificial conhecido nas religiões pagãs e no cerimonial do Antigo Testamento. Consiste em derramar sobre a vítima ou sobre o altar, em honra da divindade, um pouco de leite, vinho, água, mel ou outro líquido. No *Livro do Eclesiástico*, o Sumo Sacerdote Simão é celebrado pelo modo solene com que realizava o rito da *libatio*:

Estendia sua mão para a libação
e fazia a libação do sangue da uva;
derramava-o enfim sobre as bases do altar,
como perfume agradável ao Excelso Príncipe (*Eclo* 50,16-17).

²³⁸ *Missale Romanum* ex decreto sacrosancti Oecumenici Concilii Vaticani II instauratum, auctoritate Pauli Pp. VI promulgatum, Ioannis Pauli Pp. II cura recognitum, Editio typica tertia: Typis Vaticanis A D. MMII, p. 602, n. 138.

O profeta *Joel*, pelo contrário, lamentando a desolação em que se encontra Jerusalém, escreve desconsolado:

Na casa do Senhor já não existem
oferendas nem libação de vinho.
Os sacerdotes, ministros do Senhor,
estão todos de luto (*Jl* 1,9).

No Novo Testamento, o termo *libatio*, é usado em sentido figurado por São Paulo na comovida e comovente despedida de Timóteo, discípulo e amigo. Paulo está em Roma, sozinho, cansado, pela segunda vez prisioneiro em cárcere rigoroso. Ele sente que seu fim se aproxima e escreve ao querido discípulo: “Quanto a mim, já estou sendo oferecido em libação (*delibor*), pois chegou o tempo da minha partida” (*2Tm* 4,6).

O termo *libatio* entra na liturgia romana relativamente tarde. No venerável *Sacramentarium Veronese* só se encontra uma vez na Oração depois da Comunhão de uma missa das tēmporas do outono.

Vegetet nos, Domine, semper et innovet
tuae mensae sacrata *libatio* (*Ve* 897).

Nesse texto, porém, o termo *libatio* sofreu uma mudança de significado: já não indica o ato de derramar uma bebida sobre o altar (*sacra mensa*), mas o ato de sorver a bebida, isto é, o sangue de Cristo. A bebida está no cálice colocado sobre a mesa eucarística para ser sorvida pelo sacerdote e pelos que participam da celebração dos divinos mistérios.

2.2 - As obras de misericórdia

O evangelista Lucas, no assim-chamado *Discurso da planície* (6,20-49), relata a exortação de Jesus aos seus discípulos: “Sede misericordiosos como vosso Pai é misericordioso” (6,36), cuja misericórdia é eterna (cf. *Sl* 136 [135], 1-26: neste salmo, após cada versículo, repete-se o refrão “porque eterna é a sua misericórdia”); (cf. *Sl* 118 [117] 1.2.3.4), cujas vísceras são vísceras de misericórdia (*Lc* 1,78) e cuja riqueza é a misericórdia (cf. *Ef* 2,4). Exortação peremptória esta: um filho deve assemelhar-se ao pai, um filho sem misericórdia seria um filho degenerado.

A infinita misericórdia de Deus inspirou aos seus filhos muitas maneiras para praticar a misericórdia. A experiência cristã catalogou-as em dois grupos, cada um dos quais com nove gestos de misericórdia: nove obras de misericórdia corporais e nove obras de misericórdia espirituais. Trata-se de uma distinção útil que não pretende ser exaustiva nem propor modelos “puros”. Assim se lê no *Catecismo da Igreja Católica*:

As obras de misericórdia são ações criativas pelas quais socorremos o próximo em suas necessidades corporais e espirituais (cf. *Is* 58,6-7; *Hb* 13,3). Instruir, aconselhar, consolar confortar são obras de misericórdia espiritual, como também perdoar e suportar com paciência. As obras de misericórdia corporal consistem sobretudo em dar de comer a quem tem fome, dar de beber a quem tem sede, dar moradia aos desabrigados, vestir os maltrapilhos, visitar os doentes e prisioneiros, sepultar os mortos (cf. *Mt* 25, 31-46). Dentre esses gestos de misericórdia, a esmola dada aos pobres (cf. *Tb* 4,5-11; *Eclo* 17,17), é um dos principais testemunhos da caridade fraterna. E é também uma prática de justiça que agrada a Deus (cf. *Mt* 6,2-4)²³⁹.

²³⁹ *Catecismo da Igreja Católica*, n° 2447.

Santo Antônio Maria Pucci foi homem de grande misericórdia. À figura tradicional do pároco Bom Pastor deve-se acrescentar a do pároco Bom Samaritano (cf. *Lc* 10,29-37), isto é, daquele Samaritano que, passando perto de um desconhecido ferido pelos assaltantes moveu-se de compaixão: “Aproximou-se dele e tratou-lhes as feridas, derramando nelas óleo e vinho. Depois colocou-o em seu próprio animal e o levou a uma pensão, onde cuidou dele” (*Lc* 10,34).

Os documentos do processo de beatificação trazem abundantes testemunhos sobre as obras de misericórdia do santo pároco: esmolas dadas ocultamente, visitas diárias aos enfermos, perdão concedido sem reserva, conselhos decisivos para a solução de problemas graves, paciência em suportar as pessoas molestas e as contrariedades da vida. Nos anos de 1854-1855 a epidemia do cólera assolou Viareggio. As testemunhas do processo canônico afirmam que o santo pároco passava incansavelmente de uma casa para outra. Não se dava descanso. À noite dormia vestido sobre um catre que tinha mandado instalar em seu escritório para estar sempre pronto a atender algum chamado. Desta forma, “operou portentos de caridade, com evidente perigo de tornar-se vítima do contágio letal, confortando os doentes terminais, servindo-os também como enfermeiro e distribuindo, por todo lado, palavras de encorajamento e tudo o que lhe caía nas mãos para socorrer os necessitados”.

2.3 – *Socorrer no corpo e no espírito*

A celebração da eucaristia nos fortaleceu. Santo Antônio Maria Pucci nos deu um exemplo luminoso de como se praticam as obras de misericórdia. Agora, toca a nós, que participamos ativamente destes divinos mistérios, agir em coerência com o sacramento e os exemplos recebidos.

Além da fortaleza, a liturgia pede para nós a graça de socorrer no corpo e no espírito os irmãos e irmãs necessitados.

Socorrer. O necessitado no corpo e no espírito é muitas vezes um irmão abatido, exausto de forças físicas, quase incapaz de olhar para o alto. Nossa atenção deve estar voltada para o necessitado na totalidade do seu ser, composto de corpo e alma, segundo a concepção antropológica tradicional. Assim fazia Santo Antônio Maria Pucci: saciava o faminto com o pão necessário para a vida, mas nutria o seu espírito com o pão da Palavra. Na práxis pastoral ele se atinha a este princípio: “Nunca dar o pão sem a Palavra, nem a Palavra sem o pão”²⁴⁰. Vestia o nu e era solícito em lavar as nódoas que manchavam o esplendor de sua veste batismal.

Como pano de fundo de sua ação pastoral, Santo Antônio Maria Pucci tinha sempre diante de si a misteriosa palavra de Jesus com a qual ele se identifica com o pobre, o faminto, o nu, o prisioneiro: “Eu estava com fome, e me destes de comer; estava com sede, e me destes de beber; eu era forasteiro, e me recebestes em casa; estava nu, e me vestistes; doente, e cuidastes de mim; na prisão, e fostes visitar-me. [...] Em verdade vos digo: todas as vezes que

²⁴⁰ Frei David M Turolto, no hino das Laudes da festa de Santo Antônio Maria Pucci dedicou duas estrofes para ressaltar a fidelidade do santo pároco a este princípio pastoral: “Assim agias e dizias aos irmãos: / nunca deis o pão sem a fé / porque, faltando a fé, é certo / que não apreciam o dom do pão; / nem deis a fé sem o pão / pois provado está que nem mesmo a fé / sem o pão é apreciada: / assim cuidaste por anos a fio do teu rebanho” (*Liturgia delle Ore. Proprio dell’Ufficcio dell’Ordine dei Servi di Maria, Commissione Litúrgica Italiana dell’Ordine dei Servi di Maria, 1978, p. 53-54*). (Na versão em português da Liturgia das Horas, as Laudes da Festa de Santo Antônio Maria Pucci não trazem esse hino de frei David M. Turolto, mas outro, que é tradução do latim do antigo hino de Laudes, feita pelo abade beneditino Dom Marcos Barbosa. N.d. T.)

fizestes isso a um destes mais pequenos, que são meus irmãos, foi a mim que o fizestes!” (*Mt* 25, 35-36.40).

IGNACIO M. CALABUIG, OSM

PARTE II

A CELEBRAÇÃO DA LITURGIA DAS HORAS NA FESTA DE SATO ANTÔNIO MARIA PUCCI

I HINOGRÁFIA

1. O AUTOR: FREI URBANO M. BATALONI

Os três hinos – do Ofício das Leituras, das Laudes e das Vésperas – do Ofício da Festa de Santo Antônio Maria Pucci foram compostos por frei Urbano M. Bataloni (†1975) por ocasião da canonização celebrada pelo papa João XXIII na basílica de São Pedro, em 8 de dezembro de 1962, e entraram a fazer parte dos Ofícios Próprios OSM de 1964²⁴¹. O *Proprium* atual manteve-os inalterados²⁴².

Frei Urbano M. Bataloni, filho de José e de Josefa Saccarelli, nasceu em San Lorenzo Nuovo (Viterbo) em 27 de abril de 1915 e morreu em Spello (Perúcia) em 29 de outubro de 1975. Aos dez anos de idade foi admitido no postulante “B. João Ângelo de Milão” de Nepi (Roma), da Província Romana. Recebeu o hábito da Ordem em 15 de agosto de 1930; em 23 de agosto do ano seguinte, emitiu a primeira profissão e, em 2 de maio de 1936, a profissão solene. Concluídos os estudos da filosofia e da teologia no professorado de Nepi, foi ordenado presbítero em 10 de novembro de 1937.

Em 1939 colou grau de bacharel em teologia. Foi homem de inteligência aguda, de vasta cultura e experto em língua latina. Os hinos que ele compôs para a memória litúrgica de Santo Antônio Maria Pucci foram elogiados pelo padre Vitério Genovesi, SJ, hinógrafo oficial da Sagrada Congregação dos Ritos, o qual fez apenas alguns leves retoques²⁴³. Frei Urbano mostrou o seu amor à Ordem também em suas pesquisas histórico-hagiográficas que a morte precoce impediu que fossem levadas a termo.

Sem seu necrológio, publicado em *Acta Ordinis OSM*, a vida de frei Urbano M. Bataloni é sintetizada nestes termos: “Frade de exímias qualidades de mente e de coração, procurou sempre ocultar sua grande inteligência, dando exemplo de verdadeira humildade. Jamais se poupou no sacrifício, trabalhando para o bem da Província Romana”²⁴⁴.

2. ESTRUTURA ORGÂNICA DA HINOGRÁFIA

No conjunto dos três hinos do Ofício de Santo Antônio Maria Pucci percebe-se uma estrutura orgânica fundamental, dentro da qual cada hino desenvolve seu tema específico. Os

²⁴¹ *Proprium Officiorum Ordinis Fratrum Servorum B. Mariae Virginis*, Pars Prior. Marietti, [Torino] 1964, p. 10-11.27-28.30. A edição em português [*Liturgia das Horas. Ofícios próprios da Ordem dos Servos de Santa Maria*, Città Nuova Editrice, Roma 1995] traz apenas dois hinos do frei Urbano M. Bataloni, ambos traduzidos pelo monge beneditino Dom Marcos Barbosa: das Laudes (p. 55) e das Vésperas (60). O hino do Ofício das Leituras (p. 46) é de autoria de frei David M. Tuoldo.

²⁴² *Liturgia Horarum. Proprium Officiorum Ordinis Fratrum Servorum B. Mariae Virginis*, I Menses December-Maius. Cúria Generalis OSM, Romae 1977, p. 57-58.63-64.67-68.

²⁴³ Cf. *Studi Storici OSM* 15 (1965), p. 14.

²⁴⁴ *Acta Ordinis Servorum B. Mariae Virginis* 60 (1975), p. 336.

três hinos, embora enfocando apenas os elementos essenciais, apresentam o perfil integral do santo.

O hino *Iam decet festo famulos Mariae* do Ofício das Leituras, é eminentemente biográfico. O hino *Te, promente diem sole, piis Deus*, das Laudes, enfatiza o carisma peculiar de Santo Antônio Maria Pucci, isto é, a solicitude pelos paroquianos em suas necessidades espirituais e materiais e a prática heróica da caridade para com todos os irmãos. O hino *Dies Mariae Servulis*, das Vésperas, canta o servo fiel, enamorado da Virgem Maria, e o sacerdote agente de reconciliação e de paz.

2.1 – O hino do Ofício das Leituras

O hino tem sete estrofes de versos sáficos, como segue:

- | | |
|---|--|
| 1. Iam decet festo famulos Mariae
cantico Antonii celebrare laudes,
qua die sacra recipit supremam
rite coronam. | 1. Ergue-se em festa a Família dos Servos,
canta louvores a Antônio Maria,
que hoje recebe a suprema coroa
da eterna alegria. |
| 2. Qui piae vitae meritis onustus
gloriam scandit superam, potitus
regia caeli, micat unde toti
fulgidus orbis. | 2. Repleto de méritos por sua santa vida
sobe glorioso à pátria celeste
donde ilumina, qual astro esplendente,
o orbe terrestre. |
| 3. Gestiens summa pietate ad aedes,
quae salutata perhibent Mariam,
eligit sanctam Dominoque gratam
ducere vitam. | 3. Devoto contempla e no templo venera
a santa Virgem Maria Anunciada,
e alegre escolhe viver vida santa
a Deus consagrada. |
| 4. Quos Dei passa est Genitrix acerbos
saepius volvens animo dolores,
seque commissum populumque, Matri
devovet almae. | 4. As dores atroztes da Mãe do Senhor
sempre medita em seu coração:
à Virgem das Dores fiel se consagra
e o seu povo irmão. |
| 5. Laude virtutum magis usque clarus,
ut gigas gressu celerat perenni,
quem nec inflectunt retrahuntve celsis
ardua coeptis. | 5. Brilham preclaras suas santas virtudes,
de largos passos é seu caminhar:
levanta obras que óbice algum
logra entrar. |
| 6. Qui Dei visu frueris beatus,
esto conservis columen, tenebras
auferens mentis, similesque nobis
ingere mores. | 6. Agora que gozas de Deus a visão
protege os confrades, afasta da mente
as trevas do mal, e tuas santas virtudes
dá-nos clemente. |
| 7. Concinant laudes Domino per aevum,
qui suis servis tribuit coronas,
caelites cuncti, resonoque plausu
terra resultet. Amen. | 7. Glória a Deus Pai por todos os séculos
cantam os coros celestes também:
Àquele que aos servos concede a coroa
louvor eterno. Amém. |

As duas primeiras estrofes são como uma introdução do hino e de todo o ofício: os Servos de Santa Maria fazem memória do seu irmão santo, no aniversário do seu *dies natalis*

(1ª estrofe), isto é, no dia em que ele, carregado de méritos (*meritis onustus*) de uma vida toda dedicada ao bem (*piae vitae*), sobe à glória do céu (*gloriam scandit superam*), onde, qual estrela reluzente, brilha sobre o mundo inteiro (*micat unde toti fulgidus orbi*) (2ª estrofe).

As estrofes seguintes traçam uma biografia rápida e essencial do santo, sem prender-se a episódios particulares, mas colocando em evidência os dois pólos que orientaram a sua vida, isto é, a contemplação do mistério da Virgem da Anunciação (*Gestiens summa pietate ad aedes, / quae salutatam perhibent Mariam*) (3ª estrofe) e a contemplação do mistério da dor da Mãe de Jesus (*quos passa est Genitrix acerbos / saepius volvans animo dolores*), contemplação essa que o levou a consagrar-se a si mesmo e ao povo que lhe fora confiado à Mãe da Vida (*Matri devovet almae*).

O autor do hino parece atribuir a vocação de Santo Antônio Maria Pucci às frequentes visitas que fez à basílica da Santíssima Anunciada de Florença. Isso não é historicamente provado, mas pode-se considerar como uma verdade poética que tem base de probabilidade na devoção à Virgem Anunciada, difundida em toda a região da Toscana, fomentada pela célebre pintura que se encontra na basílica de Florença, que representa Maria recebendo o anúncio de Gabriel.

Santo Antônio Maria, inspirado pela Virgem, escolhe uma vida santa e agradável a Deus (*eligit sanctam Dominoque gratam / ducere vitam*) e, praticando as virtudes cristãs (*laude virtutum magis usque clarus*), percorre, com passos de gigante, um itinerário veloz de progresso espiritual, no qual a caridade lhe inspira iniciativas e obras heróicas (*celsis coeptis*), das quais nenhuma dificuldade o afasta (*nec inflectunt retrahuntve*) (5ª estrofe).

Na sexta estrofe, o hino concentra-se em oração. Os Servos de Maria rezam para que o santo, que agora goza da visão de Deus, sustente os seus confrades (*esto conservis columen*), esclarecendo-lhes as mentes (*tenebras auferens mentis*) e implorando para eles suas mesmas virtudes (*similesque nobis ingerens mores*).

O hino tem uma estrutura equilibrada e harmônica e responde aos comprovados cânones tradicionais adotados inclusive na mais recente hinografia. Tem uma *introdução* (1ª e 2ª estrofes), que anuncia o objeto da celebração; um *corpo* (3ª, 4ª e 5ª estrofes), que faz um rápido relato histórico, ressaltando os aspectos que causam admiração e comoção sem cair na banalidade de uma historinha versificada; uma *súplica*, isto é, o pedido de ajuda que faz do hino uma “*supplex gloria*” (6ª estrofe); e uma *doxologia* (7ª estrofe) que, com leve aceno escatológico, associa ao coro dos santos o canto de louvor dos Servos ao Altíssimo Senhor.

A linguagem é nobre e elevada. O uso dos termos revela um gosto literário refinado, que o autor adquiriu no contato com os escritores da antiguidade clássica e cristã, como se constata em expressões como estas:

- *gloriam scandit superam e potitus regia caeli* (2ª estrofe);
- *gestiens summa pietate ad aedes* (3ª estrofe);
- *acerbos saepius volvans animo dolores* (4ª estrofe);
- *esto conservis columen e ingere mores* (6ª estrofe);
- *ut gigas gressu celerat perenni* (5ª estrofe), expressão densa de significado, à qual a reminiscência bíblica (cf. *Sl* 18 [19], 6) confere austeridade e grandiosidade.

Cada expressão dessas evoca icasticamente (???) um traço específico do perfil de Santo Antônio Maria Pucci: seu progresso espiritual (*laude virtutum*), perseguido com tensão constante (*gressu celerat perenni*), sua santa obstinação (*nec flectunt retrahuntve*) nas obras, embora onerosas, em favor do povo.

O hino, composto de per si para ser cantado, oferece também a quem simplesmente o lê o bom gosto de uma melodia diversificada, variada nas tonalidades, em harmonia com as

imagens e os pensamentos expressos, marcados ora pela reverência e comoção, ora pela exultação, ora pela súplica.

2.2 – O hino das Laudes

O hino tem sete estrofes de quatro versos. Cada estrofe compõe-se de três versos asclepiadeus menores e de um verso glicônio (segundo sistema asclepiadeu). Nas sete estrofes o autor desenvolve o seu projeto de celebração, ilustrando o carisma próprio de Santo Antônio Maria Pucci, isto é, a prática heróica da caridade:

- | | |
|---|---|
| 1. Te, promente diem sole, Deus,
fas est praesidium pangere canticis
Antonii, placidus carminis excipe
Servorum officium sacri. | 1. Deus, que de Antônio foste força e vida,
enquanto o sol vem trazendo o dia,
acolhe o hino que hoje a ti cantamos,
com alegria. |
| 2. Pastoris vigilis munera prosequens,
acclines vitiis providus erigit,
quos Christo satagit nexibus impiger
devincere tenacibus. | 2. Qual bom pastor, se alguém no vício tomba,
vai logo erguê-lo, e o toma nos seus braços,
ou então se esforça por prendê-lo ao Cristo
por fortes laços. |
| 3. Christi fervet enim pectore caritas,
qua lampas rutilans fit proprio gregi,
omnes assiduus ducere dum studet
ad vitae latices sacros. | 3. Brilha em seu peito o imenso amor do Cristo,
para o rebanho é luz e claridade;
a todos busca conduzir às fontes
da santidade. |
| 4. Pressis pauperie subvenit omnibus
concessis opibus, nec semel exuit
et vestes proprias, quando rogantibus
instat dira necessitas. | 4. A qualquer pobre logo presta ajuda,
dá o que tem, nenhum cuidado o impede:
chega a despir-se e dar as próprias vestes,
se alguém lhe pede. |
| 5. Curandis operam dans pueris, maris
Tyrrheni reficit litore corpora
primus debilium, quos simul optimis
Christi legibus imbuat. | 5. Para os meninos pobres ele encontra
bem junto ao mar Tirreno as praias calmas;
aos corpos cura e a santa lei de Cristo
ensina às almas. |
| 6. Horrens cum populis ingueret lues,
certatim caderent aegraque corpora,
cunctis impavidus, tu, morientibus
consolator ades pius. | 6. Grassando horrível peste em todo o povo,
por todo o canto geme algum doente;
porém Antônio a todos confortando,
vê-se presente. |
| 7. Huius da meritis nos quoque tendere
ad Te, trine Deus, máxima Unitas,
ut vox nostra, simul com Superis tuam
laudat carmine gloriam. Amen. | 7. Por meio dele dá que nós tendamos
a Ti, ó Trino Deus, suma Unidade,
e a nossa voz te louve com teus santos
na eternidade. Amém. |

A primeira estrofe, à guisa de introdução, situa o hino na hora para a qual é destinado e aponta o objeto do canto. A hora é das Laudes Matutinas, quando o sol faz nascer o dia na terra (*promente diem sole*). O objeto é o louvor divino na memória de Santo Antônio Maria Pucci, porque Deus jamais o deixou sem sua proteção (*Te [...] praesidium Antonii fas est pangere canticis*). No seu zelo de pastor e na sua luta incansável pelo bem contra os males que afligem o ser humano, nunca lhe faltou a ajuda e a proteção (*praesidium*) de Deus.

O primeiro versículo da segunda estrofe sintetiza a atividade do santo pastor: a guarda vigilante do rebanho (*pastoris vigilis munera prosequens*). Depois, prossegue apontando um dos aspectos fundamentais de sua ação: despertar a consciência dos paroquianos inclinados ao pecado (*acclines vitiis providus erigit*) e ancorá-los em Cristo: *Quos Christo satagit nexibus impiger devincere tenacibus* (2ª estrofe).

O presbítero frei Antônio Maria que induz os seus filhos a manter os olhos e o coração voltados para os bens do céu, é caracterizado com uma imagem muito bonita de ascendência bíblica: o amor de Cristo faz dele uma lâmpada que orienta os fiéis para as pastagens sagradas da vida (*Christi fervet enim pectore caritas, / qua lampas rutilans fit proprio gregi*) (3ª estrofe).

As outras estrofes cantam as obras de misericórdia corporais praticadas por frei Antônio Maria: ajuda aos indigentes, atendimento às crianças mais fracas e predispostas às doenças - a tuberculose era então uma doença social -, socorro impávido às vítimas da epidemia do cólera. Para o santo pároco, porém, esses eram também momentos propícios para orientar a Deus a mente e o coração daqueles aos quais prestava o serviço de sua caridade e para infundir neles o gosto pelas coisas do céu e pela frequência sacramental.

É Deus a meta final para a qual se orienta toda a atividade de frei Antônio Maria em favor da pessoa humana que se encontra em necessidade (*pressi pauperie*), muitas vezes premente e cruel (*dura necessitas*) (4ª estrofe).

Santo Antônio Maria Pucci é extremamente carinhoso com as crianças, muitas vezes raquíticas devido a um tipo de alimentação insuficiente e inadequada para um crescimento físico sadio, e provê para elas os benefícios da cura à beira-mar (*curandis operam dans pueris, maris / Tyhrreni reficit litore corpora*) (5ª estrofe). Diz-se que Santo Antônio Maria teria sido o pioneiro na fundação de instituições que, depois, viriam a chamar-se “colônias marítimas”. Une, portanto, a cura do corpo à cura do espírito (*quos [as crianças] simul optimis / Christi legibus imbuat*) (6ª estrofe).

Em 1854-1856, as cidades da região da Toscana, inclusive Viareggio²⁴⁵, são atingidas pelo flagelo do cólera (*horrens cum populis ingrueret lues*) (6ª estrofe), doença terrível devido ao contágio fácil e à escassez de remédios, quase sempre mortal (*certatim caderent aegraque corpora*). Frei Antônio Maria, sem se preocupar com o perigo do contágio, leva aos doentes e moribundos o conforto sublime da esperança cristã: *cunctis impavidus, tu morientibus consolator ades pius* (6ª estrofe).

A comovente admiração do autor diante da corajosa ação de socorro de frei Antônio Maria Pucci leva-o a uma passagem brusca da terceira para a segunda pessoa: *Tu ades*.

O hino alterna a evocação das obras de misericórdia corporais do santo pároco e a afirmação pontual da sua preocupação maior, isto é, o bem e a salvação das almas. As duas coisas andam sempre juntas na ação do pastoral do santo pároco. Numa linguagem insólita para o seu tempo e surpreendente por seu sadio realismo, ele costumava dizer: “É muito difícil falar de religião e de virtude cristã e esperar que as palavras surtam efeito, quando o ouvinte

²⁴⁵ Sobre a epidemia do cólera em Viareggio, cf. o estudo de F. M. BERLASSO, *I Servi di Maria e fra Antonio Pucci nell'azione assistenziale ai colerosi nell'epidemia del 1854-1856*, in E. PERETTO (a cura di), *Storia e profezia nella memoria di un frate santo*. Encontro de estudos realizado no primeiro centenário da morte de Santo Antônio Maria Pucci, dos Servos de Maria, promovido pela Pontifícia Faculdade Teológica Marianum com a colaboração do Instituto Histórico OSM, Roma 14-16 de outubro de 1992, p. 421-465.

está com fome e vive oprimido pelas preocupações do pão de cada dia sempre incerto e escasso”²⁴⁶.

A sétima estrofe, a doxologia, articulada classicamente na invocação de Deus e no pedido de graça avalizado pela intercessão do santo, está ligada a um elemento que caracteriza marcadamente todo o hino e que já foi ressaltado na análise de cada estrofe, isto é, a tensão para Deus que deu vida ao santo e inspirou sua palavra e ação: *Huius da meritis nos quoque tendere ad Te, trine Deus, maxima et Unitas* (7ª estrofe).

O hino, que apresenta uma sólida estrutura conceptual, envolve o orante na trama da vida de Santo Antônio Maria Pucci e o aponta como exemplo e ponto de referência para os pastores e para todo frade Servo de Maria.

2.3 – Hino das Vésperas

O hino das Vésperas completa o perfil espiritual de Santo Antônio Maria Pucci, celebrando-o como Servo da Virgem, ardente de amor pela sua Senhora, e como ministro de reconciliação e de paz. O hino se desenrola em sete estrofes, cada uma das quais com quatro versos octonários esdrúxulos.

- | | |
|---|---|
| 1. Dies Mariae Servulis
festiva fulget: gloria
divus renidens caelica
Antonius proponitur | 1. Dos Servos de Maria
ao céu sobre o louvor
Antônio hoje celebram
na glória e no fulgor. |
| 2. Que fervidus Deiparae
quam corde todo diliget
ae servituti mancipat
eique vitam consecrat | 2. A Mãe de Deus amando
de todo o coração
a Ela ele consagra
a sua vida e ação. |
| 3. Chiristi minister sedulus
chama
hic adlaborat iugiter
servare oves concreditas
et congregare perditas. | 3. Do Bom Pastor, que o
o exemplo ele aprendeu:
zelar pelo rebanho,
buscar quem se perdeu. |
| 4. Amore quo complectitur
culpa retentos compepe,
ut Christus illis imperet
quos liberavit sanguine | 4. Com grande amor abraça
ao pobre pecador:
que o Cristo nele reine,
de todos Redentor. |
| 5. Ut iungat omnes caritas
causas retundit litium,
componit et discordias,
pacis sequester, civium. | 5. Propaga a todos caridade,
qual instrumento de paz,
apaga causas de litígios,
e toda discórdia desfaz. |
| 6. Qui nunca beatis assides
errore perduc devios | 6. Que Antônio nos conduza,
do céu onde se apraz: |

²⁴⁶ A frase é tirada do livro *Il Santo Curatino e la sua Viareggio. A ricordo dei festeggiamenti solenni in onite del “Curatino” proclamato santo*. [Viareggio, Edizioni della comunità dei Servi, 1963], p. 26.

ovile Christi ad unicum
pacemque dona gentibus.

na Igreja um só rebanho
no mundo inteiro a paz.

7. Honor sit atque gloria
Sumo Parenti, ac Filio
et inclito Paraclito,
per cuncta semper saecula. Amen.

7. Louvor ao Pai e ao Filho,
que veio nos salvar;
ao que dos dois procede,
louvemos sem cessar.

Como de costume, a primeira estrofe introduz o hino, indicando o motivo da celebração: ... *gloria / divus renidens caelica / Antonius proponitur*. Por ser uma estrofe genérica, talvez fosse mais apropriada para o Ofício das Leituras, com o qual, pelo menos tipograficamente, começa o Ofício do santo.

A segunda estrofe evoca o ardente amor de Santo Antônio Maria a Mãe do Senhor: *Qui fervidus Deiparae, / qua corde todo diligit, / se servituti mancipat, / eique vitam consecrat*. A profunda devoção de Santo Antônio Maria Pucci a Mãe de Deus é expressa mediante três elementos constitutivos da espiritualidade mariana dos Servos de Maria: o serviço à Gloriosa Senhora (*se servituti mancipat*), o amor cordial (... *corde toto diligit*) e a dedicação a Ela sem reservas (*eique vitam consecrat*). Trata-se, todavia, de elementos tradicionais da vocação dos Servos de Maria - tradicionais exatamente porque constitutivos -, por isso, a meu ver, falta um elemento que torne mais pessoal a vocação do jovem de Poggirole que bate à porta do convento florentino da Santíssima Anunciada porque deseja compartilhar com os frades sua vida e o serviço a Santa Maria.

A terceira estrofe repete, com poucas variantes léxicas, conceitos já muito bem expressos nos hinos do Ofício das Leituras e das Laudes: Santo Antônio Maria, pastor zeloso (*sedulus*), não poupa esforços (*adlaborat iugiter*) para cuidar das ovelhas do seu rebanho, a fim de conservar-lhes ou devolver-lhes a fé (*servare oves concreditas et congregare perditas*). A imagem do rebanho e do pastor é previsível e oportuna, mas é explorada em demasia no conjunto hinográfico.

A quarta e quinta estrofes completam o perfil humano e espiritual de Santo Antônio Maria Pucci, evocando outros aspectos de sua atividade de pastor.

A quarta estrofe celebra o santo como ministro de reconciliação. Os termos usados exprimem cabalmente o amor que ele tinha pelos pecadores: abre os braços (*complectitur*) para seus filhos envolvidos nos grilhões da culpa (*culpa retentos compede*) e, com o seu abraço libertador e reconciliador, retira-os da escravidão do pecado para levá-los ao serviço de Cristo (*ut Christus illis imperet*), que os redimiu com seu sangue (*quos liberavit sanguine*).

A quinta estrofe o apresenta como homem de paz (*pacis sequester*). A caridade, virtude suprema do cristão, “a maior de todas” (*1Cor 13,13*), segundo a célebre expressão do Apóstolo, deve ser o vínculo que une o povo de Deus e lhe dá firmeza na fé. Por isso, frei Antônio Maria empenha-se zelosamente para sanar as fraturas que ferem a comunidade civil, atenuando e eliminando as causas dos litígios (*causas retindens litium*) e despertando nas pessoas sentimentos de concórdia e de paz.

O hino termina com a sexta estrofe, uma vez que a sétima, sendo uma doxologia propriamente dita, não contém qualquer elemento particular que a ligue ao conteúdo específico do texto. De fato, a sexta estrofe, retomando a imagem do rebanho e do redil, pede que Santo Antônio Maria, agora mais poderoso na glória do céu (*qui nunc beatis assides*), continue sua ação de pastor, reconduzindo as ovelhas desgarradas (*errore perduc devios*) para o único redil de Cristo e implorando o dom da paz para todos os povos.

3. CONCLUSÃO

Os hinos da memória litúrgica de Santo Antônio Maria Pucci respondem aos requisitos e aos objetivos indicados na *Institutio generalis de Liturgia Horarum*, segundo a qual os hinos “normalmente caracterizam de imediato e mais do que as outras partes do Ofício o aspecto específico das Horas e de cada celebração, *motivando e estimulando o espírito para uma piedosa celebração*” (nº 173). Nesse sentido, sua eficácia é enfatizada pela beleza literária, uma vez que são possuem uma conotação lírica nobre e equilibrada. Respondem também egregiamente a uma regra do célebre hinógrafo pontifício, pe. Faustino Arévalo, SJ (†1824), retomada pelo padre Genovesi, e que em tempos recentes foi definida como regra *áurea* pelo pe. Anselmo Lantini, OSB, isto é:

2ª regra: “*Hymnorum stilus sit poeticus et nitidus, neque humilis neque elatus, pietate christinae consentiens, ab ethnico fastu alienus*”. Em outras palavras, o hino deve ser lírico, não friamente didático ou narrativo, embora a conotação lírica não atinja sempre níveis elevados; claro, para ser facilmente entendido pelo orante; nobre, mas não empolado, como condiz à majestade e à simplicidade de Deus; apto para promover a devoção de quem reza; alheio às formas pagãs, inconvenientes para o estilo da oração litúrgica cristã²⁴⁷.

Os hinos da memória de Santo Antônio Maria Pucci, como já disse no início deste comentário, seguem um roteiro claro e preciso. Apresentam cabalmente o seu perfil de pastor solícito do rebanho, de santo ministro do sacramento da reconciliação, de frade cheio de caridade, de discípulo de Cristo construtor de paz, de devoto servo da Gloriosa Senhora e de cultor insigne de suas dores, dotado dos carismas típicos dos Servos de Maria da primeira geração: pobreza, humildade, concórdia.

Os hinos, variados na métrica adotada pelo frei Urbano M. Bataloni, têm um caráter predominantemente encomiástico de louvação e de invocação ardente e sincera, só aqui e acolá estandardizada nos termos e nas formas.

Mas eles contêm também uma conotação didática e narrativa que se explicita em sutis evocações de fatos e atitudes específicas assumidas pelo santo. O desenvolvimento temático e a disposição das frases são inspirados num paralelismo conceptual, em força do qual o enredo hinográfico faz-se muitas vezes articulado e consegue harmonizar os carismas do santo com os episódios de sua vida e atividade. Os detalhes narrativos não são áridos, nem constituem fatos em si no discurso hinográfico, mas são colocados num contexto de genuína comoção. Por tudo isso, a caracterização do santo nos é apresentada de maneira incisiva e bem delineada.

ROSELLA BARBIERI, OSSM

II A ORAÇÃO DA MANHÃ

Como condiz a uma comunidade de fé, nós começamos o dia celebrando a oração da manhã, as Laudes. Não importa quem componha a comunidade: se são frades ou irmãs ou leigos, se há ou não há presbíteros. Reunidos em comunidade ou numa grande assembléia, formam a Igreja-corpo, unida ao Cristo-cabeça que, no Espírito Santo, oferece o sacrifício de louvor ao Pai e escuta a sua Palavra. A Igreja se reconhece em nossas comunidades de oração.

²⁴⁷ *Te decet hymnus*. L’Innario della “Liturgia Horarum” a cura di Anselmo Lantini, Typis Polyglotis Vaticanis 1984, p. XXI.

A Igreja, por nosso intermédio, reza com Cristo. Cristo está realmente presente no meio de nós²⁴⁸.

A oração da manhã, feita no momento em que a noite se esvai e surge a luz do novo dia, evoca a ressurreição do Senhor Jesus na manhã da Páscoa, depois da noite da paixão e da morte. É o “sol que surge”, que vem visitar-nos, “para iluminar a quantos jazem entre as trevas e na sombra da morte, e para dirigir os nossos passos, guiando-nos no caminho da paz” (*Cântico de Zacarias, Lc 1,78-79*). A liturgia é alegre, cheia de confiança, “voltada para o futuro, não só do nosso dia, mas também da vida do mundo”²⁴⁹, tem ressonâncias missionárias, acenos de louvor e imagens-símbolo de luz.

Isso acontece, em modo particular, nas Laudes da festa de Santo Antônio Maria Pucci. Como na festa de qualquer santo, a liturgia quer transmitir coragem aos fiéis: mostra-lhes como o santo viveu concreta e pessoalmente a dimensão de louvor e a ressurreição e como ele se tornou um exemplo que nos leva a viver no dia-a-dia a alegria dos ressuscitados.

1. AS ANTÍFONAS DOS SALMOS

Tudo isso é enfatizado pelas antífonas e torna-se mais evidente ainda quando elas são situadas no seu contexto, isto é, no coração da Palavra de Deus.

Ant. 1 – Se dás do teu pão ao faminto, se alimentas o pobre, tua luz levantar-se-á na escuridão e tua noite resplandecerá em pleno dia (*Is 58,10*).

Isaías – o Trito-Isaías – investiu contra o formalismo das práticas exteriores de penitência. Nesse versículo, que constitui a primeira antífona²⁵⁰, ele defende uma concepção profunda da penitência, que deve ser acompanhada pela caridade. Jejuava aquele que reparte com o outro e ama o próximo, mostrando desta maneira que busca a conversão.

O jejum verdadeiro deve, portanto, possibilitar um encontro real com os mais pobres. Facilita o encontro com Deus mesmo e introduz quem o pratica na luz e na vitória de Cristo. Livra das trevas e do pecado.

Ant. 2ª – A vereda do justo é como a aurora: seu brilho cresce até o pleno dia (*Pr 4,18*).

O capítulo quarto do *Livro dos Provérbios*²⁵¹, como faria um pai para o filho, dita alguns conselhos para começar bem o caminho da vida. O versículo da antífona constitui o ponto alto da exortação. Assumir uma sábia disciplina é condição necessária para evitar o caminho dos malvados, marcado pela escuridão, e para encontrar o caminho esplendoroso dos justos, totalmente luminoso. Tal sabedoria, que deve ser conquistada mediante a disciplina, encontra-se na Palavra que sai da boca de Deus, que leva por caminhos cada vez mais luminosos.

²⁴⁸ *La prière du temps présent pour le peuple chrétien*. Présentation générale du nouvel office divin. Commentaire par A. M. Roguet. Paris. Cerf-Desclée-Mame, n. 13-16, p. 20-23.

²⁴⁹ *Ibid.*, p. 141. Cf. também nº 38, p. 34-35 e I. BRAULT, *Découvrir la Prière des Heures*, C.N.P.L., Chambray, C.L.D., 1986.

²⁵⁰ Para o comentário desses trechos consulte a coleção de TH. MAERTENS – J. FRISQUE, *Guide de l'Assemblée chrétienne*, 9 tomi, Tournai, Casterman, 1971. Quando ao trecho de Isaías, tomo 2, p. 213-214.

²⁵¹ A, BAROUCCQ, *Le livre des Proverbes*. Paris, Gabalda, 1964, p. 67-69.

Ant. 3ª – Aqueles que atraem outros para os caminhos da justiça brilharão como estrelas para sempre (*Dn* 12,3).

O autor do Livro de Daniel fornece-nos um dos textos mais importantes do Antigo Testamento sobre a ressurreição dos corpos²⁵². Ressuscitarão aqueles que praticaram a justiça, principalmente os sábios, os mestres de justiça, dos quais fala a antífona. Eles ensinaram o povo fiel de Israel a perseverar na justiça e também se sacrificaram por ele, para purificá-lo. Permaneceram fiéis à sua fé e morreram por ela. Seu martírio tem um valor de expiação, segundo o autor, que nos dá aqui uma das interpretações mais antigas do poema do “Servo sofredor” (*Is* 52,11; cf. 52, 13-53,12). O sofrimento faz parte da salvação, da qual é primícia necessária e útil. Substancialmente, os mestres de justiça, com o dom de sua vida, deram condições à multidão, ao povo, para escapar da morte e para erguer-se do pó da estrada (vers. 2).

No texto da antífona, a felicidade escatológica do justo é comparada ao esplendor do firmamento e à luz das estrelas que brilham sem cessar. A comunhão do justo com Deus não é interrompida pela morte, pelo contrário, a morte lhe descerra uma vida de luz e glória (cf. *Is* 26,19; 66,24).

Uma releitura espiritual das três antífonas é muito fácil. A liturgia nos apresenta Santo Antônio Maria Pucci como exemplo a ser imitado, como apelo e incentivo. Vemos nele o nosso futuro, aquilo que podemos e devemos ser, aquilo que seremos com a graça de Deus.

Se aceitarmos, como ele, a disciplina da busca da sabedoria e da compreensão da Palavra de Deus, estaremos percorrendo o caminho da luz e da ressurreição (2ª antífona).

Santo Antônio Maria Pucci encontrou em Jesus e na sua Boa Nova a sabedoria do amor, que é partilha do pão com quem tem fome, socorro aos infelizes e atenção a toda pessoa humana. A busca dessa sabedoria engajou-o no caminho da conversão, da verdadeira penitência e do verdadeiro jejum. Ela pode tirar-nos do nosso fechamento e das trevas e abrir, para nós e para os outros, um futuro de luz, de paz e de felicidade. Com Santo Antônio Maria, ela nos faz testemunhas e fonte de luz para o mundo (1ª antífona).

Santo Antônio Maria foi, de fato, uma testemunha, um sábio, um mestre de justiça. Deu sua vida para instruir o povo. Sacrificou-se por ele, unindo-se à Cruz de Cristo. Vivendo a caridade, testemunhou a vida toda sua bondade e dedicação, principalmente aos mais pobres, com a doação total de si mesmo, a dimensão transcendente do ser humano. Por isso, participará da ressurreição do Senhor, cuja luminosidade refletiu em si mesmo. E a Igreja reconheceu sua santidade (3ª antífona).

As três antífonas nos mostram que Santo Antônio e, portanto, nós também, seguindo o seu exemplo e sustentados por sua intercessão, podemos, com a força do Espírito Santo, participar da ressurreição de Cristo e entrar na luz e na glória do Pai. As antífonas estão, portanto, em perfeita sintonia com o tema pascal das Laudes, nas quais cantamos a salmodia do domingo da primeira semana (*Salmo* 62; *Cântico de Daniel* 3, 57-88; *Salmo* 149), sendo o domingo marcado pela memória da ressurreição de Cristo, sol que surge.

Santo Antônio Maria encontrou Jesus. Seguiu-o porque era ele, Jesus, o mestre de justiça (3ª antífona), que viveu a partilha (1ª antífona), buscou a sabedoria (3ª antífona) e lhe

²⁵² A. LAROCQUE, *Le livre de Daniel*. Neuchatel-Paris, Delachaux et Niestlé, 1976, p. 172-181; M. DELCOR, *Le livre de Daniel*. Neuchatel-Paris, Delachaux et Niestlé, 1971, p. 254-257; TH. MAERTENS – J. FRISQUE, *Guide de l'Assemblée chrétienne*, tomo 7, p. 330.

abriu o caminho da ressurreição luminosa. Seu modo de seguir a Cristo é um caminho de esperança e de santidade para nós, Servos e Servas de Maria de hoje. A liturgia no-lo lembra e nos garante a ajuda do Espírito do Senhor ressuscitado e a intercessão de Santo Antônio Maria.

2. LEITURA BREVE (1Ts 5,14-18).

Nós vos exortamos, irmãos: admoestai os indisciplinados, reconfortai os pusilânimes; suportai os fracos; sede pacientes para com todos. Cuidai que ninguém retribua a quem quer que seja o mal com o mal, mas que, em todo tempo, façais bem uns aos outros e a todos. Vivei sempre alegres. Orai sem cessar. Em todas as circunstâncias dai graças porque esta é a vontade de Deus em Jesus Cristo.

Essas exortações de São Paulo dirigem-se a todos os membros da comunidade e, certamente, os responsáveis delas haverão de considerá-las muito úteis como advertência²⁵³.

Depois de várias observações de ordem disciplinar (vers. 14-15), Paulo faz algumas recomendações mais individualizadas (vers. 16-18).

Versículos 14-15

Os versículos 14 e 15 contêm um pequeno programa de carinho e de atenção fraterna, sobretudo aos mais fracos, que tem seu ponto culminante no amor aos próprios inimigos, segundo o ensinamento do Senhor Jesus.

É mister corrigir os indisciplinados, aqueles que se isolam, que não participam da vida da comunidade e do trabalho. Corrigir significa, neste caso, ajudar com amor. É mister também animar os pusilânimes e apoiar os fracos no espírito, que correm o risco de recair sempre no pecado. É mister ser paciente com todos, inclusive com os pagãos.

A paciência de Deus é um conceito muito importante no Antigo Testamento. Os evangelhos sinóticos e todo o Novo Testamento a retomaram e fizeram dela uma característica e uma qualidade de Deus (cf. *Mt* 18,23-25; *Lc* 6,36-38; 18,7). A paciência de Deus deve ser a paciência dos cristãos, não por virtude ou por sabedoria humana, mas como participação de uma qualidade divina. O cristão, tendo recebido o Espírito Santo, recebeu também os seus frutos, entre os quais a paciência (cf. *Gl* 5,22).

É preciso, pois, procurar o bem dos outros, sem excluir ninguém. E evidente que essa busca é fruto do amor de Deus e do seu Espírito que habita em nossas corações (cf. *Gl* 5,14.22).

Versículos 16-18

Depois de algumas observações sobre a maneira de agir em relação aos outros, Paulo faz outras recomendações que se referem ao indivíduo como tal. Elas também derivam de Jesus. Trata-se de três atitudes fundamentais do cristão diante de Deus: alegria, oração, ação de graças. O cristão não tem vida mais fácil ou diferente de qualquer outra pessoa. Mas no fundo do coração, ele tem a certeza da salvação e um sentido da história que lhe permitem ver e discernir os acontecimentos da vida como eventos salvíficos.

²⁵³ CH. MASON, *Les deux épîtres de saint Paul aux Thessaloniens*. Neuchatel-Paris, Delachaux et Niestlé, 1957, p. 71-75; B. RIGAUX, *Les épîtres aux Thessaloniens*, Paris, Gabalda, 1956, p. 50-589; TH. MAERTENS – J. FRISQUE, *Guide de l'Assemblée chrétienne*, tomo 1, p. 127-128.

A moral cristã não se reduz, pois, a exigências morais de caridade fraterna, por mais elevadas e bonitas que sejam (vers. 14-15). Ela atinge o coração do homem. O cristão sabe que, malgrado as derrotas e as provações, a vitória é de Cristo, que nos faz participantes dela. Fortalecidos por essa certeza de fé, o coração do cristão entra no clima de alegria de Cristo e extravasa de gratidão. Alegria, oração e ação de graças são atitudes do coração, são um dom de Deus, uma graça tornada possível pela morte-ressurreição de Cristo Jesus, que nos associa à sua vitória.

(Vers. 16) – A alegria de que se fala nesse versículo não é alegria fácil, nem imposta, nem exterior. É alegria que vem da certeza, a nós concedida pelo Espírito que habita em nossos corações, do amor do Pai, revelado na vida e na morte de Jesus.

(Vers. 17) – Para permanecer alegres, é preciso viver um clima constante de oração, que nos manterá orientados, pela fé, a Jesus, fonte e causa da nossa alegria. Rezando sem cessar, o cristão consegue conservar e aprofundar a consciência do dom divino que é a sua alegria. Isso porque a alegria é fruto da consciência e da recordação do amor que Deus tem para conosco.

(Vers. 18) – A oração, portanto, nos leva sempre a Cristo, que nos dá aceso ao Pai (cf. *Ef 2,18*), nos conserva na alegria e nos impele à ação de graças. Nem sempre estaremos dispostos a rezar e, às vezes, nem saberemos o que pedir. Mas se realmente rezarmos em Cristo, em qualquer circunstância, poderemos dar graças a Deus por tudo o que fez por nós e pela humanidade, razão primeira da nossa alegria e da nossa oração.

A perícopes da *Carta aos Tessalonicenses* ilustra cabalmente duas dimensões da vida de Santo Antônio Maria Pucci, isto é: sua condição de discípulo de Jesus e sua condição de frade com responsabilidades específicas na Ordem e na comunidade paroquial.

Ele encarnou essa Palavra, em primeiro lugar, como batizado, como discípulo de Jesus, como frade Servo de Maria. Desde o momento em que encontrou Jesus e se pôs em seu seguimento, sua vida foi toda ela um ato de louvor e de gratidão pelo amor incomensurável do Pai. Foi intercessor dos irmãos e irmãs mais pequeninos. Foi também instrumento de alegria, bondade, paciência e atenção, principalmente com os mais fracos.

Ademais, pelas responsabilidades assumidas na Ordem e na comunidade paroquial foi atencioso com todos, principalmente com os mais necessitados de atenção, animando-os a serem acolhedores, pacientes, alegres, orantes e agradecidos, porque é assim que Deus se comporta conosco, em Cristo Jesus.

Responsório breve (Jo 10,3.4.11)

R. O Bom Pastor chama cada uma de suas ovelhas pelo nome,

* e as ovelhas o seguem porque reconhecem a sua voz.

V. O Bom Pastor dá a vida por suas ovelhas.

R. E as ovelhas o seguem porque reconhecem a sua voz.

V. Glória ao Pai...

R. O Bom Pastor...

No conflito com os fariseus, cuja autoridade contestou, Jesus sustenta que só ele, o bom pastor, detém a verdadeira autoridade e a exerce corretamente²⁵⁴.

²⁵⁴ H. VAN DEN BUSSCHE, *Jean*. Bruges, Desclée de Brouwer, 1967, p.327-333; P. BOCQUEL, *Le Verbe au présent*. Paris, Fayard, 1978, p. 82-86; A. MARCHADOUR, *L'Évangile de Jean*. Paris, Centurion, 1992, p. 140-145; TH. MAERTENS – J. FRISQUE, *Guide de l'Assemblée chrétienne*, tomo 4, p. 142-145.

O verdadeiro pastor tem autoridade porque é bom. Conhece suas ovelhas e é reconhecido pela sua voz. Elas respondem ao seu chamado e o seguem confiantes. Ele cuida de suas ovelhas e não põe a si mesmo em primeiro lugar.

Na Bíblia, a imagem do pastor é clássica (cf. *Sl* 23 [22]; *Is* 40,10-11; *Jr* 1,43; *Ez* 34,1-24). Deus é muitas vezes chamado de “pastor de Israel” (*Sl* 81 [80],2; *Mt* 7,4).

É ele que faz sair seu rebanho, o castiga, o dispersa, o reúne (cf. *Mt* 2,12 e 4,6ss), e o entrega a pastores por ele mesmo escolhidos. É ele que um dia haverá de reunir o seu povo sob o cajado do bom pastor (cf. *Ez* 34,23: texto utilizado na antífona do *Cântico de Zacarias*; *Mi* 5,3).

Mas nas palavras de Jesus há um elemento novo: o apego do pastor às suas ovelhas, que chega a doar por elas a sua vida. Pode-se aqui estabelecer uma relação com o Servo sofredor. De fato, o bom pastor, verdadeiro pastor, dá sua vida pelas ovelhas, assim como chama cada uma pelo nome. Por Jesus e em Jesus é proclamada aqui uma grande novidade: Deus olha com atenção toda pessoa humana, homem ou mulher. Cada pessoa é objeto dos seus cuidados especiais. Cristo, o pastor, ao revelar-me que eu existo para o Deus eterno, faz-me sair da minha angustiante solidão e me faz viver para a eternidade.

Dando sua vida pelas ovelhas, o bom pastor transmite-lhes vida. Ele as faz viver da abundância de sua própria vida. Ele as conduz para prados vitais. O ladrão mata a ovelha para ter lucro. O verdadeiro pastor, por amor a sua ovelha, dá a vida por ela, põe a perder sua vida para conduzi-las às verdes pastagens. Portanto, a imagem do bom pastor é um complemento perfeito da imagem do Servo sofredor.

Santo Antônio Maria compreendeu muito bem o mandamento subjacente ao ensinamento de Jesus sobre o bom pastor, que ele mesmo comentou muitas vezes acertadamente: “Vai e faze tu a mesma coisa” (*Lc* 10,37; cf. *Jo* 13,15). “Este é o meu mandamento: amai-vos uns aos outros, assim como eu vos amei. Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a vida por seus amigos” (*Jo* 15,12-13).

Sim, Santo Antônio Maria seguiu e viveu o exemplo de Jesus. Tinha sua atenção sempre voltada para cada pessoa humana, homem ou mulher. Ele conhecia a todos, acompanhava atentamente o seu caminhar, preocupava-se com os seus problemas, participava de suas alegrias e compartilhava, de fato, sua vida concreta e pessoal. Basta lembrar como ele se pôs a serviço dos seus paroquianos atingidos pelo cólera, expondo ao perigo a saúde e a própria vida. Basta ver a atenção que dispensava às crianças pobres e doentes e à formação cristã dos pescadores da cidade. Basta lembrar que sua morte foi provocada por uma pneumonia contraída ao despojar-se de sua capa, em pleno temporal, para cobrir um velhinho maltrapilho, molhado pela chuva.

O batismo e o seguimento de Cristo devem levar-nos, como levaram Santo Antônio Maria, a servir e não a ser servidos. Vivendo num mundo marcado quase exclusivamente pelas relações coletivas e numa Igreja que, malgrado seus bons propósitos, encontra dificuldades para aproximar-se concretamente as pessoas na sua vida real, em nosso modo de agir e em nossas relações, não podemos jamais esquecer a importância das relações individuais e pessoais e de ter a atenção sempre voltada para cada ser humano, homem ou mulher.

3. ANTÍFONA AO CÂNTICO DE ZACARIAS

Suscitarei para o meu povo um Pastor que o reconduza de todos os lugares e o apascente em verdes pastagens.

A antífona é tirada do capítulo 34 de *Ezequiel* sobre o bom pastor²⁵⁵. Diante dos falsos pastores e das ovelhas ricas que exploram as mais pobres, Ezequiel, por volta do ano 584 a.C, vê e anuncia um futuro quando todas as ovelhas se encontram, as fracas e dispersas, as que ficaram na Palestina, e também as que foram levadas para o cativeiro ou que fugiram para o Egito. Este encontro se fará ao redor de Deus mesmo, que reinará sobre o seu povo, e ao redor de Davi, seu Messias, e estabelecerá relações pessoais e conhecimento mútuo entre Deus e cada membro do seu povo. O reino que terá Deus à sua frente não exclui a idéia de um príncipe, de um pastor, sucessor de Davi, que apascentará o rebanho na era messiânica.

Na Liturgia das Horas, principalmente nas Laudes, o bom pastor, Cristo Jesus, é celebrado como aquele que ilumina o mundo e traz vida. Ele, o pastor, inaugura o reino de Deus, dando sua vida por amor aos seus, suas ovelhas, ingressa nas pastagens da vida e atrai todas as ovelhas, que ele conhece e ama pessoalmente, chama pelo nome, levanta, cura e leva até os verdes prados da vida.

Santo Antônio Maria Pucci seguiu realmente as pegadas o verdadeiro pastor. Primeiro, deixou-se atrair, guiar e levar por ele. Depois, quis compartilhar com ele a missão de pastor. Seguiu seu exemplo e agiu como pastor com todas as ovelhas confiadas aos seus cuidados, quer como prior na Ordem, quer como pároco na igreja de Santo André de Viareggio.

Celebrar Jesus Cristo, bom pastor, vencedor e fonte da vida e celebrar a memória de Santo Antônio Maria, com pastor que segue Jesus, é dar graças a Deus pelo seu amor pessoal porque, através de Cristo, sempre vai ao encontro da ovelha fraca, doente e extraviada, sem jamais cansar-se. É também pedir a Deus para que faça de nós, como fez de Santo Antônio Maria, verdadeiros pastores dos outros, de todos os outros, atentos à pessoa de cada um, que vão ao encontro principalmente daqueles que os ferem e que, como Cristo, perdoam e amam os seus inimigos. Lembremos que Santo Antônio Maria Pucci, em muitas ocasiões, perdoou os que o agrediam.

4. CONCLUSÃO

As Laudes têm também uma ressonância missionária. Nelas cantamos o *Benedictus* (Lc 1,68-79). O cântico de Zacarias evoca as maravilhas da ação de Deus, que visita e redime o seu povo; e apresenta a missão de João Batista, que deve preparar os caminhos do Senhor Jesus e levar o povo a conhecer a salvação pela remissão dos pecados. Essa é a missão da Igreja e, portanto, a nossa missão como membros do Corpo de Cristo.

Junto com Cristo e seguindo o exemplo de Santo Antônio Maria, ao celebrarmos as Laudes na festa desse nosso irmão santo, queremos entrar em nossa missão. Por isso, começamos o dia evocando a nossa missão e vocação baptismal. Com efeito, é nossa missão: primeiro, em nome da humanidade redimida e de toda a criação, cantar, louvar e agradecer o Senhor da vida e da ressurreição; depois, escutar e acolher a sua Palavra de vida, e explicitar as expectativas e necessidades do nosso mundo; e por fim, buscar na meditação de sua Palavra, de sua presença e de sua ação a força para agir, muitas vezes num mundo disperso, tendo sempre no coração a graça, o dom de cantar ao Senhor com nossa vida feita de esperança e de caridade, de preparar a nova terra da justiça e da verdade, de tornar conhecido o amor de Cristo que acolhe toda pessoa humana e a liberta do pecado e do egoísmo.

Como em todas manhãs, também na festa de Santo Antônio Maria Pucci, Jesus nos chama a participar da sua missão. Essa missão hoje significa seguir a Cristo bom Pastor, dar

²⁵⁵ *Ibid.*, p. 407-409.

atenção a toda pessoa humana, principalmente aos pequenos e mais abandonados, e empenhar-nos para ser nós mesmos os bons pastores dos irmãos.

GERARD M. BIRON, OSM

III HORA MÉDIA

“Segundo antiquíssima tradição, os cristãos costumavam, por devoção pessoal, orar em diversos momentos do dia e no meio do trabalho, imitando a Igreja apostólica. No decurso dos tempos, essa tradição, de diversas maneiras, foi sendo dotada de celebrações litúrgicas”²⁵⁶, que são hoje Tércia (Oração das Nove Horas), Sexta (Oração das Doze Horas) e Noa (Oração das Quinze horas). Essas “Horas” podem reduzir-se a uma só chamada Hora Média. Elas têm como objetivo santificar os diversos momentos do dia, trazendo à mente o pensamento de Deus Criador que continua sua obra de criação através das mãos operantes do homem e da mulher. Esses momentos de oração são breves, para que não se interrompa excessivamente o trabalho. No decurso do dia, inclusive no meio das ocupações ordinárias, os fiéis elevam seus olhos ao céu para pôr nas mãos de Deus as penas e as fadigas de todos, para pedir-lhe que oriente e sustente seu trabalho e lhes dê renovadas forças e vigor.

Quando a Igreja se recolhe em oração durante o dia, nessas horas de trabalho, ela recorda os “acontecimentos da Paixão do Senhor e da pregação inicial do Evangelho”²⁵⁷.

1. ORAÇÃO DAS NOVE HORAS (TÉRCIA)

Na Oração das Nove Horas, a Igreja, evocando os acontecimentos da Paixão, recorda que, “de manhã”, Jesus foi entregue a Pilatos (cf. *Mc* 15,1); e, considerando a primeira pregação do Evangelho, recorda que nessa mesma hora (cf. *At* 2,15) o Espírito Santo desceu sobre os que estavam reunidos em oração no cenáculo. A este propósito, assim ensinava São Basílio de Cesaréia (+379): “A comunidade se levantará e se reunirá para a oração, embora os irmãos estejam dispersos em trabalhos diversos, e recordando o dom do Espírito derramado sobre os apóstolos por volta das nove horas (cf. *At* 2,15), todos se prostrarão unânimes em adoração, para alcançarem eles também a graça de ser santificados, e pedirão que o Espírito os guie e lhes ensine o que convém”²⁵⁸.

1.1 - *Leitura breve* (*Cl* 3,23-24)

Irmãos, tudo que fizerdes, fazei de coração como quem obedece ao Senhor e não aos homens, certos de que das mãos do Senhor receberéis a herança como recompensa. É a Cristo, o Senhor, que servis.

Esses versículos são tirados da terceira parte (exortação: *Cl* 3,5 – 4,18) da carta de São Paulo aos *Colossenses*, onde ele fala da vida cristã, formulando preceitos gerais (*Cl* 3,5-7) e

²⁵⁶ *Instrução geral sobre a Liturgia das Horas*, nº 74.

²⁵⁷ *Ibid.*, nº 75.

²⁵⁸ BASÍLIO DI CESAREA, *Le Regole*. “*Regulae fusius tractatae. Regulae brevius tractatae*”, ed. Lisa CREMASCHI, *Regole in forma estesa*, Risposta 37, 3. Bose, Qiqajon, 1993, p. 180-181.

preceitos específicos de moral doméstica (Cl 3,18-4,1). O conjunto desses preceitos morais forma um modelo literário que, desde o século XVI, recebeu o nome de *Código ou Regra doméstica*, porque ali o apóstolo resume os deveres dos esposos, do pai, dos filhos, dos servos e dos patrões. Os cristãos, feitos novas criaturas em Cristo, devem rever suas relações recíprocas do dia-a-dia e adotar um comportamento novo, purificando os valores éticos da sociedade e da cultura com o “filtro” de um princípio hermenêutico novo, isto é, a fé em Jesus Cristo. “Tudo que fizerdes, fazei de coração como quem obedece ao Senhor”. O fato de referir tudo ao Senhor Jesus – a fim de assumir, conscientes de sua presença, as suas atitudes em obediência ao Evangelho – levará os cristãos a reconhecer a dignidade de cada pessoa humana e a promover a igualdade na sociedade, influenciando assim a cultura e as relações sociais. A escravidão diminuirá. E crescerá a caridade.

1.2 – Versículo (Cl 3,17)

V. Tudo o que fizerdes por palavras ou obras,
R. fazei-o em nome do Senhor Jesus.

Também esse versículo é tirado da terceira parte da *Carta aos Colossenses*, na qual o Apóstolo dá preceitos gerais de vida cristã. Paulo demonstra ter o sentido das proporções e evidencia o que é essencial e constitutivo nas relações interpessoais e na vida de uma comunidade cristã, isto é, o perdão, o amor fraterno, a paz, o papel da palavra, a mútua estima e a oração (cf. Cl 3,13-17). Aflora o tema do amor fraterno que tem sua fonte no amor gratuito e valvífico de Deus., E conclui São Paulo: “E tudo o que fizerdes por palavras ou obras, fazei-o em nome do Senhor Jesus, por ele dando graças a Deus Pai” (Cl 3,17).

Na *Carta aos Colossenses* afirma-se o primado absoluto de Cristo como protótipo ideal (cf. Cl 1,28; 3,10), quer no universo criado e nas suas variadas manifestações, quer na história da humanidade, marcada pela ação salvífica de Deus. Basta considerar o hino cristológico (cf. Cl 1,15-20). Não é por acaso que Paulo retoma amiúde fórmulas litúrgicas ou profissões de fé. A fé no Senhor Jesus, assim como é proclamada na comunidade reunido em seu nome, abrange o universo inteiro e toda a história humana. Com ele, tudo muda: no batismo, mergulhados no mistério de Cristo, passamos da morte para a vida, da escravidão à liberdade plena, guiados por uma única lei, a caridade (cf. Cl 3,14). Cristo, que amou os seus ao ponto de dar a sua vida (cf. Jo 13,1; 15,13), derrama uma nova luz sobre todos e sobre todas as coisas. Que ele reine na terra, no mundo inteiro, na nossa vida. Que ele dê sentido ao nosso existir.

Santo Antônio Maria Pucci possuía essa fé absoluta em Cristo que tudo transforma. Tudo ele fez de coração por Jesus e em nome do Senhor Jesus.

2. ORAÇÃO DAS DOZE HORAS (SEXTA)

Na Oração das Doze Horas, evocando os acontecimentos da Paixão, a Igreja lembra que “desde o meio-dia, uma escuridão cobriu toda a terra até às três horas da tarde” (Mt 27,45) e, refletindo sobre a primitiva difusão do Evangelho, lembra que nessa hora Pedro teve a visão da toalha cheia de iguarias (cf. At 10,9-11). São Basílio de Cesaréia explica nas *Regras* o sentido da Oração das Doze Horas citando alguns *Salmos*: “Julgamos ser necessária também a oração do meio-dia para imitar esses santos que dizem: ‘De tarde, de manhã e ao meio-dia lamento-me e suspiro, e ele escuta a minha voz’ (Sl 54 [55], 18); e para ver-nos

livres a desventura e do demônio meridiano (cf. *Sl* 90 [91], 6), recitaremos também o salmo noventa²⁵⁹.

2.1 – *Leitura breve (Dt 15,11)*

Uma vez que nunca deixará de haver pobres na terra, eu te dou este mandamento: abre a mão para o irmão, para o necessitado e para o pobre de tua terra.

Esse versículo é tirado da segunda das quatro partes em que se divide o *Deuterônômio* (*Dt* 12,1 – 26,15), das quais ela é a parte central. De fato, o “código deuterônômico”, inserido num longo discurso de Moisés (*Dt* 5,1-11,32 e *Dt* 26,16-28) enumera as leis e normas que o povo de Deus deve por em prática quando tomará posse da terra prometida (cf. *Dt* 12,1); é, no fundo, o “evangelho da misericórdia de Deus” do Primeiro Testamento. Deus, em seu amor misericordioso, tomou sob seus cuidados o seu povo e o abençoou, libertou e salvou. Ele quis restabelecer a aliança com o seu povo. Ora, novamente o povo é chamado a corresponder ao amor de Deus, observando fielmente as suas leis, redescobertas no templo sob o reinado de Josias (cf. *2Rs* 22,8ss) e adaptadas às mudanças da vida econômica e social.

O versículo do *Deuterônômio* (15,11), escolhido para a festa de Santo Antônio Maria Pucci, é a parte final da lei relativa ao ano sabático (cf. *Dt* 15,1-11). O projeto de Deus exige que na comunidade de Israel haja partilha de bens: “Não haja pobres em teu meio” (*Dt* 15,4). No final de cada período de sete anos, prescreve-se um ano de remissão, no qual todas as dívidas entre os israelitas serão extintas (cf. *Dt* 15,1-3.7-10). Ora, é um fato que em todos os tempos houve pobres em Israel, inclusive no tempo da formação do povo de Deus, mas o Senhor Deus, com realismo, tinha previsto isso: “Nunca deixará de haver pobres na terra”; por isso, ordena aos seus: “Abre a tua mão para teu irmão, teu necessitado, teu pobre em tua terra” (*Dt* 15,11). A lei quer marcar a história humana: num mundo de injustiça, Israel deve ser sinal de Deus, sinal do seu Reino sobre o terra.

Entre os apóstolos, Judas era exatamente aquele que administrava a caixa comum e devia, portanto, prover as necessidades dos pobres (cf. *Mc* 14,5; *Mt* 26,8-9; *Jo* 12,4-6; 13,29), mas ele era ladrão e não lhe importavam nada os pobres. Por isso, roubava para si o que os outros punham em comum (cf. *Jo* 12,6). Quando da unção de Betânia (cf. *Mc* 14,3-9; *Mt* 26,6-13; *Jo* 12,1-11), pouco antes de ser traído por Judas (cf. *Mc* 14,10-11; *Mt* 26,14-16), Jesus mesmo voltou a afirmar que pobres nunca deixarão de existir: “Os pobres sempre tendes convosco e podeis fazer-lhes o bem quando quiserdes...” (*Mc* 14,10-11; *Mt* 26,14-16). Assim como acontecia na comunidade apostólica, qualquer comunidade cristã deve pensar nos pobres e cuidar para que a ninguém falte o necessário. Lucas observa que na comunidade cristã primitiva “ninguém passava necessidade entre eles” (*At* 4,34), porque punham tudo em comum (cf. *At* 2,44; 4,32) e tudo “era distribuído conforme a necessidade de cada um” (*At* 4,35).

2.2 – *Versículo (cf. Eclo 29,15)*

V. Sê generoso para com o pobres,
R. e tua esmola te preservará de todo mal.

Esse versículo completa o trecho proposto como leitura (*Dt* 15, 1-11) e se inspira num versículo da primeira parte (cf. *Eclo* 1,1 - 42,26) do *Livro do Eclesiástico* que reúne sentenças

²⁵⁹ *Ibid.*, p. 181.

várias distribuídas em seções temáticas. O versículo encontra-se numa seção que desenvolve o tema da esmola (cf. *Eclo* 29, 11-16): “Encerra a tua esmola no coração do pobre e ela rogará por ti, para te livrar de todo mal” (*Eclo* 29,15).

O próprio Jesus dá o mesmo conselho ao jovem rico que lhe pede o que mais deve fazer, além de observar os mandamentos, para obter a vida eterna: “Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens, dá o dinheiro aos pobres, e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me” (*Mt* 19,21). E o jovem foi embora triste, “pois possuía muitos bens” (*Mt* 19,22). Depois, Jesus comenta e adverte os seus discípulos: “Em verdade vos digo, dificilmente um rico entrará no Reino dos Céus. E digo ainda: é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha, do que um rico entrar no Reino de Deus” (*Mt* 19,23-24). O dinheiro é um servo bom que pode contribuir para fazer o bem se for partilhado, mas é um mau patrão se, alimentando a avareza e a cobiça, impede qualquer gesto de caridade.

No sermão da montanha, Jesus, ao falar da esmola, exorta a ser generoso com o pobre, mas sem ostentação: “Por isso, quando deres esmola, não mandes tocar a trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas nas sinagogas..., para serem elogiados... Tu, porém, quando deres esmola, não saiba tua mão esquerda o que faz a direita, de modo que tua esmola fique escondida. E o teu Pai, que vê no escondido, te dará a recompensa” (*Mt* 6,2-4). Em outras palavras, quando deres, dá de boa vontade, sem calcular dinheiro ou méritos. Assim fazendo, entrarás no caminho da libertação. Libertação da vanglória, do teu “eu”, dos teus interesses egoístas e de outras formas de mal.

De forma alguma, a comunidade cristã pode ficar indiferente diante dos pobres. Deve agir, partilhar. Deve organizar-se de tal modo que os necessitados tenham o de que precisam.

A Oração das Doze Horas cai normalmente na hora do almoço, hora de pôr alguma coisa no estômago para poder retomar o trabalho. Também nessa hora é preciso ter os olhos abertos e saber partilhar. Se, entre os colegas de trabalho, houver alguém que nada tem para comer ou beber para nutrir-se e recuperar as forças, é preciso estar alerta e tomar providências, e não ficar indiferente.

Santo Antônio Maria Pucci procurou estar sempre atento. Mais de uma vez partilhou até o próprio prato para acudir à fome do irmão.

3. ORAÇÃO DAS QUINZE HORAS (NOA)

Na Oração das Quinze Horas (Noa), a Igreja, evocando os acontecimentos da Paixão, lembra que exatamente nessa hora (cf. *Mt* 27,46), Jesus crucificado “deu um forte grito e entregou o espírito” (*Mt* 27,50); e considerando a primitiva propagação do evangelho, lembra que por volta dessa mesma hora (cf. *At* 3,1) Pedro, enquanto se dirigia ao Templo, curou o paraplético. E São Basílio de Cesaréia reforça: “Que se deva rezar também às quinze horas foi-nos transmitido pelos apóstolos; de fato, o *Livro dos Atos* relata que ‘Pedro e João estavam subindo ao Templo para a oração das três da tarde’” (*At* 3,1)²⁶⁰.

3.1 – *Leitura breve* (*Tg* 2,24-26)

Vede como pelas obras e não pela fé o homem se justifica! Pois assim como o corpo, sem espírito, está morto, assim também a fé sem as obras.

²⁶⁰ *Ibid.*, p.182.

Esses versículos são tirados de um parágrafo da carta de São Tiago que trata da fé e das obras (*Tg* 2,14-26). Para Tiago, a salvação não vem de uma fé formal, inerte, estéril, que não age (cf. *Mt* 20,3.6; *2Pd* 1,8). A fé do crente, quando sincera, deve traduzir-se em obras. Quem ouve a Palavra de Deus deve também pô-la em prática (cf. *Tg* 1,16-27; 4,11). Contrariando os judeus-cristãos que queria introduzir práticas legalistas na comunidade cristã, Tiago lembra o exemplo de Abraão (cf. *Tg* 2,21-23), que acreditou e, movido pela fé, obedeceu, dispondo-se a sacrificar tudo, inclusive o próprio filho, fruto da promessa, “e isto lhe foi levado em conta de justiça, e ele foi chamado amigo de Deus” (*Tg* 2, 23). Sim, “o homem é justificado com base naquilo que faz e não simplesmente pela fé” (*Tg* 2,24).

Ciente de que, segundo a antropologia semítica, a pessoa é um ser único dotado de um sopro vital que anima ao corpo, Tiago compara a fé operante do cristão ao sopro vital (*pneuma*) do corpo: “Assim como o corpo sem o espírito é morto, assim também a fé, sem a praticam é morta” (*Tg* 2,26). São as obras, isto é, o engajamento existencial, que tornam a fé visível e efetiva.

3.2 – Versículo (*1Ts* 5,15)

V. Ninguém retribua o mal com o mal.

R. Procurai sempre o bem uns dos outros e de todos.

Esse versículo é tirado da segunda parte (*1Ts* 4-5) da *Carta aos Tessalonicenses*, texto mais antigo do Novo Testamento, onde encontramos elementos válidos que descrevem com precisão ao perfil das comunidades cristãs primitivas. Depois de uma efusão do coração (cf. *1Ts* 1-3), o apóstolo Paulo faz algumas exortações práticas (cf. *1Ts* 4,1-12; 5,12-28), entre as quais insere uma resposta sobre a sorte dos defuntos e sobre a parusia de Cristo (cf. *1Ts* 4,13 - 5,11).

O versículo escolhido para a festa de Santo Antônio Maria Pucci é tirado da conclusão da carta, na qual o Apóstolo acena a algumas exigências da vida da comunidade (cf. *1Ts* 5,12-28). Não basta o entendimento mútuo ou certa harmonia exterior. É preciso cultivar as relações interpessoais, crescer juntos, ser solidários, aprender a ajudar-se uns aos outros: “Pedimo-vos, irmãos: chamai a atenção dos que levam vida desordenada, animai os tímidos, sustentai os fracos, sede pacientes para com todos. Tomai cuidado para que ninguém retribua o mal com o mal, mas procurai sempre o bem entre vós e para com todos” (*1Ts* 5, 14-15). A exortação para fazer o bem uns aos outros tem por objetivo instaurar um clima de comunhão fraterna, de mútua estima e de solidariedade, não só no seio da comunidade, mas também em qualquer relação humana: “procurai sempre o bem entre vós e para com todos”. Aqui o apóstolo Paulo ecoa as palavras de Jesus quando promove uma lei renovada, fundada no mandamento do amor: “Eu, porém, vos digo: não ofereçais resistência ao malvado! Pelo contrário, se alguém te der um tapa na face direita, oferece-lhe também a esquerda!” (*Mt* 5,39).

A leitura breve, que exorta a uma fé operante, seguida do versículo, que exorta a retribuir o mal com o bem, nos leva a refletir sobre a nossa vida cotidiana. É verdade que nós professamos a fé em Jesus e nos comprometemos entusiasticamente a viver o seu grande mandamento da caridade, mas, no dia a dia, somos mais propensos a retribuir o mal com o mal, ferindo quem nos feriu e ofendendo quem nos ofendeu. Aqui se aplica a reflexão do apóstolo Tiago quando afirma que “a fé sem as obras é morta”. Em outras palavras: para os cristãos, uma solene profissão de amor seguida de atos de vingança e de ódio, de jeito nenhum

seria veraz e sincera, mas seria apenas um torrente de palavras vãs. A pergunta que Jesus ressuscitado fez três vezes a Pedro que o havia negado três vezes, depois de ter-se declarado pronto a morrer por ele (cf. Jô 13,34-38), era sobretudo significativa e marcada unicamente pelo amor: “Simão, filho de João, tu me amas?” (Jo 21,16.15.17). É a mesma pergunta que Jesus faz a cada um de nós, cristãos, tantas vezes quantas o tivermos renegado.

Santo Antônio Maria Pucci procurou ser coerente em professar o seu amor por Jesus Cristo e em retribuir, no dia-a-dia, o mal com o bem.

4. CONCLUSÃO

Em poucas palavras: o amor em ação

Pode-se resumir a mensagem da Hora Média da festa de 12 de janeiro em cinco palavras: prática, gratuidade, serviço, justiça e revelação.

Prática – O mandamento do amor deve ser vivido concretamente. É sempre vivido partilhando os bens com os necessitados e abrindo novos horizontes de justiça, sinal do Reino de Deus. Como diria João, “Se alguém possui riquezas neste mundo e vê o seu irmão passar necessidade, mas diante dele fecha o coração, como pode o amor de Deus permanecer nele? Filhinhos, não amemos só com palavras e de boca, mas com ações e de verdade!” (1Jo 3, 17-18).

Gratuidade – Seguindo o exemplo de Jesus, o amor vivido não deve ser calculado, nem deve contar com eventuais retribuições. É dom gratuito, radical, sem medida, que vai até o ponto de dar a própria vida: “Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a vida por seus amigos” (Jo 15,13).

Serviço – O amor não busca prestígio ou poder. É desarmado, avesso a todo tipo de dominação. A força do amor está no serviço desinteressado em favor do próximo, a exemplo de Jesus que, depois do lava-pés, disse aos discípulos: “Entendeis o que eu vos fiz? Vós me chamais de Mestre e Senhor; e dizeis bem, porque sou. Se eu, o Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros” (Jo 13, 12-15).

Justiça – Num contexto de justiça, o amor deve ser sinal de justiça, porque Deus é justo (cf. Jo 17,25): “Nisto se revela quem é filho de Deus e quem é filho do diabo; todo aquele que não pratica a justiça não é de Deus” (1Jo 3,10).

Revelação – Que o amor vivido em comunidade se torne sinal do verdadeiro discípulo e ‘sacramento’ de Deus Uno e Trino no mundo. Como diz João, “Se nos amamos uns aos outros, Deus permanece em nós e seu amor em nós é perfeito” (1Jo 4,12; cf. Jo 13,35).

Santo Antônio Maria Pucci nas pegadas de Cristo, Caminho, Verdade e Vida

Seguindo o exemplo de Jesus, Santo Antônio Maria Pucci, diante de tantas situações de morte e de ameaças à vida, não ficou indiferente. Fez seu o propósito de Jesus: “Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Tudo fez para que Jesus agisse nele. Como Jesus, dedicou-se a serviço de todos, privilegiando os últimos e mais necessitados (cf. Mt 6,35-44; 14,13-21; Mc 8,1-10; Jo 6,1-15; Lc 9,10-17). Como Jesus, também num

contexto de epidemia, Santo Antônio Maria Pucci não teve medo de “expor-se” (cf. *Mc* 1,14.13-21). Como Jesus, ele foi sempre disponível em qualquer situação e a qualquer pessoa (cf. *Mc* 2,27-28; *Lc* 6,5). Pode-se dizer dele que se colocou a serviço da vida, com amor verdadeiro e altruísta, na comunidade paroquial e religiosa, na sociedade de Viareggio e diante de qualquer pessoa que encontrasse, fosse ela pobre, doente ou excluída.

Mensagem atual

Também o nosso tempo atual é favorável para fazer aflorar o rosto misericordioso de Deus, dia após dia, naquilo que cada um de nós está vivendo.

No trabalho, em tudo o que fazemos, somos chamados a ser sinais do Reino do amor de Deus, a ser amor em ato, a praticar ações que contribuam para a construção do Reino luminoso de Deus... e para a ruína do reino tenebroso do maligno.

No encontro com as pessoas, somos chamados a não ficar indiferentes, como se tivéssemos um pedra no coração, mas a demonstrar interesse verdadeiro, a estabelecer relações de comunhão, de justiça, de misericórdia, de paz e de amizade, como Jesus que “tinha muito amor a Marta, à sua irmã Maria e a Lázaro” (*Jo* 11,5) e que se comoveu interiormente e se perturbou diante da morte do amigo (cf. *Jo* 11,33-36).

Inseridos num determinado momento histórico e num âmbito cultural e social definido, somos chamados a não cair no sono, mas a manter-nos vigilantes, a levantar eventualmente perguntas e a questionar certas práticas ou modos de agir equivocados, que não visam ao bem comum, mas só ao interesse econômico de alguns privilegiados.

Maria Corina Bressan, SMR
Camille M. Jacques, OSM

IV ORAÇÃO DA TARDE

Ao declinar do dia, a Igreja leva um hino de ação de graças e de súplica a Deus: ação de graças – unida ao Magnificat (cf. *Lc* 1,46-55), o cântico da Virgem Maria – pelos dons recebidos ou pelas obras realizadas; súplica, para pedir perdão das faltas e entregar nas mãos do Senhor Deus aquilo que ficou incompleto ou o que nos deixou insatisfeitos e preocupados. São Basílio Magno (+ 379) dizia: “No final do dia faz-se a ação de graças pelos dons recebidos ou pelas obras realizadas, bem como a confissão das faltas voluntárias, involuntárias ou secretas, por palavras, obras ou no íntimo do coração, de modo que Deus se nos torne propício pela oração (??). De fato, é de grande proveito reexaminar o passado para não voltar a cair nos mesmos erros. Por esse motivo está escrito: ‘Tremei e não pequeis; refleti no silêncio do vosso leito’ (*Sl* 4,5)”²⁶¹.

Na oração da tarde, a comunidade de fé lembra as palavras do salmista: “Que minha oração suba à tua presença como incenso, a elevação de minhas mãos como sacrifício da tarde” (*Sl* 141 [140], 2), e evoca o verdadeiro sacrifício da tarde, “aquele que nosso Senhor e Salvador entregou aos Apóstolos, enquanto ceavam juntos, ao instituir os sacrossantos mistérios da Igreja ou também aquele outro sacrifício vespertino, isto é, na plenitude dos

²⁶¹ BASILIO DI CESAREA, *Le Regole*. “*Regulae fusius tractatae. Regulae brevius tractatae*”, ed. Lisa Cremaschi, *Regole in forma estesa*, Risposta 37, 4. Comunità di Bose, Ed. Qiqajon, 1993, p. 182.

tempos, pelo qual ele mesmo, no dia seguinte estendendo as mãos, se entregou ao Pai pela salvação do mundo inteiro”²⁶².

Ao declinar do dia, quando as trevas, fazendo desaparecer muitas imagens, facilitam o recolhimento, nós, às vezes com a ajuda do rito do lucernário (???), orientamos nossa esperança para a luz que não tem ocaso, Cristo, que “brilha nas trevas” (*Jo* 1,5) e ilumina o mundo. E lembramos suas palavras consoladoras: “Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não caminha nas trevas, mas terá a luz da vida” (*Jo* 8,12).

Na hora das Vésperas, a Família dos Servos de Maria eleva ao Senhor sua oração de ação de graças e de súplica. Unidos, juntamos as mãos em oração e, com o coração agradecido e arrependido, pensamos no dia que passamos e no próprio sentido da nossa vida. Muitas perguntas afloram e algumas ficam sem resposta. Será que cumprimos o nosso dever? Fomos fiéis ao Senhor? Colocamos em suas mãos o que perturba o nosso coração?

1. AS ANTÍFONAS DOS SALMOS

Na festa de Santo Antônio Maria Pucci, a salmodia da tarde é tirada do Comum dos Pastores: *Salmo* 14, *Salmo* 111, *Apocalipse* 15,3-4. Comentarei aqui só as antífonas próprias da festa.

1.1 – Primeira antífona

A primeira antífona acompanha o *Salmo* 14, que coloca esta pergunta: “Senhor, quem pode habitar na tua tenda?”. O salmista responde: aquele que observa sua santa lei. No Novo Testamento, a tenda de Deus, o seu novo templo, é Cristo. Todos aqueles que seguirem seu ensinamento e imitem seu exemplo podem ser acolhidos como hóspedes na tenda de Deus e morar no seu santo monte. Quando perguntam a Jesus o que é preciso fazer para obter a vida eterna, ele lembra, em particular, os deveres em relação ao próximo (cf. *Lc* 18,18-27), enfatizando assim que só pode ser hóspede de Deus aquele que ama o próximo. Santo Antônio Maria Pucci compreendeu a resposta de Jesus e se empenhou para pôr em prática o ensinamento nela contido.

Ant. 1 – Tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber (*Mt* 25,35).

As três antífonas dos salmos das Vésperas são tiradas da parte positiva (cf. *Mt* 25,31-41) do relato evangélico do juízo final (cf. *Mt* 25,31-46).

Os judeus tinham o dever primordial de dar pão e água aos irmãos e aos conterrâneos (cf. *Ex* 23,11), a qualquer necessitado (cf. *Tb* 4,16ss) e até ao próprio inimigo (cf. *Pr* 25,21). Essa era a justiça a ser praticada (cf. *Ez* 18,7.16); esse era o jejum agradável a Deus.

Ora, no contexto da parábola, o Filho do Homem convida os justos a entrar no seu reino e explica o motivo: “Pois eu estava com fome, e me destes de comer; estava com sede, e me destes de beber” (*Mt* 25,35). Palavras surpreendentes. Os justos têm razão de perguntar: “Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer? Com sede e te demos de beber?” (*Mt* 25,37). Poder-se-ia até pensar na fome e na sede de Jesus, Filho do Homem, no deserto, onde foi tentado antes de iniciar seu ministério público, mas naquela ocasião os anjos se aproximaram dele para servi-lo (cf. *Mt* 4,11). Poder-se-ia pensar no episódio da samaritana (cf. *Jo* 4,1-42), quando ela pediu a Jesus que lhe desse de beber a água que extinguiria sua

²⁶² Instrução Geral sobre as Liturgias das Horas, nº 39.

sede para sempre. Poder-se-ia, por fim, pensar nos acontecimentos da Paixão, isto é, no cálice amargo que Jesus, no Getsêmani, hesitava em beber (cf. *Mt* 26,38-42), e no seu grito na Cruz: “Tenho sede!” (*Jo* 19,28), com o qual se cumpriam as palavras do salmista: “Quando tive sede deram-me vinagre” (*Sl* 69 [68], 22). Quando foi então que os justos deram de comer e de beber ao Filho do Homem? O Filho do Homem explica que sua fome foi saciada e sua sede foi extinta toda vez que um pobre foi saciado e dissetado (*terceira antífona*).

1.2 – Segundo antífona

A segunda antífona acompanha o *Salmo* 111 que descreve a felicidade do homem justo. Segundo a mentalidade hebraica corrente, os bens materiais eram sinal de bênção divina. O ideal do homem justo, proposto no salmo, revelou-se ao mundo na pessoa e na missão de Cristo. Rezando esse salmo, devemos renovar nosso compromisso batismal, esforçando-nos, como Santo Antônio Maria Pucci, para viver como filhos da luz, lembrando que o fruto da luz é toda espécie de bondade, de justiça e de verdade (cf. *Ef* 5,9).

Ant. 2 – Estive doente, e me visitastes; preso, e viestes ver-me (*Mt* 25,36)

Os judeus viam a doença como um estado de fraqueza estritamente ligado ao pecado, como uma espécie de maldição divina. Embora conhecessem a eficácia de alguns remédios, eles estavam radicalmente convencidos de que precisava dirigir-se a Deus para obter o perdão do pecado a cura da doença. A mesma coisa eles pensavam a respeito dos prisioneiros e exilados, isto é, achavam que eles estavam nessa situação devido à sua infidelidade e se voltavam para Deus para obter o perdão e a libertação.

Na parábola, o Filho do Homem convida os justos a entrar no seu reino e explica o motivo: “Estive doente, e me visitastes; preso, e viestes ver-me” (*Mt* 25,36). Palavras surpreendentes. Os justos, surpresos, perguntam: “Quando foi que te vimos doente ou preso, e fomos te visitar?” (*Mt* 25,39). Os evangelhos não narram nenhum episódio que mostre Jesus, o Filho do Homem, doente ou prisioneiro; falam só de sua prisão, da flagelação e da crucifixão, na hora da Paixão. Mas, na hora da Paixão, Jesus não foi visitado, mas sim agredido pelos seus perseguidores. Quando foi então que os justos visitaram o Filho do homem doente ou prisioneiro? O Filho do Homem explica uma vez mais que isso aconteceu toda vez que eles visitaram um irmão doente ou encarcerado (*terceira antífona*).

1.2 - Terceira antífona

A terceira antífona acompanha o cântico neotestamentário do *Apocalipse* (15,3-4), que a Igreja canta toda sexta-feira à tarde. É um hino de adoração e de louvor ao Cordeiro vitorioso, cantado por aqueles que se mantiveram fiéis no combate que Cristo travou contra satanás. É a voz da Igreja que enaltece o Senhor Deus pelas maravilhas realizadas em favor dos fiéis. É a nossa voz com a qual louvamos a Deus, em nome de todos os homens e mulheres finalmente libertados e redimidos pelo sangue de Cristo, o Cordeiro da Nova Aliança.

Ant. 3 – Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes (*Mt* 25,40).

No Evangelho de Mateus, Jesus, Filho do Homem, já se havia identificado com os discípulos perseguidos (cf. *Mt* 10,42) e com as crianças desprezadas (cf. *Mt* 18,5), mas aqui ele surpreende a todos. Aos justos, que usaram de misericórdia, surpresos por ouvirem dizer que o serviram, Jesus responde identificando-se, sem limites e sem discriminação, com todos os miseráveis e com aqueles que são humilhados ou são ameaçados: “Todas as vezes que fizestes isso a um destes mais pequenos, que são meus irmãos, foi a mim que o fizestes” (*Mt* 25,40). Certamente, não se trata de servir-se da desgraça dos miseráveis para merecer ou buscar a salvação, mas de servir o pobre com espírito generoso – como o bom samaritano (cf. *Lc* 10, 29-37) – em plena obediência ao segundo mandamento que Jesus repete sem cessar (cf. *Mt* 5,43; 19,19; 22,39).

Como dissemos, as três antífonas são tiradas da parte positiva da parábola do juízo final (cf. *Mt* 25,31-40). Trata-se de um texto tão caro à Ordem que foi citado no epílogo das *Constituições* renovadas (art. 319). As antífonas são uma apelo feito aos Servos de Maria para que vivam seu compromisso de serviço colocando-se, como o discípulo amado, ao lado de Santa Maria junto à cruz de Cristo, que ainda hoje continua sofrendo naquele que tem fome ou sede, é doente ou está preso...

Na oração da tarde, somos, pois, convidados a examinar nossas ações e obras para verificar se, através delas, efetivamente testemunhamos a nossa fé (cf. *Tg* 2,14-26) e concretamente assumimos o Senhor Jesus e o seu evangelho. Esse apelo nos é feito todas as tardes, para que no dia seguinte possamos melhorar e “renunciar aos nossos interesses para seguir a Jesus na sua obra de salvação do ser humano” (*Const. OSM*, 319). Mas virá o dia, o último – só Deus sabe quando - em que não haverá mais outra chance. Nessa hora, seremos julgados em base ao amor, às obras de misericórdia realizadas em favor dos nossos irmãos.

Quais são as obras de misericórdia? São essas mesmas enumeradas na parábola e outras. O *Catecismo da Igreja Católica* fala de obras de misericórdia espirituais e corporais.

“As Obras de misericórdia são as ações caritativas pelas quais socorremos o próximo em suas necessidades corporais e espirituais (cf. *Is* 58,6-7; *Hb* 13,3). Instruir, aconselhar, consolar, confortar são obras de misericórdia espiritual, como também perdoar e suportar com paciência. As obras de misericórdia corporal consistem sobretudo em dar de comer a quem tem fome, dar de beber a quem tem sede, dar moradia aos desabrigados, vestir os maltrapilhos, visitar os doentes e prisioneiros, sepultar os mortos”²⁶³.

É preciso, pois, amar a Deus e amar o próximo. De fato, não se pode amar verdadeiramente a Deus sem amar o próximo. Isso Santo Antônio Maria Pucci o compreendeu muito bem e o comprovou em toda a sua atividade pastoral.

2. PALAVRA DE DEUS

Nas Vésperas, a leitura bíblica é sempre tirada do Novo Testamento, porque acompanha “o Cântico do Novo Testamento”²⁶⁴.

2.1 – Leitura (*Rm* 12,9-16)

“Irmãos, seja sincera vossa caridade. Aborrecei o mal, atende-vos ao bem. Sede cordiais no amor fraterno entre vós. Rivalizai em honrar-vos reciprocamente. Não relaxeis no zelo. Sede fervorosos de espírito. Servi ao Senhor. Sede alegres na esperança, pacientes na tribulação e perseverantes na oração. Socorrei às necessidades dos fieis. Esmerai-vos na

²⁶³ *Catecismo da Igreja Católica*, nº 2447.

²⁶⁴ *Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas*, nº 158.

prática da hospitalidade. Abençoai os que vos perseguem, abençoai-os e não praguejeis. Alegrai-vos com os que se alegram. Chorai com os que choram. Vivei em boa harmonia uns com os outros. Não vos deixeis levar pelo gosto das grandezas, Afeiçoai-vos às coisas modestas. Não sejais sábios a vossos próprios olhos”.

Esse trecho é tirado da exortação (parênese) da *Carta aos Romanos* (12,1-15, 13), onde o Apóstolo, aproximando-se da conclusão, fala das relações humanas e insiste na caridade (cf. *Rm* 12, 3-21). Lembra que, na Igreja, cada um deve colocar-se a serviço dos outros com tal amor e tanta alegria que a esperança tornará indestrutíveis.

Versículos 9-10

Nos versículos 9 e 10, o Apóstolo insiste para que os irmãos e irmãs, nas relações interpessoais, vivam um amor fraterno autêntico: “Seja sincera vossa caridade... Que o amor fraterno vos una uns aos outros”; e mostrem o firme propósito de afastar-se de todo mal: “Detestai o mal, apegai-vos ao bem”. Assim o amor crescerá e florescerá. São Paulo apela aos cristãos de Roma para que se considerem membros de uma só família, a Igreja, e se amem como irmãos e irmãs (Cf. *Ts* 4,9): “Sede cordiais no amor fraterno entre vós”. Os cristãos são irmãos e irmãs na fé comum em Cristo que os une. É importante não insistir nos defeitos dos outros, mas antes ressaltar as qualidades de cada um. É preciso cultivar a mútua estima: “Rivalizai em honrar-vos reciprocamente”.

Versículos 11-13

Nesses versículos Paulo recomenda: “Sede fervorosos de espírito. Servi ao Senhor. Sede alegres na esperança, pacientes na tribulação e perseverantes na oração”. Sim, é preciso perseverar na oração (cf. *Cl* 4,2): graças a ela, os primeiros cristãos receberam o Espírito que lhes deu luz, força e coragem (cf. *At* 1,14; 2,1s) para enfrentar toda adversidade. É preciso vigiar, não entregar-se à preguiça ou à indiferença diante das necessidades dos outros: “Socorrei as necessidades dos fiéis. Esmerai-vos na prática da hospitalidade”.

Versículo 14

O versículo 14: “Abençoai os que vos perseguem, abençoai-os e não praguejeis”, interrompe a série de exortações referentes à vida interna da comunidade cristã e apresenta um tema que aparece em muitas passagens do Evangelho. No seu intento de aperfeiçoar a observância da lei, Jesus se opôs a certa mentalidade judaica e ensinou com estas palavras: “Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém vos digo: Amai os vossos inimigos e orai por aqueles que vos perseguem” (*Mt* 5,43-44); “Falai bem dos que falam mal de vós e orai por aqueles que vos caluniam” (*Lc* 6,28). Esse é um ensinamento de grande importância para a comunidade cristã primitiva que vive sob a ameaça da perseguição. Não é por acaso que São Paulo o lembra. Mas esse ensinamento abriga também profunda sabedoria, isto é: se a gente retribuir o mal com o mal, o mal torna-se contagioso e se transmite do perseguidor para a vítima; mas se a gente retribuir o mal com o bem, interrompe-se o curso do mal e o bem conseguirá contagiar o perseguidor, impressionado (colpito ???) pela atitude misericordiosa da sua vítima.

Versículos 15-16

Nesses versículos, Paulo volta a ocupar-se das relações pessoais entre os fiéis e exorta os cristãos de Roma à solidariedade, à compaixão e à comunhão: “Alegrai-vos com os que se alegram. Chorai com os que choram”. Em outras palavras, ninguém pode ficar indiferente diante dos outros: “Se um membro sofre, todos os membros sofrem com ele; se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele” (2Cor 12,26; cf. Eclo 7,38).

Por fim, Paulo exorta todos à humildade: “Não vos deixeis levar pelo gosto das grandezas, Afeiçãoai-vos às coisas modestas”. Assim como exortava a considerar os outros superiores a si mesmo (cf. Fl 2,3), da mesma forma ele insiste: “Não sejais sábios a vossos próprios olhos”. Ele sabe, por experiência, que as divisões e os litígios são frutos do orgulho, do egoísmo e do culto à própria personalidade.

Na oração da tarde, os membros da comunidade ou da família, encontrando-se novamente juntos depois de um dia intenso de trabalho e de ocupações várias, recompõem a comunhão fraterna, observando o difícil mandamento do amor. Com efeito, a comunhão entre os confrades e coirmãs ou entre os familiares não é um dado de fato nem se deve dar por descontada, mas é sempre um desafio, uma meta a ser alcançada dia após dia, através de determinadas atitudes e comportamentos como caridade vigilância, oração, alegria, perseverança, positividade, compaixão, altruísmo e humildade. Tal foi a experiência dos apóstolos e das comunidades cristãs primitivas. Tal a experiência da comunidade de Viareggio em tempos difíceis, nos quais a vida comunitária era ameaçada por leis opressoras. A comunhão entre os seus membros é, desde sempre, um desafio para toda comunidade e família.

2.2 – Responsório (cf. Is 61,1-2)

- R. O Espírito do Senhor repousa sobre mim,
* para curar os corações esmagados pelo sofrimento.
V. Enviou-me para consolar os aflitos
R. Para curar os corações esmagados pelo sofrimento.
V. Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo.
R. O Espírito do Senhor repousa sobre mim,
* para curar os corações esmagados pelo sofrimento.

Esse responsório tem sua fonte no livro do profeta Isaías, mais exatamente no Trito-Isaías (cf. Is 56-66), onde se apresenta a vocação de um profeta (cf. Is 61,1-9) que recebeu de Deus uma mensagem de consolação (cf. Is 61, 1-3; 42.1.7). É exatamente nesta mensagem – mais especificamente nos dois primeiros versículos (Is 61,1-2) – que se inspira o responsório das Vésperas de Santo Antônio Maria Pucci. O profeta, chamado para ser porta-voz de Deus, é coberto pela sombra do Espírito e enviado “para curar os de coração aflito” (Is 61,1) e para “consolar os que estão tristes” (Is 61,2). Essas duas expressões foram literalmente aproveitadas na antífona.

É preciso lembrar que os mesmos versículos (cf. Is 61,1-2) foram lidos por Jesus na sinagoga de Nazaré no início de sua vida pública, isto é, do seu ministério na Galiléia. Naquele dia, depois de ler esses versículos (cf. Lc 4,18-19), Jesus fechou o livro do profeta Isaías e fez este comentário: “Hoje se cumpriu esta passagem da Escritura que acabastes de ouvir” (Lc 4, 21). Ao povo de sua terra Jesus oferece a interpretação mais autêntica (autorevole???) de *Isaías* 61,1-2. Ele, Verbo de Deus, lê a Sagrada Escritura, interpreta a Palavra de Deus e a aplica a si mesmo. Embora não sendo sacerdote segundo o rito de Moisés

nem doutor da lei, ele intervém durante uma celebração litúrgica, pronunciando um discurso que traz para o tempo presente uma profecia antiga, mas modificada num ponto importante: a vinda do Messias não trará condenação (cf. *Is* 61,2), mas amor e consolação abundante. Ele inaugura um jubileu ou um ano santo (cf. *Lv* 25,10), um “ano de graça” (*Lc* 4,19; cf. *Is* 61,2), que não terá mais fim.

Como Jesus, também Santo Antônio Maria Pucci procurou aplicar a Palavra de Deus à sua vida, principalmente as palavras que mostram o profeta chamado a ser porta-voz de uma mensagem de consolação. Tais palavras se tornaram um responsório litúrgico, isto é, a resposta que Santo Antônio Maria deu ao apelo de Deus dia após dia até o último de sua vida, quando confortou o Vovô Nonno, entregando-lhe a própria capa: “O Espírito do Senhor repousa sobre mim e enviou-me para curar os corações esmagados pelo sofrimento, para consolar os tristes”.

3. ANTÍFONA DO CÂNTICO DE MARIA

Ant. do Magnificat

Ó glorioso servo da bem-aventurada Virgem Maria, tanto meditaste as dores da Mãe na paixão do Filho, que te tornaste seu incansável apóstolo e consolador dos aflitos.

A antífona, que é nova, foi composta para a edição do Ofício Divino anterior à reforma litúrgica pós-conciliar²⁶⁵. Ela se refere, sem dúvida, ao fato que a Mãe de Jesus, em companhia de outras mulheres e do discípulo amado de Jesus, estava “junto à cruz de Jesus” (*Jo* 19,25), ou melhor, junto ao Filho crucificado. Meditando sobre esta cena da Paixão de Cristo, relatada pelo evangelista João (cf. *Jo* 19,25-27) no seu “livro da glória” (cf. *Jo* 13, 1-20,31), a Igreja meditou também sobre a dor da Mãe do Crucificado e entendeu como se fossem pronunciadas por Maria as palavras do Antigo testamento: “Multidões que passais pelo caminho, daí atenção e vede: Será que existe alguma dor igual à minha dor, castigo igual ao que o Senhor me aplicou?” (*Lm* 1,12); a Igreja refletiu sobre as palavras proféticas dirigidas por Simeão à Mãe na apresentação do menino Jesus no Templo de Jerusalém: “Este menino será causa de queda e de reerguimento para muitos em Israel. Ele será um sinal de contradição... E a ti, uma espada traspassará tua alma...” (*Lc* 2,34.35). Na hora da Paixão do Filho, a espada traspassou a sua alma, seu coração dolorido.

Essa antífona do cântico da Virgem, das Vésperas da festa de um santo Servo de Maria, se justifica também pelo fato que Nossa Senhora das Dores, desde 1692, é a padroeira principal da Ordem, e pelo significado atribuído desde os primórdios ao hábito dos frades Servos de Santa Maria. Segundo a *Legenda de origine* [= *LO*], o hábito – que a própria Virgem Maria mostrou ao dominicano frei Pedro de Verona (+ 1251) como sendo o hábito dos seus Servos – “é um sinal exterior da humildade da bem-aventurada Virgem Maria e da dor que Ela sofreu na paixão do Filho” (*LO* 52). Ao longo dos séculos, em modo particular nestes últimos, os Servos de Maria meditaram amiúde sobre a figura do Discípulo amado que seguiu Jesus até o alto do Gólgota e se pôs ao lado de Maria junto à cruz do Filho, e sempre viram João como uma figura exemplar. O Discípulo amado sofreu com a Mãe a dor da paixão de Filho e, tendo sido declarado “seu filho” (cf. *Jo* 19,26-27), “a acolheu junto de si” (*Jo* 19,27).

²⁶⁵ Cf. *Proprium Officiorum Ordinis fratrum Servorum beatae Mariae Virginis*, Pars Prior. [Augustae Taurinorum], Marietti, 1964, p. 28.

Santo Antônio Maria Pucci “glorioso servo da bem-aventurada Virgem Maria”, seguiu fielmente os passos de Jesus, ele também meditou profundamente sobre “as dores da Mãe na paixão do Filho” e, como João e os Sete Primeiros Pais, acolheu-a “junto de si”, na sua vida. Ele também sofreu com ela, colocando-se ao seu lado aos pés das infinitas cruzes dos paroquianos e confrades, e fez-se “consolador dos sofredores”. Foi um “apóstolo incansável” do culto à Nossa Senhora das Dores, culto esse feito de oração genuína e de obras de misericórdia.

4. CONCLUSÃO

Na tarde da festa de Santo Antônio Maria Pucci, a família dos Servos de Maria examina mentalmente o dia transcorrido e toda a sua vida à luz da parábola do juízo final e do mandamento supremo da caridade. Lembra as infinitas cruzes onde o Filho do Homem continua sofrendo, e sua Mãe com ele. Lembra e se pergunta: Que fizemos hoje quando encontramos o Filho do Homem em nossos irmãos? Como vivemos concretamente o mandamento novo do amor?

Para nós, a oração das Vésperas é a hora oportuna para descansar e recuperar as forças, é a hora de recriar-nos, de aprofundar nossa comunhão fraterna, de escutar mais a Deus que fala e de propor-nos a assumir mais responsabilmente, no futuro, o nosso compromisso de servir por amor.

Camille M. Jacques, OSM

V

HORA DA LEITURA E DA ESCUTA

Nas solenidades e nas festas, a *Ofício das Leituras* do próprio da Ordem apresenta três séries de antífonas (A,B,C) à escolha, para acompanhar os três salmos desta Hora litúrgica. O salmos da festa de Santo Antônio Maria Pucci são do Comum do Pastores: salmo 21 [20] (*Ó Senhor, em vossa força*) e salmo 92 [91] (*Como é bom agradecermos ao Senhor*), dividido em duas partes: a primeira, os versículos 2-9; e a segunda, os versículos de 10-16.

1. AS TRÊS SÉRIES DE ANTÍFONAS

As antífonas não têm toque clássico nem são antigas no contexto da tradição litúrgica da Ordem.

Não são clássicas – Na sua forma mais pura, toda antífona é sálmica, isto é, tirada do salmo que acompanha, com o qual constitui uma “estrutura litúrgica” intimamente coesa. As antífonas do Ofício das Leituras da festa de Santo Antônio Maria Pucci, pelo contrário, não têm nenhuma referência direta ao salmo. Elas respondem ao modelo de antífonas que põe em realce determinados aspectos do mistério ou do santo celebrado.

Não são antigas – Das nove antífonas do *Ofício das Horas OSM*, promulgado em 25 de março de 1977, cinco provêm dos *Ofícios próprios* aprovados em 7 de junho de 1964 e as outras quatro (A3, C 1.2.3) foram escolhidas quando o Concílio Vaticano II pediu que fossem revistos os Ofícios próprios. Consideradas juntas, as nove antífonas não têm raízes profundas na tradição litúrgica dos Servos de Maria. Por outro lado, há que se ter em conta que a

canonização de Santo Antônio Maria Pucci ocorreu em tempos recentes, em 9 de dezembro de 1962.

São todas bíblicas – Embora nenhuma das nove antífonas seja sálmica, todas elas, porém, são bíblicas: seis são tiradas dos Evangelhos e três das cartas de São Paulo. Isso constitui um notável progresso bíblico-litúrgico. Em nosso caso, à medida que a celebração segue seu curso, ouve-se também a mensagem evangélica, proclamada por Jesus, interpretada por São Paulo e testemunhada por Santo Antônio Maria Pucci.

Para não tornar pesado esse comentário, limitar-me-ei a examinar a primeira antífona de cada série.

1.1 – *O copo*

O ensinamento de Jesus visa a estabelecer um relacionamento constante e correto dos seus discípulos com Deus e com o próximo. Relacionamento esse marcado pelo amor a Deus, o Altíssimo, e ao ser humano, o próximo, no qual o discípulo vê, com os olhos da fé, o seu próprio irmão. Entre os dois, o relacionamento com o irmão, que se vê, parece prevalecer, embora seja realmente diferente do relacionamento com Deus, que não se vê (cf. *1Jo* 1,20).

A primeira antífona da primeira série é tirada de *Marcos* 9,41, com algumas adaptações:

- a* Quer vos dar um copo d'água em meu nome,
- b* não ficará sem recompensa.

No contexto da celebração de 12 de janeiro, a cena é clara: de um lado o pároco de Santo André, e do outro, o irmão que está com sede. O pároco não realiza nenhum gesto extraordinário. A ninguém se nega um copo d'água, nem a um desconhecido ou adversário. O extraordinário é que o irmão sedento é Cristo Jesus, com o qual ele mesmo se identificou peremptoriamente: “Estive com sede, e me destes de beber” (*Mt* 25,35b; cf. 25,40). Numa visão de fé, Santo Antônio Maria Pucci tem consciência de estar diante de uma situação paradoxal: aquele que lhe fez beber nas torrentes de águas puras, ali está a pedir-lhe um pouco de água. Sim, situação paradoxal, mas, ao mesmo tempo, permanente, que cada um pode fazer própria, assumindo o papel daquele que oferece o corpo d'água ou daquele que o pede. Em ambos os casos, acontece o encontro com Cristo e, no encontro, é dada a recompensa devida, isto é, o dom incomparável do amor do Amado, a sua presença perene.

1.2 – *Os defuntos, dos doentes, os que choram*

A morte, a doença, as lágrimas são parte inevitável da vida. Referem-se ao ser humano na integridade e totalidade de sua existência, o seu corpo e a sua alma. As maneiras diferentes de enfrentar a morte, a doença e a dor são elementos que estão na base de todas as religiões e culturas e as caracterizam.

Jesus também chorou diante da morte do amigo Lázaro (cf. *Jo* 11,35), moveu-se de compaixão pelos enfermos, deparou-se com cortejos fúnebres (cf. *Lc* 7,11-17) e foi à casa de uma menina de doze anos que fora arrancada da vida e do afeto de seus pais, à qual ele restituiu a vida e devolveu a seu pai e sua mãe, para que se mudassem em cantos de alegria as lamentações fúnebres (cf. *Lc* 8,49-56). As atitudes de Jesus diante da morte, da doença e das lágrimas tornaram-se normas para os seus discípulos.

As três antífonas podem ser registradas no rol das obras de misericórdia corporais e espirituais, em cuja prática se destacou Santo Antônio Maria Pucci.

os confins do mundo” (*Is* 49,6). Ali está Jesus que, na última ceia, tendo amado os seus com amor extremo (cf. *Jo* 13,1), chegou ao gesto extremo do serviço, isto é: lavar os pés dos seus discípulos, que era um dever do servo. Paradoxal e incompreensível inversão de papéis! Dia 12 de janeiro temos diante nós Santo Antônio Maria Pucci, de quem celebramos a memória. Sustentado pela liberdade cristã, ele também se fez servo: servo da Mãe do Senhor, servo dos seus confrades e servo dos seus paroquianos, sem excluir ninguém. No processo canônico para a beatificação, assim depôs frei Bonajunta M. Tomei: “Posso afirmar com conhecimento de causa que no seu escritório paroquial fez-se tudo para todos. Jamais abandonou o seu rebanho, nem nos tempos difíceis da peste e do cólera, nem nos tempos de perseguição política”²⁶⁶.

2. LEITURA BÍBLICA

A *Segunda Carta a Timóteo*, a última de Paulo que chegou até nós, foi escrita no ano 67. É a segunda vez que o Apóstolo está na cadeia em Roma. Enfraquecido pela dureza do cárcere, extenuado pelas fadigas apostólicas, amargurado pela solidão em que foi deixado pelos seus amigos, decepcionado pela defecção de não poucos discípulos, preocupado pelas idéias novas e bizarras que correm na comunidade, ofuscando a pureza da mensagem evangélica. Além disso, ele percebe que se aproxima a hora do sacrifício supremo: “Quanto a mim, já estou sendo oferecido em libação, pois chegou o tempo da minha partida” (*2Tm* 4,6).

No entanto, sua fé não define nem sua coragem. Há um que não o decepcionou, Jesus Cristo: “Sei em quem acreditei” (*2Tm* 1,12). Uma força o sustenta: a confiança em Deus que “não nos deu um espírito de covardia, mas de força, de amor e de moderação” (*2Tm* 1,7). Um desejo continua ardendo em seu coração: difundir a Boa Nova, da qual foi constituído “pregador, apóstolo e mestre” (*2Tm* 1,11).

Paulo escreve a *Segunda Carta a Timóteo*, que é um testamento de pai para filho, carta de adeus ao amigo, mensagem de um ancião a um jovem que, em virtude do “dom de Deus”, recebido mediante “a imposição das mãos” (*2Tm* 1,6), foi chamado à co-responsabilidade total na atividade missionária; “Sofre comigo pelo Evangelho” (*2Tm* 1,8).

A leitura desta perícopa da *Segunda Carta a Timóteo* (1,6-14) chama mais a atenção do orante para a figura de Paulo, que já chegou ao termo de suas lutas apostólicas, do que para as recomendações que ele faz ao discípulo Timóteo. Existe, porém, uma exortação do Apóstolo que exprime o próprio sentido da vida do santo pároco de Viareggio: “Quero exortar-te a reavivar o carisma que Deus te concedeu pela imposição de minhas mãos” (*2Tm* 1,6). A expressão “imposição das mãos” é uma expressão técnica que indica a consagração ao sacerdócio ministerial. Em toda a sua vida, Santo Antônio Maria Pucci deu provas de que tinha uma consciência nítida de sua condição de sacerdote. É impossível ser por quase quarenta e cinco anos zeloso pároco de uma humilde paróquia de pescadores, como era a de Santo André de Viareggio, povoado recém-drenado das paludes (???), sem reavivar em si, dia após dia, a graça da ordenação sacerdotal.

No fim de sua jornada terra, o santo pároco podia olhar para o passado e ver toda sua vida gasta na difusão do Evangelho.

Ele também enfrentou hostilidades e sofreu agressões e perseguições provocadas por leis iníquas, mas jamais perdeu a consciência de sua responsabilidade sacerdotal e de ter sido chamado a serviço do Evangelho.

²⁶⁶ SACRA RITUUM CONGREGATIO. *Lucensis*. [...] *Positio super virtutibus* (card. Carolo Salotti praefecto-relatore). Roma, [Tipografia Guerra & Belli], 1944, p.12.

A imagem tradicional de Santo Antônio Maria Pucci é a do pároco, do bom pastor. Ao comentar a perícopes de João (10,11-16), ele diz de si mesmo: “Eu sou pastor, como pároco desta igreja, e vós sois as minhas amadas ovelhas. Sou vosso pastor e, por isso, obrigado a apascentar vossas mentes com o alimento da Palavra de Deus, sem a qual não poderíeis viver muito tempo na graça de Deus. De fato, assim como o corpo precisa comer e beber para manter a vida temporal, da mesma forma a alma necessita da Palavra de Deus para não recair no pecado. Eu, vosso pastor, devo e ensinar-vos os caminhos da justiça e da santidade; devo corrigir e criticar vossos costumes depravados quando vos vejo correr atrás da torrente da devassidão, quando sei que violais a santa lei de Deus. Eu, vosso pastor, devo apascentar as vossas almas com os santos sacramentos, de dia e de noite, segundo verdadeiramente necessitais, sacrificando para o vosso bem espiritual meu comodismo, bem-estar e até a própria vida, quando a glória de Deus e o vosso verdadeiro bem o exigisse”²⁶⁷.

3. LEITURA ECLESIAL

Não fácil encontrar entre as *Homilias* de Santo Antônio Maria Pucci um texto apropriado para a *Leitura alternativa* do Ofício. Por muitos anos ele foi prior e pároco em Viareggio e, ao dirigir-se como irmão aos confrades e como pastor ao rebanho que lhe fora confiado, exerceu assiduamente o ministério da Palavra.

Poderia ter sido escolhida a homilia sobre a perícopes do Bom Pastor (*Jo* 10,11-16) com a certeza de que ela corresponde à mais autêntica tradição homilética ocidental. No entanto, preferiu-se o comentário à parábola do Bom Samaritano (*Lc* 10,23-37), pela vivacidade e eficácia com que ele apresenta aos fiéis o preceito evangélico do amor.

Partindo da parábola de São Lucas, o santo pároco explica aos fiéis “a plenitude da perfeição cristã” que é “amar a Deus e amar o próximo”. E ele o faz com tal convicção e com propostas tão concretas e atraentes que em nada atenuam a exigência radical do preceito do amor; de tal forma que, nossa sensibilidade, sempre atenta às questões ecumênicas, fica surpreendentemente alegre diante da exortação do pároco de Viareggio quando defende que ninguém deve ser excluído do nosso amor: “sejam bárbaros ou cultos, cristãos ou gentios, turcos ou hebreus, católicos ou cismáticos, a todos devemos amar”.

Sabemos como era ele diligente em distribuir aos seus fiéis o alimento da Palavra e sabemos também em que fontes ele se abastecia: na Sagrada Escritura em primeiro lugar e depois nos Santos Padres, como o prova o recurso a Santo Agostinho que aparece na leitura.

A técnica usada é segura e linear: primeiro a exposição cuidadosa do trecho evangélico; depois uma exortação piedosa e, ao mesmo tempo, severa para confrontar a mensagem evangélica com a própria conduta; e, por fim, a proposta de algumas normas morais, que fluem facilmente da reflexão sobre a Palavra inspirada.

O estilo é simples, de alguém que se preocupa em ser entendido. O discurso é vivaz e móvel, tem a atração de um diálogo e a força persuasiva de um colóquio, no qual aparecem frequentemente expressões da gíria da Toscana. O tom tende a ser pensativo, embora demonstre também argúcia.

Ignacio M. Calabuig, OSM

²⁶⁷ *Parole di un Padre e Pastore*, a cura di P. M. SUÁREZ, in *Studia Historica Minora IV*, Roma 1962, p. 82-83.

III PARTE
PROJEÇÃO
DA FESTA DE SANTO ANTÔNIO MARIA PUCCI
NO PRESENTE E NO FUTURO

1. INTRODUÇÃO

Nos mais de cem anos transcorridos desde a morte de Santo Antônio Maria Pucci (1892), muitas foram as iniciativas empreendidas com técnicas e estilos diferentes para propagar a sua imagem, descrever episódios de sua vida e promover a sua devoção junto aos fiéis. A maioria dessas iniciativas segue o cânon descritivo da fisionomia do santo, como pode se deduzir de sua fotografia. Vários são os gêneros iconográficos com os quais foi apresentado, mas podem ser sintetizados nos seguintes: o retrato, com a representação fisionômica do seu rosto; o frade Servo de Maria devoto de Nossa Senhora das Dores, cujo culto ele divulgou amplamente entre o povo de Viareggio; o pároco, bom pastor do rebanho da paróquia de Santo André; o servo que se fez tudo para todos em inúmeras atividades nas quais envolveu o povo durante os quarenta e cinco anos transcorridos em Viareggio; o santo e o taumaturgo, mediante o relato de episódios de sua vida e dos milagres que lhe são atribuídos.

A presente colocação terá em conta os gêneros iconográficos detectados e acima referidos e terminará com algumas observações críticas em vista de um eventual desenvolvimento futuro da iconografia de Santo Antônio Maria Pucci, frade Servo de Maria e pároco de Viareggio.

2. UM ROSTO BEM LEMBRADO

Existe um retrato fotográfico em branco e preto de Antônio Maria Pucci extraído da foto de um grupo tirada pelo fotógrafo Filoni no claustro do convento de Santa Maria in Via, em Roma, por ocasião da canonização dos Sete Santos Fundadores, ocorrida em 15 de janeiro de 1888.

Nessa foto, frei Antônio Maria aparece à direita, sentado, com o hábito dos Servos de Maria, tendo as mãos juntas apoiadas sobre o peito. Traz ao pescoço o colarinho clerical e, na cabeça, o solidéu preto.

Dessa mesma foto as firmas Fotostudio Cantera de Roma, G. Magrini de Viareggio e P. & O. Peruzzi de Florença tiraram o primeiro plano do rosto, que foi amplamente divulgado em postais e santinhos²⁶⁸.

²⁶⁸ Alguns acham que o retrato da firma P. & O. Peruzzi, da qual existe cópia no Arquivo geral OSM, em Roma, é original e não só um detalhe da foto do grupo de 1888. Olhando bem, pode-se perceber a semelhança de alguns particulares entre a foto do grupo e o detalhe do rosto da firma Peruzzi (posição do corpo, direção do olhar, expressão do rosto, corte de cabelos, etc.), que mostram ser muito semelhante ao detalhe feito pela firma Cantera. Parece improvável que todos esses detalhes possam repetir-se em três tempos e situações diferentes, mas é tecnicamente possível retocar a chapa fotográfica para corrigir a imagem e dar a impressão de que a foto foi tirada em momentos diferentes. Pode-se, portanto, supor que a foto do santo é uma só, isto é, a que foi tirada com o grupo. Cf. L. M. DE VITTORIO, *Ricerche e documentazione sulla morte di fra Antonio M. Pucci e la venerazione per lui in Viareggio*, Roma 1991, p. 6 e 14. O artigo foi publicado num fascículo único como extrato de *Studi Storici OSM* 41 (1991), p. 101-102, mas na revista não aparece nem a foto e nem a respectiva nota, por isso, faz-se aqui referência à publicação como extrato.

É interessante a descrição do seu olhar feita pelo historiador frei Aleixo M. Rossi (†1968) por ocasião da canonização:

“Observe-se o retrato do novo Santo, Frei Antônio Maria Pucci: um rosto bastante enfadado. E as notícias retrospectivas o confirmam: nunca quis ser fotografado (morreu em 1892 quando a fotografia já era bastante comum). E se hoje conhecemos suas feições, pintadas de luz, como diriam as Arcades modernos, é porque não conseguiu evitar de posar com o grupo dos confrades Servos de Maria vindos a Roma para a canonização dos Sete Santos Fundadores, realizada em 15 de janeiro de 1888. Do grupo foi extraído o seu retrato. Provavelmente o santo não ficou muito contente de posar diante da objetiva: é por isso que seu rosto aparece carrancudo. Daí nasce o equívoco de que poderia parecer um santo esquivo (...). Por isso, pus-me a folhear os calhamaços que recolhem as memórias do santo e deparei-me com esta frase, reiteradas vezes repetida sob diversos pontos de vista pelas testemunhas que depuseram no processo canônico: O santo estava sempre de bom humor”²⁶⁹.

Foi nessa fotografia que se inspirou a maioria dos artistas que representaram a figura Santo Antônio Maria Pucci, principalmente no que toca aos caracteres fisionômicos e à expressão do rosto, segundo a interpretação que se lhe dá, de séria ou “esquiva”.

A única outra fotografia do santo que chegou até nós é a que o retrata na caixão fúnebre. Foi tirada em preto e branco no dia da sua morte (12 de janeiro de 1892), pelo fotógrafo José Magrini de Viareggio.

Nessa foto, o corpo do santo, retratado lateralmente do lado direito, está estendido sobre a liteira fúnebre, vestido com o hábito religioso. Traz na cabeça o capuz e o barrete preto de pároco e, nos ombros, a estola. Com as mãos juntas segura o crucifixo e a coroa de Nossa Senhora das Dores. Comparada com a foto de 1888, esta chama a atenção pela expressão grave da boca e pelo tamanho e gordura das bochechas.

Essa foto foi logo multiplicada em milhares de cópias e amplamente divulgada, como atesta seu contemporâneo, o farmacêutico Ulisses Michetti: “Formou-se uma peregrinação de gente que durou o dia inteiro, todos em busca de algum pedacinho de roupa como relíquia. Eu mesmo cortei com tesouras uma centena de pedaços. Em poucos dias, todas as famílias de Viareggio tinham na sala de casa o seu retrato tirado depois de morto, porque, quando estava vivo, jamais quis ser fotografado, com exceção de um foto tirada junto com um grupo de confrades”²⁷⁰.

Para completar o que essas fotos nos transmitem sobre a fisionomia do santo, pode-se recorrer à descrição feita pelo médico cirurgião, dr. Raimundo Del Prete, presidente da “Misericórdia” de Viareggio na época do santo pároco. Dispomos, com efeito, de um depoimento seu feito a 1º de dezembro de 1927, no qual ele se expressa nestes termos: “Conheci frei Antônio Maria Pucci quando eu era jovem, algumas vezes por motivos profissionais e muitas vezes por ter-me encontrado com ele na *Congregação da Caridade* e também por ter sido dirigente da *Confraria da Misericórdia* (...). Tinha um perfil regular, fronte ampla, nariz levemente achatado, tez olivácea, orelhas grandes e salientes, queixo arredondado, sobrancelhas espessas e olhos serenos e inteligentes. De resto, os caracteres do rosto podem ser melhor detectados na fotografia que estou anexando do que numa descrição.

²⁶⁹ A. ROSSI, *Ritrato del Curatino*, in *Il 'Curatino' santo*. Número único em honra de Santo Antônio Maria Pucci, da Ordem dos Servos de Maria, canonizado em 9-12-1962, Edizioni “La SS. Annunziata”, Firenze 1963, p. 10.

²⁷⁰ Cf. F. M. FERRINI, *Il Curatino*, B. Antonio Maria Pucci dei Servi di Maria, Parroco di S. Andrea in Viareggio, Postulazione generale dei Servi di Maria, Roma 1952, p. 219-220.

De estatura pouco abaixo da média e foi, provavelmente por isso que em Viareggio era conhecido como ‘Il Curatino’ (= o pequeno cura). Seu postura era modesta e séria”²⁷¹.

Prescindindo das duas fotografias, a primeira obra de arte que representa o santo é um busto de mármore branco de Carrara, colocado sobre o seu túmulo na capela do cemitério de Viareggio. Foi esculpido pelo artista Di Ciolo, que havia sido convocado para fazer o molde do pároco logo após sua morte. Foi a concretização de um compromisso assumido pela Comissão constituída para as celebrações fúnebres que promoveu uma subscrição pública para “a ereção de um monumento para perenizar a memória” de frei Antônio Maria Pucci²⁷².

No dia 15 de janeiro de 1911, outro busto de mármore branco de Carrara foi colocado na capela de São José em Viareggio pela Confraria de Nossa Senhora das Dores, obra dos esultores A. De Ranieri e filhos, de Seravezza. A semelhança entre esse busto e o que fora colocado no cemitério fez com que alguns pensassem que seu autor fosse o mesmo Di Ciolo²⁷³.

Em ambos os casos, trata-se de um busto do gênero clássico, no qual o santo é visto de frente, vestido com o hábito religioso, com os traços fisionômicos e a expressão do rosto iguais aos do retrato fotográfico.

Muito semelhante a essas obras é o busto de metal dourado feito para a capela dedicada ao santo na igreja de São Marcelo al Corso, em Roma. O rosto do santo é o mesmo, está vestido com o hábito religioso e traz o solidéu na cabeça. A mais, traz nos ombros uma estola decorada à altura do peito com dois medalhões: o da direita representa Jesus o Bom Pastor; e o da esquerda, Nossa Senhora das Dores. Os traços iconográficos do santo são os mesmos da estátua que se encontra em Viareggio²⁷⁴.

Mais recentemente, o artista eslavo Zoran Juric fez para a comunidade de Marina di Carrara um busto que representa mais livremente a fisionomia da fotografia do santo. Feito para ser olhado de baixo para cima, apresenta o santo com o rosto inclinado para o lado. O que é interessante é o material usado: de fato, o artista usou dois pedaços de mármore de cores diferentes: branca para o rosto e cinza para o hábito e o solidéu.

Os traços do rosto como aparecem na fotografia de 1888 encontram-se no molde fúnebre em prata que cobre o corpo do santo na urna conservada na basílica de Santo André de Viareggio.

A mesma imagem do rosto, retratada na fotografia tirada em Roma, foi retomada muitas vezes e por vários artistas em tempos e circunstâncias diferentes. Entre os desenhos utilizados para ilustrar a capa de livros sobre a vida do santo, registramos aqui os de Primo Conti (1963), Geraldo Carmineo (1984), Fiorenzo Gobbo (1991) e Ignazio Marceddu (1992). Por fim, o quadro de Giorgio Micheli de 1994, pintado com técnica a macchia (???), com a predominância da cor azul, que hoje se encontra no convento de Viareggio.

Nesse modelo iconográfico baseia-se também o quadro feito para a capela do santo na Igreja de São Marcelo, em Roma, o qual, usado também para ilustrar a capa de um livro, é a imagem mais difundida em santinhos e em outro material devocional de divulgação. É obra

²⁷¹ Cf. *Ibidem*, 211-212.

²⁷² Cf. L. M. DE VITTORIO, *La morte di fra Antonio M. Pucci e la venerazione per lui in Viareggio*, cit., p. 21.

²⁷³ Cf. *Ibidem*, p. 21.

²⁷⁴ Existe uma cópia deste busto em metal prateado no convento de São Marcelo, em Roma, sede da Cúria geral dos Servos de Maria. A estátua de Nossa Senhora das Dores da qual se faz referência é obra do artista Graziani di Faenza, encomendada em 1842 e exposta à veneração pública dos fiéis na igreja de Santo André Apóstolo de Viareggio em 1843.

das irmãs Franciscanas Missionárias de Maria, da comunidade da “Via Giusti” em Roma²⁷⁵. Giorgio Papasogli descreve esse quadro, identificando algumas de suas características iconográficas, nestes termos: “Representa a missão cumprida pelo santo pároco de Viareggio, Antônio Maria Pucci. Frade exemplar da Ordem dos Servos de Maria (hábito) ensina a amar e imitar Nossa Senhora; pároco zeloso, abençoa o seu povo; discípulo do manso e humilde Bom Pastor Jesus (estola, à esquerda), conhece e ama suas ovelhas, cuida delas e entrega toda a sua vida por elas; apóstolo da Virgem das Sete Dores (estola, à direita) transforma Viareggio em ‘Cidade de Nossa Senhora das Dores’”²⁷⁶. As características gerais da tipologia desse quadro, o retrato de meio-corpo com o braço levantado em sinal de bênção e a estola nos ombros, foram retomadas num desenho de Rosella Bellesi, utilizado na capa da reedição de um artigo de Rafael M. Taucci (†1971) em 1993²⁷⁷.

Nesse gênero de representações pode ser incluída a estátua de terracota colorida exposta na frente da casa paroquial da igreja dos Servos de Maria de Jegan Matha, em Trichy, Índia, e principalmente os baixo-relevos, bustos e pequenas estátuas de gesso e de louça esmaltada, obras das firmas Pera di Pietrasanta e Barsanti, de Bagni di Lucca. Incluem-se também as medalhas e a série de pequenas estátuas de metal dourado, que representam o santo de corpo inteiro, colocadas sobre bases de pedra, em cuja cavidade foi introduzida uma relíquia do santo. Tais reproduções foram feitas como relicários, sob desenho de Henrique Michelassi de Florença, por ocasião da beatificação e canonização, para serem doados, segundo a tradição, aos cardeais²⁷⁸.

Completamente diferente da fisionomia real do santo é a imagem do seu rosto feita em cartão, com técnica mista, por Massimo Micheli, em 1991, para ilustrar o cartaz do centenário da morte. O próprio artista, ao apresentar a obra, ressaltou que “de propósito não se ateu aos traços tradicionais do santo pároco, embora tenha examinado longamente a única fotografia existente, muito pequena”, e ilustrou a simbologia que quis reproduzir nestes termos: “Eu entendi dar muita importância à vida interior do santo pároco, à sua alma de pastor zeloso. Suas mãos elevadas para o alto, levemente iluminadas na ponta dos dedos, querem expressar seu contato permanente com a presença de Deus. O rosto, a um tempo, austero e paternal quer indicar quem está sempre pronto para acolher e escutar os que buscam conforto e perdão. Numa palavra: é o homem de Deus que se dá todo a todos, como realmente era o santo pároco. O vôo das gaivotas contra o azul do firmamento simboliza a viagem de todos para o céu; e o pequeno detalhe do mar evoca o lugar onde o santo exerceu seu apostolado de pároco: Viareggio”²⁷⁹.

3. FRADE DEVOTO DE NOSSA SENHORA DAS DORES

A imagem do santo que aponta para Nossa Senhora das Dores é do tipo mais comum na iconografia de Santo Antônio Maria Pucci.

²⁷⁵ Não foi possível identificar o nome da autora, mas só o do seu Instituto religioso.

²⁷⁶ Cf. G. PAPASOGLI, *Il Curatino di Viareggio*, S. Antonio Maria Pucci O.S.M., Libreria Mariana, Roma 1962, no verso da capa.

²⁷⁷ R. M. TAUCCI, *Gli anni della vita di S. Antonio Maria Pucci*, Convento di Monte Senario, Monte Senario 1993. Trata-se da reedição do artigo publicado em *Studi Storici OSM* 32 (1972), p. 25-68.

²⁷⁸ Cf. *Acta Ordinis Sevrorum Beatae Mariae Virginis*, 37 (1952), p. 62.

²⁷⁹ Cf. *Atti della seduta straordinaria del Consiglio comunale di Viareggio*, Viareggio 11 gennaio 1992, p. 38. A apresentação do cartaz ocorreu na noite do dia 25 de outubro de 1991 na basílica de Santo André de Viareggio, na presença do arcebispo, dom Bruno Tommasi, que abençoou a obra da qual foi tirado o cartaz.

Várias são as tipologias que se inspiraram nesse modelo iconográfico. Em todas elas, o santo é representado com o hábito religioso dos Servos de Maria e Nossa Senhora das Dores tem as características iconográficas da estátua que se encontra na basílica de Santo André de Viareggio, venerada pelo santo²⁸⁰.

O primeiro tipo desse modelo iconográfico é o que mostra o santo com o braço levantado indicando a aparição de Nossa Senhora das Dores no céu. Em geral, santo Antônio Maria é retratado na praia de Viareggio, da qual se enxerga o molhe da embocadura (???) do portocanal e o farol, há tempestade no mar e um ou mais barcos correm o risco de naufragar. São desse tipo, por exemplo, a aquarela de A. N. (não identificável), uma pequena pintura a têmpera que se encontra no convento de Viareggio, a pintura de Fausto Conti de 1939, reproduzida em 1966 pelo mesmo autor para a igreja de Santo Antônio Maria Pucci de Bolonha, e o quadro exposto à veneração pública na igreja dos Servos de Maria de Orvieto, obra executada por Gianfranco Rossini entre dezembro de 1962 e janeiro de 1963²⁸¹, o afresco do convento dos Servos de Maria de Jegan Matha de Trichy, Índia, (1962), o desenho de Raymond Boudreau (1950 aproximadamente) que se encontra no convento dos Servos de Maria de Montreal, Canadá, e o selo de fechar carta feito pela firma Laplante et Langevin de Montreal.

O segundo tipo iconográfico mostra Santo Antônio Maria Pucci que tem nas mãos um ícone de Nossa Senhora das Dores. São desse tipo dois quadros de Mario Barberis “Santo Antônio M. Pucci e suas obras”; a estátua de gesso colorido de Petrucci-Carli do convento dos Servos de Maria de Montreal, Canadá, no qual se inspiram as pequenas estátuas de gesso de Bagni di Lucca; e de certa forma também os restos mortais do santo como foram colocados na urna exposta à veneração pública na basílica de Santo André de Viareggio: o corpo do santo, coberto com o hábito da Ordem, com sobrepeliz e estola sobreposta, está deitado na liteira e tem na mão direita um quadro com a imagem de Nossa Senhora das Dores. Desse mesmo tipo pode-se considerar também outra pintura de Mário Barberis, que mostra o santo com o olhar absorto voltado para a pequena estátua de Nossa Senhora que tem nas mãos.

O terceiro tipo iconográfico encontra-se na obra do mesmo Mário Barberis (cerca de 1952), que representa santo Antônio Maria Pucci em forma de retrato, sentado numa poltrona, na pose típica da fotografia de 1888, perto de uma mesa sobre a qual se encontra a pequena estátua de Nossa Senhora das Dores.

O quarto modelo iconográfico mostra a Virgem das Dores numa amêndoa colocada acima da figura do santo. Desse modelo é a pintura (cerca de 1962) feita para a igreja de Notre-Dame-de-la-Défense de Montreal, Canadá, obra de Arnaldo Marchetti, natural de Lucca, bem como um vitral e um baixo-relevo feitos para a basílica de Santo André de Viareggio, colocados respectivamente na abside da basílica e no altar a capela do santo. Notável, em particular, a técnica do baixo-relevo usada por Luciano Tomei, natural de Viareggio. É feito em papelão colorido segundo um procedimento inventado pelos mestres papeleiros do carnaval local.

O quinto modelo iconográfico é o que foi utilizado em 1952 por Alfonso Missori na tela colocada na “Glória” de Bernini da basílica de São Pedro, no Vaticano, por ocasião da beatificação. Nessa obra, Antônio Maria Pucci, com os braços abertos, sobe ao céu numa

²⁸⁰ Cf. nota 7.

²⁸¹ Com relação à pintura de Orvieto, cf. R. M. FAGIOLI, *La chiesa di santa Maria dei Servi in Orvieto – Parrocchia di san Martino*, 2003, p.35. Quanto às obras canadenses, cf. *Le petit curé de Viareggio*. St. Antoine-Marie Pucci de l’Ordre des Servites de Marie, organizado por A. M. CIMICHELLA, Files de Saint-Paul – Apostolat des éditions, Montreal 1964.

nuvem rodeada de anjos e é recebido pela Virgem Maria que aparece no alto à esquerda e lhe estende a mão.

4. O PÁROCO, BOM PASTOR

A imagem do Bom Pastor é outro gênero bastante utilizado na iconografia de Santo Antônio Maria Pucci.

Mário Barberis fê-lo várias vezes. Pode-se encontrá-lo nas duas versões do já citado “Santo Antônio Maria Pucci e suas obras”, nas quais o santo, tendo na mão um ícone de Nossa Senhora das Dores, encontra-se debaixo de um arco sobre cuja viga mestra aparece Jesus o Bom Pastor. Também Alfonso Missori explorou o tema do Bom Pastor em duas estandartes feitos respectivamente para a beatificação (1952) e a canonização (1962) e expostos no Vaticano e nas igrejas dos Servos de Maria de Roma e de Viareggio. Em ambos, o santo aparece sobre as nuvens; debaixo delas se descortina uma vista panorâmica da cidade de Viareggio, em favor da qual ele intercede com um gesto dos braços. No primeiro estandarte a imagem do Bom Pastor, bem delineada à esquerda, e a de santo Antônio Maria Pucci à direita, estão ligadas por um diálogo de olhares; no segundo, o santo aparece de frente e atrás dele vislumbra-se a figura de Jesus Bom Pastor.

Mário Barberis tinha explorado o mesmo tema também num desenho de 1952, tendo em vista evidentemente a beatificação: o Bom Pastor e santo Antônio Maria Pucci, lado a lado, aparecem entre nuvens a Pio XII ajoelhado diante deles. Ambos fazem um gesto de convite ao papa, como se indicassem santo Antônio Maria como modelo e intercessor para ele também.

5. SERVO DE TODOS

Outra maneira de representar Santo Antônio Maria Pucci é a que o mostra rodeado de várias pessoas do povo de Viareggio, das mais diversas categorias, como se representassem alegoricamente as várias atividades que ele realizou no campo apostólico-caritativo. A obra mais conhecida, porque amplamente divulgada em santinhos, imagens, opúsculos e publicações várias, é de autoria de Alfonso Missori, de 1952, por ocasião da beatificação. Dela existem duas cópias bastante semelhantes entre si quer pelo sujeito quer pela qualidade da pintura. São diferentes apenas nas dimensões: uma é horizontal, e a outra, vertical. A tela horizontal encontra-se hoje no convento dos Servos de Maria de São Marcelo, em Roma; a vertical é um enorme estandarte que se encontra no convento de Viareggio. Mostra o santo exortando o povo a manter os olhos voltados para Nossa Senhora das Dores que, do céu, intercede pelo povo e pela cidade de Viareggio e lhes garante proteção. Ao redor da imagem do santo colocada sobre uma nuvem aparecem várias figuras humanas de diferente idade e condição e, ao fundo, uma vista parcial da cidade de Viareggio. Na época em que foi pintada, essa obra assim foi descrita pelo frei Pedro Pennoni, OSM: “É um quadro alegórico que representa as múltiplas atividades realizadas pelo santo pároco de Viareggio: atendimento aos doentes, pobres e idosos; apostolado na igreja, nas casas e por intermédio da comunidade das irmãs de Maria por ele fundada”²⁸². Chama a atenção de quem observa a atitude estática dos personagens reproduzidos e a vontade do artista de criar uma obra oleográfica”.

²⁸² P. PENNONI, *Il Santo Curatino di Viareggio*. S. Antonio Maria Pucci dei Servi di Maria, Postulazione generale dei Servi di Maria, Roma 1962, 3ª, p. XV dell'Appendice.

Segue esse modelo o baixo-relevo do relicário em ouro e prata, feito sob desenho de Arnaldo Brandizzi, que foi doado ao papa, como manda a tradição, no dia da canonização²⁸³.

Na comemoração do primeiro centenário da morte de Santo Antônio Maria Pucci (1992), o artista eslavo, Zoran Juric, refez o mesmo quadro (???) para a igreja dos Servos de Maria de Marina di Carrara, introduzindo algumas variantes estilísticas e iconográficas em relação à obra de Alfonso Missori. As variantes iconográficas mais importantes são as que se referem à Virgem Maria, à paisagem e às atividades do povo: de fato, mostra uma imagem de Nossa Senhora com o manto, sem qualquer referência às suas Dores, uma vista parcial de Marina di Carrara e, entre as atividades, a escavação do mármore. Deve-se também notar que nos rostos dos personagens podem-se reconhecer os traços fisionômicos dos frades que encomendaram a obra, de alguns paroquianos e do próprio artista. Do ponto de vista do estilo, os detalhes técnicos da obra estão no uso da cor e na dinâmica de movimento do quadro, que tornam a obra bem menos oleográfica que a de Alfonso Missori. Efeitos especiais são produzidos pela acentuada verticalidade do quadro e pelo duplo movimento ascendente e descendente dos mantos de Santo Antônio Maria Pucci e da Virgem Maria, que cobrem e protegem as pessoas que estão debaixo.

O mesmo artista, Zoran Juric, fez uma pequena aquarela policromada que representa santo Antônio Maria Pucci rodeado de homens, mulheres e crianças, que também se encontra na igreja de Marina di Carrara. Nessa aquarela, o santo pároco segura no colo um menino de tenra idade, e tem ao seu lado uma menina um pouco maior. O que esse quadro tem de específico em termos iconográficos é a utilização da foto do santo no que concerne aos seus traços fisionômicos e também à posição em que se encontra, isto é, sentado, exatamente como foi retratado na fotografia de 1888.

Em Marina di Carrara existe também um estandarte de autor desconhecido que foi pintado em cânhamo bruto com técnica mista por ocasião da canonização. Nele o santo é representado como pescador de homens: segura nas mãos uma rede cheia de peixes, qual protetor, junto com Nossa Senhora das Dores, dos marinheiros, pescadores e suas famílias.

Outro sujeito (???) que desperta particular interesse é o que foi escolhido para representar o santo no grande quadro de mármore do altar da igreja da Sagrada Família de Marina di Carrara, obra do escultor Bino Bini²⁸⁴. Num grande baixo-relevo em mármore branco de Carrara o santo é aparece ao lado da irmã Juliana Lenci (†1895) e de algumas crianças, para lembrar a obra de assistência à infância que ele realizou com a comunidade das *Irmãs de Maria de Viareggio*, fundada por ele mesmo e pela irmã Juliana.

Frei Eugênio M. Casalini, OSM, assim descreve o quadro: “ O artista transforma história em poesia e símbolos: as crianças estão nuas porque pobres e indefesas dia nte do mal físico: o remédio mais eficaz – pelo que parece dizer-nos o autor – é o afeto que as une aos dois religiosos. Uma só criança, nua também, está de costas e se distrai com o barulho do mar que ela escuta numa concha. O mar é representado por um cesto de peixes situado no canto direito inferior e por uma vela esboçada (griffata ???) na parte superior, na primeira superfície do mármore. (...) Sem dúvida singular é a técnica usada pelo artista para expressar esse conteúdo. Impressiona a originalidade do baixo-relevo entalhado sob o pelo da superfície, dando a impressão de uma forma achatada e totalmente arredondada (???) (p.219). Os personagens transpiram religiosidade e graça, e lembram imagens do renascimento inicial de

²⁸³ Cf. *Acta Ordinis Servorum Beatae Mariae Virginis*, 47 (1962), p. 372.

²⁸⁴ O quadro é composto de três blocos à semelhança de um trítico. No painel central estão os Sete Santos Fundadores da Ordem dos Servos de Maria; no painel da esquerda, São Filipe Benizi; e no painel da direita, Santo Antônio Maria Pucci, Juliana Lenci e algumas crianças. O quadro mede 4,68 x 3,54 m.

Florença. Especial é o sentido de estupor estático que a composição provoca sobre o evento sacro, embora em cada episódio não falte o aceno (???), a presença de alguém que não percebe que algo de extraordinário está acontecendo ao redor”²⁸⁵.

A última representação de uma atividade de santo Antônio Maria Pucci que é bom lembrar por suas características iconográficas e estilísticas é o detalhe de um grande afresco feito na sala de reuniões da Arquiconfraria da Misericórdia de Viareggio sobre o tema “A parábola do Bom Samaritano em nosso tempo”. Ali o santo é identificado como um dos exemplos nos se concretiza a figura do samaritano²⁸⁶. O afresco, inaugurado em 28 de maio de 1989, é obra de Massimo Micheli, o qual fez questão de não reproduzir as feições fisionômicas do santo, a fim de representar nos personagens do afresco os confrades que eram então membros da confraria. No contexto da iconografia de santo Antônio Maria Pucci, é original o fato de ele ter na mão um ramo de oliveira. Eis a interpretação de Cristiana Vettori Micheli:

“Junto aos pecadores há uma série de personagens iluminados por uma luz diáfana e espiritual. Esses personagens são particularmente importantes e vivos no coração dos habitantes de Viareggio como exemplo moral (Del Chiaro), como dedicação social (Bursachi) e como exemplo espiritual (o pároco Pucci). O pároco participa da ação com um gesto simbólico: traz na mão um ramo de oliveira, significando que une ao gesto de socorro uma mensagem de esperança e de paz”²⁸⁷.

6. SANTO EXEMPLAR E TAUMATURGO

Muitos episódios da vida de santo Antônio Maria Pucci foram descritos não só com palavras, mas também com figuras. Em alguns casos trata-se de desenhos, em outros, de pinturas propriamente ditas, a maior parte das quais foram utilizadas para ilustrar publicações sobre a vida do santo. Também outros eventos, como as cerimônias de beatificação e canonização e a decoração da capela dedicada ao santo na basílica de Santo André de Viareggio, deram azo para esse modelo de representação iconográfica.

Quanto às publicações, merecem menção as pinturas de Mario Barberis para o livro de Pietro Panichelli (de 1939), as ilustrações, de autor anônimo, do livro de Icilio Felici (de 1952), os desenhos de Alfredo Orlandi, coloridos por Francesca Tomei, do livro para jovens de Giovanni Pratesi de 1992²⁸⁸. No primeiro caso, trata-se de nove pinturas, uma das quais reproduzida também na capa em cores, e as outras em monocromia de cor escura, no interior do livro. No segundo caso, trata-se de onze desenhos com tinta preta e de uma pintura em cores para a capa. No terceiro caso, trata-se de cento e quatorze pequenas cenas coloridas que

²⁸⁵ Cf. E. CASALINI, *Le origini del trittico dei Servi*, Trittico Bini, in *Costruire una chiesa*, Marina di Carrara 1989, p. 43-46.

²⁸⁶ O pároco estava inscrito na Confraria da Misericórdia de Viareggio, a qual quis, desta forma, imortalizar a sua memória junto com a dos confrades mais beneméritos que atuaram nos primeiros 150 anos de existência da associação.

²⁸⁷ Cf. *Misericordia i Viragegio*. Note di cronaca e di storia. II. 1987-2001, p. 36.

²⁸⁸ P. PANICHELLI, *Il Curatino di Viareggio*, Pisa 1939, Nistri-Lischi Editori; I. FELICI, *Il Curatino santo*. B. Antonio M. Pucci dei Servi di Maria, Firenze 1952, Libreria Editrice Fiorentina; G. PRATESI, *Il Curatino di Viareggio per i ragazzi*. Vita di S. Antonio Maria Pucci dell'Ordine dei Servi di Maria Parroco di S. Andrea in Viareggio 1847-1892, Tipografia l'Ancora, Viareggio 1992.

acompanham a narrativa. Os quadros evocam episódios da infância, da formação religiosa, da atividade apostólica e da morte de santo Antônio Maria Pucci²⁸⁹.

Nos dois primeiros ciclos trata-se de obras que querem mostrar com maior realismo possível o episódio narrado. No terceiro ciclo, de produção mais recente, as imagens ilustram algum detalhe da narrativa e são concebidas segundo o modelo das ilustrações do livro para jovens; por isso, nelas se dá mais importância à mensagem transmitida através do desenho do que ao detalhe e ao realismo da representação²⁹⁰.

O primeiro dos dois estandartes pintados por Alfonso Missori para a canonização representa a cura da mãe de família, Carla Cupisti, acometida de artrose deformante e de luxação congênita da anca direita, a qual, logo depois de comungar na igreja de Santo André, se levanta, joga fora a bengala e começa a andar sem dificuldade. O outro estandarte registra a cura de um jovem camponês, José Artidoro Barrientos Gómez, o qual, hospitalizado depois de ter sido esmagado pelas rodas de um carro carregado de tijolos, certa manhã se levanta totalmente curado. No primeiro estandarte aparece, ao fundo, a capela do Santo na igreja de Santo André de Viareggio e a urna que contém seus restos mortais colocada sobre o altar; no segundo, na parede do corredor do hospital aparece a imagem do busto de santo Antônio Maria Pucci entre raios de luz.

Nessas pinturas de grandes dimensões, assim como nas ilustrações das biografias, pode-se falar de intento oleográfico com o objetivo de descrever realisticamente o episódio em questão. É fácil identificar em todos os estandartes a mão dos dois pintores, a técnica pictórica e as cores utilizadas, delicadas e, sob alguns aspectos, etéreas. São características essas que promovem a devoção e levam a ver Antônio Maria Pucci como o santo que goza da paz e da beatitude celeste. Paz e beatitude que ele procura transmitir aos circunstantes que estão representados na pintura ou que a observam.

No centenário da morte de santo Antônio Maria Pucci, a paróquia de Santo André de Viareggio mandou fazer seis painéis de bronze para decorar a parede da abside da capela do santo. O trabalho foi confiado a dois jovens artistas, Eduardo Nardini e Emanuel Gianelli. Trata-se de baixo-relevos que representam momentos importantes da vida do santo²⁹¹. Neles,

²⁸⁹ Os episódios ilustrados por Mario Barberis são: Aula com o pe. Diddi; Vestição do hábito; Primeira missa; O pároco em êxtase depois da missa; O pároco com as crianças no adro da igreja; O pároco entrega a capa ao Vovô Sonno (esta é a pintura reproduzida na capa); Frei Antônio Maria Pucci recebe o viático; Cortejo fúnebre. Os episódios ilustrados no livro de I. Felici são: Aula com o pe. Diddi; O ex-noviço viaja de charrete para Monte Senário; Frei Antônio Maria Pucci rezando ajoelhado; O pároco prega no púlpito sobre Nossa Senhora das Dores; O pároco com crianças no cais do porto; O pároco socorre uma vítima do cólera; O pároco entrega a capa ao Vovô Sonno; O pároco ajuda os necessitados; O pároco em êxtase durante a missa; Os funerais do pároco; Antônio Maria Pucci aparece a um marinheiro durante a tempestade. A capa do livro de I. Felici traz o santo na praia de Viareggio apontando para Nossa Senhora das Dores que aparece no céu. Esse quadro foi explorado também por um autor desconhecido, numa pintura publicada no livro de Panichelli. As ilustrações do livro de G. Pratesi retomam os mesmos episódios e acrescentam outros, na maioria das vezes ressaltando o mesmo tema ou episódio com vários desenhos. A cena do pároco com as crianças no adro da igreja foi explorada também por D. Ghieselli, em 1932, numa pintura publicada na breve biografia de F. M. FERRINI, *Servo di Dio Antonio M. Pucci dell'Ordine dei Servi di Maria*. Un parroco religioso modello dei nostri tempi., Tipografia Pezzini, Milano 1939.

²⁹⁰ Basta como exemplo do que foi do a capa do livro de G. Pratesi, na qual aparece a estátua de Nossa Senhora das Dores com o braço levantado num gesto de aprovação e de proteção da atividade de frei Antônio Maria Pucci com as crianças.

²⁹¹ Todos os baixo-relevos têm a mesma medida: 70 x 40 cm. Seu lançamento deu-se na noite de 25 de outubro de 1991 na basílica de Santo André de Viareggio, na presença do arcebispo, dom Bruno Tommasi, que benzeu as obras. Cf. *Atti della seduta straordinaria del Consiglio comunale di Viareggio*, Viareggio 11 gennaio 1992, que trazem as fotografias dos seis baixo-relevos.

a imagem do santo aparece apenas como detalhe de um episódio da sua vida. No que toca à técnica adotada, chama a atenção o fato que, na maioria dos casos, ambos os autores fazem emergir do fundo as formas, como se a matéria tivesse sido apenas levemente tocada. Ademais, os espaços são dilatados além do normal, resultando daí cenas impregnadas de estaticidade não natural, que apresentam um mundo exemplar, simbólico, mas pouco real, onde conta mais o conceito que se quer exprimir do que o fato realmente acontecido. Mesmo no único episódio em que aparece uma cena mais realista e com a matéria mais movimentada, isto é, no quadro que mostra um barco arrastado pelas ondas, mesmo ali o simbolismo se faz presente. O rosto de santo não tem traços, sendo apenas uma figura oval lisa; e só se identifica pelo hábito religioso. Nesse casos, dificilmente pode-se verificar o que frei Eugênio M. Casalini espera da arte eclesiástica figurativa: “a busca interior do santo que se quer representar, e portanto de um ser humano modelado pela graça, para ser reproduzido e exposto à veneração dos fiéis”²⁹².

O episódio mais explorado da vida de Santo Antônio Maria Pucci é o ato de doar sua capa ao Vovô Sonno. Entre as obras que reproduzem esse episódio merecem especial menção uma pequena pintura de José Cassioli (†1942) do final da década de 1930 (trata-se de um baixo-relevo em gesso que se encontra no convento dos Servos de Maria de Monte Bérico), e um desenho de Ana Brígida. A pintura de José Cassioli de estilo croquis, de forma alguma oleográfico, mostra o episódio de maneira muito significativa. A cena é reproduzida na praia deserta de Viareggio, tendo como fundo os Alpes Apuanos e o frade curvado sobre o velhinho sentado no chão. A cena é, a um tempo, íntima e universal. Íntima, porque não há ninguém para testemunhar o que está acontecendo, o pároco e o velhinho estão sós, tendo ao fundo a natureza: o mar, os montes da Versilia, sem nenhuma casa ao longe. Universal, justamente por essa paisagem que amplia a ação do santo de inclinar-se diante da indigência, do sofrimento e da solidão de um idoso, num gesto de amor por toda a humanidade, estabelecendo assim um clima de harmonia com todo o mundo criado. Mais tradicional é o baixo-relevo em gesso, de autor anônimo, que se encontra em Monte Bérico. É uma reprodução mais viva devido ao realismo dos personagens e à técnica utilizada, com uma plasticidade que se aproxima do alto-relevo. O desenho de Ana Brígida, feito em 1992, mostra “Vovô Sonno, todo friorento, coberto com a capa do pároco, cujo rosto está todo iluminado e irradia sua luz sobre a criatura humana, como a luz que rasga as trevas do céu sobre o mar”²⁹³.

Há outros dois aspectos da vida de Santo Antônio Maria Pucci que foram objeto de obras de grandes dimensões. Ambos reproduzem a atenção que o pároco de Viareggio dispensava aos pobres e às famílias dos marinheiros. São duas obras que se encontram na basílica da Santíssima Anunciada de Florença. A primeira é uma pintura sobre tela do artista romano Marcelo Muccini (†1978); a segunda, um mosaico de Ana Brígida. Ambos arqueados, foram feitos para o altar da capela do santo na basílica de Florença²⁹⁴.

Marcelo Muccini, que explorou o tema da atenção aos pobres, antes de realizar a obra definitiva, entre 1962 e 1963, fez dois esboços e seis estudos preparatórios. No primeiro esboço, santo Antônio Maria Pucci aparece “sozinho, curvado e encolhido em sua pequena estatura e ocupado no afã de saciar a fome do povo. O rosto, embora não se inspire na

²⁹² E. CASALINI, *Note iconografiche sul ‘Curatino’ di Viareggio*, in E. CASALINI – L. CROCIANI, *Il Santo di Viareggio*. Antonio M. Pucci dei Servi di Maria. Convento Ss.ma Annunziata, Firenze 1994, p. 246.

²⁹³ *Ibidem*, p. 250.

²⁹⁴ O mosaico substituiu a tela, cujas cores preta e plúmbea se deterioraram em pouco tempo, além de ter sido danificada na parte baixa pela enchente de 1966. A tela está hoje guardada na biblioteca do convento.

fotografia, tem o olhar tenso e febril”²⁹⁵. O gesto é o de repartir um pedaço de pão. O outro esboço se aproxima do quadro definitivo, que Eugênio Casalini assim descreve: “O pároco sobressai como uma figura gigantesca diante da fachada da igreja de Santo André de Viareggio. Tem o olhar fixo e firme voltado para frente. Suas mãos partem o pão para a jovem mulher maltrapilha que está à sua frente com um menino no colo, o qual estende a mão para receber o pão. Em toda a pintura sobressai uma tonalidade acinzentada que torna pesada a atmosfera; a muito custo, algumas pinceladas de branco na igreja e na roupinha da criança conseguem frear um pouco de luz (...). É a solução prosaica dos opostos: a humildade do pequeno homem de bondade atormentada cria um gigante providente numa sociedade dominada pela miséria e pela injustiça dos homens”²⁹⁶.

A obra de Ana Brígida descreve os cuidados que santo Antônio Maria Pucci dispensava às famílias do marinheiros. Segundo Eugênio M. Casalini, a obra “sintetiza em forma de narrativa a sua vida de caridade, apresentando-o curvado sobre a dor de uma pobre mulher que o mar havia deixado viúva – observe-se o barco vazio abandonado na praia seca –, e sobre a tristeza de um menino privado do amparo do pai, que tem diante si uma vida desoladora renunciada pela praia e pelo mar deserto... Mas o farol que aponta para o alto é o sinal e a pedagogia que mostram onde o pároco colhe inspiração e ajuda para dobrar-se com amor e humildade perante o sofrimento humano”²⁹⁷.

Essa última obra, profundamente rica de significado, mas de difícil interpretação para quem a observa, é bastante livre em relação aos cânones representativos de outros artistas que retrataram santo Antônio Maria Pucci. De fato, não mostra qualquer semelhança com os seus traços fisionômicos reais e nem tampouco com a paisagem da costa de Viareggio, e nem busca definir o perfil de sua espiritualidade íntima.

7. CONCLUSÃO

Nesta seção iconográfica foram examinadas as representações artísticas de Santo Antônio Mara Pucci feitas com técnicas e estilos diferentes, ao longo de mais de um século. Podemos constatar agora que o impulso para fazer a maioria delas foi dado por determinadas recorrências, como a beatificação (1952), a canonização (1962) e o primeiro centenário de sua morte (1992), e que a maioria delas tem um caráter oleográfico descritivo. Em quase todos os casos, os artistas são concordes em representar Santo Antônio Maria Pucci segundo seus traços fisionômicos reais, tirados da única fotografia existente. Além disso, prevalece a representação estática em que ele aparece intercedendo junto à Virgem das Dores ou apontando para ela como sua imagem-guia na oração, na pregação, na atividade pastoral e caritativa. Só a partir dos anos Sessenta começou-se a explorar de outra maneira essa cena religiosa. Vários e positivos são os resultados até aqui obtidos, mas longe estão de conseguir combinar arte e fé em obras que falem aos nossos contemporâneos e, ao mesmo tempo, transcendam as impressões e emoções do momento, para mostrar o valor profundo dos gestos e da pessoa do pároco de Viareggio. Este homem que a igreja reconheceu como autêntico discípulo de Cristo e ícone do seu rosto encarnado, que deve ser mostrado às gerações futuras como prova de sua eterna presença na história e como antecipação da felicidade eterna, onde não haverá choro nem lágrimas. Mas, para manter viva nossa esperança e confiança, é bom lembrar que não é algo estranho à tradição multissecular dos Servos de Maria conseguir

²⁹⁵ E. CASALINI, *Note iconografiche sul 'Curatino' di Viareggio*, cit., p. 248.

²⁹⁶ *Ibidem*, p. 248-249.

²⁹⁷ *Ibidem*, p. 250.

conciliar as duas exigências: de culto e fé, de um lado, e de elevada expressão artística, de outro.

Última observação: são muitas as obras sobre Santo Antônio Maria Pucci feitas neste pouco mais de um século que nos separa de sua morte, mas são ainda poucas. Ficam em número menor ainda se excluirmos desenhos e pinturas feitos para ilustrar publicações feitas sobre o santo e material de divulgação devocional, como santinhos, medalhas, pequenas estátuas, etc. Muitos são os conventos e igrejas dos Servos e das Servas de Maria que não têm um quadro original deste santo, feito para este fim. Da mesma forma, muitas são as igrejas de Viareggio e da arquidiocese de Lucca que o ignoram. E quase ignorado é também nas paróquias dirigidas por religiosos o primeiro pároco religioso canonizado pela Igreja. Falta ainda um monumento público a ser construído na cidade de Viareggio, “tributo do afeto para com aquele a quem devemos gratidão imorredoura”, porque “benemérito da cidade na medida em que nela ele fez de sua vida um apostolado constante e incansável de humanidade e de beneficência (...), que suscitou a estima a benevolência de todos”, como disseram as autoridades comunais no dia de sua morte²⁹⁸.

Que chegue logo o dia em que se possam ver realizados esses auspícios também com relação às representações do santo pároco de Viareggio!

PAOLO M. ORLANDINI, OSM

II ATUALIZAÇÃO DA MENSAGEM DE SANTO ANTÔNIO MARIA PUCCI PARA A FAMÍLIA DOS SERVOS DE MARIA

A Família Servita, quando celebra a festa de Santo Antônio Mrai Pucci contempla o santo sobre vários pontos de vista. A título de conclusão do presente subsídio, vamos enfatizar alguns deles, sempre atuais.

1. PESCADOR DE HOMENS

Até o ano de 1800, Viareggio - assim como Cafarnaum no tempo de Jesus (cf. *Mt* 4,12-16) - era uma vila de pescadores, que não tinha mais de 200 habitantes. No início do século XIX, com o interesse despertado pelas curas marítimas e pela necessidade econômica de ter um porto com cais e navios de transporte, Viareggio começou a expandir-se tão rapidamente que, em 1820, foi elevada à categoria de cidade. O crescimento urbano exigiu a construção de uma nova igreja, que foi levantada entre 1836 e 1841 e dedicada ao apóstolo Santo André, padroeiro dos pescadores. A cura pastoral da nova paróquia foi entregue aos Servos de Maria.

Assim como o apóstolo Santo André seguiu sua vocação de apóstolo de Jesus ao longo do mar da Galiléia (cf. *Mt* 4,18-20), numa vila de pescadores (Cafarnaum) e se tornou “pescador de homens” (*Mt* 4,19), da mesma forma frei Antônio Maria Pucci, jovem presbítero, iniciou seu ministério sacerdotal junto ao mar numa vila de pescadores (Viareggio)

²⁹⁸ São palavras impressas no anúncio fúnebre da Comuna de Viareggio afixado pela cidade no dia da morte de frei Antônio Maria Pucci e proferidas pelo prefeito, Eduardo Alexandre Tomei, na sessão extraordinária do Conselho comunal da manhã do dia 13 de janeiro. Cf. F. M. FERRINI, *Il Curatino*, cit., p. 220-223.

e tornou-se, ele também, um “pescador de homens”, trazendo muitos de volta à prática da fé cristã e atraindo outros jovens a ingressar na Ordem dos Servos de Maria²⁹⁹.

Os dias atuais também são propícios. Cada um de nós, interpelado por Jesus e marcado por ele nas águas do Batismo, é enviado como “apóstolo” a fazer-se ao largo no mar do mundo e tornar-se “pescador de homens”, tirando-os das águas profundas onde correm o risco de morrer afogados e trazê-los até à “barca” de Pedro, a Igreja de Cristo.

2. TESTEMUNHA CORAJOSO DO EVANGELHO

“Tudo isso eu faço para que se consolide a palavra de Cristo e eu possa assim proclamar a sua mensagem”³⁰⁰. “Não te envergonhes do testemunho de nosso Senhor..., mas sofre comigo pelo evangelho, fortificado pelo poder de Deus”³⁰¹. Parece-nos ler nos lábios de Santo Antônio Maria Pucci, como se fosse dirigida a nós, a dedicação corajosa do apóstolo Paulo ao evangelho e o seu apelo para testemunhá-lo destemidamente. Com grande coragem ele testemunhou o evangelho numa época de supressões. Ele nos convida a fazer o mesmo nos dias de hoje, no mundo de hoje, secularizado e “fogllobalizado”: “É a Cristo, o Senhor, que servis”³⁰². “Tudo oq eu fizerdes por palavras ou ovbrasm, fazei-o em nome do Senhor Jesus”³⁰³. Muitas são as assim-chamados “bons motivos” para não pronunciar o nome de Cristo, para não fazer o sinal da cruz, para calar sobre o evangelho considerado fora de moda. Muitas outras propostas, mais atraentes, se impõem e estão na moda. Mas poucas, como a proposta evangélica dão sendo profundo [a exist~encia humana. Frei Antônio Maria Pucci, com seu testemunho de vida, nos convida a agir coereentemente com a nossa fé cristã, faz eco às palavras do apóstolo Paulo e diz: “ Conserva íntegra a mensagem do evangelho com a ajuda do Espírito santo que habita em nós”³⁰⁴.”Suporta comigo os sofrimentos como bom soldado de Cristo. Sofre comigo pelo evangelho, fortalecido pelo poder de Deus”³⁰⁵.

3. SERVO DE DEUS E DO PRÓXIMO

“Amarás o Senhor teu deus com todo o teu ser: este é o primeiro e maior mandamento. O segundo é semelhante a este: amarás o próximo como a ti mesmo”³⁰⁶. Ao dizer que o segundo mandamento é semelhante ao primeiro, Jesus dá a entender ao doutor da lei que o amor ao próximo é tão importante quanto o amor a Deus. “Quem ama a Deus, ame também o seu irmão”, diz o apóstolo João.

Essa convicção animou a vida de Santo Antônio Maria Pucci, o qual, ao longo de toda a sua existência, além do ministério litúrgico-sacerdotal, praticou tantas obras de misericórdia. Somos convidados a compartilhar essa mesma convicção. Infelizmente, nos dias de hoje, nos encontramos diante de duas atitudes que se opõem a isso. Por um lado, há aqueles para os

²⁹⁹ Cf. O. J. DIAS, *Ingressi nell'Ordine dei Servi presso il convento di Viareggio. Indagine preliminare per gli anni 1848-1873*, in *Studi Storici OSM* 42 (1991), p. 35-38.

³⁰⁰ Cf. *1Cor* 9,23; Liturgia das Horas OSM, 12 de janeiro, Ofício das Leituras, ant. 3 C.

³⁰¹ Cf. *2Tm* 1,8; Liturgia das Horas OSM, 12 de janeiro, Ofício das Leituras, primeira leitura.

³⁰² Cf. *Cl* 3,24; Liturgia das Horas OSM, 12 de janeiro, Oração das Nove Horas, leitura.

³⁰³ Cf. *Cl* 3,27; Liturgia das Horas OSM, 12 de janeiro, Oração das Nove Horas, responsório.

³⁰⁴ Cf. *2Tm* 1,14; Liturgia das Horas OSM, 12 de janeiro, Ofício das Leituras, primeira leitura, responsório.

³⁰⁵ Cf. *2Tm* 2,3; 1,8b; Liturgia das Horas OSM, 12 de janeiro, Ofício das Leituras, primeira leitura, responsório.

³⁰⁶ Cf. *Mt* 22,37-39; Liturgia das Horas OSM, 12 de janeiro, Ofício das Leituras, segunda, responsório.

quais só conta o primeiro mandamento, isto é, a dimensão vertical da fé (amar a Deus) e, no nível sócio-cultural, o respeito à ordem e à autoridade acima de tudo; por outro lado, há aqueles para os quais só conta o segundo mandamento, isto é, a dimensão horizontal da fé (amar o próximo) e, no nível sócio-cultural, o desenvolvimento dos povos e o engajamento político. O inconveniente é que uns e outros tendem a fechar-se numa só dimensão, renunciando à plenitude das relações, cujo paradigma é a própria Trindade: acima deles (Deus/Pai), ao redor deles (o próximo/Filho) e dentro deles (eles próprios/Espírito). “Como o corpo sem espírito está morto, assim também a fé sem as obras”³⁰⁷. “Quem ama a Deus, ame também o seu irmão”.

4. FILHO-DISCÍPULO DOS SETE PRIMEIROS PAIS, IRMÃOS UNIDOS

“Sede cordiais no amor fraterno entre vós. Rivalizai em honrar-vos reciprocamente”³⁰⁸, aconselha o apóstolo Paulo, na festa de 12 de janeiro. O ideal de comunhão e de caridade fraterna que Santo Antônio Maria Pucci e seus confrades de Viareggio sempre tiveram em grande apreço na mente e no coração inspirou-se, sem dúvida, na amizade fraterna que unia os Sete Primeiros Pais e iniciadores da nossa Ordem. A vida dos Sete era tão exemplar, santa e caridosa que “não podiam suportar a ausência temporária entre eles e nem tolerar, sem grave incômodo, de ser separados um do outro, sequer por uma hora” (LO 29). Os frades de Viareggio modelaram a sua vida em comum segundo esse exemplo e disso falavam com entusiasmo aos fiéis da paróquia. E foi justamente uma paroquiana de Viareggio, Ana Barsotelli, curada milagrosamente em março de 1881 depois de invocar coletivamente os Sete Primeiros Pais que determinou a retomada (em 1884) da causa dos Sete Fundadores que acabaram sendo canonizados em 15 de janeiro de 1888, no Vaticano. Santo Antônio Maria Pucci também estava presente.

Como Santo Antônio Maria Pucci e seus confrades, nós também, amigos e membros da Família Servia, somos convidados a amar os Sete Primeiros Pais, a deixar-nos seduzir e estimular pelo seu exemplo e pela sua vida “marcada” pela amizade profunda e pela comunhão fraterna, e a invocá-los confiantes em todos os momentos da nossa existência. Muitos milagres podem acontecer em nossa vida quando conquistamos a compreensão, a reconciliação, o entendimento, a solidariedade, a concórdia e a paz. Na festa d 12 de janeiro, peçamos a Deus para “crescer no amor fraterno”³⁰⁹.

5. HOMEM MISERICORDIOSO E BENÉVOLO COM TODOS

“Ninguém retribua o mal com o mal. Procurai sempre o bem uns dos outros e de todos”³¹⁰. “Detestai o mal, apegai-vos ao bem. Abençoai os que vos perseguem, abençoai-os e não praguejeis”³¹¹.

Não faltaram obstáculos no caminho do Santo Antônio Maria Pucci. E numa época marcada por uma legislação contrária aos institutos religiosos tampouco podiam faltar os inimigos. Ao longo de sua vida, teve que enfrentar a violência: certa noite foi atacado

³⁰⁷ Cf. *Tg* 2,26; Liturgia das Horas OSM, 12 de janeiro, Oração das Quinze Horas, leitura.

³⁰⁸ Cf. *Rm* 12,10; Liturgia das Horas OSM, 12 de janeiro, Vésperas, leitura.

³⁰⁹ Cf. *Missal Próprio OSM*, 12 de janeiro, Oração sobre as Ofertas

³¹⁰ Cf. *ITs* 5,15; Liturgia das Horas OSM, 12 de janeiro, Oração das Quinze Horas, responsório.

³¹¹ Cf. *Rm* 12,9.14; Liturgia das Horas, 12 de janeiro, Vésperas, leitura.

violentamente, chegando até a perder os sentidos, mas jamais alguém veio a saber de sua boca quem o atacou. Apesar disso, Santo Antônio Maria Pucci nunca deixou de fazer o bem em qualquer circunstância se encontrasse, retribuindo o ódio com o amor. Ele tinha aprendido do Mestre Jesus como enfrentar a violência (cf. *Mt* 5,38-48).

Cabe a nós hoje aprender dele como abandonar a lógica da violência e retribuir o mal com o bem, a maldição com a bênção.

6. OVELHA DO VERDADEIRO PASTOR

“O Senhor é meu pastor, nada me faltará”³¹². Assim dizia e cantava Santo Antônio Maria Pucci toda vez que repetia³¹³ o *salmo* 23 [22]. O bom Pastor é o Senhor Deus. Frei Antônio Maria foi sua ovelha predileta. Ele confiava em Deus. Ele se confidenciava com Deus quando inseguro de si mesmo, mas sempre seguro nele, na sua presença ativa e benevolente. “Pois assim diz o Senhor Deus: Eis que eu mesmo buscarei minhas ovelhas e tomarei conta delas”³¹⁴. Se considerarmos vida de Santo Antônio Maria, veremos que, de fato, desde a juventude, ele foi uma ovelha do Senhor, que tomava conta dele com carinho:

- ovelha mergulhada nas águas do batismo, acolhida no rebanho do Senhor, desde o dia do seu nascimento, em 16 de abril de 1819;
- ovelha crismada, ungida pelo Senhor Deus com a idade de 4 anos, desde então atraída para as coisas da igreja, do rebanho, e fascinada pelo Eterno.
- ovelha unida ao seu Deus, alimentado desde cedo por Ele mesmo, quando, aos 11 anos, recebeu o Corpo Eucarístico na santa comunhão;
- ovelha seduzida pelo Espírito, quando, ao regressar de uma romaria ao santuário mariuano de Boccadivino – onde a santa Virgem das Graças havia aparecido a dois pastorzinhos em 1480 – em maio de 1837, sentiu que a voz do bom pastor o chamava ao sacerdócio numa ordem religiosa mariana; sim, o “bom pastor chama cada ovelha pelo nome e as ovelhas o seguem porque conhecem a sua voz”³¹⁵;
- ovelha guiada pelo Senhor Deus para a Ordem dos Servos de Maria, para nutrir-se nos prados do Vale de Florença, de Monte Senário e da planície de Viareggio.

Todos nós, na Igreja, somos chamados a ser, como Santo Antônio Maria, uma ovelha atenta e dócil ao único Pastor, o Senhor Deus. Sabemos como é difícil, nos dias de hoje, quando se trata de tomar as decisões importantes de cada dia, “ver”, discernir e reconhecer a presença de Deus, escutar sua voz e descobrir sua vontade. O importante é, vez por vez, avaliar com objetividade, agir com discernimento sempre dóceis ao vento surpreendente do Espírito (cf. *Jo* 3,5-8), decidir à luz da fé e agir segundo a decisão tomada. Todos nós, examinando o caminho já percorrido e relendo a nossa própria história, poderemos reconhecer os momentos em que Deus se mostrou mais próximo de nós e nos interpelou.

7. BOM PASTOR

³¹² *Sl* 23 [22], 1; Missal Próprio OSM, 12 de janeiro, salmo responsorial.

³¹³ Por exemplo, recitando o ofício divino segundo o breviário de São Pio X, Santo Antônio Maria Pucci rezava o salmo 22 toda quinta-feira na Oração de Prima (???)

³¹⁴ Cf. *Ez* 34,11; Missas Próprio OSM, 12 de janeiro, primeira leitura.1

³¹⁵ Cf. *Jo* 10,3-4; liturgia das Horas OSM, 12 de janeiro, Laudes, responsório breve.

Sem dúvida, o bom pastor é a figura central da oração litúrgica dos Servos de Maria do dia 12 de janeiro. “Suscitarei para o meu povo um Pastor que o reconduza de todos os lugares e o apascente em verdes pastagens”³¹⁶, assim Deus falou pela boca do profeta Ezequiel e cumpriu esta promessa quando suscitou tal pastor com o nascimento de Jesus. A Ordem dos Servos de Maria percebe que Deus realizou a sua promessa quando pensou no seu rebanho de Viareggio em meados do século XIX. Por 45 anos, o santo pároco foi instrumento “divino” do verdadeiro Pastor, Deus. Qual bom pastor, ele conhecia seus fiéis e eles também o conheciam (cf. *Jo* 10,14); foi em busca dos que estavam perdidos (cf. *Ez* 34,6); enfaixou os feridos e cuidou dos doentes (cf., *Ez* 34,16); com sua voz firme e carinhosa, reconduziu muitos a igreja (cf. *Ez* 34,12); “doou-se sem medida e orientou os irmãos com solicitude”³¹⁷; não hesitou em dar a própria vida pelos seus (cf. *Jo* 10,15).

É de pastores assim que a Igreja ainda hoje necessita.

8. DISCÍPULO-FILHO AO LADO DA MÃE DAS DORES JUNTO AO FILHO CRUCIFICADO

“Para servir ao Senhor e aos irmãos, os Servos de Maria, desde suas origens, dedicaram-se à Mãe de Deus, a bendita do Altíssimo” (*Const. OSM*, 6). Ao longo da história, os Servos de Maria veneraram de modo particular Santa Maria como Virgem Mãe de Deus (a Santíssima Anunciada, a Virgem da espera, a Virgem que dá à luz o Filho de Deus), Virgem gloriosa (Assunta ao Céu), Mãe da misericórdia (a Virgem do manto) e Virgem das Dores (a Mãe do coração traspassado [cf. *Lc* ,2, 35; *Jo* 19,25-27], junto ao Filho crucificado), mas, no tempo de Santo Antônio Maria Pucci (1819-1892), os Servos de Maria veneravam Nossa Senhora das Dores como titular e padroeira principal da Ordem (9 de agosto de 1692). Por isso, não surpreende a devoção de Santo Antônio Maria por Nossa Senhora das Dores, cujo hábito de “viuvez” (cf. *LP* 8; *LO* 52) ele trazia. A Mãe das Dores era para ele - como se diz hoje - sua verdadeira “imagem-guia”. Promoveu seu culto, tornando-o algo marcante em sua vida cotidiana. Desde a primeira homilia como pároco, ele colocou a si mesmo e aos seus paroquianos sob a proteção de Nossa Senhora das Dores. Nenhum barco saía do porto sem levar a bordo a imagem de Nossa Senhora das Dores. Viareggio tornou-se a *Cidade de Nossa Senhora das Dores* por excelência. Sua devoção a ela levava-o a socorrer todos os que sofriam qualquer tipo de dor. Não é por acaso que a Família dos Servos de Maria, no dia 12 de janeiro, se volta para ele dizendo: “Ó glorioso servo da bem-aventurada Virgem Maria tanto meditaste as dores da Mãe na paixão do Filho, que te tornaste seu incansável apóstolo e consolador dos aflitos”³¹⁸.

Hoje, os Servos de Maria enfatizam a importância do significado de Nossa Senhora das Dores em sua vida com estas palavras: “Neste compromisso de serviço, a figura de Maria aos pés da Cruz seja nossa imagem-guia. Posto que o Filho do Homem continua ainda crucificado nos seus irmãos, nós, Servos de sua Mãe, queremos estar a seu lado, aos pés das infinitas cruzes da humanidade, para levar conforto e cooperação redentora” (*Const. OSM* 319).

9. CONSOLADOR DOS AFLITOS

³¹⁶ Cf. *Ez* 34.23.14; Liturgia das Horas OSM, 12 de janeiro, Laudes, antífona do cântico de Zacarias.

³¹⁷ Cf. *Rm* 12,8; Liturgia das Horas OSM, 12 de janeiro, Ofício das Leituras, segunda leitura alternativa, responsório.

³¹⁸ Cf. Liturgia das Horas OSM, 12 de janeiro, Vésperas, antífona do cântico de Maria.

“O Espírito do Senhor está sobre mim, pois ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa-Nova aos pobres...” (*Lc* 4,18; cf. *Is* 61,1-2), assim leu Jesus no livro do profeta Isaías, lá na sinagoga de Nazaré, no início do seu ministério na Galiléia. Quando terminou a leitura, enquanto “os olhos de todos, na sinagoga, estavam fixos nele” (*Lc* 4,20), surpreendentemente ele acrescentou: “Hoje se cumpriu esta passagem da escritura que acabastes de ouvir” (*Lc* 4, 21). E assim foi. Com suas palavras e obras, Jesus se fez “Boa Nova” para todos, vencedor do mal e consolador dos aflitos.

Ora, na liturgia de 12 de janeiro, a Família dos Servos de Maria lê a mesma passagem de Isaías aplicada a Santo Antônio Maria Pucci: “O espírito do Senhor repousa sobre mim para curar os esmagados pelo sofrimento. Enviou-me para consolar os aflitos”³¹⁹. E, referindo-se a ele, proclamam: “Eis o pai dos pobres e consolador dos aflitos: jamais rejeitou o pedido do indigente”³²⁰. Através de suas palavras consoladoras e das obras de suas mãos, “O Senhor consolou o seu povo e teve compaixão do seus pobres”³²¹.

10. AGENTE SOLÍCITO DE MISERICÓRDIA

Na liturgia do dia 12 de janeiro, principalmente na oração da tarde, muitas obras de misericórdia praticadas por Santo Antônio Maria Pucci são postas em destaque. É como se ele tivesse meditado os ensinamentos de Jesus e os tivesse traduzido dia após dia no seu operar: “Uma vez que nunca deixará de haver pobres na terra, eu te dou este mandamento: abre a mão para o irmão, para o necessitado e para o pobre de tua terra”³²². “Dá a quem te pede, e não vires as costas a quem te pede emprestado”³²³. “Quem vos der um copo d’água em meu nome, não ficará sem recompensa”³²⁴. “Tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber”³²⁵. “Estive doente e me visitastes; preso, e viestes ver-me”³²⁶. “Cada vez que os fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes”³²⁷.

No seu ministério pastoral, frei Antônio Maria nunca se achou mais importante que os outros, nem se mostrou dono da comunidade cristã da paróquia, colocando-se acima dos problemas concretos, nem se limitou apenas à administração dos sacramentos. Na verdade, ele se fez um do povo, consciente de que uma pessoa doente ou com o estômago vazio dificilmente acolhe a mensagem do Evangelho ou aprecia as celebrações litúrgicas.

Em nossa Ordem, todos somos e nos chamamos “Servos”³²⁸ e, seguindo o exemplo de Jesus, damos preferência aos mais humildes. Em nosso serviço pastoral, não podemos “seguir adiante, pelo outro lado” como o sacerdote e o levita da parábola (cf. *Lc* 10,31.32) e abandonar o pobre coitado à beira da estrada ou à porta da nossa casa ou da igreja, quando as

³¹⁹ Cf. *Is* 61,1-2; Liturgia das Horas OSM, 12 de janeiro, Vésperas, responsório.

³²⁰ Cf. *Jó* 29, 16^a.25b; *Eclo* 4,4. Liturgia das Horas OSM, 12 de janeiro, Ofício das Leituras, segunda leitura alternativa, responsório.

³²¹ Cf. *Is* 49,13; Missa Próprio OSM, 12 de janeiro, antífona de entrada.

³²² Cf. *Dt* 15,11; Liturgia das Horas OSM, 12 de janeiro, Oração das Doze Horas, leitura breve.

³²³ Cf. *Mt* 5,42; Liturgia das Horas OSM, 12 de janeiro, Ofício das Leituras, antífona 3 A.

³²⁴ Cf. *Mc* 9,41; Liturgia das Horas OSM, 12 de janeiro, Ofício das Leituras, antífona 1 A.

³²⁵ Cf. *Mt* 25,35; Liturgia das Horas OSM, 12 de janeiro, Vésperas, antífona 1.

³²⁶ Cf. *Mt* 25,36; Liturgia das Horas OSM, 12 de janeiro, Vésperas, antífona 2.

³²⁷ Cf. *Mt* 25, 40; Liturgia das Horas OSM, 12 de janeiro, Vésperas, antífona 3.

³²⁸ Cf. *Const. OSM*, 9.

preocupações do culto ou os problemas cotidianos nos levam a esquecer o dever primário da caridade. É preciso agir e ir ao encontro daquele que sofre, sem hesitar nem protelar. Não por nada, no final da missa do dia 12 de janeiro, pedimos que Deus nos dê força e sustentação “para que, a exemplo de Santo Antônio Maria, mediante as obras de misericórdia, confortemos no corpo e no espírito os irmãos e irmãs necessitados”³²⁹.

11. SERVO ALTRUÍSTA

Que valor tem a vida se não for vivida em função dos outros? Durante toda sua vida, mas principalmente na Epifania da caridade (6 de janeiro de 1892, quando ele deu sua capa ao vovô Sonno) que o levou à hora da Páscoa, Santo Antônio Maria jamais se poupou no serviço ao próximo, fazendo suas as palavras do apóstolo Paulo: “Tudo suporte, a fim de que todos obtenham a salvação”³³⁰... Para todos eu me fiz tudo, para certamente salvar alguns”³³¹. Ou então as palavras do próprio Jesus: “Eu dou minha vida pelas ovelhas”³³²... O bom pastor dá a vida por suas ovelhas”³³³.

Na sociedade moderna que enaltece a auto-realização como valor supremo, a mensagem de Jesus, assimilada por Santo Antônio Maria Pucci, se põe contra a corrente quando diz: “Quem quiser salvar sua vida a perderá; e quem perder sua vida por causa de mim a encontrará. De fato, que adianta a alguém ganhar o mundo inteiro, se perde a própria vida?” (*Mt* 16, 25-26). Não há vida nem felicidade verdadeira naquele que, cheio de si, vive fechado no seu egoísmo, prisioneiro de suas idéias e projetos egocêntricos. Só existe verdadeira vida e felicidade autêntica naquele que se doa ao outro totalmente, por amor.

12. SANTO

“O Senhor fez maravilhas nos Servos de sua Mãe”³³⁴, proclamam os Servos de Maria na festa de Santo Antônio Maria Pucci, canonizado em 9 de dezembro de 1962 pelo papa João XXIII e por ele proposto à veneração da Igreja universal. Nele viu-se Deus, pois foi um homem de Deus.

O mundo de hoje precisa de santos, de homens e mulheres “fervorosos de espírito”³³⁵, “alegres na esperança, pacientes na tribulação e perseverantes na oração”³³⁶, que não tenham medo de proclamar o nome de Jesus Cristo e de viver apaixonadamente o seu Evangelho.

Certamente, em Viareggio e em qualquer outro lugar, o mar no qual a igreja navega continua agitado pelas tempestades. Às vezes parece que Jesus está dormindo e nós lhe gritamos: “Senhor, salva-nos, estamos perecendo!” (*Mt* 8,25). E Jesus, senhor do vento e da tempestade, não deixará de intervir e de repreender-nos: “Por que tanto medo, homens de pouca fé?” (*Mt* 6,26).

³²⁹ Cf. Missal Próprio OSM, 12 de janeiro, oração depois da comunhão.

³³⁰ Cf. *2Tm* 2,10; Liturgia das Horas OSM, 12 de janeiro, Ofício das Leituras, antífona 2C

³³¹ Cf. *1Cor* 9, 22b; missa Próprio OSM, 12 de janeiro, aclamação ao Evangelho.

³³² Cf. *Jo* 10,15; Missal Próprio OSM, 12 de janeiro, evangelho.

³³³ Cf. *Jo* 10,11; Liturgia das Horas OSM, 12 de janeiro, Laudes, responsório

³³⁴ Cf. Liturgia das Horas OSM, 12 de janeiro, invitatório.

³³⁵ Cf. *Rm* 12,11; Liturgia das Horas OSM, 12 de janeiro, Vésperas, leitura breve.

³³⁶ Cf. *Rm* 12,12; Liturgia das Horas OSM, 12 de janeiro, Vésperas, leitura breve.

REFLEXÃO
sobre *1Jo* 4,14-21

Não estamos sós neste mundo onde há momentos em que o espírito do mal parece levar a melhor. Está conosco o amor.

Nosso irmão maior, Jesus, que, antes de nós pisou esta poeira ensangüentada da história, está sempre ao nosso lado e nos mostrou o caminho da salvação.

Seu caminho é o caminho do amor que Ele viveu até o sacrifício da cruz e que derramou sobre nós com o seu Espírito.

O amor é a vida que nasce de um ato de amor e entra num mundo criado por amor, porque Deus é amor e nós percebemos que a plenitude desta nossa vida está no amor. Quem pode dizer com toda certeza que não foi feito para amar e ser amado? Nossa experiência está marcada por sinais deste amor que é doação, gratuidade, zelo. Quando se fala de maturidade da pessoa humana entende-se sua capacidade de doação. O amor da mãe é feito de carinho e de gratuidade de doar-se sem limites ao próprio filho. A amizade, em modo particular, é um sinal. Só quem fez a experiência da amizade, entende em profundidade as palavras de Jesus: “Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a vida por seus amigos” (cf. *Jo* 15,13). É um dom que enche a pessoa de alegria serena, pacífica e inocente, que a une a Deus e lhe faz sentir sua presença.

Sempre foi assim. E as palavras do apóstolo que lemos na festa de Santo Antônio Maria Pucci ressaltam a experiência de sempre: dos tempos da igreja apostólica, do tempo de Santo Antônio Maria Pucci e do nosso tempo. O caminho é o mesmo porque Jesus é sempre o mesmo ontem, hoje e sempre (cf. *Hb* 13,8).

Por que então os santos são santos e nós não? Por que dizemos que a carta de São João se adapta à vida de Santo Antônio Maria Pucci, como tranqüilamente dizemos que se adapta à vida de Madre Teresa de Calcutá (+1998), mas temos a tentação de dizer que não é mais atual e não se adapta a nós e à nossa realidade? Talvez porque a complexidade da vida apela à nossa razão, mergulhada em seus limites, e não ao nosso coração aberto ao infinito, se for alimentado pela fé. Evangelho é uma questão de coração e Jesus mesmo apelou mais ao coração que à razão.

Os santos amaram com o coração e, às vezes, foram vistos como estranhos e incompreensíveis à razão. Diz-se, por exemplo, que frei Antônio Maria Pucci não era assim tão simpático aos seus confrades e nem tão competente como prior provincial da sua Ordem religiosa, no entanto, os pobres, que vivem a vida e não se limitam a pensar nela, o viam como um ponto de referência, como, de resto, todos os seus paroquianos. Nós também percebemos a diferença essencial que existe entre pensar e viver. Há diferença entre dizer “penso que ele precisa” e dizer “vejo que ele precisa”, ou então entre “penso que é assim” e “vejo que é assim”.

O amor penetra a experiência, a carne e o coração e dá sabor a tudo. O amor suaviza o gesto de doar e aquece o coração com alegria infinita e indescritível.

Os santos amaram assim, porque amavam o Amor e não a si mesmos. Sempre procuraram o outro fora de si mesmos: Deus, o irmão, e até a própria salvação como vontade de Deus. E sua ação adquiria sentido no bem feito ao outro.

A vida do cristão não é só ação, mas principalmente amor que se doa, sinal do dom máximo do Pai que é Jesus Cristo. O cristão não é um filantropo, não é uma ambulância, mas sim coração que se dobra diante do sofrimento e da necessidade do irmão com a misericórdia que aprende de Jesus e de Nossa Senhora, procurando aliviar o sofrimento e responder à necessidade na realidade de salvação e de graça em que vive.

Os santos foram cristãos heróicos porque praticaram em grau máximo a doação de si mesmos sem guardar nada para si, mas deixando fluir o amor de Deus que passava através deles. Um sinal dessa realidade em nossa vida é ainda o amor materno: a mãe não mede sacrifícios, mesmo quando o filho é pouco simpático. Ela encontra mais alegria em dar-se ao filho do que em buscar a própria satisfação.

O que significa para nós a carta de São João? Se somos cristãos e temos consciência de ser chamados à santidade, a carta de João tem o mesmo significado que teve para os cristãos da Igreja primitiva ou para santos de todos os tempos que encarnaram em sua vida o amor de Deus.

Essa convicção deveria encher-nos de alegria e de esperança no futuro. Enquanto houver pessoas como eles haverá esperança para o mundo.

E nós, por que não podemos estar no rol dos que testemunham a esperança e a certeza de que o mundo foi salvo? Por que não podemos dizer, com nossa vida, que a humanidade caminha rumo à salvação, embora no meio do sofrimento? Talvez nunca cheguemos a ser heróis, mas a todo instante somos chamados a não renegar aquilo que professamos desde o nosso Batismo e em força dele. O amor a Deus e ao próximo resgata o nosso viver cotidiano da banalidade e dá aos nossos gestos, por menores e mais desprezíveis que sejam, um significado que conduz à graça da salvação.

M. PATRIZIA GIANOLA, MSM